

# O Highlander imortal

Karen Marie Moning  
Highlanders 6

O nome de Adam Black significa problemas, é um imortal (Fada Macho) infernalmente atraente e um grande sedutor com capacidade de deslocar-se através do tempo a seu bel prazer. Mas repentinamente sua imortalidade lhe é arrebatada por sua rainha como castigo, somente um ser humano pode salvá-lo, uma mulher, que é a única que pode vê-lo e que descende de uma longa estirpe de videntes.

Gabrielle O'Callaghan é uma estudante de direito que possui a habilidade de ver o mundo das fadas. Quando conhece a Adam Black a única coisa que sabe é que sua vaidade deveria sofrer um bom golpe e recusa todas as suas tentativas de sedução, já que lhe aterroriza que ele possa machucá-la.

Adam se nega a forçá-la mas fará o impossível para meter-se em sua cama e deixar-lhe uma recordação inesquecível.

De modo que não importa o que Gabby faça para evitá-lo, Adam está em todos os lugares, invisível para todos menos para ela. Persegue-a em todos os cantos, murmurando em seu ouvido, alterando-a com sua sensualidade e prometendo-lhe um prazer inimaginável entre seus braços.

Adam deseja recuperar sua imortalidade e todos os seus poderes, mas o preço que deverá pagar para obter os seus poderes poderia, inclusive, ser a vida de ambos.



Maldição, *está bem sou eu.*

\*ADAM BLACK, SENDO ADAM BLACK

Tuatha Dé Danaan: (*tua day dhanna*)

*Uma raça muito avançada de seres imortais que se instalaram na Irlanda milhares de guerras antes do nascimento de Cristo. Foram chamados por muitos nomes: Filhos da Deusa Danu; a Raça Verdadeira; os Nobres de Nascimento; as Daoine Sidhe; ainda que eram mais comumente chamados os Fae, ou Fadas. Ainda que com frequência são retratadas como umas criaturas brilhantes e finas, de tamanho diminuto, que exudam bom humor e sentem uma inclinação para as travessuras amáveis, os verdadeiros Tuatha Dé Danaan não são nem tão delicados, nem tão benévolos.*

— dos Livros DE O'CALLAGHAN sobre as Fadas

Adam Black:

*Tuatha Dé Danaan. Um malandro até entre os de sua própria espécie. Seu favorecedor encanto é o de um ferreiro das Highlands sumamente sexual, com um corpo poderosamente ondulado, pele dourada, cabelos longos e olhos escuros e hipnotizadores, muito inteligentes, letalmente sedutores. Alega ter quase rompido O Pacto não em uma, mas em duas ocasiões. Ele é, pelo menos, o mais perigoso e imprevisível de sua raça.*

ADVERTÊNCIA: EXERÇA EXTREMA PRECAUÇÃO EM SUA PRESENÇA.

EVITE O CONTATO A TODO CUSTO.

— dos Livros DE O'CALLAGHAN sobre as Fadas

Londres, Inglaterra

## Prólogo

Adam Black estava de pé na câmara central das catacumbas de pedra sob o Edifício de Belthew, observando enquanto Chloe Zanders tropeçava a procura de seu amante das Highlands, Dageus MacKeltar.

Chorava como se sua própria alma estivesse sendo destruída. Incessante e perfurador, seu pranto bastava para partir a cabeça de um Tuatha Dé.

*Ou de um humano, na verdade, pensou enigmaticamente.*

Já estava cansado de seus constantes gemidos. Ele tinha seus próprios problemas. Grandes problemas.

Aoibheal, a rainha de Anatolia Dé Danaan, finalmente havia cumprido suas ameaças longamente ouvidas de castigá-lo por sua contínua interferência no mundo dos mortais. E havia escolhido o mais cruel de todos os castigos.

O despojou de sua imortalidade e o converteu em humano.

Deu uma rápida olhada em si mesmo e se aliviou por comprovar que ao menos o havia deixado com seu favorecedor encanto: o tipo de ferreiro irresistivelmente atrativo, musculoso e de cabelos escuros, uma mistura milenar entre um celta continental e um guerreiro das Highlands, adornado com o tartán, braceletes e o torque<sup>▼</sup>. Em certas ocasiões tinha se metido em coisas, corpos que não suportariam a luz do dia adequadamente.

Seu alívio, no entanto, foi efêmero. Também, que importância tinha se se parecia a si mesmo e possuía a sua aparência? Era humano, pelo amor de Deus! Carne e sangue. Limitado. Débil. Finito.

Blasfemando selvagememente, observou a mulher que soluçava. Mal podia ouvir a si mesmo pensar. Talvez se lhe informasse que Dageus não estava morto, ela se *calaria*. Tinha que encontrar uma saída para essa intolerável situação, e rápido.

- Seu amante não está morto. Cessa o seu choro, mulher -, ordenou imperiosamente. Ele sabia isso. Aoibheal o obrigou a dar de sua própria essência de vida imortal para salvar a vida do Highlander.

Sua ordem não teve o efeito esperado. Ao contrário, justo quando esteve seguro de que ela não poderia chorar com mais força – e como uma criatura tão pequena podia fazer um ruído tão grande escapava a sua compreensão – seus tímpanos recém adquiridos foram expostos a um gemido que se intensificou exponencialmente.

– Mulher, contenha-se! – rugiu, tapando seus ouvidos com as mãos. – Disse que *ele não está morto*.

Mesmo assim, ela seguiu chorando. Nem sequer olhou em sua direção, como se ele não nada tivesse falado. Furioso, ele rodeou o monte de lixo que sujava a câmara - escombros da batalha que ali aconteceu, há um quarto de hora antes, entre Dageus MacKeltar e a seita dos Druidas de Draghar, a batalha na qual ele nunca deveria ter interferido - e se dirigiu com passo majestoso para seu lado. Sua intenção era agarrá-la pela nuca e alçar-lhe o pescoço para forçá-la a olhá-lo e obrigá-la a se calar.

Sua mão se deslizou diretamente através da parte de trás de seu crânio, e saiu pelo nariz.

Ela nem sequer piscou. Somente deu um soluço, e chorou novamente.

▼ **Torque:** colar pesado, com um trabalho de trançado de cobre e ouro. Possuem diversas decorações, a base de motivos vegetais. Eram um símbolo de alta classe. Possuíam um significado religioso, aos deuses celtas, os representa luzindo-os ou sustentando-os.

Adam se manteve de pé imóvel por um momento, e depois tentou outra vez, levando uma mão em direção a um de seus seios. Sua mão passou através de seu coração e da omoplata esquerda.

Arremeteu novamente, enquanto as asas da inquietude se espalhavam por seu estômago demasiado humano.

- *Por Danu, Aoibheal, não faria isso* – Seus olhos escuros se estreitaram até converterem-se em rachaduras.

*Ou faria?*

Apertou a mandíbula, e tentou outra vez. E novamente sua mão escorregou pelo corpo de Chloe Zanders.

*Cristo, ela tinha feito! A cadela!*

*A rainha não só o converteu em humano, mas o amaldiçoou com o triplice poder do féth fiada!*

Adam sacudiu a cabeça incrédulo. O *féth fiada* era o sortilégio que sua raça usava quando queria andar entre as pessoas sem serem descobertos. Um Tuatha Dé normalmente invocava só uma das facetas mais potentes do triunvirato – a invisibilidade. Mas também se podia dotar o sujeito da impossibilidade de que os humanos o ouvissem ou o sentissem. O *féth fiada* era um instrumento útil se o desejo fosse misturar-se com as pessoas sem ser observado.

Mas ser amaldiçoado com ele permanentemente? Ser incapaz de escapar disso?

Aquele pensamento era horrível demais para entreter-se nele.

Fechou os olhos e explorou em sua mente para examinar o espaço/tempo, e regressar a Ilha Fae de Morar. Não se preocupou com o que a rainha poderia estar fazendo, nesse momento, em seu Salão Real; ela tinha que desfazer isto de imediato.

Não aconteceu nada. Permaneceu exatamente onde estava.

Tentou outra vez.

Não sentiu nenhuma sensação rápida de levitude, nada do torvelinho repentino que essa liberdade embriagadora e invencibilidade que sempre sentia quando cruzava as dimensões.

Abriu os olhos. Ainda estava na câmara de pedra.

Uma careta cruzou seus lábios. Humano, amaldiçoado, e *sem poderes*? Excluído do reino Fae? Sacudiu sua cabeça para trás, afastando seu longo e escuro cabelo da cara.

– De acordo. Aoibheal, já entendi. Agora, regresse-me.

Não houve resposta. Nada, a não ser os sons dos intermináveis soluços da mulher, que retumbavam na fria câmara de pedra.

– Aoibheal, está me ouvindo? Disse, já compreendi. Agora, devolva os meus poderes.

Continuou sem obter resposta. Ele sabia que ela o escutava, permanecendo em uma dimensão só um pouco mais além do reino humano. O olhava, saboreava sua incomodidade.

E... esperava uma atitude de submissão, reconheceu ele de maneira sombria.

Um músculo palpitou em sua mandíbula. A humildade não era, e nunca seria, seu ponto forte.

De todos os modos, se suas opções eram humildade ou *humanidade* – e amaldiçoado e sem poderes, para mais castigo – mostraria tanta humildade que se afogaria nela.

– Minha rainha, tinha razão e eu estava equivocado. Observai, posso dizê-lo.

Ainda que a mentira lhe deixou um gosto amargo na boca, acrescentou, – e juro que nunca voltarei a desobedecê-la.

Ao menos não até estar seguro de estar nas graças dela outra vez.

– Perdoe-me, Rainha das mais Formosas -. Certamente ela o perdoaria. Sempre o fazia.

– Sou seu mais humilde e amante servidor. Oh, Rainha gloriosa.

Estava exagerando muito? Se perguntou ansiosamente quando o silêncio se prolongou. Notou que havia começado a golpear o chão com o pé de uma maneira muito humana. Pisou forte para obrigar-se a parar. Ele não era humano. Ele não era nem um pouco como eles.

– Está me ouvindo? Pedi perdão – resmungou.

Esperou uns momentos mais e suspirou. Apertou os dentes e caiu de joelhos. Todo mundo sabia que Adam Black detestava ajoelhar-se por algo ou por alguém.

– Exaltada líder da Raça Verdadeira -, murmurou na antiga e raramente usada língua dos de sua raça – Salvadora dos Danaan. Peço a graça e a glória do trono -. Palavras rituais, antigas e de modos cortesias, mostravam sua mais completa e absoluta reverência. E o ritual exigia que ela respondesse.

Mas a cadela não o fez.

Ele – que nunca sofreu antes o passar do tempo – agora o sentia intensamente ao ver que aquela farsa se alongava tanto.

– Maldita seja, Aoibheal, responda-me! -, bradou de fúria golpeando seus pés.

– Devolva meus poderes! Faça-me imortal outra vez!

Nada. Passou o tempo.

*Uma prova*, assegurou a si mesmo. *Só se trata de uma prova, para ensinar-me uma lição.*

De um momento para o outro ela apareceria. O repreenderia. Lhe passaria uma conta mordaz de suas muitas transgressões. Ele a saldaria com a cabeça, prometendo não voltar a fazê-lo nunca mais, e tudo estaria bem. Exatamente como nas mil outras vezes que ele a havia desobedecido ou a havia feito se aborrecer.

Uma hora mais tarde, nada estava bem.

Duas horas mais e Chloe Zanders se havia ido, deixando-o só nas tumbas silenciosas e poeirentas. Quase sentia falta do seu choro. Quase.

Trinta e seis horas mais tarde e seu corpo tinha fome, sede, e – algo praticamente incompreensível para ele – estava cansado. Os Tuatha Dé não dormiam. Sua mente, geralmente muito rápida e incisiva, estava bloqueada, inativa, apagando-se sem seu consentimento.

Inaceitável. Maldito seria se alguma parte de seu corpo fizesse algo assim sem seu consentimento. Nem sua mente nem seu corpo. Nunca havia acontecido nem aconteceria. Um Tuatha Dé tinha sempre o controle. Sempre.

Seu último pensamento antes de ficar inconsciente foi que estava sangrentamente seguro de que preferia ser *qualquer* outra coisa: ser encarcerado em uma montanha por umas poucas centenas de anos, convertido em um monstro marinho pegajoso com três cabeças, obrigado a comportar-se e jogar na estúpida corte outra vez durante um século ou dois.

Tudo menos... algo... asquerosamente... pateticamente... incontrolável... hum...

## Capítulo 1

Cincinnati, Ohio

VÁRIOS MESES MAIS TARDE

Verão. Grabielle O'Callaghan cismava – que sempre foi sua estação favorita – este ano fedia completamente.

Abrindo seu carro, entrou e tirou seus óculos de sol. Encolhendo seus ombros dentro do paletó, esticou os pés e lentamente respirou profundamente várias vezes. Se sentou e tirou uns momentos para recuperar-se, depois retirou o elástico do cabelo para dar-se uma massagem no couro cabeludo.

Estava sentindo o começo de uma de suas enxaquecas assassinas. E suas mãos *ainda* tremiam. Esteve muito perto de descobrir-se diante de um Fae.

Não podia acreditar que pudesse ser tão estúpida, mas, por Deus! Este verão havia muitos deles! Não viu um fada em Cincinnati há anos, mas agora, por alguma estranha razão, havia quantidade deles.

Como se Cincinnati fosse alguma espécie de lugar fantástico onde passar o tempo – poderia, por acaso, uma cidade ser *mais* aborrecida? – Qualquer que fosse a desafortunada razão por que haviam escolhido ir aos Três Estados<sup>▼</sup>, apareceram em massa no princípio de junho e, haviam conseguido arruinar-lhe o verão desde esse momento.

E fingir que nunca os via não ficava mais fácil a medida que passava o tempo. Com seus corpos perfeitos, sua aveludada pele dourada, seus olhos brilhando iridescentes, era muito difícil não percebê-los. Extremamente charmosos, impossivelmente sedutores, destilando poder puro, os varões eram uma verdadeira tentação ambulante para uma garota com ela.

Bruscamente sacudiu a cabeça para interromper esse pensamento traidor. Havia sobrevivido todo esse tempo e maldita fosse se ia permitir-se relaxar agora e terminar atraída por uma dessas eróticas – *exóticas*, se corrigiu impaciente – criaturas.

Mas as vezes era tão difícil não olhá-los. E duplamente difícil era não reagir. Especialmente quando a pegavam com a guarda baixa como havia acontecido na última vez.

Estava almoçando com Marion Temple, a sócia mais antiga da firma de advogados – *Temple, Turley e Tucker* –, num restaurante de primeira no centro da cidade. Era um almoço de importância vital uma vez que, durante este almoço, estava sendo entrevistada para ver a possibilidade de obter uma posição como pós-graduada.

Como futura estudante do terceiro ano do curso de Direito, Gabby conseguiu um trabalho de verão na *Little & Staller*, uma firma local de advogados especializados em temas de lesões pessoais. Apenas dois dias de trabalho bastaram para dar-se conta de que não estava apta para representar a agressivos e avaros litigantes de negligências médicas, que estavam firmemente convencidos de que suas pequenas lesões valiam pelo menos um milhão de dólares.

No outro extremo deste aspecto legal estava a *Temple, Turley e Tucker*. A firma mais prestigiada da cidade, que atendia só aos clientes mais desejados, especializada em direito mercantil e de sucessões. Os casos criminais que eles representavam eram selecionados cuidadosamente, devido a sua notoriedade, e somente escolhiam aqueles que permitiam firmar precedentes. Aquilo fazia a diferença no mundo, protegendo os direitos fundamentais e os que tratavam de evitar as injustiças intoleráveis. E esses eram os casos que ela queria pegar. Ainda que tivesse que trabalhar como escrava durante anos, realizando investigações e servindo café para consegui-lo.

Estivera toda a semana estressada, antecipando-se a entrevista, com a certeza de que a TT&T só contratava os melhores. Sabendo que competia com dezenas de seus próprios companheiros de classe, sem mencionar a dúzias mais de estudantes de leis do resto das faculdades de direito ao redor de todo o país, numa feroz concorrência para obter a única vaga. Sabendo que Marion Temple tinha a reputação de exigir nada menos que a mais alta sofisticação e perfeição profissional.

Mas graças às horas de agressivas práticas de entrevistas e enérgicos discursos que lhe deu sua melhor amiga, Elizabeth, Gabby estava tranqüila, composta e em plena forma. A distante senhora Temple ficou impressionada com seus feitos acadêmicos, e Gabby teve a sensação de que a empresa tinha a disposição de contratar a uma mulher (podendo ser devido ao cuidado que se tinha que ter com o tema das estatísticas de igualdade de oportunidades trabalhistas), o que a pôs na frente da maior parte dos competidores. O almoço foi perfeito, até o momento em que abandonaram o restaurante e saíram à Quinta Avenida.

Enquanto a senhora Temple lhe estendia esse fundamental convite para uma segunda entrevista no próprio escritório dos sócios (o que *não* teria ocorrido a menos que a firma estivesse considerando seriamente fazer-lhe uma oferta para o posto. Maravilha das maravilhas!) um sexy e musculoso fada macho passou caminhando com graça justo entre elas, com essa exasperante arrogância de *Sou tão perfeito*, ou *Não pense sequer em desejar estar onde estou*, que eles possuíam, passando tão perto que seus largos e dourados cabelos roçaram a face de Gabby, com a delicada sensualidade da seda.

▼ Região formada pelos territórios correspondentes aos estados de Indiana, Ohio e Kentucky nos EEUU.

A intoxicante fragrância de jasmim e sândalo a envolveu, e o calor que irradiava seu poderoso corpo a acariciou como uma sufocante e erótica brisa. Tomou cada milímetro de sua considerável auto-disciplina *não dar* um passo atrás e colocar-se em seu caminho.

Ou pior ainda – render-se a incessante tentação de somente acariciar gentilmente a dourada e esplendorosa criatura. Quantas vezes havia sonhado em fazer isso? Saber por fim como era ao tato uma das proibidas fadas. Averiguar finalmente se essa dourada pele de fada era tão aveludada como se via.

*Nunca deve expôr-se mostrando-lhes que pode vê-los, Gabby.*

Completamente fora de si devido a proximidade do fada, sua mão repentinamente frouxa soltou o copo plástico com café gelado que havia pedido no restaurante. Golpeou a calçada, a tampa soltou-se de cima, e o café explodiu para todos os lados, ensopando a impecável senhora Temple.

Nesse preciso instante, o fada deu a volta para olhá-la, seus iridescentes olhos entrecerrados.

Aterrorizada, Gabby centrou toda a sua atenção na senhora Temple que gaguejava seu assombro. Com um entusiasmo próximo à histeria, tirou lenços de sua bolsa e, freneticamente, tratou de secar com eles as manchas de café que já estavam maiores que antes, na roupa de cor marfim da qual tinha a enferma sensação que custava mais do que ela ganhava em um mês.

Balbuciando em voz alta a grosseria que havia feito, desculpando-se e jogando toda a culpa no fato de ter comido em excesso, de não estar acostumada a usar saltos, de estar nervosa pela entrevista, em questão de segundos desmanchou completamente a imagem de distinção e segurança em si mesma que conscientemente havia projetado durante o almoço.

Mas não tivera alternativa.

Com o propósito de fazer o fada acreditar que não o havia visto, de que ela era simplesmente uma humana rude, nada mais, tivera que atuar como uma completa estúpida e arriscar-se a sabotar sua credibilidade frente a sua futura empregadora.

Sabotar-se, tinha-o feito.

Afastando com um empurrão as frenéticas mãos de Gabby, que ainda a esfregavam, a senhora Temple alisou seu arruinado traje. Com petulância se encaminhou para o carro e fazendo uma pausa, fez um gesto rígido e depreciativo, disse por cima do ombro.

– *Tal como* lhe disse antes, senhorita O’Callaghan, nossa empresa trabalha somente com clientes da mais alta hierarquia. Podem ser exigentes, excessivos e temperamentais. E incompreensíveis também. Quando há milhões em jogo, o cliente tem todo o direito de esperar o melhor. Nós da Temple, Turley e Tucker estamos orgulhosos de sermos imperturbáveis ao estresse. Nossos clientes exigem um trato suave e sofisticado. Francamente, senhorita O’Callaghan, você é muito nervosa e excitável para ter êxito em nossa empresa. Estou segura que encontrará um trabalho mais apropriado em outro lugar. Bom dia, senhorita O’Callaghan.

Sentindo-se como se alguém tivesse dado socos em seu estômago, Gabby observou em compungido silêncio enquanto a senhora Temple aceitava o seu imaculado Mercedes das mãos do guarda, vendo de soslaio que o fada, graças a Deus, seguia seu caminho. Enquanto o Mercedes de cor pérola se introduzia na Quinta Avenida e desaparecia entre o tráfego, - o trabalho de seus sonhos se perdia atrás de seu escapamento – os ombros de Gabby se afundaram. Com um ruidoso suspiro deu a volta e caminhou pesadamente rua abaixo até a esquina donde os simples estudantes de leis *não destinados ao êxito por serem demasiados nervosos*, podiam permitir-se estacionar.

– *Nervoso*, meu traseiro – murmurou, apoiando a cabeça no volante. – Não tem nem idéia de como é a minha vida. *Você não pode vê-los!*

Tudo o que a senhora Temple provavelmente havia sentido era uma leve brisa, um aumento moderado da temperatura, talvez houvesse capturado o hálito de um aroma exótico, de uma excitante fragrância. E se, por casualidade, um fada a roçasse – já que, ainda que fossem invisíveis, eram reais e verdadeiramente estavam *ali* – a senhora Temple o teria racionalizado de alguma maneira. Aqueles que não podiam ver aos Fae sempre o faziam.

Gabby havia aprendido do modo mais difícil que muitas dessas pessoas tinham tolerância zero ao inexplicável. Nunca deixava de assombrá-la as débeis desculpas que davam para proteger sua percepção da realidade. *Ups, suponho que não dormi o suficiente à noite ou Raios! Não deveria ter tomado essa segunda (ou terceira, ou quarta) cerveja com o almoço.* Se tudo o mais falhava, então se conformava com um simples, *devo tê-lo imaginado.*

Quanto sentia a falta dessa inconsciência!

Sacudiu a cabeça e tratou de consolar a si mesma com o pensamento de que, ao menos, o fada se havia convencido e ido embora. Estava a salvo. Pelo menos por agora.

Da forma em que via Gabby, os Fae eram os responsáveis por noventa e nove por cento dos problemas de sua vida. Ela era a responsável do um por cento restante, mas *eles* eram a razão de que sua vida nesse verão fosse de uma crise à outra. *Eles* eram a razão pela qual estava começando a temer sair de sua casa, sem nunca saber onde um deles poderia aparecer repentinamente, e do quão mal poderia reagir. Ou por qual espécie de estúpida teria que se fazer passar, tratando de esconder-se. *Eles* eram a razão porque seu noivo rompeu com ela há quinze dias, três horas, e – deu uma olhada no relógio de pulso – quarenta e dois minutos atrás.

Gabrielle O’Callaghan guardava um ressentimento especial e muito pessoal dos Fae.

– Não os vejo. Não os vejo – resmungou quando viu como os apetitosos machos fada caminhavam ligeiramente por sobre o teto do carro. Preveniu seu olhar, se controlou, logo colocou no ângulo correto o espelho retrovisor e fingiu estar passando batom.



*Nunca os olhe muito fixamente, sua avó, Moira O'Callaghan, sempre lhe havia prevenido. Deve atuar de forma natural. Deve aprender a deixar que o seu olhar se deslize sobre eles sem parar a vista muito rápido e ou demasiado abruptamente, ou saberão que você sabe. E a levarão. Nunca deve permitir-lhes saber que os pode ver. Prometa-me, Gabby, não posso lhe perder!*

A avó também os via, a essas criaturas que outras pessoas não poderiam ver. A maioria das mulheres por parte de sua mãe, o fazia, ainda que algumas vezes o – don – saltava gerações. Como havia sucedido com sua mãe, que tinha se mudado para Los Angeles anos atrás (como se as pessoas da Califórnia fossem menos estranhas que as fadas), deixando - então com menos de sete anos - Gabrielle com a avó *até que se houvesse instalado*. Jilly O'Callaghan nunca terminou de instalar-se.

*Por que não pôde saltar-se a minha geração?*, refletiu Gabby. Uma vida normal era tudo o que sempre havia querido.

E provendo-lhe diariamente malditas dificuldades, ainda que na aborrecida Cincinnati. Gabby estava começando a pensar que viver nos Três Estados, era um pouco como viver na convergência mística da *Boca do Inferno* de Sunnydale<sup>\*</sup>.

Exceto que no meio oeste não tinham demônios nem vampiros – Oh, não, claro que não - tinham fadas: umas criaturas perigosamente sedutoras, desalmadas e arrogantes que poderiam toma-la e faze-lhe só Deus sabe o que, se alguma vez chegassem a imaginar que ela podia vê-los.

Sua historia familiar estava lotada de lendas de antepassados que foram capturados pelos temíveis Caçadores Fae e que nunca voltaram a ser vistos. Algumas das lendas afirmavam que foram rápida e brutalmente assassinados pelos selvagens Caçadores; outras, que foram escravizados a força.

Não tinha a menor idéia de quais dessas histórias tontas podiam ser verdadeiras; mas tinha sim uma certeza: Não tinha a menor intenção de averiguá-lo.

Mais tarde, Gabby compreenderia que tudo fora por culpa da xícara de café. Cada atrocidade que lhe ocorreu a partir desse momento podia conectar-se diretamente a essa xícara de café com a surpreendente simplicidade de um argumento que não tinha falhas: De não ser por A (isto é, a xícara de café), não teria passado B (arruinar a entrevista de trabalho), e não se teria dado C (ter que ir ao trabalho essa noite) e certamente não teria ocorrido D (essa horrível coisa que lhe aconteceu ali)... e assim até o infinito.

Realmente não era justo que uma decisão tão trivial, adequada para o momento e aparentemente inofensiva como tomar uma xícara de café gelado pudesse mudar por inteiro o curso da vida de uma garota.

Não é que ela minimizasse a culpabilidade do fada, mas estudar leis lhe ensinou a isolar o catalisador crítico sobre o qual podia basear-se a culpabilidade, e o simples fato era que se não tivesse essa xícara de café na mão, não a teria deixado cair, não teria salpicado à senhora Temple, não teria que se comportar como uma tonta atrapalhada, e não teria perdido toda esperança de conseguir o trabalho de seus sonhos.

Se não fosse pela xícara de café, o fada não teria nenhuma razão para dar a volta e olhá-la, e ela não teria nenhuma razão para entrar em pânico. Tudo iria maravilhosamente bem. Com a promessa dessa cobiçada segunda entrevista, estaria indo celebrá-lo com suas amigas essa noite.

Mas devido a essa nefasta xícara de café, tudo fracassou. Foi para casa, tomou um longo banho de espuma, chorou por um longo tempo e depois mais tarde nessa mesma noite, quando teve a certeza de que o escritório estava vazio e que desse modo não teria que responder às humilhantes perguntas de seus colegas internos, conduziu seu carro de volta ao centro da cidade para pôr-se em dia com o trabalho. Levava dezenove difíceis casos de arbitragem, os quais, agora que não tinha perspectivas de obter outro trabalho, realmente importavam.

E devido a essa catastrófica xícara de café, estava de muito mau humor e não prestava atenção quando estacionou à frente do edifício onde ficava seu escritório, e não preveniu ao obscuro e perigoso fada macho, que saía caminhando dentre as sombras do beco adjacente.

Se não fosse por essa estúpida xícara de café, ela nem sequer estaria ali.

E esse foi o momento em que as coisas deram um giro diabólico e começaram a ir de mal a pior.

## Capítulo 2

Adam Black passou uma mão por seu cabelo longo e negro e franziu o cenho enquanto espreitava do beco.

Durante três eternos meses foi humano. Noventa e sete horrorosos dias, para ser exato. Dois mil, trezentas e vinte e oito intermináveis horas. Cento e trinta e nove mil, seiscentos e oitenta ofensivos minutos.

Ficara obcecado com o passo do tempo. Era uma vergonhosa aflição mortal. O passo seguinte seria usar um relógio de pulso.

*Nunca.*

Certamente pensava que Aoibheal já devia de ter vindo até ele a estas alturas. Apostaria a si próprio nisso; ainda que na realidade não tivesse muito para apostar.

<sup>\*</sup> **Sunnydale**, chamada - O Vale Do Sol - pelos demônios. É uma cidade fictícia da Califórnia onde se desenrola a trama da série televisiva *Buffy, a caçavampiros*. Existe ali uma convergência mística que faz com que os vampiros apareçam precisamente em seus cemitérios e a visitem toda espécie de seres estranhos.

Mas ela não vinha, e ele estava cansado de esperar. Não era, precisamente, que os humanos tivessem uma quantidade de tempo ridícula para existir, exceto que seus corpos tinham exigências que consumiam a maior parte desse tempo. Só o fato de dormir consumia uma quarta parte do tempo. Ainda que ele havia dominado essas exigências durante os poucos meses passados, ofendia-se por ser escravo de sua forma física. Ter que comer, lavar-se, dormir, urinar, barbear-se, escovar o cabelo e os dentes, por Deus! Queria ser ele mesmo outra vez. Não quando fosse da sangrenta conveniência da rainha, mas *agora*.

Daí que tivesse deixado Londres e tivesse viajado à Cincinnati (uma viagem infernalmente longa - de avião) procurando ao filho metade-Fae que gerou fazia um milênio, Circenn Brodie, que se casou com uma mortal do século vinte e um e pelo que sabia residia aqui com ela.

Pelo que sabia.

Ao chegar a Cincinnati, encontrou a residência de Circenn vazia, e não tinha nem idéia de onde procurá-lo depois. Tinha se estabelecido ali mesmo, e esteve matando o tempo desde então – esforçando-se inflexivelmente para ignorar isto, mas pela primeira vez em sua existência eterna, o tempo lhe devolvia o favor - esperando o regresso de Circenn. Um Tuatha Dé de sangue meio puro, Circenn tinha a magia que Adam já não possuía.

O cenho de Adam se fez mas profundo. O poder insignificante que a rainha lhe deixou praticamente não tinha nenhum valor. Rapidamente descobriu que ela estudou muito a fundo o seu castigo. O feitiço de *féth fiada* era um dos mais poderosos e alteravam a percepção que os Tuatha Dé possuíam, utilizado para permitir a um Tuatha Dé relacionar-se com o reino humano, enquanto os mantinha indetectáveis para a humanidade. Encobria sua essência numa ilusão que afetava à memória a curto prazo e gerava confusão nas mentes daqueles que se encontravam nas proximidades.

Se Adam virasse uma banca de jornais, o vendedor culparia despreocupadamente a um vento invisível. Se comesse a refeição de um comensal, a pessoa simplesmente decidiria que já devia tê-la terminado. Se pegasse roupa nova numa loja, o dono registraria um erro de inventário. Se arrebatasse comestíveis de um transeunte e arrojasse sua bolsa ao solo, sua azarada vítima se voltaria contra um transeunte próximo e ocorreria uma desagradável briga (ele fez isso umas poucas vezes na procura de um pouco de diversão). Se arrancasse a bolsa do braço de uma mulher e o pendurasse diante de sua cara, ela simplesmente caminharia através de ambos, a bolsa e ele (no momento em que ele tocava uma coisa, esta também era absorvida na ilusão lançada pelo *féth fiada* até que ele o soltasse) encaminhando-se na direção contrária, resmungando por ter esquecido a bolsa em casa.

Não havia nada que pudesse fazer para chamar a atenção sobre ele. E ele tentou tudo. Praticamente. Adam Black não existia. Nem sequer merecia sua insignificante parte do espaço humano.

Ele sabia por que ela escolheu este castigo em particular: devido a que ele se pôs do lado da humanidade em seu pequeno desacordo, ela lhe forçava a provar ser humano do pior modo possível. Sozinho e impotente, sem uma só distração para passar o tempo e entreter-se.

Teve suficiente de seu sabor para que lhe durasse uma eternidade.

Uma vez foi um ser todo-poderoso que podia vasculhar o tempo e o espaço, um ser que podia viajar a todas as partes e a qualquer dimensão num piscar de olhos, agora estava limitado a um só poder útil: podia sobrevoar distâncias curtas, mas não mais do que umas poucas milhas. Lhe surpreendia que a rainha, inclusive, o tivesse deixado com tanto poder, até a primeira vez que quase caiu, esgotado, no caminho de um ônibus no coração de Londres.

Ela lhe abandonou com uma quantidade suficiente de magia para manter-se vivo. O qual lhe dava a entender duas coisas: uma, ela planejava perdoar-lhe finalmente, e duas, provavelmente isso ia levar um longo, longo tempo. E provavelmente não seria até o momento em que sua forma mortal estivesse a ponto de expirar.

Mais cinquenta anos disto o converteriam num louco sanguinário.

O problema era que, ainda que Circenn *regressasse*, Adam ainda não havia criado uma forma para comunicar-se com ele. Por causa de sua metade mortal, Circenn não seria capaz de ver através do *féth fiada* tampouco.

Tudo o que ele precisava, pensou Adam pela milésima vez, era uma pessoa. Só uma pessoa poderia vê-lo. Só uma pessoa poderia ajudar-lhe. Não estava completamente sem opções, mas não poderia atrair a nenhum dos malditos sem ninguém para ajudar-lhe.

E isso o exasperava também. O onipotente Adam Black precisava de ajuda. Quase podia ouvir o cristalino riso tilintando na brisa da noite, soprando insultantemente através dos reinos, até o final das areias trêmulas de silício da Ilha de Morar.

Com um rosnado de fúria enjaulada, saiu caminhando majestosamente do beco.

Gabby se permitiu um enorme suspiro de auto-compaixão quando saiu de seu carro. Normalmente em noites como esta, quando o céu era veludo negro, brilhando intensamente com estrelas e uma lua com forma de um medalhão de prata, quente, úmida, e viva com os sons e perfumes gloriosos do verão, nada podia deprimí-la.

Mas não esta noite. Todo mundo menos ela estava fora, tendo uma vida, enquanto ela brigava para ordenar o último desastre das fadas. Outra vez.

Parecia ser tudo o que ela havia feito em sua vida.

Se perguntou brevemente, antes que conseguisse afastar o deprimente pensamento, o que seu ex estaria fazendo essa noite. Lhe teriam expulsado do bar? Já teria conhecido outra pessoa? Alguém que ainda fosse virgem aos vinte e quatro anos?

E isso também era culpa dos Fae.

Bateu a porta do carro com mais força do que a devida, e uma pequena peça de enfeite cromado se desprende e golpeou o pavimento. Esta era a terceira coisa que seu Corolla havia perdido esta semana, ainda que estava bastante segura de que a



antena fora roubada por garotos chatos do seu bairro. Com um arquejo de exasperação, fechou o carro, chutou a pequena peça de enfeite sob o carro – se recusava a limpar algo mais - e virou-se para o edifício.

E ficou congelada.

Um fada macho acabava de sair caminhando com passo majestoso do beco e se apoiava no banco do pequeno oásis do jardim próximo à entrada de seu edifício de escritórios. Enquanto ela olhava, ele se esticou sobre o respaldo do banco, dobrou seus braços por trás de sua cabeça, e ficou observando o céu da noite, olhando-o como se não tivesse nenhuma intenção de mover-se por muito, muito tempo.

Maldito e duas vezes maldito!

Estava ainda tão irritada pelos acontecimentos do dia que não estava segura de que poderia caminhar para ele sem ceder ante o desejo irritadiço de *dar-lhe um pontapé*.

Isso.

As fadas eram “isso”, nunca “eles” ou “elas”. A avó lhe ensinou desde sua terna idade a não personificá-los. Não eram humanos. E era perigoso pensar neles, ainda na intimidade de seus pensamentos, como se eles o fossem.

Mas céus, pensou Gabby, olhando-o fixamente, ele – isso - era certamente um macho.

Tão alto que o banco não era bastante longo para que pudesse esticar-se completamente sobre ele, por isso apoiou uma perna na quina do banco e dobrou a outra sobre seu joelho, suas pernas estendidas numa posição desprezivelmente masculina. Ia vestido com uns jeans descoloridos, uma camiseta negra, e botas de couro negras. O cabelo longo, negro e sedoso se estendia sobre seus braços dobrados, caindo até roçar a calçada. Em contraste com os seres angelicais dourados, que ela viu mais cedo, este era escuro e parecia completamente diabólico.

Braceletes de ouro enfeitavam seus musculosos braços, exibindo bíceps poderosos, duros como rochas, e uma corrente de ouro rodeava seu pescoço, brilhando luxuosamente à luz ambarina dos lustres de gás que iluminavam o oásis do jardim.

Realeza, se deu conta ela, com um rastro de fascinação, arquejante. Só os membros de uma casa real tinham direito a levar postas correntes de ouro. Ela nunca viu a um membro de uma das Casas Dirigentes antes.

E “real” era seguramente uma boa palavra para ele, er... isso. Seu perfil era simplesmente majestoso. Traços esculpidos, pômulos altos, mandíbula firme, nariz adunco, todo coberto daquela pele aveludadamente dourada e deliciosa das fadas. Entreceerrou os olhos, absorvendo os detalhes. Sem barbear e coberto por uma delicada sombra de barba. Boca cheia. Um lábio inferior decadentemente cheio. Indecente, na verdade. (*Gabby, Deixa de pensar isso!*)

Inspirou lentamente, exalou suavemente, permanecendo completamente quieta, uma mão no teto de seu carro, a outra fechando-se com a chave.

Isso exudava uma imensa sexualidade: perversa, crua, abrasadora. Daquela distância não deveria ser capaz de sentir o calor de seu corpo, mas sentia. Não deveria se sentir um pouco mareada por seu exótico cheiro, mas assim se sentia. Como se isso fosse vinte vezes mais potente que qualquer dos que tivesse encontrado antes; uma verdadeira central elétrica num fada.

Não ia ser capaz de passar caminhando calmamente por diante disso. Simplesmente não ocorreria. Não hoje. Existia só um certa quantidade do que ela era capaz de dar em concreto num dia, e Gabby O'Callaghan havia excedido seus limites.

Calma... isso não se moveu. De fato, parecia completamente inconsciente de tudo o que lhe rodeava. Não poderia doer-lhe que o olhasse durante um tempo mais longo...

Além do que, recordou-se, tinha o dever de observar sutilmente tudo o que fosse possível de qualquer espécime de fadas desconhecido. De tal maneira as mulheres O'Callaghan se protegiam e protegiam o futuro de seus filhos - aprendendo sobre seu inimigo -. Transmitindo histórias. Adicionando nova informação, com desenhos quando fosse possível, aos múltiplos volumes dos *Livros dos Fae*, proporcionando dessa maneira às futuras gerações maiores possibilidades de escapar a sua detecção.

Este não tinha os lisos e brilhantes músculos da maioria dos machos fadas, notou ela; este tinha o corpo de um guerreiro. Ombros demasiado largos para caber no banco. Os braços formando grupos de músculos, grossos antebraços, punhos fortes. Os abdominais de seu estômago se marcavam sob o tecido de sua camiseta cada vez que mudava de posição. Coxas poderosas moldadas pelo suave tecido dos jeans descoloridos.

Não, não um guerreiro, refletiu, não era completamente isso. Uma obscura sombra dançava nas escuras recordações de sua mente e ela lutava por conseguir enfocá-la.

Mais bem como... ah, o tinha! Como um daqueles ferreiros de antigamente que passaram todos os seus dias golpeando o aço numa forja abrasadora, o metal ressoando, as chispas voando. Possuidores de uma força muscular enorme, mas também capazes da delicadeza necessária para trabalhar lâminas intrincadamente embelezadas, combinando puro poder com extraordinário controle.

Não havia nem uma grama de gordura no corpo disso, só corpo masculino duro como uma rocha. Isso tinha uma força sutilmente afiada e brutal que, combinada com sua altura e largura, poderia deixar agoniada a uma mulher. Especialmente se isso se esticava completamente ondeando seus músculos em cima dele.

*Pare com isso, O'Callaghan!* Limpando diminutas gotas de suor de cima de sua fronte com o dorso da mão, expulsou uma respiração trêmula, lutando desesperadamente para ser objetiva. Sentia-se tão ardente como a forja sobre a que ela podia imaginá-lo inclinado, seu duro corpo brilhando, golpeando... golpeando.

*Vamos, Gabby, uma débil voz interior lhe advertia. Vai embora agora. Depressa.*

Mas seu alarme interior se acendeu muito tarde. Nesse preciso momento isso girou sua cabeça e deu uma olhada para onde ela estava.

Deveria ter afastado o olhar. Tratou de afastar o olhar. Não pôde.

Sua cara, completa, era um trabalho de impossível beleza masculina - extraordinária simetria roçada com um pouco de selvageria - mas eram seus olhos os que conseguiram apanhá-la totalmente -. Eram olhos antigos, olhos imortais, olhos que viram mais do que ela poderia sonhar alguma vez ver em mil vidas. Olhos cheios de inteligência, zombaria, travessuras, e - agüentou a respiração em sua garganta quando seu fixo olhar baixou por seu corpo, voltando lentamente a subir - sexualidade desencadeada. Negras como a meia-noite eram suas afiadas sobancelhas, seus olhos brilhavam com chispas de ouro.

A boca dela se abriu completamente e ofegou.

*Pare, pare, pare*, uma parte dela crepitava em sinal de protesto, *não tem olhos de fada! Não pode ser um fada! Têm olhos iridescentes. Sempre. E se isso não é um fada, o que é?*

Outra vez o olhar fixo disso se deslizou por seu corpo, desta vez bem mais devagar, demorando-se em seus seios, fixando-se descaradamente no centro de suas coxas. Sem uma pitada de inibição, isso moveu seus quadris para fazer jogo com seus jeans, baixando-os, ajustando-os descaradamente.

Impotentemente, como se estivesse hipnotizada, seu olhar fixo o seguiu, tropeçando com essa grande mão escura que tirava dos jeans descoloridos. Na enorme protuberância, inchada sob o tecido suave, usado. Durante um momento fechou sua mão sobre isso e esfregou a grossa protuberância, e ela se horrorizou ao sentir sua mão apertada. Se enrubescceu, com a boca seca, as faces ardendo.

Repentinamente isso ficou imóvel e seu olhar naturalmente fixo se encontrou com a dela, seus olhos estreitando-se.

- Cristo -, assobiou, levantando-se do banco com uma elegante ondulação de força animal, - você me vê. *Você me vê!*

- Não, não o vejo -, resmungou Gabby instantaneamente. Defensivamente. Estupidamente. *Oh, isso estava muito bom, O'Callaghan, sua imbecil!*

Fechando sua boca com tanta força que seus dentes estalaram, abriu a porta do carro e subiu o mais rapidamente que alguma vez tivesse acreditado possível.

Pondo a chave no contato, pôs o carro em marcha ré.

E depois fez outra coisa estúpida: jogou uma olhada para isso outra vez. Ela não podia ajudar-lhe. Isso simplesmente demandava atenção.

Isso andava para ela com passo majestoso, sua expressão era de puro assombro.

Por um breve momento ela abriu a boca inexpresivamente olhando para trás. Um fada era capaz de estar surpreso? Segundo fontes O'Callaghan, não experimentavam emoções. E como poderiam fazê-lo? Não tinham coração, nem alma. Só um tonto pensaria que algum tipo de consciência superior espreitava por trás daqueles românticos olhos. Gabby não era nenhuma tonta.

Isso foi para a valeta. Dirigindo-se diretamente para ela.

Com um alarmado puxão ela recobrou o juízo, meteu o carro na rua, e pisou fundo no acelerador.

Darroc, o mais Antigo do Alto conselho dos Tuatha Dé Danaan, permanecia de pé na Colina de Tara na Planície de Meath. A brisa fresca da noite enredava o longo cabelo de cor dourada acobreado ao redor de uma cara que seria eroticamente formosa, se não fosse por uma cicatriz que arruinava seu cinzelado rosto. Era uma cicatriz que ele poderia ter ocultado facilmente com encanto, mas escolheu não o fazer. Ele a levava para recordar, levava-a para que os demais não esquecessem.

*Irlanda foi nossa uma vez*, pensou ele amargamente, olhando fixamente a terra exuberante, frondosa.

E Tara - muito tempo atrás chamada *Teamir* e antes disso batizada como *Cathair Crofhind* por eles mesmos, os Tuatha Dé - uma vez a comparação da força e a glória de sua raça, era agora uma paragem turística invadida por gente acompanhada de guias que contavam histórias sobre sua gente, que eram, em sua maioria, vergonhosamente ridículas.

Os Tuatha Dé chegaram a este mundo muito antes do que os mitos humanos supunham. Mas que poderia esperar-se de pequenas criaturas cujas débeis vidas começavam e acabavam ao finalizar um mero piscar de olhos de um Tuatha Dé?

*Quando encontramos este mundo, tínhamos tanta esperança*. Efetivamente, o nome que escolheram para Tara - *Cathair Crofhind* - significava *já não existe o mau*; sua escolha neste mundo para que fosse seu novo lar.

Mas foi mal, incrivelmente mau. O homem e o Tuatha Dé mostraram ser incompatíveis, incapazes de compartilhar este fértil mundo que tinha tantas semelhanças com o seu, e sua raça, uma vez majestosa e orgulhosa, agora se escondia em lugares que as pessoas ainda não haviam descoberto. Tendo aprendido recentemente a aumentar o poder do átomo, a humanidade não representaria uma séria ameaça para os Tuatha Dé durante algum tempo.

Mas o tempo passava velozmente para os de sua classe, e então sua gente se veria forçada a fugir outra vez?

Darroc recusava viver para ver tal dia.

Proscrito. Os nobres Tuatha Dé foram relegados a lugares esquecidos, tal como foram expulsos à força uma vez antes, há séculos. Párias então. Expulsos agora. A única diferença era que a humanidade não era ainda o bastante poderosa para lhes expulsarem de seu mundo da mesma forma em que foram expulsados de seu amado lar.

Ainda.

Não foram capazes de conquistar Danu - as outras raças foram muito poderosas - mas poderiam tomar este mundo e conquistá-lo. Agora. Antes que o homem avançasse mais longe.

- Darroc -, uma voz interrompeu suas amargas reflexões. Mael, o consorte da rainha, apareceu ao lado dele. - Tentei escapar antes do tribunal mas...

- Sei como ela o vigia estreitamente e esperava que lhe tomasse mais tempo -. Cortou-lhe Darroc, impaciente por suas notícias. Uns poucos dias em Faery<sup>♥</sup> eram meses no reino humano onde Darroc ficou esperando no lugar determinado para a reunião.

- Diga-me. Ela o fez?

Alto, poderosamente desenvolvido, com pele dourada escura e uma cabeleira de brilhante bronze, o último favorito da rainha inclinou a cabeça, seus olhos brilhando iridescentemente.

- Ela o fez. Adam é humano. E, Darroc, ela lhe tirou seus poderes. Ele já *não nos pode* ver.

Darroc sorriu. Perfeito. Não poderia ter pedido mais. Seu antagonista, esse espinho eternamente fincado, o advogado mais persistente da humanidade, fora desterrado do Mundo das Fadas, e sem ele, o equilíbrio de forças na corte se viraria em favor de Darroc por fim.

E Adam estava indefeso, um alvo andante. Mortal.

- Sabe onde ele está agora? - perguntou Darroc.

Mael negou com a cabeça.

- Só sei que percorre o reino humano. Irá caçá-lo?

- Não. Já fez o suficiente. Mael -, disse-lhe Darroc. Estava pensando em outros Caçadores para rastrear sua presa. Os caçadores não eram tão leais à rainha como ela gostaria de acreditar. - Deve regressar antes que ela descubra que saiu. Não deve suspeitar nada.

Quando o consorte da rainha desapareceu, Darroc também peneirou o tempo e o lugar, mas para um reino completamente diferente.

Ele pôs-se a rir enquanto o fazia, sabendo que ainda que Adam costumasse defender a mortais, o vanglorioso príncipe dos *D'Jai* odiaria ser humano, desprezaria estar dentro do corpo de uma dessas pequenas, limitadas e frágeis criaturas, cujo intervalo de vida era tão horrorosamente breve.

Estava a ponto de encurtar-lhe a vida mais do que a média.

### Capítulo 3

Adam foi pego tão de surpresa que não lhe ocorreu realizar uma série de saltos curtos e seguir à mulher, até que foi demasiado tarde.

No momento em que pensou em peneirar o tempo, o velho veículo já havia avançado a toda velocidade, e não tinha nem a menor idéia de para onde se fôra. Tentou saltar em várias direções, mas foi incapaz de encontrá-la.

Sacudindo a cabeça, voltou ao banco e se sentou, amaldiçoando-se em meia dúzia de idiomas.

Finalmente, alguém o havia visto.

E que fizera ele? Deixou-a escapar. Impossibilitado por sua asquerosamente humana anatomia.

Lhe ficou malditamente claro que o cérebro e o pênis dos varões humanos não podiam manter suficiente quantidade de sangue para funcionar ao mesmo tempo. Era ou um ou outro e, ao que parece, os homens não se decidiram ainda a escolher um deles.

Por ter sido um Tuatha Dé, teria estado em completo controle sobre sua luxúria. Friamente excitado, talvez um pouco aborrecido (não se tratava de que não o tivesse feito antes; dando-lhe uns poucos milhares de anos, um Tuatha Dé tinha tempo de tê-lo provado tudo).

Mas sendo humano, a luxúria era bem mais intensa, e seu corpo, ao que parece, era escravo dela. Uma simples ereção podia converter-lhe num maldito Neandertal.

Como sobreviveu a humanidade tanto tempo? E falando disso, como conseguiram avançar de seu estado primitivo ao que eram agora?

Exalando um arquejo de exasperação, levantou-se do banco e começou a passear de um lado para o outro pelo caminho de paralelepípedo do parque.

Assim ficou, deitado de costas, olhando as estrelas, perguntando-se para onde infernos fôra Circenn durante tanto tempo, quando de repente, sofreu uma irritante sensação, como se fosse o alvo de um intenso olhar.

Deu uma olhada, meio esperando ver a alguns de seus colegas de festa rindo-se dele. De fato, teve a esperança de vê-los. Rindo-se ou não. Nos últimos noventa e sete dias examinou acima e abaixo procurando algum de sua raça, mas não havia captado nada, nem um só reflexo de um Tuatha Dé. Concluiu finalmente que a Rainha devia ter-lhes proibido de o espionar, já que não podia encontrar outra explicação para sua ausência. Sabia muito bem que alguns quantos membros de sua raça teriam desfrutado a visão de seu sofrimento.

Havia sido visto, não por seus colegas, mas sim por uma mulher. Uma humana, iluminada por aquilo que não possuíam os de sua espécie, resplandecendo desde seu interior graças ao suave brilho dourado de sua alma imortal.

Uma mulher jovem luxuriosamente sensual, com aspecto irlandês. Longos cabelos loiro platinado atados com uma presilha, frouxos, com mechas curtas esparramadas ao redor de um rosto delicado em forma de coração. Enormes olhos um pouco elevados nos cantos, um queixo pontiagudo e uma boca cheia, voluptuosa. Um reflexo de fogo em seu intenso e felino

olhar dourado, era a prova desse apaixonado temperamento gaélico que sempre o excitava. Peitos cheios, redondos, pernas torneadas e uma bunda deliciosa.

Instantânea e dolorosamente se pôs duro como uma rocha.

E por durante uns poucos momentos críticos, o cérebro não funcionou nem um pouco, ainda que o resto sim. Estupendamente bem, de fato. Mas seu cérebro não.

Amaldiçoado pelo *féth fiada*, havia se mantido celibatário por três longos e infernais meses. E sua mão não contava.

Estendido ali, imaginando todas as coisas que faria àquela mulher se pudesse, falhou completamente em perceber que ela não só esteve ali olhando em sua direção, mas que seu primeiro instinto foi o correto: ele foi o centro de seu intenso olhar. Ela estava olhando diretamente para ele.

*Vendo-o.*

E quando conseguiu encontrar seus pés, inclusive recordar que os tinha, ela já estava em seu carro.

Havia escapado dele.

Mas não por muito tempo, pensou entrecerrando os olhos. A encontraria.

Ela o havia visto. Não tinha idéia de como ou por que era capaz de fazê-lo, mas, sinceramente, não lhe importava muito. Tinha-o feito, e agora ela seria seu bilhete de volta ao paraíso.

E, pensou, curvando os lábios num malicioso e erótico sorriso, estava disposto a apostar que, além do mais, ela era capaz de *senti-lo*. A lógica lhe ditava que se ela era imune a um dos aspectos do *féth fiada*, seria imune a todos eles.

Pela primeira vez desde que a Rainha o havia convertido em humano, jogou sua cabeça para trás e riu. O rico e escuro som rodou, apesar de que sua boca humana o transformava, não inteiramente humano, fazendo eco na rua vazia.

Deu a volta e olhou especulativamente o edifício às suas costas. Sabia muitas coisas a respeito dos humanos ao ter caminhado entre eles durante tantos milênios, e aprendeu ainda mais nos últimos meses. Eram criaturas de hábitos; como as pequenas e preguiçosas ovelhas das Highlands, caminhando obedientemente os mesmos caminhos já transitados, voltando aos mesmos pastos dia após dia.

Indubitavelmente, existia uma razão pela qual ela havia ido a esse edifício essa tarde.

E sem dúvida, havia algo naquele edifício que o levaria até ela.

A deliciosa e pequenina irlandesa ia ser sua salvadora.

O ajudaria a encontrar a Circenn e comunicar-lhe sua grave situação. Circenn navegaria através das dimensões e o devolveria à ilha Fae de Morar onde a Rainha tinha sua corte. E Adam a persuadiria de que já era mais do que suficiente.

Sabia que Aoibheal não seria capaz de olhá-lo nos olhos e negar-lhe isto. Simplesmente tinha que chegar até ela, vê-la, tocá-la, recordar-lhe quanto ajudou a ela e por que.

E, certamente, agora que havia encontrado a alguém que podia vê-lo, teria sua gloriosa existência imortal de novo em muito pouco tempo.

Enquanto, e até que voltasse Circenn, tinha bastante com o que se entreter. Já não tinha a mesma pressa para voltar a ser imortal. Não justamente agora. Não agora que de repente tinha a oportunidade de experimentar o sexo em forma humana. O corpo dos Fae não era muito sensível como o que atualmente habitava agora, e - sensual como era - estava duplamente enfurecido com Aoibheal por ter-lhe incapacitado para explorar suas capacidades eróticas. Algumas vezes ela podia ser realmente uma grande bruxa.

Se uma simples ereção em forma humana podia reduzir-lhe a um estado primitivo, o que poderia fazer-lhe enterrar-se dentro de uma mulher? O que sentiria ao meter-se dentro dela?

Não tinha dúvida de que logo o averiguaria.

Jamais havia existido uma mulher humana que vivesse e respirasse que pudesse dizer não querer transar com um fada.

Gabby não tirou o pé do acelerador até que entrou derrapando no sombrio beco por trás de sua casa, no 735 da rua Monroe. Então pisou no freio com tanta força que esteve perto de provocar uma entorse.

Passou todos os semáforos vermelho entre Cincinnati e Newport, com a esperança de que um policial a detivesse (apesar da citação ante o juiz que tinha por não pagar os tickets de estacionamento, como se pudesse permitir-se pagá-los agora que seu custo se duplicou, e faltando ainda quatro meses para que a infração prescrevesse, e realmente, se no centro da cidade tivesse estacionamentos suficientes, uma pessoa não se veria forçada a inventar lugares para estacionar), a poderia meter no cárcere e a encerrá-la onde essa coisa não fosse capaz de encontrá-la.

Na maioria dos dias adorava viver em Kentucky, em seu histórico bairro de antigas casas vitorianas e italianas, com suas grades de ferro forjado, as primaveras trepando, e as árvores de magnólias, a somente uma milha de Ohio, cruzando o rio. Era um lugar conveniente para o trabalho, a escola, os bares, para todas as coisas que importavam. Mas nessa noite estava muito perto para ser um lugar confortável. E mais, nesse momento sentia que a Sibéria seria um lugar mais confortável.

Estacionando tão perto quanto pôde da casa, agarrou sua bolsa, saltou do carro, subiu os degraus quase correndo, abriu a porta da cozinha, nos fundos da casa, com mãos trêmulas, fechando-a fortemente às suas costas, trancou-a e deslizou o avariado ferrolho e depois caiu como um amolecido monte de carne sobre o piso.

Permaneceu na escuridão da cozinha, aguçando os ouvidos, escutando atentamente qualquer sinal que lhe indicasse que isso de alguma maneira havia conseguido segui-la. Quanto desejava ter uma garagem! Seu carro velho de cor azul estava ali



fora estacionado, como um grande X: *Aqui se esconde Gabby O'Callaghan. Um alvo fácil. Como um pato sentado. Quack.... Quack*.\*

- Oh, Deus, o que fiz? - sussurrou, horrorizada.

Vinte e quatro anos escondendo-se, mantendo uma fachada impecável, lançados pelo ralo numa só noite.

Sua avó estaria muito decepcionada.

Ela estava muito decepcionada. Ficou ali de pé olhando boquiaberta - *não*, comendo com os olhos a essa coisa. E tratou de justificar-se contando a si mesma a insignificante mentira de que só estava olhando para poder identificá-lo com exatidão nos *Livros dos Fae* das O'Callaghan, ou descrevê-lo neles se é que já não estava ali.

*Seguramente.*

*Os achou atraentes?* Perguntou Moira O'Callaghan a Gabrielle aos quatorze anos numa noite em que tomavam um refrigerante de laranja na cozinha, fazia já quase dez anos.

Gabby se enrubescceu furiosamente, não querendo trair a profundidade de seu desesperançado sonho. Enquanto suas amigas do secundário sonhavam com atores e estrelas de rock e as maiores com carros, ela sonhava com um príncipe fada que entraria inesperadamente em sua vida e a levaria à alguma terra exótica e formosa. Um que pudesse ultrapassar, de alguma maneira, a inata frialdade e insensibilidade dos de sua espécie, tudo por amor a *ela*.

*São atraentes para você?* Pressionou a avó. Envergonhada, Gabby assentiu.

*Isso é o que os faz tão perigosos, Gabrielle. Os Fae não são melhores do que os Caçadores que enviam atrás de nós. São desumanamente sedutores. "Desumano" é a palavra que deve recordar. Sem alma. Sem coração. Não os idealize.*

Era culpada daquilo então. Não via a si mesma como culpada a estas alturas. Com o passar dos anos, deixou para trás muitas coisas, incluído seu tonto sonho com uma fantasia a respeito de um príncipe das fadas.

*Não.*

Com um gemido de absoluta tristeza, obrigou-se a levantar-se do piso. Ficar convertida numa massa de carne não ia solucionar nada.

*Se alguma vez engana-se a você mesma*, lhe disse sua avó demasiadas vezes para contá-las, *se um deles se dá conta de que pode vê-los, deve mudar-se imediatamente. Não se arrisque a perder tempo fazendo as malas, só entre no carro e fuja tão rápido quanto possa. Deixei-lhe dinheiro numa conta especial para que o use só para esse propósito. Deve ter mais do que o suficiente para velar pela sua segurança.*

Gabby se agarrou à beira da pia da cozinha e fechou os olhos.

Não queria mudar-se, maldita fosse. Este era seu lar, o lar no qual a criou sua avó. Cada canto estava cheio de preciosas recordações. Cada centímetro da centenária e labiríntica casa vitoriana era querido para ela, desde o telhado de ardósia no qual sempre aparecia uma goteira nova, aos espaçosos quartos de altos tetos e o arcaico sistema para esquentar a água que golpeava e chiava, mas que fumegava acolhedoramente no inverno. E daí se não podia permitir-se esquentar a maior parte da casa e tinha que colocar várias peças de roupa a não ser que estivesse a cinco pés de um radiador? E daí se ainda não tinha ar condicionado e os verões eram pegajosamente quentes?

De vez em quando havia se sentido horivelmente tentada de colocar a mão em sua conta de-escape-das-fadas, mas resistiu. As coisas mudariam uma vez que graduasse e conseguisse um trabalho de verdade. Suas finanças não poderiam ser sempre assim, precárias. Inclusive um posto de calouro num escritório de advogados lhe permitiria começar a pagar o monte de empréstimos estudantis que pediu para sua carreira universitária e realizar as necessárias reformas.

De qualquer maneira, passava a maior parte do tempo na pequena torre octogonal, ou na biblioteca do primeiro andar como no dormitório acima das escadas, para o qual havia se mudado quando sua avó morreu. Com todas as janelas abertas durante uma noite de verão e o ventilador do teto gerando ar suavemente, podia combater o calor. Ademais, a encantava deitar na cama e olhar os exuberantes jardins (perto à velha grade de ferro forjado que precisava desesperadamente ser substituída). A hipoteca havia sido paga fazia anos. Nunca planejou se mudar, com a esperança de encher algum dia os dormitórios muito silenciosos com seus filhos.

E agora, por culpa de um maldito fada...

*Espera um segundo*, pensou abrindo os olhos amplamente, *isso não tinha olhos de fada, lembra?* Devido ao pânico, esqueceu-se por completo de seus estranhos olhos. Eram de uma só cor. Negros como a noite. Negros como o pecado se não fosse por aquelas pintas douradas.

*Definitivamente*, não era fada. Os Fae tinham olhos iridescentes que mudavam rapidamente como o mercúrio, alcançando todas as cores do arco-íris. Brilhantes e quixotescos. Nunca negros e dourados.

De fato, meditou, mordiscando o lábio inferior pensativamente, isso havia mostrado várias anomalias incompreensíveis: seus olhos, seus trajes humano - realmente as fadas levavam jeans e camiseta? - geralmente os Fae levavam trajes com tipos de tecidos que ela nunca havia visto; e não mostravam emoções.

Poderia ser tão afortunada? Franzindo o cenho, rememorou todo o encontro em sua cabeça, tratando de isolar qualquer outra anomalia. Seria possível que a criatura que viu não fosse um fada mas uma outra coisa?

Animada com a possibilidade, deu a volta e atravessou apressadamente a casa as escuras em direção à pequena biblioteca. Tinha que consultar os livros O'Callaghan.

\* **Jogo** de palavras intraduzível. No original em inglês se utiliza a expressão *Sitting Duck*, que se traduz literalmente como Um pato sentado, dali que a continuação se utilizem as onomatopéias *Quack, Quack...*



Comprimidos em dezenove grossos volumes ricamente detalhados que se remontavam ao século quinto, os *Livros* estavam cheios da tradição popular das fadas, observações, conversas casuais e teorias. Fielmente conservados por seus antepassados, e com notas adicionadas durante séculos, os tomos estavam cheios de acontecimentos e vivências de fadas e lendas.

Ali, nalguma parte, teria a informação sobre a criatura que havia visto essa noite.

Talvez, se agarrou com determinação a esse pensamento otimista enquanto baixava correndo o corredor, essa coisa nem sequer tinha importância no esquema do mundo das fadas. Talvez não teria mais intenção de molestá-la do que ela tinha de molestar à ele.

Talvez estivesse se preocupando por nada.

*E talvez, pensou com abatimento muitas horas depois, deixando cair o poeirento volume em seu regaço como se queimasse, a lua fosse feita de queijo.*

*Era um fada.*

*E não qualquer fada.*

*Era a pior fada de todos.*

Seu desejo? Tinha-o nas mãos. Molestá-la? Oh, teria sorte se isso era tudo o que lhe faria. Torturá-la, brincar com ela para sua própria diversão, deixá-la cair no meio de alguma batalha medieval das Highlands e observar como era pisoteada por briosos cavalos de guerra: Todas essas eram possibilidades, de acordo com o que acabara de ler. Se isso se mantinha fiel às formas - a idéia lhe fez estremecer - primeiro a seduziria. Ele tentaria, se corrigiu a toda pressa. (O fato era que, de acordo com o que leu, nenhuma mulher mortal poderia resistir à idéia que ela se negava a ponderar demais. Esse fada arrogante e altaneiro não obteria nem um pedaço de Gabby O'Callaghan).

Esfregando os olhos, sacudiu a cabeça. *Deixem-no comigo*, refletiu, *que nunca faço as coisas pela metade*. Não havia sido o bastante ter-se descoberto adiante de um Fae, mas tinha que ir e fazê-lo justo com o mais famoso de todos eles.

Um eloqüente sedutor, dizia-se que era tão diabolicamente encantador que os mortais não compreendiam que estavam em perigo até que era muito tarde. Isso mesmo ia por Puck, Robin Goodfellow e Wayland Smith<sup>♥</sup>, entre outros muitos nomes.

*Um malandro inclusive entre os de sua própria espécie...*

Quando começou a procurar, teve o temor de que levasse dias procurando entre os complicados tomos para encontrar a identidade da criatura que havia visto, supondo que sequer estivesse ali. Os volumes mais velhos estavam escritos em gaélico, a qual - apesar dos valentes esforços de sua avó por ensinar-lhe a língua ancestral - Gabby seguia sem poder falar, e quase não podia ler sem confundir-se por inteiro.

Os *Livros dos Fae* eram um pesadelo, escritos em quantidades e com freqüência em ilegíveis idiomas, com notas que se espremiavam nas margens de cada página, remetendo a outras notas que enchiam outras margens de outras páginas igualmente difíceis de decifrar.

Mais de uma vez Gabby tinha reclamado a sua avó de que alguém *realmente tinha que gerar um índice e organizar aquelas malditas coisas*. E, mais de uma vez, sua avó sorriu dirigindo-lhe um olhar astuto e disse: *Sim, alguém deveria. O que a detém?*

Ainda que Gabby tivesse feito quase qualquer coisa que sua amada avó lhe tivesse pedido, evitou com grande determinação *essa* tarefa.

Havia se enterrado nos livros de leis modernos que estavam longe e muito menos atemorizantes do que os antigos tomos que traziam à vida um mundo exótico, o que lhe permitia continuar com sua própria vida e ter a esperança de um futuro normal que dependia de sua capacidade para ignorar o dito mundo.

Depois de horas de infrutífera busca, Gabby finalmente se fixou em outro livro, um que não recordava de ter visto anteriormente, um volume mais delgado escondido numa quina, como se tivesse sido posto inadvertidamente por trás dos outros livros e esquecido. Curiosa, estendeu a mão para pegá-lo, tirando-lhe a espessa camada de pó da capa.

*Sumamente inteligente, letalmente sedutor...*

Encadernado em suave pele negra, o tomo que quase passou despercebido continha a informação que procurava. Seus antepassados trataram o assunto com tanta seriedade que lhe dedicaram um volume a parte.

A diferença dos outros volumes, que estavam escritos em forma de diários desconexos e esporádicos, e que tratavam de qualquer fada que houvesse sido visto recentemente, o delgado livro negro só fazia referência a um, e avançava em ordem cronológica, complementado por numerosos capítulos. Também, a diferença dos outros volumes que estavam etiquetados simplesmente com números romanos, este merecia seu próprio título: *O livro de Sin Siriche Du*.

Ou, com uma tradução um tanto frouxa do gaélico - que era mais do que ela podia aspirar - o Livro do mais Escuro/ mais Negro Elfo/Fada.

Encontrou a criatura que havia visto essa noite: Adam Black.

Os relatórios mais antigos com respeito a ele estavam incompletos, as descrições de seus diversos encantos, advertências sobre suas atitudes diabólicas, precauções a respeito de sua insaciável sexualidade e inclinação pelas mulheres mortais (*sacia de tal modo a uma moça, que esta é incapaz de falar e, durante quinze dias ou mais, tem o juízo perturbado*. - Oh, por favor!, pensou Gabby, esse era o equivalente medieval de sorver-lhe os miolos?), mas à medida que se acercava ao primeiro milênio os relatórios se faziam mais detalhados.

<sup>♥</sup> Personagens do mundo das fadas da mitologia anglosaxã.

Em meados do século nono - cerca de 850 A.C. – a coisa se comportou violentamente, misturando-se com os mortais, ao que parece com o único propósito de incitar a fúria e provocar a explosão de guerras por toda a Escócia.

*Milhares* haviam morrido quando ele terminou de divertir-se.

Numerosos comentários se fizeram a partir da observação da coisa sorrindo enquanto o sangue corria sobre os inumeráveis campos de batalha. Durante um tempo não haviam sido só as mulheres O’Callaghan as que o haviam visto; isso não fez nenhum esforço por ocultar-se, e seus antepassados reuniram as histórias daquelas inumeráveis observações, anotadas com grande detalhe.

*Seguramente, o mais perigoso e imprevisível de sua raça...*

Nenhum outro fada ousou jamais interferir de uma forma tão ostensível e cruel nos assuntos da espécie humana.

O relógio da estante da lareira deu a hora, trazendo-a de volta ao mundo real. Esfregou os olhos, surpresa ao compreender que a noite avançou tão depressa que quase já era dia. Os primeiros raios de sol se deslizavam entre as frestas das cortinas que nessa mesma noite, mais tarde, correu sobre as janelas. Esteve desperta durante mais ou menos vinte e quatro horas; não era estranho que sentisse os olhos tão arenosos e cansados.

*Seu favorecedor encanto é o de um intensamente sexual ferreiro Highlands...*

Seu olhar voltou preguiçosamente ao livro em seu regaço, aberto com um esboço do escuro Fae.

Sobrenatural e incontrolável. Foi a primeira imagem que teve quando o viu pela primeira vez. Era possível, perguntou-se, que existisse algo parecido à memória genética?

O conhecimento passava de uma geração à seguinte, impresso no DNA de cada um? Lhe tomaria um longo caminho explicar o porquê que quando pôs os olhos naquela coisa lhe saltaram todos os tipos de alarmes em seu interior. Porquê pensou instintivamente num ferreiro, como se nos mais profundos e obscuros esconderijos de sua alma reconhecesse a seu inimigo primordial. Inimigo de incontáveis mulheres O’Callaghan antes que ela.

O desenho não lhe fazia justiça absolutamente, ainda que captasse sua inequívoca essência. Visto na época medieval e desenhado num lugar das Highlands chamado Dalkeith-Upon-the-Sea (onde supostamente matou a uma jovem mulher cigana), era todo músculos e arrogante sexualidade, vestido com um kilt, de pé numa forja perto de um bosquezinho de Fresnos, diante de um magnífico castelo medieval que aparecia ao fundo. Uma forte mão manejava o martelo de um ferreiro, com o braço flexionado a meio vôo. Seu cabelo voava sobre seu rosto num escuro embaraço que lhe caía até a cintura. Seus lábios estavam curvados num sorriso zombador.

Gabby viu aquele sorriso essa noite. E pior. Um sorriso, inclusive, mais... depredador. Se é que era possível.

Seu olhar se fixou na advertência marcada em negrito e sublinhada sob o desenho:

EVITAR O CONTATO A TODO CUSTO.

- Oh, avó - sussurrou, com repentinas e ardentes lágrimas escorrendo-lhe dos olhos -, tinha razão.

Tinha que mudar-se. *Agora*.

Vinte e dois frenéticos minutos depois, Gabby havia mudado de roupa e posto uns jeans e um top, e já estava pronta para ir, com uma carga de adrenalina pura em lugar do muito necessário sonho. Não podia abandonar ali os preciosos livros - não sabia se talvez, ou quando poderia voltar e estes simplesmente deviam ser conservados, mas por Deus, ela *teria* que ter filhos a quem herdar-los um dia, de maneira que os empacotou.

Enquanto o fazia, foi incapaz de resistir a jogar umas poucas coisas que simplesmente não podia deixar para trás: um suave xale de cachemira que a avó havia terminado pouco antes de morrer; um álbum de fotos; um querido relicário; jeans, umas camisas, calcinhas, sutiens e sapatos.

Afastou suas lágrimas com firmeza, uma chave aberta para o que simplesmente não tinha meios para chamar a um encanador para arrumá-la. Depois, em alguma outra cidade, em outra casa, poderia lamentar a perda do lar de sua meninice e de praticamente todas as suas posses. Mais tarde, refletiria a respeito se se atreveria a continuar com seu próprio nome e terminar a carreira de leis em outra universidade. Mais tarde, examinaria tudo o que jogou pela janela tão tontamente numa noite com uma simples olhada. Mais tarde, poderia analisar tudo o que estupidamente lançou para longe numa noite por culpa de um único olhar. Mas tarde poderia admitir que sua mãe esteve certa com respeito a ela depois de tudo: ela era uma futura abduzida-pelas-fadas em estado de espera perpétua.

Agora estava de pé em frente a porta com duas malas e uma mochila transbordante de coisas.

Ainda que os bancos abrissem cedo, não se atrevia a perder mais tempo. Se deteria em algum lugar mais tarde, em qualquer estado que tivesse conseguido chegar, sacaria todo o saldo de sua conta especial, e encontraria um lugar seguro onde pudesse perder-se e converter-se em uma outra pessoa.

Lançou um último olhar à cozinha na qual aprendeu a assar bolachas, a cozinha na qual se lamentou por seu primeiro noivo (e o último - o bastardo), a acolhedora habitação na qual ela e a Avó compartilharam longas palestras, tantas esperanças e sonhos.

*Maldito seja, Adam Black*, pensou amargamente. *Maldito seja por me fazer mudar*.

A aguda clareza de sua cólera a ajudou a enviar para longe algo do medo que nublava sua mente. Endireitando os ombros, pôs a mochila sobre um ombro e recolheu as malas.

Estava pronta. Era forte. Era decidida. Avançaria mais rápido do que essa coisa. Teria sua oportunidade de uma vida normal: uma carreira, um marido, filhos. E daí se isso significava mudar de nome e adiar sua vida? Teria sucesso.

Com o queixo empinado e uma firme resolução, abriu a porta.

Um poderoso corpo tampava a entrada, isso estava ali de pé, com os lábios curvados num perigoso sorriso.

- Oi, Gabrielle - disse Adam Black.

## Capítulo 4

Adam chegou ao 735 da rua Monroe preparado para ser um pouco amável com a mulher.

Depois de tudo, ela fugiu dele antes, obviamente intimidada por sua magnífica masculinidade e sua épica sexualidade. As mulheres com frequência tinham essa reação para com ele, especialmente quando tirava suas calças. Ou a saia escocesa, segundo o século.

Também estava preparado, no entanto, para que suas inibições caíssem rapidamente, como sucedia com todas as mulheres que viam sua maravilhosa aparência de perto.

Depois, muitas delas simplesmente se lançavam para ele num assalto frontal cheio de frenesi sexual. Ele esteve entretendo-se unicamente pensando nessa possibilidade, seu corpo inteiro apertado com a luxúria, enquanto lhe seguia a pista com a informação que havia obtido na sala chamada “Recursos humanos” da Little & Staller.

Mas nada de seu enorme repertório de experiências o preparou para Gabrielle O'Callaghan.

A pequena bruxa sanguinária não reagiu como nenhuma mulher que tivesse encontrado antes. Lançou-lhe um olhar horrorizado, jogou para trás o braço, armou-se de coragem, e lhe achatou na cara algum tipo de carteira que levava nas mãos.

Então fechou inesperadamente a porta e a trancou.

Deixando-o no umbral, sangrando. Sangrando, por Danu, o sangue gotejava de seu lábio!

Bem, acabava de conseguir a confirmação de que ela era totalmente imune ao efeito do *féth fiada*, ou nunca seria capaz de romper seu lábio. Não era desse modo que ele imaginou aprendê-lo.

Seus olhos se estreitaram, mostrando os dentes com um rosnado.

De onde diabos veio isso? Nunca havia sido golpeado por uma mulher. Nenhuma havia levantado sua mão alguma vez contra ele. As mulheres o adoravam. Nunca conseguiam bastante dele. O fato era que elas o adoravam. Qual era, sangrentos infernos, seu problema?

Maldita irlandesa. Ninguém nunca podia prever o temperamento desses gaélicos fogosos e caprichosos. Obstinados como pedras, avançaram através dos séculos sem evoluir, tão impetuosos e bárbaros como haviam sido na Idade de Ferro.

Ele arqueou uma sobrancelha, tratando de compreender sua reação. Deu uma olhada em si mesmo. Nenhuma parte da maldição da rainha lhe havia golpeado no que dele se via, transformando-o em algo horrível enquanto não esteve prestando atenção. Ainda tinha seu habitual e irresistível atrativo: sexy, de negros olhos, um musculoso ferreiro Highlander que deixava loucas as mulheres.

Depois dessa momentânea reflexão, decidiu que ela só queria fingir rudeza. Agradava-lhe os homens dominantes, agressivos e perigosos.

Encolheu os ombros. Muito bem. Depois de três infernais meses de estar maldito, três miseráveis meses de celibato, sentia-se tudo isso e ainda mais.

Poderia usar um atalho.

Gabby estava na porta principal, sua mão apertada sobre o trinco da porta, quando de repente, a porta dos fundos se abriu com um estalido, as lascas de madeira se fincavam no marco da porta e havia pedaços de ferrolho rompido por todas as partes.

O metal e a madeira gritaram seu protesto como se duzentas libras de fada furiosa tivesse passado através deles.

Sabendo que tinha a dianteira por uns poucos e preciosos segundos, ela girou a maçaneta e saiu bruscamente pela porta, só para sentir o ruído surdo das palmas dele em ambos os lados de sua cabeça, fechando-a novamente.

*Impossível!* De jeito nenhum isso podia mover-se tão rápido!

Mas o fez, e agora estava presa: uma dura porta diante dela, esse fada ainda mais duro por detrás.

Durante uns frenéticos momentos ela lutou e se retorceu, tratando de escapar, mas isso se moveu com ela, parecendo antecipá-la em cada movimento, pondo suas mãos em ambos os lados dela, aprisionando-a contra seu poderoso corpo.

Incapaz de escapar-se, ela se revolveu ainda como um animal encurralado. Dúzias de coisas por dizer se amontoavam em sua mente, todas elas começando com um pequeno e patético “por favor”. Mas estaria condenada se implorasse. Provavelmente isso *desfrutaria* com isso.

Mordeu a língua e permaneceu com a boca firmemente fechada. Se ia morrer, morreria orgulhosa. Pondo-se estoicamente rígida, preparou-se para encontrar, não importava com que classe de apavorante final que isso tivesse previsto para ela.

Mas ao final, deu-se conta de repente, não era isso, em absoluto, o que a coisa tinha em mente.

Raspando sua mandíbula contra o cabelo dela, isso grunhiu baixo em sua garganta, e não errou ao considerar esse faminto e sensual som.

*Oh, Deus* pensou selvagemmente, *justo como os Livros diziam, isso vai tratar de seduzir-me antes de matar-me.*

Isso pegou suas mãos, e então ela lutou selvagemmente, não era nenhum empecilho para sua imensa força. Esticando seus braços acima de sua cabeça, a coisa pôs suas palmas contra a porta e moldou todo esse corpo de fadas duríssimo contra o seu.

Os olhos de Gabby se arregalaram.

Sua primeira percepção proibida, absolutamente eletrizante de um fada. E com isso, a resposta a uma pergunta que esteve tratando desesperadamente de não se fazer durante anos.

Não, eles não se sentiam como homens mortais. Ao menos como nenhum que *ela tivesse sentido* alguma vez. *Whuh.*

Ela engoliu. Com força. Apesar da roupa entre eles, sua pele fumegava positivamente onde Adam a pressionava. Céus, pensou debilmente, como se sentiria ao esfregar seu corpo nu contra o de um fada? Poderia inflamar-se em chamas eróticas?

- Este é o tipo de romance selvagem que quer então, irlandesa?

Por um momento o cérebro de Gabby foi incapaz de processar o conteúdo do que disse, pressionada pela sensação: a dura masculinidade pressionando-a por trás; a picante essência masculina disso, o sufocante calor que isso emitia; a sedutora, profunda e estranhamente acentuada voz. Ela se derretia, os joelhos derretendo-se como manteiga...

Ela inspirou profundamente fortalecendo-se e se obrigou a concentrar-se na voz; rico creme de whisky irlandês caindo em copos de cristal, culta, sufocante, aveludada. Grossa, com um acento exótico que sua amolecida mente compreendeu que provavelmente era celta antigo. Um acento sobre o qual não queria apostar, a respeito se alguma pessoa viva havia escutado em milhares de anos. Cheio de sedosos balanços de vogais e *r* e *g* rodando por sua língua.

Então o conteúdo de sua pergunta tardiamente penetrou seu cérebro e a ofendeu tanto que tudo o que pôde dizer foi:

- Eh!?

- Diga-me a sua fantasia, mulher -, murmurou isso, seus lábios abrasando a borda de sua orelha, enviando tremores ao longo de sua coluna vertebral. - É a escravidão? Umas quantas surras? -. Um lento, duro e sensual impulso contra seu centro pontualizou a última pergunta. - Ou só um bom e duro coito?

Gabby abriu e fechou sua boca várias vezes, mas nenhum som saiu. Então, benditamente, o ultraje reforçou sua coluna e liberou sua língua.

- Ooh! Nada de isso! Minha *fantasia* seria que me tirasse essa... essa... *coisa* do traseiro!

- Não quer dizer isso -foi sua profunda resposta, seguro de si mesmo. Acompanhado por outro movimento pecadoramente erótico de seus quadris.

*Poderia ser mais arrogante?*

- Claro que o quero. Digo-o a sério. Afaste-se de mim! - Antes que fizesse algo realmente, mas verdadeiramente estúpido, como pressionar-se contra isso a próxima vez que a roçasse.

*Ai, vamos, Gabby; isto é o mais excitada que ficou em toda sua vida, disse uma diabólica e provocante voz (uma que soava suspeitamente como a de uma adolescente). Que dano poderia lhe fazer conseguir finalmente saborear um pouco de um fada? Já está pronta para isso.*

*Esta aqui para matar-nos!* Respondeu ela ferozmente.

*Não sabemos isso.* Silêncio, depois um lastimoso: *E se é assim, realmente quer morrer virgem?*

Gabby se horrorizou ao dar-se conta de que por um momento ela realmente se distraiu com essa pergunta como uma autêntica via de exploração. Razoável. Sensata inclusive. Que triste deveria ser morrer como uma virgem.

*Oh, não seja criança, enfureceu-se, recobrando seus sentidos, este não é um conto de fadas. Não vai ter um final-feliz-depois neste lugar.*

*Feliz por agora?* foi a esperançosa pergunta.

Ela estava perdendo. Completamente.

Isso tentou voltá-la então, e ela estabeleceu uma momentânea e pequena batalha sem sentido contra isso, sentindo-se pesada e lenta ao pensar em seus braços. Sabia que isto era estúpido, que só o deteria por um tempo, mas o deteria todo o tempo que pudesse conseguir. Senti-lo por trás dela era bastante mau; ver-se forçada a olhá-lo enquanto a tocava seria completamente devastador.

Isso a pegou e a fez girar. Literalmente a arrancou à força do solo e a fez girar sobre si mesma, depositando-a sobre seus pés outra vez.

Ela centrou seu olhar fixamente à altura da vista: seu tórax. Maldita coisa por ser tão grande e fazê-la sentir-se tão diminuta e indefesa. Cinco de cada quatro vezes, estava acostumada a ter a necessidade de levantar a vista para as pessoas, mas o obscuro fada era ao menos um pé mais alto do que ela, e quase duas vezes seu tamanho.

Isso pôs um dedo sob seu queixo.

- Olhe-me -. Outra vez, essa escura e estranhamente acentuada voz a acariciou. Deveria ter uma lei contra os homens “fadas” que tivessem tais vozes, pensou mau-humoradamente.

Manteve seu queixo firmemente abaixado. Ela sabia quão cruelmente erótico era isso. Também sabia - a pequena discussão que teve consigo mesma apresentava muito bem esse ponto - que tinha que bloquear essa perigosa fascinação pelas fadas em seu interior. E essa rolha já estava muito apertada, a ponto de estourar.

- Disse -, isso repetiu suavemente, um indício de impaciência aafiando seu tom, - Olhe-me. Gabrielle O'Callaghan.

*Gah-bry-yil* foi como isso pronunciou seu nome. O que seu magnífico acento fez a seu sobrenome estava simplesmente além da descrição. Nunca soube que seu nome poderia soar tão erótico.

De nenhuma forma alçaria a vista.

Teve um momento de silêncio, logo isso disse zombadoramente.

- Por bem ou por mau, pava real. Pensava que os irlandeses eram mais resistentes que isto. Que passou com a garota que me golpeou e me fez sangrar?

Sua cabeça se alçou e lhe olhou fixamente a sua escura e esculpida cara: *as fadas não sangravam.*

Havia sangue em seu lábio. Gotas carmim gotejavam do canto daquela cheia e sensual boca, fazendo-lhe parecer ainda mais primário e perigoso.



*Sangue?* Gabby abriu a boca espantada, tratando de compreender o que via. Era um fada ou não o era? Os livros diziam que o era! Que estava acontecendo no mundo?

- Você o fez. Dou-lhe a oportunidade de curar-me antes que decida reclamar vingança em troca -. Seu ardente, obscuro olhar fixo, dirigiu-se a sua boca e se concentrou ali. - Sua língua servirá bastante bem. Venha, um beijo para compensar.

Quando ela franziu o cenho e não se moveu um só milímetro, isso lhe dirigiu um sorriso tranqüilo e presunçoso.

- Oh, vamos, *Ka-lyrra*, saboreie-me. Ambos sabemos que quer fazê-lo.

Sua arrogância suprema (sem se importar que estivesse correto a respeito de seu desejo de saboreá-lo) empurrou-a até seu limite. Havia se levantado fazia vinte e quatro horas exatamente e estava emocionalmente esgotada pelo que havia sido o dia mais horroroso de toda sua vida. Começava a sentir-se estranhamente dormente, quase além da preocupação.

- Vai para o diabo, Adam Black - sibilou.

Por um breve momento isso pareceu completamente desconcertado. Então jogou sua escura cabeça para trás e riu. Gabby tremeu quando o som a percorreu, começou a percorrer a sala, ressoando nos altos tetos.

Não era um riso humano. Definitivamente não humano.

- Ah, irlandesa, realmente já estou ali -. Cobriu sua mandíbula com sua grande mão e a fez inclinar a cabeça, aprisionando seu olhar com ela. - Sabe o que isso significa?

Gabby negou com sua cabeça fortemente, tanto como pôde com o rosto sujeito por seu implacável aperto.

- Isso significa que não tenho nada mais a perder -. Pressionando a ponta de seu polegar contra seu lábio inferior, forçou a boca dela a abrir-se e começou a baixar sua cabeça contra a sua. - Mas apostaria que você sim. Apostaria que tem toda espécie de coisas que perder, não é assim, Gabrielle?

## Capítulo 5

*Demasiadas coisas que perder*, pensou Gabby com desânimo.

Sua virgindade. Seu mundo. Sua vida. E, se isso conseguia fazer o que desejava com ela, provavelmente nessa precisa ordem.

No último momento, justo antes que seus lábios reclamassem os seus, ele relaxou ligeiramente a mão sobre seu rosto e ela fez a única coisa em que pôde pensar: golpeou-o com a cabeça.

Jogou sua cabeça para trás, depois para diante de novo e acertou-lhe um golpe no centro do rosto com tanta força como pôde.

Tão duro, de fato, que lhe deu uma vertiginosa e instantânea enxaqueca, fazendo-a perguntar-se maravilhada como era que Jean Claude Van Damme sempre conseguia seguir lutando com tranqüilidade depois de tal façanha. Obviamente, os filmes mentiam.

Lamentava não o ter sabido antes de ter provado a fingir ser heroína de ação.

Por sorte, pareceu que fez mas dano a isso do que ela infligia a si mesma, porque se recuperou mais rápido.

Suficientemente rápido para golpear-lhe diretamente com o joelho na virilha enquanto ainda parecia aturdido.

O som que fez isso quando se dobrou a fez sentir um pânico puro correndo através de suas veias. Era um som de tal afronta, de tal fúria animal e tal dor, que realmente, *realmente* não queria estar a seu lado quando conseguisse recuperar-se.

Quando isso se encolheu sobre o solo, gemendo e maldizendo-se, ela saltou por cima, fazendo uma linha reta para a porta dos fundos. Não havia nenhuma razão para preocupar-se saindo pela porta principal. Nunca seria capaz de superá-lo a pé. Precisava de seu carro.

Se lançou através da sala de estar, passou roçando ao redor da mesa do refeitório e irrompeu na cozinha.

Surgindo adiante dela a “liberdade”, um retângulo aberto de porta, salpicado pelo sol matutino.

Ainda podia ouvi-lo amaldiçoando, três cômodos mais atrás, quando atingiu o umbral. Ao inferno com sua bagagem, pensou, saltando sobre ela, teria sorte de escapar com vida e o sabia.

Saltando pela entrada aberta, ela.....

Golpeou-se ruidosamente contra o corpo duro como uma rocha de Adam Black uma vez mais.

Gritou quando isso a apanhou, levantando-a até que seus pés ficaram pendurados inutilmente acima do chão. A expressão em seu tenso e escuro rosto era gelada e aterrorizadora.

A achatou contra seu corpo, apertando seus braços ao redor dela até que o ar assoviava quando tentava introduzi-lo em seus pulmões. E ela sabia, que se isso apertava seus poderosos braços só um pouquinho mais, seu oxigênio seria cortado completamente.

A manteve assim durante alguns momentos dolorosamente longos, e esteve perfeitamente de todos os modos, sua cara sepultada em seu pescoço, sua face pressionada contra o pescoço dele, desejando ser suave e condescendente, exudar um ar não ameaçador. Sentiu instintivamente que o havia empurrado até o limite, e se agora ela evidenciava o menor grau de resistência, isso responderia ainda com força maior.

Seu corpo não ia ser capaz de resistir a muita força mais.

Assim que era certo, pensou tristemente enquanto a mantinha imóvel, o Fae *podia* transladar-se num piscar de olhos. Um instante isso esteve no chão três cômodos atrás dela, e no seguinte estava na entrada à sua frente. Como diabos ia escapar de algo que podia mover-se assim? Que mais poderia fazer isso? De repente sua mente transbordou com tudo o que a avó lhe



ensinou a respeito dos Fae, de todos os poderes horríveis que possuíam. A capacidade para hipnotizar as pessoas, controlando-os, manejando-os a seu desejo.

*Poderia encontrar-se em situação pior?*

Depois do que pareceu um tempo interminável, isso respirou profundamente, estremecendo-se.

Justo quando estava tomando uma respiração trêmula para começar a desculpar-se, ou mais exatamente, para começar a pedir uma morte rápida e misericordiosa, isso disse com uma sedosa ameaça:

- Agora não é só meu *lábio* o que tem que beijar se deseja compensar-me, irlandesa.

Cinco minutos mais tarde Gabby estava bem atada a uma das cadeiras de seu refeitório com seu próprio varal.

Os pulsos atados por trás da cadeira, os tornozelos comodamente atados até as pernas.

Desalentada se perguntou como era possível que a vida de uma pessoa pudesse enterrar-se tão fundo num período de tempo tão curto. Ontem pela manhã a maior preocupação em sua mente era que roupa pôr para sua entrevista. Se talvez a Sra. Temple pensaria que um traje negro era severo, um marrom demasiado modesto, um rosado demasiado frívolo. Saltos altos eram muito coquetes? Saltos baixos muito masculino? Cabelo solto ou preso?

Deus, realmente se preocupou com tais coisas?

As manhãs como esta certamente punham a vida de uma pessoa em perspectiva.

Arrastando uma cadeira para pôr-se em frente a ela, Adam Black se sentou, estendendo as pernas, os cotovelos sobre seus joelhos, inclinando-se para frente, a poucos centímetros dela. Uma longa cascata de sedoso cabelo como a meia-noite se espalhava sobre seu musculoso ombro, roçando sua coxa. A coisa claramente não tinha nenhum conceito a respeito do espaço pessoal. Estava muito perto. Tal como ela pensou, isso levantou uma mão para ela. Estremeceu-se, mas só roçou sua face com os nós dos dedos, depois devagar acariciou com seu polegar seu lábio inferior.

Jogou para trás sua cabeça provocativamente, afastando a cara. Um dedo sob seu queixo a obrigou a voltar.

- Ah, sim, me agrada bem mais assim -. Seus escuros olhos brilharam, chuvizando como o ouro.

- A mim não me agrada de nenhum modo -. A mandíbula rígida, apontando com seu nariz ao céu. Dignidade, recordou-se. Não morreria sem ela.

- Creio que entendi isso, irlandesa. Melhor ter em conta que está sob minha misericórdia. E não me sinto particularmente compassivo neste momento. Talvez devesse pôr empenho em continuar agradando-me.

Ela murmurou algo que raramente dizia. Uma coisa pela qual a avó lhe lavaria a boca com sabão.

Seus olhos se acenderam com um repentino calor. Então isso se riu misteriosamente, limpando o sangue de seu lábio com o dorso da mão.

- Isso não é o que me dizia faz alguns minutos.

- Isso não é o que quis dizer e o sabe.

Seu riso se deteve bruscamente e seu olhar se voltou frio.

- Ah, mas tenha cuidado, sou um homem muito textual, *ka-lyrra*. Não me diga isso novamente a não ser que seja o que queira dizer. Porque entenderei ao pé da letra. E não lhe darei a oportunidade de dar para trás. Só essas duas palavras. Diga-me outra vez e estarei sobre você. No chão. Eu e você. Diga-a. Vamos.

Gabby apertou os dentes e ficou com o olhar fixo no piso de dura madeira, contando coelhinhos no pó. *Não é mais do que merece, Gabby*, Moira O'Callaghan lhe repreendia em sua mente. *Criei-a melhor do que isso*.

Bem, pensou teimosamente, agora todo mundo conspirava contra dela. Inclusive os mortos.

O dedo estava de regresso sob seu queixo, obrigando-a a encontrar seu brilhante olhar.

- Entendeu?

- Entendi -, cortou ela.

- Bom -. Uma pausa, um olhar avaliador. - Assim diga-me, Gabrielle O'Callaghan, o que é exatamente isso que acredita que minha gente faz aos *Sidhe-seers*?

Ela encolheu seus ombros despreocupadamente, - tanto quanto era capaz - nem perto de admitir alguma coisa. Uma *sidhe-seer*, assim a chamou, o nome arcaico para o que ela era. Tinha-o encontrado nos livros dos Fae, mas nunca o ouviu dizer em voz alta.

- Não tenho nem idéia do que esta dizem...

Fez um ruído impaciente e pôs um dedo em seus lábios, fazendo-a calar.

- Irlandesa, não finja comigo, não tenho paciência para isso. O *féth fiada* não funciona contigo, e me chamou por meu nome. Confesso, que quando a peguei me olhando, fiquei perplexo, mas não há nenhuma outra explicação para o seu comportamento. É isso pelo que luta contra mim. Sabe tudo a respeito de minha raça, não é verdade?

Depois de um longo momento Gabby engoliu e assentiu com a cabeça. Verdadeiramente havia traído a si mesma, primeiro sendo pega olhando-o, logo dizendo-lhe - vai pro diabo - por seu nome. Isso o sabia. E claramente não estava de humor para brincadeiras.

- Por conseguinte —, perguntou rigidamente. - Agora vai me matar?

- Não tenho nenhuma intenção de matá-la, *ka-lyrra*. Ainda que efetivamente houve um tempo na vida dos *Sidhe-seers* que perdiam sua vida se eram apanhados, minha gente não derramou sangue humano desde que o pacto de nossas raças foi negociado -. A coisa passou uma mão por seu cabelo afastando-o de seus olhos e pondo-o por trás de sua orelha, sua mão demorando-se, acariciando a curva de sua face. - Não tenho intenção de magoá-la, a não ser que me magoe novamente, coisa pela qual não apostaria. A partir deste momento quero começar do zero entre nós, considerar a sua hostilidade como um mal-

entendido. Compreenderia que uma coisa pequenina como você, acreditando que sua vida esta em perigo, se sentiria induzida a brigar sujo contra um homem como eu. No entanto, se me magoar de novo, então pagará multiplicado por dez. Compreendeu?

Gabby assentiu com a cabeça rigidamente, desejando que isso deixasse de tocá-la. O mero atrito de sua mão fazia com que sua pele tremesse, fazia que todos os músculos de seu estomago se apertassem. Como podia ser que a encarnação de seu pior pesadelo viesse junto com sua fantasia mais quente?

Isso se inclinou para trás na cadeira, passou suas mãos através de seu longo e escuro cabelo, e depois entrelaçou seus dedos por trás de sua cabeça. Seus poderosos braços se contraíram com o movimento, seus bíceps se incharam sob a camiseta negra, flexionando-se, seus braceletes de ouro destacando-se no sol da manhã que se derramava através das altas janelas. Tomou-lhe um imenso esforço conservar seu olhar fixamente em sua cara, impedindo-se de deslizá-la sobre toda aquela perfeição de fadas.

Os *Livros dos Fae* continham dúzias de contos sobre isso, nos dias de tempos antigos, durante as noites em que a lua estava cheia contra um crepúsculo violeta e a Selvagem Caça começava, jovens donzelas corriam pelos bosques, esperando serem tomadas por um dos exóticos machos Fae. Iam com muito gosto a seu destino.

Gabby O'Callaghan *nunca* seria tão tonta. Independentemente do que isso tinha em mente para ela, se oporia a isso de todas as maneiras possíveis.

- Uma *Sidhe-seer* -, disse isso, com um escuro e fixo olhar que a vasculhava atentamente, - nunca me ocorreu procurar a um de vocês, aqueles que ainda poderiam existir. Aoibheal acredita que os Caçadores eliminaram ao último de vocês faz muito tempo, do mesmo modo que eu. Quantos outros de sua ascendência têm a visão?

- Sou a última -. Pela primeira vez em sua vida estava agradecida de não ter mais membros em sua família que compartilhassem sua maldição. Não havia ninguém mais a quem proteger, só sua própria sobrevivência estava em jogo.

Enquanto isso a estudava, considerou suas palavras.

*Ah-veel*, isso disse: a Alta Rainha do Seelie, Tribunal da Luz. *Caçadores*: a mera palavra gelava seu sangue. Quando era uma menina foram seu bicho-papão em cada armário, o monstro embaixo de cada cama. Escolhidos com cuidado pela rainha e enviados para caçar aos *Sidhe-seers*, eram cruéis, aterrorizadoras criaturas tão aclamadas no reino infernal do rei Unseelie de sombra e gelo. Ela não podia saber todos os nomes dos Fae - havia vários, e assumiam muitos e diferentes encantos - mas a avó lhe ensinou a respeito dos mais poderosos a uma idade temporã.

- Sua mãe já não esta viva?

- Ela não tem a visão -. *Afaste-se de minha mãe, bastardo*.

- Então como lhe protegeu ela?

Gabby estremeceu interiormente. *Não posso protegê-la, maldita seja, Mãe! Como posso protegê-la de algo que não posso ver?* Jilly havia gritado para Moira O'Callaghan nessa escura noite nevada, fazia tanto tempo. Três dias mais tarde sua mãe havia ido embora.

- Quem a ensinou como esconder-se de nós? - pressionou. - Não é que fez um trabalho muito bom nisso -. Um afetado sorriso curvou seus sensuais lábios. - Ora bolas, as mulheres nunca foram capazes de afastar seus olhos de mim.

- Oh, é tão arrogante. Simplesmente não podia entender se era ou não um fada -, pigarreou Gabby.

Uma escura sobranceira se arqueou.

- E pensou que a resposta a essa pergunta podia encontrar-se em minhas calças? Por isso me olhava ali? - Seu escuro olhar brilhou divertido.

- A única razão pela qual olhei ali -, disse, enrubescendo, - foi porque não podia acreditar que tão descaradamente... reacomodaria seu... seu... -, engasgou-se e depois sibilou, - O que acontece com os homens? As mulheres não fazem coisas assim! Mover seus... suas partes íntimas em público.

- Costumes piedosos. Eu, por minha parte, o acharia muito fascinante -. Seu olhar se dirigiu aos seus seios.

O cru calor sexual em seu agudo olhar fez com que seus mamilos se endurecessem. A fez tremer. Como poderia seu mero olhar ter um impacto tátil tal como se tivesse arrastado uma aveludada língua ao longo de sua pele?

- Foram seus olhos o que me atraíram -, cuspiu ela, - pensava que todas as fadas tinham olhos iridescentes. Estava longe o seu campo visual, tratando de elucidar o que era.

- Meus olhos -, disse preguiçosamente, seu olhar acariciando lentamente seu rosto. - Tá bom. Então, como aprendeu a esconder-se?

Gabby expeliu um alento incontrolado.

- Minha avó era também uma *Sidhe-seer*. Ela me criou. Mas está morta agora. Sou a última -. Não pôde resistir-se a perguntar. - Então, por que não tem os olhos iridescentes? E por que sangra?

- É uma longa história, *ka-lyrra*. E está a ponto de implicar-se nela.

Nisso, outro tremor cruzou por sua coluna vertebral.

- Realmente não vai me matar? -, disse cautelosamente. Estava esgotada; mental, física e emocionalmente apagada. Sua cabeça ainda palpitava por ter golpeado ao fada, e estava desesperada por consolo, qualquer consolo. Ainda se viesse de seu inimigo.

- Oh, não, *ka-lyrra* -, murmurou sedosamente. - Seria um grande desperdício. Tenho muitos melhores usos para você que isso.

Bem, tinha conseguido seu "consolo".

Lastima que isso não era nem remotamente reconfortante.

## Capítulo 6

*Tinha melhores usos certamente*, refletiu Adam, reclinando-se em sua cadeira, olhando como as emoções cruzavam suas delicadas feições da mesma forma que a luz do sol expandindo-se através de um lago. A raiva lutava com o cansaço, a frustração se batia em duelo com o medo.

Por Danu, era bela. Mas só a beleza nunca havia sido suficiente para avivar seu interesse. A paixão era seu imã. O fogo mortal que derreteria seu gelo imortal.

E que ardente era ela. Desafiante. Valente. Agressiva. O dourado resplendor de sua alma imortal iluminando-a desde dentro era mais vibrante, mais intenso do que a maioria dos humanos, uma cálida aura ambarina a rodeava, demarcando-a como uma tempestade autêntica num vulcão de paixão. Com seu tamanho tão pequeno e ainda assim ela enfrentou a ele como uma coisa selvagem, uma fera que ataca com sua dura cabeça e seus mortíferos joelhos. E ainda que sofresse mais dor na última meia hora que em toda sua existência, não estava particularmente desapontado.

Irritado numa forma fundamentalmente masculina, mas não estava desapontado.

Tinha sua própria *Sidhe-seer*. Uma que lhe fazia sentir luxúria. Tocar a carne feminina de um corpo humano era extraordinário. Ele tinha razão: O sexo em forma humana ia ser incrível, uma nova experiência, uma coisa rara numa existência imortal, e tudo bem mais doce devido a isso. Só apertá-la contra a porta, sentindo seu generoso, doce traseiro servindo de travesseiro para seu membro fez com que seu corpo tremesse de desejo.

Trêmulo. Ele. Que nunca havia tremido em sua vida. Nunca havia sofrido o menor estremecimento involuntário.

Voyeurista desavergonhado, ele espionou a incontáveis amantes através dos milênios, observando-os avidamente, estudando seus jogos de cama. Observou a homens enormes, cruéis guerreiros, com corpos cheios de cicatrizes e corações gelados, homens brutalizados pela guerra, a fome e a morte, tremendo como meninos inexperientes ao mero toque de uma mulher.

Nunca o havia entendido. Quis entendê-lo. Agora o entendia.

A pressão de seus quadris contra suas fortes coxas lhe inundou com uma espécie de agressão crua, primitiva. Nunca sentiu um desejo tão imperativo e intenso de se acasalar. Nunca teve tal vício, com tal furor.

E ainda agora, apesar do dolorido que sentia, tinha fome de tocá-la. Detestava até mesmo o ar que separava seus corpos. Precisava senti-la outra vez. Mudando de posição na cadeira, moveu seu joelho entre os dela roçando assim o interior de sua coxa, e não lhe escapou o fato que a perna dela se enrijeceu instantaneamente. Ah, muito melhor. Por um momento ele não pode tirar seu olhar da madura pressão que seus seios redondos exerciam contra o suave tecido de sua camisa. Cristo, não podia esperar para colocar sua boca sobre eles.

Mas não pela força. Podia tentar, atrair e manipular, mas ninguém poderia acusar ao sedutor consumado de recorrer a algo tão banal como a força. Não ele. Era um aspecto de que estava orgulhoso. Aqueles que caíam presa de suas maquinacões caíam com seu consentimento. Quando eles escolhiam tomar o que ele lhes oferecia - e sempre o faziam - qualquer marca negra em suas almas era culpa deles mesmos.

Uma *Sidhe-seer*. Nunca lhe ocorreu sair a procura de uma.

Gabrielle O'Callaghan era um passe livre do tipo mais fino, uma possibilidade que Aoibheal não havia tomado em conta quando enviou o *féth fiada* contra ele, acreditando que fazia longo tempo que todos estavam mortos.

Do mesmo modo que ele havia acreditado.

A última *Sidhe-seer* que ele encontrou já fazia dois mil anos, no século primeiro antes de Cristo, na exuberante vegetação da Irlanda, uma seca e enrugada velha. Não se preocupou em alertar aos Hunters; estava esperando o beijo da morte de qualquer maneira. Ele se sentou e lhe contou contos por um tempo, respondendo a muitas de suas perguntas. Uns poucos anos mais tarde ele voltou, recolhendo a casca frágil e seca de seu corpo entre seus braços, e levado-a a uma praia isolada na Ilha de Morar. Ela morreu olhando para o oceano tão intensamente, a essa brilhante água-marinha que faria chorar a um humano. Havia morrido com o perfume de jasmim e sândalo impregnados em seu nariz, não com o fedor asqueroso de sua choupana. Havia morrido com um sorriso nos lábios.

Mas desta vez – ele havia sido mais abençoado pelo destino - Jovem, forte, desafiante, bela. E por que não? O destino era uma mulher, e as mulheres sempre ajudavam a Adam Black. Tal e como ela o faria uma vez que ele acalmasse suas dúvidas.

Ela havia sido criada para temer e desprezar sua raça e precisaria de uma sedução minuciosa. Em outra época, só o feito de que ele fosse um Fae teria inspirado generosa obediência, mas o mundo havia mudado muito desde então, bem como a natureza das mulheres. Eram mais fortes, bem mais independentes. Já não estavam dispostas a perder suas vidas escondendo-se num bosque, rogando que o nascimento de seu primogênito passasse despercebido, e, um dia ter que ver aos sinistros Caçadores que assassinariam a seus filhos.

Ah, sim, os tempos mudaram, como os Tuatha Dé também mudaram, sendo forçados a mudar quando a rainha Aoibheal aceitou os termos e as muitas limitações do sagrado Pacto em nome de sua raça. A nenhum deles havia sido permitido o derramamento de sangue humano, ou o pacto seria anulado, e qualquer Tuatha Dé que o violasse era condenado ao mais sinistro destino para um de sua classe: Uma morte sem espírito. Ainda que, se a rainha ou qualquer de sua raça, neste caso, escutassem indícios sobre a existência de um *Sidhe-seer*, os Caçadores ainda podiam ser enviados instantaneamente, mas não lhes seria permitido matar a sua presa.

No entanto, Gabrielle O'Callaghan não sabia isso, já que as condições do Pacto eram secretas para todos os mortais exceto para os MacKeltar, um clã das Highlands de uma antiga linhagem que descendia dos primeiros Druidas, e guardiões exclusivos do destino dos seres humanos.

Portanto, quando ele apareceu em sua porta, ela acreditou que estava lutando por sua vida. Adam negou com a cabeça. Nem sequer em seus piores dias, em seus piores séculos, quando havia sido o pior tipo entre os imortais, não governado por nenhum Pacto, ele não havia matado por isso. Brincar rudemente com ela? Certamente. Assassinar-la? Jamais.

*Ka-lyrra*, assim a chamou, não percebendo que tão preciso era. *ka-lyrra* era uma criatura nativa de seu mundo, Danu. De pele peluda e sedosa, extraordinariamente atraente, com olhos enormes, fosforescentes, patas aveludadas e uma mecha na cauda listrada, sua delicada beleza tentava, mas sua mordida era perigosa, até para um Tuatha Dé. Não matava mas causava uma loucura de duração considerável. Poucos eram aqueles capazes de cortejá-la. Poucos eram aqueles que se atreviam a tentá-lo.

Certamente o apelido lhe agradou. Ela era certamente enlouquecedora; era a segunda mulher mortal que ele encontrou que não se transformou num poço de adoradora feminilidade para ele. Inclusive a anciã *sidhe-seer* esteve coqueteando como uma moça com ele. Ao final, ele lhe presenteou um encantamento de beleza e tomou seu último alento com um beijo.

- Então? - disse acidamente ela, trazendo-o de volta de seu sonho. - Que usos?

Adam a estudou. A cólera ganhou a batalha no controle de seus músculos faciais, arqueando seus lábios numa careta delicada, inflando seu nariz. Ainda que a apreensão escureceu seus preciosos olhos. Ele não queria que ela o temesse. O medo interferiria com seus planos para experimentar sexo humano com ela e usá-la como sua intermediária para recobrar sua imortalidade.

- Disse-lhe que não tenho intenção de machucá-la, e assim será. Simplesmente procuro a sua ajuda para um pequeno problema.

Ela o olhou desconfiadamente.

- Precisa da minha ajuda? Como posso auxiliar a um fada possivelmente onipotente?

- Não sou onipotente no momento -. Agora ela começaria a relaxar-se.

- De verdade? Conte-me.

Seus olhos se estreitaram demasiado, um tanto calculadoramente para seu gosto. Relaxada era uma coisa, mas ele não tinha a intenção de estar constantemente em guarda contra esses joelhos traidores.

- Posso não ser onipotente, Gabrielle -, disse-lhe suavemente. - Mas ainda diminuído, sou de longe bem mais poderoso do que você. Certamente, bem mais poderoso do que a maioria dos humanos. Precisa de uma recordação?

Ele se esticou preguiçosamente em sua cadeira, bastante consciente de como ondeava e flexionava seu corpo.

Ela grunhiu, realmente soltou um rosnado baixo em sua garganta dirigido a ele.

- Eu não creio -, disse ele, curvando ligeiramente seus lábios. Pequena e atualmente indefesa como um gatinho, ela mostrava a ferocidade de um leão; seu luxurioso corpo-de-cinco-pés-com-quatro-polegadas combinava perfeitamente com seus seis-pés-de-temperamento. - Escute bem, *Sidhe-seer*.

Gabby escutou enquanto ele falava, entrecerrando os olhos, tomando notas mentais meticulosamente.

O que ele lhe contou prendeu uma chispa de esperança em seu coração. Não era só que ele não fosse onipotente, mas que agora estava preso na forma humana.

*Todo esse corpo tão esplendidamente masculino é humano?* disse com voz velada, uma traidora voz em sua mente.

*Oh, cale-se.* Como era possível que uma versão de quatorze anos de idade de si mesma ainda se escondesse dentro de sua cabeça?

E não só era sua carne e sangue – o que explicava porque ele sangrou e não tinha os típicos olhos de fada - mas que havia sido amaldiçoado pelo triplice poder do *féth fiada*, o qual, disse a ela, fazia impossível para a humanidade perceber-lhe. A ilusão efetuada e a memória afetada, o caos tecido como uma capa ao redor dele. Exceto para ela, descendente de uma antiga linha de *Sidhe-Seer* em quem a magia Fae não trabalhava da forma que se supunha que devia fazê-lo.

Unido ao restante de seus problemas, já não podia atravessar os reinos. Ele estava imerso e preso no reino humano.

Gabby não podia acreditar que ele estivesse dizendo tudo isto a ela. Ele estava revelando, sem reservas, que não representava nenhuma ameaça para ela. Que não podia leva-la à força, não podia oferecê-la aos Caçadores. E que havia sido despojado de sua magia de fadas por completo!

Ainda que tenha se recusado a responder quando ela lhe perguntou qual fora a ofensa pela qual a rainha o castigou, ela não o pressionou. Realmente não lhe importava. O que tinha importância era que, em sua condição atual, ele não representava maior ameaça do que qualquer outro homem humano, aparte que representava um homem extraordinariamente grande e forte.

Ela ia sobreviver. Realmente não ia morrer hoje! Depois de tudo, ele não a poderia matar; ela era tudo o que ele tinha, a única que o podia ver. Ele *precisava* dela.

Ter compreendido isso foi a melhor maneira de acalmar seus nervos. Não tinha que se preocupar com uma morte iminente, tinha que se ocupar de uma batalha iminente, e essas eram duas coisas muito diferentes.

Espera um momento, pensou ela repentinamente, e franziu o cenho quando sua mente caiu na conta de uma incongruência: ele afirmava estar sem poder, mas ainda podia mover-se num piscar de olhos como um fada. Como podia ser isso? Precisava saber com precisão o que enfrentava.

- Creio que disse que Aoibheal o despojou dos seus poderes. Por que pode mover-se ainda como um fada?

Ele encolheu os ombros.



- É o único poder que ela me deixou, a habilidade para voar distâncias curtas.

- Por que o deixaria ela alguma classe de poder? -, pressionou-o, perguntando-se se ele lhe dizia a verdade.

- Suspeito -, contestou ele secamente, - que o fez para que nenhum veículo me atropelasse, enquanto tratava de ajustar-me a minha nova forma. Ela deseja que eu sofra, não que eu morra.

- Mas ela lhe deixou mais algum poder?

Ele negou com a cabeça e lhe dirigiu um olhar de censura.

- Não lhe ocorra se escapar de mim, Gabrielle. Não o permitirei. Não a aconselho -, fez uma pausa, como se escolhesse suas seguintes palavras com cuidado, e sorriu debilmente - impotente... de qualquer maneira.

- E por que quer contar-me a respeito de Circenn Brodie? -, continuou ela, recusando-se a admitir sua velada ameaça. *Acredita que ele está impotente?* Com toda essa testosterona e virilidade brotando por seus poros? Ah. Isso é tão estúpido como acreditar que o deserto do Sahara está no Pólo Norte.

- Porque ele tem o poder de devolver-me ao reino Fae.

- Ele é um fada também?

Ela se pôs rígida instantaneamente. Nada mais de fadas. Não iria se revelar a outra fada, especialmente a uma que possuía todos seus poderes.

- É meio Fae. Mas escolheu residir no mundo mortal.

Mas ainda segue sendo perigoso mesmo que só seja meio humano.

- E depois eu atuo como sua intermediária e ele o leva de regresso ao Mundo das fadas, e depois?

- Então tudo estaria bem, e serei invencível outra vez.

Ela pôs os olhos no alvo.

- Quis dizer, que sucederá comigo? Enquanto você for talvez a coisa mais importante dentro do seu ego pequeno e egoísta, dentro do seu pequeno mundo narcisista, adivinha que *eu* estou no meu mundo.

Seus olhos brilharam intensamente e ele riu. Jogou para trás sua escura cabeça, deixando ver seus brancos dentes, flexionando os músculos de seu forte pescoço, e ela refreou um gemido suave, apreciativo. Seu corpo poderia ser humano, mas estava envolvido com o exótico de um Fae, desde a pele incrivelmente dourada e aveludada, até esses olhos que brilhavam tenuemente com chispas de ouro, que nenhum humano tinha, até a sua intimidante presença sexual. Potente, a essência Fae engarrafada - e não completamente selada - num corpo mortal. E um corpo mortal perfeito falando nisso.

Simplesmente mortal. Um fada pura não poderia tê-la tentado assim. Ela teria que continuar se dizendo que era uma “coisa”. Mas agora que ela sabia que ele era humano sob essa camiseta negra e esses jeans ajustados e descoloridos, ele parecia completamente diferente, inteiramente diferente *Eew!*

Sua coluna vertebral se pôs rígida como o respaldo de sua cadeira. Endireitou-se tão violentamente que quase caiu da cadeira.

Quanto tempo fazia que estava pensando nisso como “ele” em sua mente?

Oh! Queria cuspir, tirar o sabor sujo de sua própria traição fora de sua língua! Não lhe ensinou nada sua avó? Fechou os olhos, afastando isso, reconstruindo-o cuidadosamente em sua mente.

Depois de alguns momentos abriu-os outra vez. Isso ainda não lhe havia contestado.

- Diga -, repetiu ela. - O que acontecerá comigo?

- Qualquer coisa que queira, *ka-lyrra* - murmurou. - Só tem que pedir - Seu olhar percorreu o corpo dela apreciativamente, avidamente, esses olhos escuros prometendo a satisfação de qualquer fantasia que ela pudesse abrigar no mais profundo de seu coração. Ele molhou o lábio inferior com sua língua, mordiscou-o, depois dirigiu a ela o sorriso mais lento e erótico que alguma vez havia visto. - Sussurre em meu ouvido, *Gah-bry-yil*, os seus desejos mais profundos, e eu os concederei.

*Sim, claro*, pensou ela mordazmente (estoicamente recusando-se a considerar, por algum momento, sua oferta de fantasia sexual ilimitada que lhe revolvía o estômago), e ele se esqueceria dela num abrir e fechar de olhos. No momento em que voltasse a ser insensível, onipotente e imortal outra vez.

Mas estava disposta a apostar que *outro* fada não o faria. Se havia sido, verdadeiramente, a mesma Aoibheal quem o castigou, exilando-o do reino Fae, não seria melhor para ela não saber exatamente como Adam Black regressaria ao Mundo das Fadas sem seu consentimento real?

E isso conduziria à formidável rainha para Circenn Brodie (assumindo que Brodie não entregar imediatamente a Gabby) e finalmente a Gabby mesma. E depois os Caçadores cairiam como um pesadelo para levá-la e - ainda que já não matassem mortais, tal como o afirmavam - ela poderia ver o resto de sua vida servindo a um monte de semideuses arrogantes e frios.

Isso não aconteceria.

- E se não o faço? - Perguntou ela rigidamente, preparando-se para o pior.

Arqueou uma sobrancelha.

- E se você não faz o que?

- Que ocorre se não o ajudo?

- Por que não me ajudaria? Se é algo tão pequeno o que eu lhe peço. Simplesmente falar com alguém.

- Oh, por favor. Trairia a mim mesma para ficar sob a misericórdia de um Fae? Como se *isso não fosse* uma contradição. Acreditar que você permitiria que uma *Sidhe-seer* se fosse calmamente e continuasse sua vida em paz? Não sou tão estúpida.

Se inclinou para frente, com os cotovelos sobre seus joelhos, toda a diversão desaparecendo de seu rosto, deixando seu cinzelado rosto absolutamente magnífico, digno.



- Dou-lhe minha palavra, Gabrielle O'Callaghan -, disse suavemente. - de que a protegerei.

- É lógico. A palavra do fada mais negro, o mentiroso lendário, o enganador genial -, caçoou ela. Como se atrevia a oferecer sua palavra como se realmente pudesse significar algo?

Um músculo saltou em sua mandíbula.

- Isso não é tudo o que eu fui, Gabrielle. Fui, e sou, muitas outras coisas.

- Oh, está claro, sou tão tonta que omiti a parte de consumado sedutor e destruidor de inocentes.

Os olhos de Adam se estreitaram.

- Não destruí a sua. Ainda posso senti-la em você. E ainda poderia com pouco esforço, pois sou duas vezes o seu tamanho.

Oh! Seguramente não podia saber que ela era virgem, ou sim? Um mero tecnicismo, isso sim. Enrubescendo-se, ela pigarreou.

- E que garantia tenho de que não o fará?

Um sorriso perigoso deu início a um brilho igualmente perigoso em seus olhos.

- Nenhuma. De fato. Eu lhe garanto que o farei. Mas lhe prometerei isto: quando o fizer, será porque você me pediu. Parada na minha frente. Pedindo-me que faça amor com você.

Suas palavras se despedaçaram contra ela como uma parede de tijolo, deixando-a quase sem respiração, e também seu significado. Fazendo da intimidação masculina uma fina arte. Ela inspirou agudamente, disposta a recobrar-se rapidamente, para negá-lo, fazer questão de que isso seria um dia frio no inferno, mas ele se levantou de sua cadeira, elevando-se acima dela.

- Suficiente. Tem a intenção de me ajudar ou não, Gabrielle?

Gabby engoliu a saliva, repassando frenética e rapidamente suas escassas opções. Tudo a condenava, se ela lhe ajudava, sabia que terminaria sendo tomada pelos Fae. Não havia maneira de que eles a deixassem sair livremente. Nenhuma maneira. Não passaram milhares de anos caçando e destruindo aos *Sidhe-Seers*, só para deixar a um ir-se agora. Especialmente a um bastante jovem como ela para gerar uma futura linhagem de *Sidhe-Seers*.

E o que ocorreria se eles resolvessem levar a sua mãe também? Se se recusassem a acreditar que Jilly realmente não possuía a visão que legou a sua filha? Felizmente casada pela segunda vez, com três enteados, sua mãe nunca a perdoaria! Não era que tivessem a melhor relação, mas ela não desejava fazer as coisas ainda piores.

E o que sucederia se, descobrindo que ela os enganou - que se equivocaram ao pensar que haviam eliminado ao último dos *Sidhe-Seers*, os Fae comessem a caçá-las outra vez seriamente. Gabby não tinha dúvida de que em alguma parte do mundo havia outros como ela, escondendo-se, conservando suas cabeças ocultas, tratando de levar vidas normais. Tinha anotações nos livros dos Fae que faziam uma vaga alusão a outras linhagens igualmente malditas, afirmando que uma vez eles haviam sido muitos. Gabby não era tão tonta para pensar que só as mulheres O'Callaghan haviam aprendido como sobreviver. O que passaria se sua traição provocasse a perseguição de todos novamente? Se cada um dos outros *Sidhe-Seers* fossem procurados e capturados por sua culpa, ela não suportaria a responsabilidade de um destino tão sombrio.

Que embrulhada havia feito de todas as coisas!

*Eu lhe dei minha palavra, disse, a protegerei.* Mas Gabby não havia sido criada por Walt Disney, desde seu nascimento, se alimentou dos contos de fadas do tipo mais sombrio. Era incapaz de confiar nele. E ainda se, por alguma rara casualidade fosse realmente verdadeiro o que ele disse, então ele não a poderia defender contra a rainha. Aoibheal mantinha o trono acima de todas as quatro Casas da realeza Fae, e exercia o poder máximo de tudo. Se Aoibheal a quisesse, então Aoibheal a teria. E ponto final.

Não tinha alternativas senão brigar e resistir-se até o amargo final.

Estava tão cheia de fúria, que não lhe importava que coisa feia lhe faria uma vez que se negasse, inclinou a cabeça para trás, e mais para trás, para encontrar seu imperioso olhar.

- Não. Não vou lhe ajudar -. Fez uma inspiração pouco profunda e lhe sustentou o olhar ansiosamente.

Ele a olhou por um momento interminável, com um olhar inescrutável, sem dizer nada, sem fazer nada.

E ela esperou, os nervos tensos como pequenas cordas sendo cruelmente puxadas por um titereiro<sup>♥</sup> até o ponto de ruptura.

Se preparou psicologicamente para ser golpeada. Esperava ser machucada, que tentasse obrigá-la com violência física; talvez levá-la quase até a morte, e rezou para ser suficientemente forte para resistir. Ele era um fada depois de tudo. Não tinha consciência, nem alma. Ela esperava que ele fizesse o que fosse que tivesse que fazer para obter o que queria.

Ela esperou qualquer coisa exceto o que fez.

Inclinou sua cabeça.

E se inclinou a seus pés.

Alçando seus poderosos braços ao redor dela, seus braceletes de ouro frios contra sua pele, seu cabelo sedoso roçando sua face, seu perfume aromatizado com especiarias envolvendo-a.

E liberou suas mãos.

Quando ela se sentou, demasiado confusa e temerosa para mover-se, ele deu um passo para atrás e se elevou em toda sua altura, um débil sorriso brincando em seus firmes e sensuais lábios.

E desapareceu.

---

<sup>♥</sup> Pessoa que mexe com os cordões dos bonecos de corda, marionetes.

## Capítulo 7

Gabby foi trabalhar.

Agitada pela falta de sono e por estar com os nervos a flor da pele, reanimada por um chuveiro frio, dois cafés expresso duplos da Starbucks, e uma necessidade de normalidade, qualquer normalidade.

Talvez sua vida se despedaçasse a seu redor, mas fingiria que nada estava acontecendo.

Ademais, apesar de seu esgotamento, sabia que nunca seria capaz de dormir. Estava muito tensa, muito temerosa do que ele iria fazer, já que não havia dúvida de que faria *algo*. Se ela tivesse permanecido em casa, sozinha, teria ficado louca, sua imaginação hiperativa conjurando interminavelmente horríveis destinos para si mesma.

A princípio, quando *isso* desapareceu, considerou recorrer a seu primeiro plano: entrar em seu carro e correr enquanto pudesse fazê-lo. Mas de alguma maneira ela sabia, no mais profundo de seu ser, que com essa fuga não ia conseguir nada. Não estava convencida que sua afirmação de que *isso* não tinha nenhum outro poder Fae senão a capacidade de mover-se rapidamente. Certamente não era bastante tonta para pensar que, considerando que ela era a única que podia vê-lo, *isso* realmente havia ido embora e tinha a intenção de deixá-la em paz.

Não, *isso* nunca teria partido se não tivesse absolutamente seguro de sua capacidade de encontrá-la outra vez. O que significava que fugir seria uma perda de tempo e energia, que era melhor conservar-se para a batalha que se aproximava. Ademais, raciocinou, se fosse preciso levantar-se e lutar, estaria melhor preparada para fazê-lo em terreno conhecido. Aqui ao menos, eles estavam em seu mundo, e ela conhecia muito bem seu lugar.

*Por que isso não a magoou?* Por que não usou sua força enormemente superior para intimidá-la, para dobrar a sua vontade? Seria tão fácil. Ela estava bloqueada por sua reação, ou melhor dizendo, por sua não-reação. *Isso* poderia ter-lhe feito qualquer coisa que quisesse, enquanto ela ficou sentada ali impotente, mas o máximo que fez foi pronunciar a mais suave das ameaças infames.

Havia desaparecido. Simplesmente desapareceu. E estava sorrindo. E a deixou muito, muito inquieta. Como se tivesse planejado algo muito pior do que o uso da mera força.

*Que poderia ser pior do que a força?*

Como esperando que outro sapato caísse, não sabendo quando ou onde aconteceria.

- O'Callaghan, onde diabos estão os relatórios de Brighton? -, seu chefe, sócio majoritário Jeff Staller, exigiu, surgindo sobre sua diminuta escrivaninha no interior de seu cubículo repleto de arquivos e livros de leis, espalhando uma montanha de relatórios legais que simplesmente não estavam empilhados em ordem. - Supunha-se que este caso devia estar arquivado desde a semana passada. Agora nunca vamos conseguir uma data de audiência para setembro.

Gabby levantou a cabeça. Sobressaltada, quase derramou seu quarto café expresso do dia. Com olhos turvos, deu uma olhada no relógio. Já eram duas e trinta.

- O terei para você as quatro -, prometeu.

- Se supunha que você o teria para mim para as quatro de ontem, mas não se preocupou em voltar a trabalhar depois do almoço. Por que?

Ela manteve seus olhos concentrados no relógio, pouco disposta a encontrar seu olhar, consciente de que não era a mentirosa mais convincente.

- Eu... uh, estive doente. Realmente doente. Comi sushi no almoço.

- Você disse que ia ao Skyline comer chilis.

Maldito fosse o homem por ter uma mente como uma armadilha de aço. Não tinha nada melhor que fazer do que recordar onde ela havia dito que ia comer? Ela murmurou algo sobre o Skyline quando o viu pelo caminho, não desejando que ele estivesse ao redor dela questionando-a. E ele sabia que ela trabalhava dez vezes mais duro nos casos. Ao que parece a firma acreditava que os estudantes estavam ali de favor, já que eram completamente brutais com a carga de trabalho.

- Mudei de opinião no último momento -, disse ela com pouca sinceridade. - Sinto não ter telefonado, mas estava tão doente que me custava mover. Você sabe como é a intoxicação alimentícia -. Forçou-se a levantar a cara e encontrar seu olhar e sua sobrancelha franzida, sabendo que parecia doente pela falta de sono e a tensão, e que os círculos escuros sob seus olhos reforçariam sua mentira.

- *Eu sou mentiroso e falso?* -. Uma voz profunda e exoticamente acentuada ronronou por trás dela. - Suponho que temos algo em comum, irlandesa.

Sua cabeça girou ao redor. Ali estava, o outro sapato se caía. Tombado insolentemente no gabinete de arquivos por trás dela estava Adam Black, toda graça e despreocupação fantástica. Havia tirado os atraentes jeans descoloridos. Calças de couro negro confortáveis e uma camisa de seda negra, complementada por braceletes e um colar de ouro. Umas botas que pareciam muito caras, muito, notou, brevemente distraída em perguntar onde e como havia conseguido sua roupa. Provavelmente só roubava o que queria, encoberto pelo *féth fiada*, pensou ela depreciativamente. Calculista. Ladrão.

De todos os modos, era impossível não notar que ele, *isso*, vestia-se como um habitante do Velho Mundo elegante e simplesmente "matador". *Cuidado Gabby, poderia ser profético.*

- Não temos *nada* em comum -, sibillou ela.

- O que? -, disse Jeff inexpressivamente. - O'Callaghan, que está falando?

Gabby estremeceu, voltando-se para seu chefe. Ele franzia o cenho, seu olhar passeando entre ela e o arquivo. Limpou a garganta.

- Você e eu, quis dizer -, falou rápido. - O que quis dizer era que você provavelmente não teria adoecido, mas meu sistema digestivo é realmente sensível, sempre foi. A coisa mais insignificante o descompõe. Especialmente o peixe cru que não foi corretamente preparado, e eu deveria ter feito algo melhor do que confiar no sushi de um vendedor de rua, mas tinha fome, e me pareceu bom, e, escute, realmente sinto muito, mas juro que estará em sua escrivaninha as quatro -. *Respira agora, Gabby*. Respirou e pôs o sorriso mais brilhante que pôde reunir, que na realidade, sentiu mais como uma careta, já que saiu bastante torcida também.

Com cara de pedra, pouco impressionado por sua explicação ou pela forma em que ela conseguiu esboçar um sorriso, ele grunhiu.

- Muito tarde. Devo estar no tribunal em dez minutos e não estarei de volta a tempo para registrá-lo. O melhor será que esteja em minha escrivaninha pela manhã. E o caso Desny. E as declarações Elliot. Consegui-as?

- Sim -, disse Gabby, apertando os dentes.

Quando ele se afastou, ela lançou um olhar furioso sobre seu ombro para o fada pousado sobre os arquivos. Este lhe deu uma piscada e lhe dirigiu um atrativo e preguiçoso sorriso.

- E, O'Callaghan... -. A cabeça de Gabby se balançou para atrás.

- Enquanto estiver nisso, vejamos que tipo de precedentes do caso pode estabelecer para o caso Rollins. Sobre minha escrivaninha na segunda-feira de manhã.

Só quando ele desapareceu de seu escritório, Gabby se permitiu encurvar os ombros e sua cabeça caiu sobre sua escrivaninha com um ruído surdo e suave.

- Por que faz isto, irlandesa? -, chegou o aveludado ronroneio atrás dela. - Faz um dia glorioso lá fora. O sol brilha. O mundo é uma grande aventura que roga para ser levada em conta. E mesmo assim você fica aí nesta pequena caixa e recebe ordens. Por que?

Ela não se preocupou em levantar a cabeça. Estava muito cansada para ter medo. O medo requeria energia, e ela havia esgotado, fazia horas, as suas reservas.

- Porque tenho que pagar as contas. Porque nem todos nós conseguimos ser todo-poderosos. Porque esta é a vida.

- Isto não é vida. Isto é o inferno.

Gabby levantou sua cabeça e abriu sua boca para discutir isso, depois deu uma boa olhada ao redor. Era quinta-feira. Lhe tomaria o resto do dia terminar a arbitragem de Brighton. Tinha toda a parte da manhã para cobrir as contenções de Desny e Elliot. E desenterrar os precedentes do caso para o juízo de Rollins? Bem, ela teria que levar uma cama para o escritório no fim de semana. Sim, pensou tristemente, a vida era um inferno.

- Que faz aqui? -, perguntou ela cansadamente. - Veio me torturar? Intimidar-me para obrigar-me? Só faça-o, de acordo? Mate-me. Livre-me da minha miséria. Ou não faça nada. Tenho trabalho que fazer -. Massageou as bolsas sob seus olhos com um suspiro, recusando-se a olhá-lo.

- A brutalidade é o refúgio da mente torpe, *ka-lyrra*. Só um tonto conquista quando poderia seduzir.

- Maravilhoso. Um fada que lê Voltaire -, resmungou ela. - Vá embora.

- Um fada que conheceu a Voltaire -, corrigiu suavemente. - E talvez não entende, Gabrielle? Agora sou uma parte permanente em sua vida. Faremos tudo juntos. *Nunca* irei embora.

*Outro dia sobre a escada, vi a um homem que não estava ali. Ele não estava ali outra vez hoje; como desejo que ele vá embora!*

A absurda rima dava voltas loucamente em seu cérebro, era uma que ela aprendeu com a avó quando era pequena. Nunca havia pensado que um dia o viveria. Apanhada nisso. Obrigada a coexistir com um ser que ninguém mais podia ver senão ela.

Mas o fazia. E temia que a metade de seus colegas de trabalho pensassem que estava perturbada. Apesar de seus esforços para ignorar a Adam Black, em muitas ocasiões o fada havia provocado uma resposta dela, e ela percebia os olhares divertidos que os outros colegas estavam lhe lançando.

Meia-noite. Estava na cama totalmente vestida, os cobertores ajustados sob seu queixo, apertados nos pequenos punhos fechados. Com medo de dormir, pelo medo de acordar e encontrá-lo na cama com ela. Ou pior, não acordar a tempo. Ao menos desta maneira ela imaginava que teria que a despir antes que ele lhe lançasse aqueles olhares acalorados e eróticos que estivera dando-lhe o dia todo, e seguramente que ela se daria conta antes que ele chegasse muito longe.

Isso a perseguiu toda a tarde. Olhando tudo o que ela havia feito. (Bem, quase tudo. Ele havia sido bastante cortês para ficar fora do banheiro quando ela deu a volta mostrando-lhe seus dentes antes de fechar inesperadamente a porta em sua cara.) Havia brincado, a havia provocado, roçando seu grande e duro corpo contra alguma parte do dela em cada oportunidade, e em geral divertiu-se parecendo o épico fada excitado que presumia ser, obscuro e pecadoramente excitante. Ela ficou no escritório muito depois que todos os demais foram para casa, até as nove, tratando de terminar seu número de casos, tão cansada e distraída que tudo lhe tomava dez vezes mais tempo do que deveria ser.

E poderia ter ficado até mais tarde se Adam Black não tivesse desaparecido, só para reaparecer com um suntuoso jantar roubado de todos os lugares entre Jean-Robert e Pigall. Por suposto tinha um gosto extraordinário para as comidas. E por que não, quando podia roubar tudo o que quisesse? Lhe agradaria ter o *féth fiada* ela mesma, ainda que durante umas horas para furtar lojas sem ter que enfrentar uma detenção no Saks da Quinta Avenida, ou talvez para perambular pela Tiffany's.

Em silêncio, o Fae alto, musculoso e vestido de couro estendeu uma toalha de mesa roubada em sua escrivaninha, temperando seu salmão assado com um molho de cheiro celestial, um prato de batatas com sabor de queijo derretido, ao lado

de verduras assadas, pão crocante com manteiga e mel, e não menos que três sobremesas. Enfeitado, com uma única e aveludada flor num vaso alto e brilhante, e verteu vinho numa delicada taça de cristal.

- Coma, Gabrielle -, disse suavemente, movendo-se até estar de pé por trás dela, descansando brevemente suas mãos em seus ombros. Então uma grande mão se deslizou acalentando sua cabeça, enquanto a outra começou a massagear suavemente seu pescoço. Durante um traiçoeiro momento, ela se entregou à magia daquelas mãos.

Fazendo um gesto ameaçante com seus lábios, jogou para trás sua cabeça para fustigá-lo verbalmente, dizer-lhe exatamente onde poderia meter as coisas que havia roubado, mas desapareceu outra vez. Ela não o havia visto desde então.

Sabia agora o que planejava fazer, e isso era mais cruel do que a força. Ia estar em sua vida a cada dia, deixando-a louca, provocando-a, esgotando-a. Isso ia ser, não cruel e brutal, mas gentil e zombador e sedutor, quase como se de alguma maneira *soubesse* de sua secreta obsessão com os Fae. E quando ela estivesse num estado debilitado, dirigiria sua sedução para ela, esperando derrubá-la como seu objetivo.

Não, não usaria a força; deveria tê-lo esperado. Não havia deixado claro o *Livro do Sin Siriche Du* que a coisa vivia para seduzir e manipular? Ela supunha que a força bruta era uma coisa que aborreceria a um fada imortal e todo-poderoso nuns poucos séculos. Quase podia ouvi-lo dizer. *Demasiado fácil, onde está a diversão nisso?*

Podia entender a força: lutaria, teria raiva, talvez até morreria resistindo. A força abasteceria de combustível seu ódio para isso e a faria mais obstinada.

Mas a sedução daquele fada escura e atraente?

Estava metida num mundo de problemas, e o sabia.

O triste era que não teve que ir muito longe para encontrar uma debilidade que explorar. A ela lhe agradavam as coisas agradáveis. Raramente era capaz de obtê-las, pois com seus pobres rendimentos mal cobria seus gastos de manutenção mais essenciais e a matrícula. Quando muito, era apenas uma novata no referente à boa comida, as flores bonitas, e o vinho caro, tal e como qualquer outra moça. Ainda que xingasse a si mesma o tempo todo, comeu a fabulosa comida depois que Adam Black foi embora, sabendo que nunca seria capaz de permitir-se ao luxo de ir ao Jean-Robert e Pigall sozinha. Depois que terminou com a última e suculenta mordida da torta de trufa de chocolate-macadamia banhada em creme, estava tão desagradada consigo mesma que o deixou e o embalou para a noite.

E ela tinha a terrível suspeita de que este era só o começo de sua rendição.

*O mundo é uma enorme aventura que roga para ser levada em conta*, disse-lhe quando se sentou em seu cubículo cinza rodeado por montes de outros cubículos cinzas num edifício de escritório cinza, pressionando papel, ou melhor dizendo, sendo pressionada pelo papel que diariamente roubava mais e mais de sua vida; raramente via o sol porque este ainda não havia saído quando entrava para trabalhar e com frequência se havia posto quando chegava em casa.

*Uma aventura enorme...* O sentiu alguma vez dessa maneira, excitada por todas as possibilidades que a vida podia oferecer?

Não. Sempre se sentia obrigada, levada a ser responsável. Conseguir as melhores notas. Ter uma carreira respeitável. Sobressair na dita carreira. Ser amável com os meninos pequenos e com os velhos e com os animais. Fazer tudo corretamente. *Você não tem que demonstrar nada, Gabby*, a avó a repreendeu fazia anos. *você é perfeita da maneira como é.*

Bem. Foi por isso que sua mãe havia ido embora. Porque ela era tão perfeita. Se ela tivesse sido mais perfeita a avó poderia ter ido embora também.

Com um rosnado de exasperação. Gabby golpeou seu travesseiro e deu a volta. O suor escorrendo, o sutiã fincando-se na pele, e a camisa irritando-a. Uma meia molestamente meio dentro meio fora, uma sensação asquerosamente debilitante. Nunca havia dormido com roupa e, apesar das janelas abertas e o rítmico movimento do ventilador do teto, seu dormitório estava quente. O suor gotejava para baixo entre seus seios e seu cabelo úmido se aderiu a seu pescoço.

- Vou matá-lo, Adam Black -, resmungou ela cansadamente, fechando os olhos.

Então os abriu outra vez, amplamente, eletrizada pelo pensamento.

Isso estava em forma mortal.

Vaca santa.

Isso *podia* ser assassinado.

E não solucionaria isso todos os seus problemas?

- Só quero a quatro de vocês -, disse Darroc, mal ocultando seu desagrado. Ele não sabia por que alguma vez se preocupou por escondê-lo; os Caçadores Unseelie eram por demais barbáricos, muito brutais, para preocupar-se.

- Uma vintena de nós o encontrará mais rapidamente, Darroc -, disse Bastion. O mais velho e poderoso dos Caçadores, moveu suas rústicas asas, dando uma olhada avidamente ao redor dos exuberantes campos.

Darroc olhou as fossas nasais de Bastion que procuravam o cheiro do reino humano. Ele decidiu liberar ao Caçador de sua prisão gelada - esse horrendo e infernal reino Fae ao qual os Unseelie haviam sido condenados - e trazê-lo à Colina de Tara para recordar-lhe o que todos os Unseelie haviam perdido. Também para assegurar-se de que o Rei dos Unseelie, que algumas vezes apoiava a Aoibheal e em outros tempos não o fez (e ninguém podia predizer alguma vez quando o faria, nem sequer ela) não o surpreendesse. Ainda que o Rei da Escuridão rara vez emergia de sua escura fortaleza na mais desoladora extensão dentro de seu reino de gelo e sombras, Darroc não tinha nenhum desejo de dar a conhecer a notícia da formidável.... Criatura.

- A pressa não é o importante, mas a cautela. Uma vintena de vocês no reino dos humanos é muito arriscado, e nossos planos poderiam nunca não se realizar. Procura-o para poder vagar pela terra livremente outra vez, Caçador, tal como o fazia antes do Pacto.

- Sabe que o faço -, rosou Bastion.

- Faça-o como digo e poderá acontecer. Desobedeça-me e nunca passará.

- Os Caçadores não obedecem a ninguém -. As asas escuras sussurraram furiosamente.

- Todos nós obedecemos, Bastion, e o fazemos desde que o Pacto foi selado -, disse Darroc, esforçando-se por ter paciência. O Unseelie tentava sua paciência como se estivesse na melhor das épocas, que não era esta. Eram tempos perigosos, e ele não precisava do perigo representado por alguns Caçadores malandros que se negavam a obedecer suas ordens. - Uma coisa estou tratando de mudar. Seguirão minhas ordens, ou assumo que vocês estão satisfeitos em seu reino? Aprisionados. Presos num estábulo como humildes bestas.

Com os lábios franzidos, Bastion assentiu com a cabeça uma vez, fortemente.

- Muito bem. Quatro de nós, não mais. Tem alguma idéia de onde está?

- Ainda não. Aoibheal proibiu mencionar seu nome na corte, desde então meus espiões não foram capazes de dizer-me nada. Vá primeiro à Escócia, às Highlands. Ele uma vez gerou a um filho ali -. Lamentavelmente, Darroc sabia pouco mais do que isso. Não tinha idéia se o menino havia sobrevivido até a maturidade. Como Tuatha Dé, Adam poderiam contar com amigos que nunca haviam sido amigos de Darroc, e Aoibheal seguia seu próprio conselho no referente a quando o príncipe que ela esteve tão acostumada a agradar, estava comprometido. Se não fosse por Mael, ele não saberia nada do destino de Adam. Ele - um maldito Antigo de seu Alto Conselho - mantido na ignorância. Mesmo assim, muitos de sua raça não haviam sido vistos durante vários meses mortais, coincidindo com um curto tempo depois do desterro de Adam ao reino humano. Não tinha dúvida de que ele logo encontraria a um de seus colegas que saberiam exatamente onde estava Adam, se os Caçadores não o encontrassem antes.

- E quando o encontrarmos?

Darroc sorriu. Ele poderia sentir a inquietude do Caçador, sua fome por regressar aos velhos tempos e a seus velhos métodos. Refletia-o em si mesmo. Sentia-se tão preso na Ilha Fae de Morar como faziam os Caçadores em seu reino-prisão.

- Pode matá-lo, mas -, ele colocou uma mão poderosa sobre o braço de Bastion - deve fazer parecer um acidente. Como se morresse por causas mortais. Eliminar Adam Black é só o primeiro passo em meu plano, e as suspeitas da rainha não devem ser levantadas ainda. Isso significa que não deve ter nenhum sinal de algo remotamente Fae em nenhum lugar próximo a seu corpo. O humano se matou sozinho. Entendeu?

- Sim.

- Pode explicar aos outros três e obedecer você?

- Escolherei bem -. Disse Bastion movendo-se com impaciência.

- Então, nomeia aos seus três, e traga-os aqui -, disse Darroc.

Os olhos flamejantes de Bastion brilharam quando chamou aos seus Caçadores.

## Capítulo 8

Gabby acordou pouco antes do amanhecer. Durante um glorioso momento seu corpo esteve desperto, mas sua mente ainda estava beatificamente isolada pelos sonhos, e pensou que este seria um dia como qualquer outro. Normal, calmo, cheio de assuntos triviais e preocupações manejáveis.

Então, *zás-bam!* as recordações a golpearam fortemente: havia arruinado a entrevista de trabalho, traiu a si mesma frente a um fada, tinha todo o trabalho de uma semana para fazer hoje, e sua vida era um inferno.

Gemendo, deu a volta, tratando desesperadamente de cair no sono novamente e assim não ter que enfrentar a tudo isso ainda.

Nada mais.

Adam Black estava no chuveiro.

Podia ouvi-lo, er “a isso” salpicando água.

A uma dúzia de passos do corredor de seu dormitório. Um alto, escuro, sexy, e *nu* fada. Aqui mesmo em sua casa. Em seu chuveiro. Usando seu sabonete e suas toalhas.

E cantava. Sua erótica voz, também, com aquele estranho e rouco sotaque celta. Nada menos que uma velha canção de Sophie B. Hawkins: *Condene-me se desejo ser seu amante, eu lhe tomaria antes que a luz do dia viesse...*

*Aposto que o faria*, uma voz adolescente suspirou sonhando dentro de sua mente.

- Preciso de uma arma -, sussurrou Gabby.

- Preciso de um arma -, disse Gabby a Jay quando entrou em seu cubículo.

Colocando sua xícara de café sobre sua escrivaninha, meteu sua bolsa numa gaveta, sentou-se na cadeira, alisou sua saia sobre seus quadris, depois girou sobre ela, de cara com o corredor.

- Onde uma pessoa compra uma arma, Jay?

Jay Landry, um colega interno e habitante do cubículo em diagonal com o dela, lentamente fez girar sua cadeira e a percorreu com o olhar inquisitivamente.



- Gabby, se sente bem? Jeff disse que estava doente. Está segura de que se sente melhor? Tem estado muito estranha.

- Estou bem -, disse, com as pernas cruzadas e um pé golpeando energicamente o ar. - Só me perguntava onde uma pessoa poderia comprar uma arma.

- Para quê? -, não fez rodeios.

- Não me sinto segura vivendo onde vivo -, mentiu francamente. Não era como se pudesse ser apanhada e processada pelo crime que planejava cometer, tranqüilizou-se. Para cometer um assassinato, tinha que ter não só uma arma mas também um corpo. E já que ninguém mais do que ela podia ver o corpo, *voilà*, nenhum delito. E depois era absolutamente em defesa própria.

- Faça um curso de karatê.

Estreitou os olhos.

- E que faço durante os anos em que demorarei antes de conseguir ser remotamente competente nisso?

Ele encolheu os ombros.

- Peça para que seu noivo se instale na sua casa.

- Já não tenho mais noivo -, disse mal-humoradamente.

Ele não a olhou surpreso.

- Provavelmente porque trabalha muito, Gabby. Aposto que ele se fartou de que estivesse casada com seu trabalho. Eu ficaria. Sabe? - ele deu uma olhada ao redor e com cautela baixou a voz - Jeff não a pressionaria tanto se não soubesse que você daria conta. Ele sabe que passa o fim de semana pesquisando no caso Rollins. Sabe que fará tudo para superar-se. E o que ele planeja fazer este fim de semana, já se perguntou? Pois lhe direi. Ouvi-o por acaso fazendo planos esta manhã para reunir-se com alguns colegas e passar o fim de semana jogando golfe em Hilton Head. Tomará sol, beberá cerveja. Enquanto você se senta aqui em seu...

- Chega -, Gabby se enfadou, seu temperamento estourando. Parte por parte: um fada covarde fora de seu caminho, então se ocuparia de Jeff Staller e seus pequenos e enganosos planos de golfe. - Isto não se trata de mim, ou de meu ex-noivo, ou nosso chefe. É só onde posso conseguir uma arma.

- Me assusta. E não lhe direi -. Jay deu a volta, o nariz colado em sua tela de computador.

- Oh, por todos os céus, simplesmente olharei no guia telefônico se não me ajudar.

- Bom. Assim não posso estar implicado de nenhum modo como cúmplice.

Os estudantes de leis podiam ser uns malditos bastardos quando se tratava de questões de possíveis responsabilidades penais, pensou Gabby, suspirando, quando deu a volta para sua escrivaninha.

E apertou os dentes. Adam Black estava esparramado em cima da escada, à metade da parede de seu cubículo, vestido com calças de couro outra vez - de um profundo marrom e de aspecto suave, e seu olhar se prendeu fixamente neles por um momento - camiseta branca apertada ao longo de seu maciço peito, e outro par de ostentosas botas de camurça cinza. Sustentava as páginas amarelas numa mão. Seu cabelo negro se derramava numa brilhante e sedosa cascata até sua cintura, com uma trança que se balançava em suas têmporas. Simplesmente olhá-lo lhe deixou com a boca seca, as palmas suadas. De fato cada hormônio de seu corpo saltava estremecido, prazerosamente concentrados.

- É guerra entre nós, então, *ka-lyrra*? -, disse ele suavemente.

Arrebatando a guia telefônico de sua mão, ela sibilou.

- É sim. Foi desde o momento em que invadiu a minha vida.

- O quê? -, disse Jay atrás dela.

- Nada -, disse por sobre seu ombro.

- Não tem porque sê-lo, irlandesa. As coisas poderiam ir bem entre nós -. Com a mão ainda estendida, ele capturou uma mecha sedosa de seu cabelo, deslizando-a entre seus dedos. Seus olhos se estreitaram, escurecendo-se de desejo. - Me agrada o seu cabelo solto. Deveria deixá-lo assim com mais frequência. Mechas sedosas para que um homem possa enterrar suas mãos nelas -. Ele fez um suave e profundo ronroneio em sua garganta que foi tão erótico que seus mamilos se elevaram. Descendo de seu cabide na metade da parede, recostou-se na beirada da escrivaninha, em frente a ela, as pernas estendidas em ambos os lados de sua cadeira. Isto fez que seus olhos ficassem à altura de sua virilha, uma pesada protuberância dentro do couro que simplesmente não podia ser desaproveitada.

Afastando com força o olhar de sua cara, sibilou.

- Você não é um homem, é *uma coisa*.

Oh, *a quem* estava tratando de convencer?

Não era humanamente possível para uma mulher olhar a Adam Blach e chamar-lhe “isso”. Desgastava-se, tentando-o. Desviava sua atenção de questões mais importantes, como imaginar a forma de livrar-se dele. *Deixe-o, O'Callagahn*, disse-se, exasperada. *Isto mal vale o esforço, considerando as vezes que falha. Dedicar o esforço a causas melhores. Causas nas quais poderia ter sucesso.*

- E só se deve -, continuou friamente, não perdendo uma oportunidade para arejar e respaldar suas queixas; havia sido uma manhã tão horrível. - a que estava se apropriando de meu banheiro na parte de cima, e não podia pegar meu secador ou qualquer de meus prendedores de cabelo. Não podia pegar nem minha escova de dentes. E me deixou sem água quente -. Tomou uma ducha no banheiro de baixo (depressa e com a porta fechada a chave, como se isso fosse a maior barreira contra um ser que podia “mudar de lugar” de todos os modos, isso lhe deu uma ilusão de segurança, e Gabby estava disposta a conformar-se com a ilusão, já que sua realidade era tão deprimente) o água ocasionou arrepios por toda sua pele ao entrar em

contato com ela. Então pôs as meias e uma roupa, de má vontade pulou o café da manhã, e saiu em disparada, determinada a evitar-lhe o maior tempo possível.

- Gabby? -, a voz de Jay, soando preocupada de verdade.

Sem olhar para trás, Gabby replicou.

- Estou ao telefone, Jay. Coloquei os meus fones.

- Oh, sinto muito -. O alívio era evidente em sua voz.

- Realmente, irlandesa, juro que mente mais do que - e quase tão perfeitamente como - eu. E, tramando um assassinato? Me dê um momento, me faz perguntar com que classe de infame humano me envolvi.

Mas não conseguiu dizer nada do que tinha em mente, já que o fada infernal havia desaparecido outra vez.

Encrespando-se, jogou a um lado as Páginas Amarelas (não havia motivo de comprar um arma agora que ele estava prevenido; além do que, duvidava que teria estômago para apontar uma arma a algo que parecia tão humano e disparar-lhe, sem mencionar a necessidade de desfazer-se do corpo. Ainda que ninguém mais pudesse vê-lo, não poderia deixar um corpo atirado em sua casa ou no escritório ...ew). Pegou o caso Desny. Podia conseguir terminar tanto trabalho quanto fosse possível, porque sabia que Adam Black voltaria.

Deve ser agradável, enfureceu-se, ser capaz de “desaparecer” sempre que não tivesse vontade de continuar uma conversa. Conhecia a muitos homens que dariam seu braço direito por aquele talento único.

Voltando ao seu computador, mentalmente arquivou o assassinato como uma opção de último recurso. Se as coisas se tornassem realmente ruins, obrigaria a si mesma a possuir estômago para fazer o que tinha que fazer. (Que não considerasse as coisas - realmente más - deveria de ativar alguns alarmes, mas sua mente tinha outras preocupações).

- Oooh, como se atreve a fingir que *eu sou* a....

Abrindo o arquivo, dispôs-se a refrescar o caso. E se congelou, piscando ao ver as argumentações totalmente prontas. Havia terminado ontem à noite e estava tão cansada que havia se esquecido?

De modo algum. Não era tão boa quando estava cansada. Olhou detidamente. Não era sua letra. Tinha uma caligrafia terrível, e esta era uma escritura formosa, notável, ousada, fluída.

Arrogante, realmente, se a caligrafia podia ser chamada assim. Nada indecisa esta letra, segura de si mesma. Franzindo o cenho, começou a ler.

Uns minutos mais tarde, ainda lia, murmurando:

- Não posso *acreditar* nisto - contendo o fôlego.

Ao que parecia, ele imaginava o momento em que ela realmente queria vê-lo, para deixá-la só. Mantinha-se afastado a maior parte do dia. A fazia perguntar-se que vil ação se trazia entre as mãos. O escritório estava vazio outra vez quando ele apareceu ao redor das sete e meia, trás dela, tão perto que estava praticamente em cima dela, levando bolsas de - *oh, Deus, não* - ela fechou brevemente seus olhos -, *por favor não*.

O Maisonette. Restaurante de cinco estrelas, nada menos.

Mas Gabby se preparou desta vez. Comeu caramelos ao longo de todo o dia (nenhuma dificuldade), só para assegurar-se de que não estaria faminta e tentada por algo que ele pudesse oferecer-lhe.

De todos os modos, o Maisonette? *Grrr*. Sacudiu bruscamente a cabeça e recusou-se inclusive a olhar dentro das sacolas, recusou a perguntar que deliciosas delicadezas roubadas haviam dentro.

Se afastou dele. Quando ele depositou as sacolas em sua escrivaninha, agarrou um arquivo, gordo e sanfonado e o lançou, golpeando-lhe no peito.

- Como? -, exigiu-lhe.

- Como o quê, *ka-lyrra*? -. Apanhando o arquivo, colocou-o suavemente em sua escrivaninha.

- Como fez o meu trabalho? Quando fez o meu trabalho?

Ele encolheu os ombros, numa poderosa ondulação de ombros.

- Não preciso dormir tanto como você.

- Então está me dizendo que ontem à noite numas poucas horas pessoalmente escreveu as argumentações para sete de meus casos?

- Nove. Depois me dei conta de que dois deles não eram seus, assim que os eliminei.

- Como sabe o suficiente sobre o que eu faço para argumentar até a responsabilidade penal?

- Oh, por favor -. Ele pareceu muito bravo. - Vivi durante milhares de anos e vigiando aos humanos a maior parte deles. Li alguns de seus outros casos. Foi fácil fazer um padrão para eles em consequência. A lei humana é simples: culpam a todos menos a si mesmos. Simplesmente acusei a todo mundo e a todas as coisas que mencionava no arquivo menos à pessoa que representa, e o respaldei com qualquer prova que pudesse utilizar para minhas alegações.

Gabby tratou de não rir. Mas riu. Tentou com força. Mas ele fez seu pequeno e sutil deboche com uma expressão tão absolutamente suave, e resumiu tão bem o que ela odiava dos manipuladores pleitos de danos pessoais, depois de só umas poucas horas trabalhando neles, que não pôde consegui-lo. Um pequeno resmungo lhe escapou. E se converteu em riso. E poderia ter seguido rindo-se se não fosse por um lento sorriso que curvou os lábios dele e fez que seus olhos brilhassem. Ele se acercou majestosamente dela, pegou-a pela cintura com suas grandes mãos, e ficou olhando-a fixamente.

- Esta é a primeira vez que a vejo rir. Gabrielle. É mais bela quando ri. Não acreditaria que isso fosse possível.

Seu riso morreu repentinamente e se afastou dele. Mas era muito tarde, suas mãos já haviam deixado sua impressão ardente impressa em seu corpo, como um sinal quente e erótico.

- Não me elogie. Não é agradável para mim -, resmungou. - E não faça mais trabalhos por mim.  
- Tratava de ajudar, simplesmente. Parecia tão cansada ontem à noite.  
- Como se lhe importasse. Mantenha-se longe de minha vida.  
- Não posso fazer isso.  
- Porque eu recusei sacrificar meu mundo inteiro só para ajudar-lo a recobrar o seu -, pronunciou amargamente.  
- Não -, disse ele claramente, estreitando os olhos. - Porque não me agrada o seu chefe. Não me agrada o modo como a olha. Não me agrada a forma como a trata. Não sou tão desagradável como esse maldito e estúpido animal. E quando eu for eu mesmo de novo, retificarei a situação.

Gabby permaneceu quieta. Adam Black a olhava e parecia irritado. Realmente irritado. Pela forma como que ela era tratada. Sua cara era obscura e aterradora, seus olhos brilhavam com chispas douradas.

Oh, era mortífero. Era cruel. Atuando como se tivesse sentimentos. Como se lhe importasse. Especialmente quando ela não tinha a ninguém mais em sua vida que o fizesse. Claramente ele faria qualquer coisa com o propósito de tentá-la para seu objetivo, inclusive imitar a emoção e a preocupação fingida. Depois de tudo, não era isso o que se chamava de sedução? Quando a vítima era tranquilizada com um sentimento de falsa segurança e bem-estar? E, como poderia isso gerar-se salvo através da simulação de carinho?

*Sem alma. Sem coração. Isso era, sem emoção*, recordou-se.

Agarrando rapidamente sua bolsa, voltou para seu computador e golpeou o piso de seu cubículo.

Foram argumentações *realmente* boas, ainda pensava com irritação, uma hora e meia mais tarde, quando colocou a cesta de roupa suja sobre sua cama e começou a classificar a roupa em montes. Afogar-se na rotina a ajudou a fingir que o *sin siriche du* não estava nesse momento em sua cozinha, bebendo o whisky escocês diretamente da garrafa (Macallan de cinquenta anos, nada menos) e escrevendo em seu laptop, entrando na Rede.

Quando chegou em casa, ele já estava ali, com a cenografia esplendidamente estabelecida para sua seguinte cena de sedução. O jantar de cinco estrelas posto na mesa do refeitório, um vaso com rosas perfumando o ar, as cortinas corridas e as velas acesas. O fino cristal cintilava na mesa, cristal que ela sabia que não possuía. Faqueiro de prata que não havia visto antes, fina porcelana chinesa também.

Alçou o nariz para o céu e começou a caminhar com passo majestoso adiante dele para as escadas. Ele se pôs em seu caminho, roçando seu corpo no dela. Então a agarrou por um braço.

Ele deu a volta para enfrentá-la e se manteve em silêncio por um tempo muito longo antes de soltá-la finalmente. Ela não disse nada, nada para ceder um centímetro. Nem quando ele abaixou sua escura cara até que seus lábios estivessem a poucos centímetros dos seus, usando sua patente masculinidade numa tentativa de intimidá-la. Resistindo estoicamente à imperiosa tentação de molhar seus lábios num desavergonhado convite, ela manteve sua posição, encontrando esse fixo olhar, recusando a acreditar que podia haver algo além de cálculos a sangue frio em seus olhos. E se, por um minuto, pensou que havia visto um indício de humanidade, de masculina frustração, de desejo genuíno, de temperada impaciência em suas douradas profundidades, isso seria um truque da luz da vela oscilante.

Nada mais.

Seus relatórios legais haviam sido melhores que qualquer coisa que alguma vez ela tivesse escrito. Brilhantes, carismaticamente persuasivos, incisivos. Não tinha nenhuma dúvida de que ganharia cada juízo que ele havia escrito. Teve inveja lendo-os, desejando que ela tivesse pensado aquele argumento ou visto essa torcedura sutil, aguda. Dois dos casos que ele argumentou eram os mesmos onde ela *sabia* que a pessoa que representava tinha negligências banais, (e seus casos estavam sendo arquivados porque eles eram - os amigos dos amigos - e seu mimoso chefe devia uns poucos favores a algumas pessoas - provavelmente a mudança de privilégios de golfe em algum clube de fantasia), mas depois de ler o argumento de Adam, até *ela* teria decidido a favor de seu cliente.

Ele era tão bom.

*Tenho vivido durante milhares de anos*, disse. Ela tremeu. Ancião, Adam Black era ancião. E fizera, provavelmente, tudo o que tinha por fazer, ao menos uma vez. Por que deveria assombrá-la que ele pudesse fazer seu trabalho tão bem? Ele era um ser que podia viajar pelo tempo e o espaço. Talvez não tivesse alma e coração, mas tinha que ter um intelecto condenadamente grande e formidável por trás daqueles olhos escuros, brilhantes, e intensamente vivos.

Ela colocou a roupa na lavadora, suas mãos movendo-se, seu cérebro ronronando longe. Brancos. Claros. Escuros. Escuros. Escuros. Claros. Escuros. Brancos. *Um momento!*

*Sua camiseta?*

Ele realmente teve o descaramento de lançar sua camiseta suja em sua cesta da roupa suja? Tomando-a em seu punho, deu-se a volta para dizer-lhe exatamente o que podia fazer com sua roupa suja. Então se deteve.

Depois começou a andar outra vez. Então se deteve.

Mordendo seu lábio teve uma breve discussão muito acalorada consigo mesma.

Podia um homem cheirar como o pecado?

Indícios de jasmim e sândalo e ar marinho noturno. Cheiro de escuridão, especiarias e sexo. Coisas proibidas, coisas malvadas, coisas que as preces utilizavam para cobrir essa parte de *não nos deixes cair em tentação e livra-nos de todo mal*.

Nunca teria sua camiseta de volta.

Bem mais tarde, depois que Gabby foi dormir, Adam introduziu sua cabeça dentro do dormitório. Ela dormia profundamente. Bom. A pequena *ka-lyrra* trabalhava muito. Permitia que outros pusessem suas responsabilidades sobre ela. Ele acabaria com isso. A vida era bastante curta para um mortal. Não deveriam trabalhar tanto. Brincar mais. Ele lhe ensinaria a se divertir. Uma vez que fosse de novo imortal, ela nunca trabalharia, não precisaria mais.

Todas as janelas estavam abertas e soprava uma perfumada brisa noturna, ondeando através do fino lençol sob o qual dormia. A luz da lua se derramava através da cama, mostrando seu longo cabelo como fios de prata, seus traços adormecidos como pérolas mornas.

Completamente vestida, percebeu ele, com um sardônico sorriso. Mulher sábia. Se ela tivesse sido bastante tonta para dormir nua, ele não teria se contentado com a pequena tarefa para a qual havia vindo. O mero pensamento dela nua sob aquele lençol... ah, ele estava sexualmente obcecado por ela. Com seus seios cheios, redondos, a interminável tentação de seu suave, feminino traseiro, seus exuberantes e carnisais lábios, seu cabelo, seus olhos, suas mãos. Seu fogo.

Inclusive sua virgindade o excitava. Enchia-o de uma possessividade primitiva, sabedor de que ele seria o primeiro homem que se empurraria dentro dela, para enchê-la, para tocá-la de todas aquelas obscuras, quentes e íntimas formas. Ele a seduziria tão a fundo que já não seria capaz de conceber a si mesma sem ele; ela seria sua para tomá-la, quando ele quisesse, onde quisesse, e de qualquer maneira que decidisse tomá-la, incapaz de negar-lhe nada.

Sabia que ela esperou violência dele. Viu em seus olhos quando ela estava atada em sua cadeira ontem, dizendo-lhe com rebeldia “não”.

Quão pouco compreendeu o que ele planejou para ela.

Ontem pela manhã, depois dela ter ido trabalhar (o que não lhe surpreendeu; sua tenaz *Sidhe-seer* não queria renunciar ao controle de seu mundo voluntariamente igual a ele) se familiarizou minuciosamente com sua casa, aprendeu tanto quanto pode a respeito dela. Examinou que tipo de livros lhe agradava ler, que tipo de roupa usava, que lingerie ela tinha para lhe acariciar os seios e escorregar-se entre as curvas de sua feminilidade, que sabonete e perfumes acariciavam sua pele sedosa. Examinou fotografias, abriu sua bagagem, e estudou que coisas julgou muito preciosas para deixá-las quando fez a bagagem para escapar. E cada descoberta o fez querê-la ainda mais; era brilhante, esperta e madura, com sonhos e esperanças mortais.

Os *Livros de Fae* o fizeram rir. Bem, exceto pelo volume que tão penosamente o caluniava. Mas ele estava retificando isso.

O delgado volume o distinguia como sendo o ser mais asqueroso dos Fae. Havia lhe retratado como um mentiroso consumado, um enganador e impostor, um arrogante sedutor de sangue frio, a quem só lhe importava seu prazer momentâneo.

Não era surpreendente que ela tivesse lutado contra ele tão ferozmente, não era estranho que ela descartasse tão rapidamente suas palavras. Ao mesmo Diabo não lhe havia ido pior na história literária.

De todo modo, poderia prescindir das palavras; falaria com seu *Sidhe-seer* através de seus atos - seletos, cuidadosamente escolhidos. Aprendeu havia muito que eram os pequenos detalhes que os seduziam, os mais delicados toques que faziam cair aos mais fortes sobre seus joelhos.

Cristo, pensou, afastando a vista dela, devia estar com calor com todas essas roupas. Sua casa estava muito quente, inclusive no primeiro andar onde ele esteve trabalhando na rede. Outra coisa que ele faria para ela.

Não teve sorte encontrando algo sobre o paradeiro de Circenn dentro daquela base de dados humana à qual eles eram tão aficcionados a compilar, mas ele realmente não esperou encontrar nada. Seu filho metade Fae não só podia estar em qualquer lugar, mas em qualquer momento. Era perfeitamente possível que ele tivesse levado a sua esposa e os meninos para as Highlands, a seu próprio século e a uma forma de vida mais simples, onde poderia ficar indefinidamente.

Mas não importava. Circenn apareceria finalmente.

E o dia havia sido produtivo de todo modo; plantou muitas sementes que já criavam raízes. A menor delas era uma simples camiseta.

Ela havia feito a lavagem esta noite, ele a ouviu.

E no entanto, não teve nenhuma explosão. Nenhum grito, nenhuma insistência sobre que se gelaria o inferno antes que ela lavasse sua roupa. Não era que ele o tivesse proposto. Ele eliminava sua roupa uma vez que a havia usado e pegava uma nova.

Adentrando mais em seu quarto, silenciosamente abriu uma gaveta do toucador. Depois outra. E outra. Até que... ali estava. Sua camiseta. Simplesmente dobrada na gaveta mais baixa, escondida sob um par de moletons.

Um sorriso curvou seus lábios.

Fechou a gaveta e se caminhou para o armário, abriu-o, e deu uma olhada para abaixo para sua cesta da roupa suja. Como pensou, ela não lavou o que usara hoje. Um par de calcinhas desapareceu em seu bolso.

- Quid pró quo<sup>♥</sup>, *ka-lyrra* -, murmurou suavemente. - você tem um pedaço de mim; eu obtenho um pedaço de você.

Fechou a porta do armário e afastou o olhar dela outra vez. Seu corpo estava urgentemente duro devido a uma luxúria tão intensa que o mero desejo dela era algo que saborear. Todos seus sentidos estavam inflamados, e sentia de repente coisas, que, se é que alguma vez as sentiu, então as esqueceu faz muito.

Por Danu, pensou, inspirando bruscamente, sentia-se vivo. Vibrantemente, intensamente, talvez pudesse dizer... apaixonadamente vivo. As mais simples experiências eram de repente saborosas, tão ricas em matizes e complexidades. Simplesmente a escolha de sua roupa cada manhã na Saks continha novas e fascinantes possibilidades, quando as selecionava procurando sua reação, aprendendo o que a ela lhe agradava ver nele. O que fazia a seus olhos engrandecerem-se, suas pupilas dilatarem-se, seus lábios separarem-se um pouco mais.

<sup>♥</sup> Expressão que tem o sentido de 'uma coisa por outra', em latim no original.



O couro. A ela definitivamente lhe agradava o couro.

Sabia o que lhe agradaria que ela vestisse, uma vez que tivesse suavizado essa sua arrepiada coluna.

Nada.

Seus mamilos duros e molhados. Reluzindo ao passar sua língua. Seu traseiro nu apertado em suas mãos quando a levantasse para sua boca. Aquele mesmo traseiro voltado e alçado para...

Um rosnado baixo se criou em sua garganta. Apertando os dentes, obrigou-se a afastar-se de sua cama. Ainda não.

Logo ela entenderia que ele não era o que ela pensava dele. Que tinha bem mais em Adam Black que o sangrento, blasfemo e tonto livro do *Sin Siriche Du* afirmava. Havia passado várias horas, hoje, reescrevendo-o, rasurando capítulos inteiros, simplesmente arrancando outras páginas e inserindo novas.

Lhe ocorreu quando se deslizou para fora de sua habitação, supondo que Circenn nunca regressasse, que seduzir a Gabrielle O'Callaghan não seria uma maneira ruim de passar sua vida mortal.

Ao menos até que Aoibheal se voltasse para ele e lhe fizesse imortal outra vez.

Antes de sair, desligou seu despertador. Não tinha nenhuma intenção de deixá-la ir trabalhar amanhã.

## Capítulo 9

- Mantenha-se afastado! Não me toque!

Gabby acordou inesperadamente, morta de medo, engatinhando para trás, achatando-se contra a cabeceira de sua cama, os olhos arregalados.

Adam permaneceu uns passos afastados, uma sobrançelha escura arqueada e uma bandeja balançando-se em sua mão.

- Calma, *ka-lyrra*, lhe trouxe o café da manhã. Estava por colocá-lo no beirada da cama e sacudi-la para acordar.

Gabby pressionou seu peito com uma mão, tratando de diminuir os fortes batimentos de seu coração.

- Me assustou! Não se aproxime de mim às escondidas. Que faz no meu quarto? Saia do meu quarto.

- Não me aproximei às escondidas. Disse “bom dia” três vezes. Mais forte cada vez. Praticamente gritei na última vez. Dorme como os mortos, irlandesa. Calma. Quantas vezes tenho que lhe dizer que não vou machucá-la? Se quisesse, já teria feito -. Apoiou a bandeja no beirada da cama e levantou uma xícara, oferecendo-lhe. - Café expresso duplo. Notei que lhe agrada dar um bom pontapé no fígado para acordar nas manhãs -. Sorriu preguiçosamente. Sensualmente.

Gabby piscou lentamente. A vida não era justa. Seu coração havia começado a acalmar-se, mas agora corria novamente, por razões totalmente diferentes.

Ali estava Adam Black, ao redor de seis pés e meio de elegante e duro corpo, usando nada mais que um descolorido jeans, pendendo suavemente de seus quadris, braceletes de ouro e um colar. Os jeans lhe davam a aparência de homem moderno, mas os braceletes e a peça que levava no pescoço unidos a seus estranhos olhos de duas cores, recordaram-lhe que ele era um ser cujas origens precediam a Cristo. Provavelmente por milhares de anos. Provavelmente inclusive precedia em datas à tumba de Newgrange<sup>♥</sup>. Em todo o caso, provavelmente ele a havia construído.

E, oh, ele lhe tirava o fôlego. Seus largos ombros e seu musculoso peito estavam pecaminosamente esculpidos, seus abdominais marcados e magros. Tinha aquelas linhas gêmeas de músculos baixando por suas costelas, que conduziam diretamente a sua virilha, desaparecendo nesses jeans de cós baixo, anunciando o fato de que ele sem dúvida poderia mover a virilha durante horas sem parar e de modos que poderiam fazer a uma mulher queixar-se de êxtase.

E tudo isso coberto daquela extraordinária e aveludada pele dourada das fadas. Ela fechou suas mãos em pequenos punhos, combatendo o insuportável impulso de roubar aquela eternamente negada sensação tátil de fadas.

Saber que ele a deixaria acariciá-lo, que, de fato, ele tiraria esses jeans num pulsar de coração e estenderia esse corpo sobre o seu e se impulsionaria dentro dela, fazia tudo isto bem mais difícil. Com um esforço imenso, arrastou seu olhar até sua cara.

Mas olhar sua cara não era melhor. Seu cabelo era uma cascata de seda enredada durante o sonho de meia-noite, seus olhos estavam meio despertos, sensualmente entrecerrados. Sua cara sem barbear, salpicada de barba negra; era formoso, perigoso quase até o limite, sexy logo cedo pela manhã.

- Exatamente, quantos anos tem? -, perguntou resmungosamente, tratando de colocá-lo novamente na perspectiva de um ser desumano. Ele parecia como se tivesse trinta, com diminutas e débeis linhas de riso nos cantos de seus olhos.

Ele encolheu os ombros.

- Em algum lugar, entre cinco e seis mil anos. É um pouco difícil seguir a pista quando um ser translada no tempo com a frequência que eu o faço. Aoibheal está perto dos sessenta mil. Sou um simples menino para os padrões de minha raça.

- Já vejo -. *Uh*. Definitivamente desumano. Desafortunadamente, descobrir sua idade não parecia diminuir minimamente sua atração por ele. De fato, parecia que de alguma maneira, perversamente, aumentava-a.

Ele agitou uma mão sobre a bandeja de café da manhã.

- Um croissant talvez? Não? E um pouco de fruta? -. Ofereceu-lhe uma taça de morangos frescos, manga e kiwi. - Não está faminta? Eu acordo morto de fome -. Ele soava um pouco ofendido por isto.

Oh, de acordo, estava faminta. Desafortunadamente, a única coisa em seu quarto que ela queria comer era a ele.

♥ A **passagem** funerária de Newgrange é a relíquia pré-histórica mais esplendida da Irlanda, pôs além de sua extraordinária estrutura, está repleto de magníficas esculturas na rocha. A tumba, saqueada e em estado arruinado, foi descoberta em 1699.



Repentinamente tinha quatorze anos novamente. E aí estava ele, seu conto de fadas, em seu quarto, nada mais e nada menos que servindo-lhe o café da manhã na cama. Seu olhar se fincou no colar dourado e ela teve que perguntar.

- De todo modo, quem é você? - perguntou irritada.

Ele balançou sua cabeça.

- Sou um Tuatha Dé Danaan -. As sobrancelhas escuras se uniram num cenho franzido. - Sabe disso.

- Quis dizer -, aclarou a voz ela mal-humoradamente, - seu grau.

- Ah -. Aquelas oblíquas sobrancelhas se relaxaram. - Sou o último príncipe da Casa *D'Jai*.

- *P-p-p-príncipe?* -, cuspiu ela.

- Sim -. Seus olhos se estreitaram. - Algum problema com isso?

Gabby não confiou em si mesma para falar.

- Não sou elitista, se é isso o que a preocupa. Durmo com plebéias o tempo todo -. Um sorriso débil, provocante.

- Apostaria que o faz -, resmungou ela, - mas não com esta.

- Ainda não -, concordou ele, bem mais suavemente para seu consolo.

- E eu não sou uma plebéia. Já não temos esse tipo de divisões.

- Realmente -, ele esteve de acordo com ela novamente, - isso é verdade. Não é uma plebéia -. Ele se deixou cair aos pés da cama e meteu uma perna sob a outra, sentando-se com as pernas cruzadas.

- Que quer dizer? -, perguntou nervosa, olhando-o detidamente. Preparou-se para que ele tentasse algo, mas não fez nenhum movimento para ela, só se sentou perfeitamente calmo na beirada de sua delicada cama, em seu quarto enfeitado e feminino: um gigante escuro, rodeado de travesseiros de encaixe e uma colcha bordada de seda, e todas essas coisas de mulher que faziam que se visse bem mais masculino.

- Beba seu café e lhe direi -, subornou-a.

Uma horrível suspeita a assaltou.

- Por que lhe importa se o bebo? Tem drogas ou algo?

Ele pôs os olhos em branco, levantou a xícara, tomou vários goles e depois a devolveu.

- Lógico que não, irlandesa. Somente quero que o seu dia comece bem. Quero que esteja contente.

- Sim, claro.

Mas o aroma do café fresco provocou suas fossas nasais, e algo dentro dela suspirou enormemente e capitulou sem mais argumentos. Tomou a xícara e bebeu a tragos. Divino. Quente, escuro e doce, justo como lhe agradava. Ele havia acertado até na quantidade de açúcar. Quando ele olhou para fora, durante um momento, pela janela, ela girou a xícara onde ele havia bebido, e fechou sua boca na borda.

Café na cama. Quando alguém lhe trouxe o café? Nunca, isso significava algo. E exatamente como a ela lhe agradava e exatamente com o que comia no café da manhã. Um croissant e frutas, assim podia justificar todo o açúcar que comia durante o resto do dia, para não mencionar sua debilidade pelas batatas francesas submersas em queijo. E os coelhos Skyline. E tudo aquilo que ia direto para os seus quadris. Mas se tinha uma comida sã na manhã de cada dia, sentia-se bem consigo mesma pelo resto do dia.

- De acordo, como é que não sou uma plebéia? -. Ele havia espicaçado sua curiosidade. Aqui tinha um homem, er, fada, que sabia mais sobre a história do que qualquer pessoa viva, e por experiência de primeira mão. Que poderia dizer-lhe sobre seus antepassados?

- É uma *Sidhe-seer*: Muito tempo atrás, na antiga Irlanda, milhares de anos antes do nascimento do seu Cristo, eles eram apreciados entre os humanos e tratados como realeza, pois só eles podiam proteger às pessoas dos Invisíveis. Os mais poderosos guerreiros na terra competiam em torneios pelo privilégio de obter em casamento a uma *Sidhe-seer*. Um bom número de homens morreu tratando de ganhar a uma donzela. Elas não aceitavam a ninguém, nem aos reis humanos, em tão alta consideração que se tinham. Uma *Sidhe-seer* vivia na conforto mais luxuoso, e em troca de sua proteção era protegida e cuidada por sua gente todos os dias de sua vida.

Incrível, pensou Gabby, quão diferente da sua vida. Ela, que passou tão maus momentos tratando de conservar um noivo, uma vez havia sido disputada por guerreiros. Não teria sido considerada um fenômeno, mas valorizada por sua maldição. Em vez de ser ridicularizada ou levada a um manicômio se alguém descobria, havia sido respeitada, nascida numa família cuja fortuna fôra melhorada graças a ela. Nascida de uma mãe que estaria orgulhosa dela.

- Inclusive agora continua a tradição -, disse ele suavemente.

- Que quer dizer?

- Os *Sidhe-seers* também são *brehons*: protetores de sua gente. Ainda que a lei humana se converteu numa coisa estranha, efetivamente é o que escolheu como seu trabalho na vida. O sangue manda.

Gabby guardou silêncio por um momento, bebendo seu café aos goles e olhando-o sobre a borda.

*Está se acercando, O'Callaghan*, advertiu-lhe uma suave voz interior.

*Não, não está*, replicou. *Que mal há em tomar um café e falar de história com ele?* Não tinha a ninguém com quem falar sobre fadas desde que a avó morreu. Quatro anos era muito tempo. Não se deu conta de quanto sentia falta disso.

*Assim é como a está seduzindo.*

*Difícilmente. Nem sequer tratou de beijar-me de novo.* Quase começava a perguntar-se por que não. Quanto tempo passou desde que arrombou sua porta? Dois dias? Três? Quatro? Céus, começou a perder a noção do tempo.

*Mas o está fazendo deliberadamente, para passar despercebido.*

Gabby sacudiu bruscamente a cabeça, afastando à voz paranóica. Seus defesas estavam bem. A defesa reta e totalmente erguida. Tinha o controle. A cafeína começava a correr por suas veias, acalmando-a. Era acolhedor estar metida na cama e conversar.

- Conte-me mais sobre meus ancestrais -, disse, agarrando um croissant.

Gabby permaneceu sob o chuveiro sentindo-se deliciosamente descontraída. Tinha-o ganhado esta manhã e planejava usar até a última gota de água quente nela mesma. Fez espuma, se esfoliou e depilou até que sua pele estivesse sedosa, suave e absolutamente tocável (não é que planejasse deixar que alguém a tocasse ou algo assim).

Era sábado, e como geralmente trabalhava todo o dia aos sábados, decidiu não fazê-lo. Não por ele, não tinha nada a ver com Adam Black. Acabava-se de dar conta que era tarde para enviar uma mensagem a seu chefe. Era tempo de deixar claro que não era sua escrava pessoal nem ia sacrificar seus fins de semana por ele.

Portanto a investigação Rollins não ia ficar pronta. E se ele tinha problemas com isso, então que a despedisse. Sabia que não o faria. Os estagiários eram escravos do trabalho e eram baratos. E ainda que não fosse tão brilhantemente persuasiva como um fada de milhares de anos de idade, ainda ganhava um doce oitenta e dois por cento dos litígios que apresentava. Não, não a despediria.

Uma *brehon*, pensou, ensaboando com shampoo seu cabelo. Adam lhe contou muito sobre a antiga lei irlandesa, presenteando-lhe com conto depois de conto sobre suas experiências e conhecimentos a respeito dos antigos celtas. Quase sentia como se tivesse passado a manhã em outro tempo.

Ele era, admitiu contra sua vontade, fascinante. Possuidor de um seco e normalmente negro sentido de humor, era uma verdadeira fonte de informação sobre praticamente tudo e todos.

Talvez, filosofou, seus olhos entrecerrando-se pensativamente, se ela passasse mais tempo com ele, o persuadiria para que lhe contasse mais sobre si mesmo, e desse modo ela encontraria uma debilidade que poderia tirar proveito, uma vulnerabilidade que poderia usar para sua vantagem.

*Quanto mais tempo passa com ele, mais oportunidades lhe dará para que a seduza.*

Sim, bom, realmente não conseguia ver outras opções. Ele se instalou em sua casa. O mais negro fada estava brincando de casinha com ela, e estava bastante seguro de que não iria embora logo, a não ser que ela pudesse encontrar a maneira de fazer com que se fosse.

*Gabby mantenha os seus amigos perto, dizia sempre a avó, mas aos seus inimigos mais perto ainda.*

- Então, o que fez que lhe trouxe tantos problemas com a sua rainha?

Quando entrou na cozinha, Gabby empreendeu, sem preâmbulos, seu novo plano. Ele estava parado na pia comendo os restos da Maisonette. Adam engoliu a última mordida do filé de lombo frio e encolheu os ombros. Cristo, isto de ter que comer cinco, seis e até sete vezes ao dia para manter seu corpo funcionando na máxima eficiência era absurdamente consumidor de tempo. No entanto, era prazeroso, o sentimento de fome e sua saciedade. Saborear cada bocado estava realçado na forma humana do mesmo modo que a luxúria. De fato, todas as sensações humanas eram bem mais intensas do que as de um Tuatha Dé Danaan. Não parecia justo. Havia algumas coisas de ser um humano das quais ia sentir falta quando fosse imortal novamente.

- Irrelevante, *Ka-lyrra* -, evadiu-se.

De todas as coisas que ela poderia ter perguntado, essa era a única coisa sobre a qual não queria falar. Inclusive depois de todos estes meses, ainda não estava seguro de porquê havia feito o que fez. Sabia que Aoibheal teria que castigá-lo. Sabia que isto a empurraria longe demais. Sabia que desafiando-a, questionando sua autoridade frente a toda a Corte e o Alto Conselho, a forçaria a pedir-lhe contas em formas bem mais severas do que fizera antes.

E no entanto, havia-o feito.

Não havia desculpas para ele. Dageus MacKeltar claramente desafiou sua sagradíssima confiança e merecia ser castigado. Ele havia rompido o Pacto entre suas raças usando o poder de viajar no tempo das pedras estáticas da Escócia por razões pessoais – salvar a vida de seu irmão gêmeo - uma ação imputável por qualquer meio que a rainha escolhesse.

E ela havia escolhido, a pedido do Conselho, submetê-lo à prova de sangue, o que significava que os Caçadores seriam enviados para matar àqueles próximos a ele, e se ele usasse inclusive a mais ínfima quantidade da magia proibida para salvá-los, os Caçadores levariam a cabo a destruição do clã Keltar desde o século dezesseis em adiante.

Durante muito tempo os MacKeltar preservaram a paz entre suas raças, honrando o Pacto e levando a cabo as festividades de Iinbolc, Beltane, Lughnassadh e Samhain, que mantiveram intactos os muros entre o reino dos Homens e o das Fadas. Agora estavam a ponto de ser destruídos por romper o antigo tratado.

E algo dentro de Adam atingiu a sua estúpida cabeça e abriu sua boca, e a seguinte coisa que soube é que esteve pechinchando pela vida do mortal a *qualquer custo*. Irreverentemente, desrespeitosamente, apostando tudo.

Esteve espionando ao clã MacKeltar por milênios; o edital da Rainha proibindo que qualquer Tuatha Dé Danaan se acercasse a menos de mil léguas dos MacKeltar nas exuberantes Highlands da Escócia, só o tentou mais (e como sempre, ela lhe deu liberdade de ação; não lhe agradou, mas o tolerou).

Esteve observando à pequena e brilhante física Gwen Cassidy em suas viagens pelo tempo até que se apaixonou por Drustan MacKeltar. Havia espionado à sensual, eclética, e não-muito-ética-quando-viu-os-artefatos Chloe Zanders, até que perdeu seu coração por Dageus, apesar de que o mais novo dos gêmeos MacKeltar era possuído por treze almas maléficas de Druidas escuros ao mesmo tempo.

E a idéia de ver morrer a todos o encheu de uma inquietude sombria semelhante a uma que não sentiu desde o nono século.

*Dê seu preço*, disse com tranquilidade a Aoibheal.

E depois, quando Dageus MacKeltar estava morrendo, ela disse. E Adam pousou suas mãos sobre o coração do mortal dando-lhe sua essência imortal para devolvê-lo à vida. Pensou que a perda temporária de sua força e poder imortal, que o tivesse deixado débil por séculos, eram seu preço, mas ela foi mais longe e o fez humano, débil, e o amaldiçoou.

- Então, que o faz estar tão seguro de que ela o perdoará? -, perguntou Gabby, arrancando-o de seus pensamentos.

Encolheu os ombros novamente.

- Sempre o faz. Depois, ela não poderia agüentar a eternidade sem mim.

Ela bufou e sacudiu a cabeça.

- Oh, estou vendo. Continuo esquecendo o irresistível que é.

- Não o faz -, disse rapidamente, lançando-lhe um sorriso. - Vejo a forma com que me olha.

- O que não entendo -, continuou rapidamente, suas faces enrubescendo-se debilmente, - é por que não fala com alguma das outras fadas que andam por aí. O *féth fiada* não funciona com elas, não é verdade? Ou também não querem ajudá-lo?

Por um momento Adam esteve tão atônito que acreditou não ter escutado bem.

- Quais-outras-fadas-andam-por-aí? -, enunciou fortemente cada palavra. Seguramente Aoibheal não lhe tirou isso também. Ou sim? O fez incapaz de perceber a sua espécie? O *féth fiada* somente não teria feito isso a ele. Fazia ao portador invisível, mas não fazia invisível qualquer outra coisa ao portador.

*Eles já não são de sua mesma espécie*, uma voz interior lhe recordou. *É humano. Eles são Tuatha Dé Danaan, e as pessoas, exceto os Sidhe-Seer, não pode ver às fadas.*

Diabos, podia ser tão estúpido as vezes! Pensou que a razão pela qual não viu a outros de seu tipo era porque ela lhes havia proibido que o espionassem. Mas não, era porque o fez completamente humano.

Estavam lhe vigiando o tempo todo, sem dúvida, infinitamente divertidos por sua humilhação.

- Disse, quais outras fadas? - rangeu.

Gabby piscou por seu tom.

- Todas elas. Qualquer delas. Há muitíssimas -, interrompeu-se abruptamente. Oh, Deus meu, não o sabia, não é verdade?

- Quantos Thuatha Dé Dannan há na cidade, além de mim? -, grunhiu.

Ela retrocedeu.

- Bom, na verdade, só uns quantos, quase meia dúzia, e agora que penso, talvez não tantos. Não vi a nenhum em toda a semana, o que faz sentido porque um deles disse, tempos atrás, que estavam planejando partir.

A mão dele velozmente a alcançou e se fechou sobre seu braço.

- Não minta para mim, *Sidhe-seer*.

- Me nego -, estourou Gabby. - Não vou, repito: *nem no mais absurdo dos casos*, vou falar com um deles para você. O inferno se congelará antes. Nem sequer estamos falando de um meio-fada como esse Circenn com o qual queria que eu falasse. Estas são de trato verdadeiro, fadas com o poder de convocar aos Caçadores. Fadas de olhos iridescentes, sem alma, mortíferas.

O sorriso dele era frio. Saiu novamente com a coisa de sem "alma". Que passava com as mulheres e sua obsessão com as almas? Não podiam encontrar algo mais com que obcecar-se? Como o espetacular sexo que ele lhe podia dar, o dinheiro, a fama, a realização completa de cada um de seus desejos, qualquer coisa que desejassem. Mas não, queriam almas, almas, almas.

- De acordo. Negue-se. Simplesmente caminharei falando com você em lugares públicos até que um deles se dê conta de que pode me ver. Quantos disse que *andam por aí*? Eram *muitíssimos*? Na esquina de cada rua, talvez? Quanto tempo acredita que me levaria para enlouquecê-la? Um dia? Dois? Uma semana? Da maneira que vejo, tem duas opções: me ajudar e assegurar minha proteção, e juro que farei todo o possível para mantê-la a salvo, ou negar-se e ser revelada frente a todas as fadas. E se escolher isto, não levantarei um maldito dedo para ajuda-la, Gabrielle. Assim escolhe bem.

- Não fará isso. Precisa de mim. Me....

- Encontrarei outra *Sidhe-seer*. Não tenho dúvida de que há mais por aí -, disse resmungando. Sabia que já não a estava seduzindo, estava completamente, no campo de batalha, mas a fúria tinha o mesmo efeito em seu corpo que a luxúria, fazia-o primitivo. Não seria idiotizado pelos de sua mesma espécie, espionado e humilhado pelos de sua própria raça. E com, sua falta de alma, que sarcasticamente ressonava em suas orelhas, já não estava com ânimo para brincar de sedutor encantador. Pensava que ele era obscuro? Ainda não havia visto nem um pálido cinza. De fato, até agora, vira a um níveo Adam Black.

Depois, era questão de tempo que ela fosse descoberta. Vieram espioná-lo, para vê-lo como humano e humilhá-lo, e estava surpreso de que não a tivessem descoberto. Devem estar mantendo um pouco de distância, talvez inseguros de por quanto tempo a Rainha manteria seu castigo, e temerosos de estar muito perto, no caso de que, repentinamente, recobrasse seu poder. E devem está-lo, pensou cruelmente.

- Então? -. Perguntou - O que será, irlandesa?

- Preciso pensar -, disse suavemente.

- Tem uma hora.

## Capítulo 10

*Bem, esse havia sido o plano de mais curta duração da história*, pensou Gabby mal-humorada, enquanto passeava de cá para lá através do seu dormitório, dando periodicamente uma olhada no relógio que devorava os preciosos minutos com seu ávido tic-tac.

Seguro. Ela ia aprender sobre ele, atraindo-lhe para revelar suas debilidades. Um grupo de duas perguntas em sua impressionante e experiente interrogação, totalmente tirada de lugar por seu comentário a respeito do modo como ela o olhava, para dar-se conta tardiamente de que ele não sabia. Não contou com nenhuma pista de que a cidade estava povoada com outras fadas. Assumiu que ele era muito orgulhoso para pedir-lhes ajuda, ou que eles haviam recusado a ajudá-lo. Nunca lhe ocorrera que ele não podia vê-los.

Ela continuou cavando em seu interior com mais profundidade.

E ele tinha razão. Não tomaria muito tempo, tal como ameaçou, para que ele a fizesse sair de entre as sombras. Simplesmente andando pela rua com ele ao lado, podia desmascará-la frente a qualquer Fae que olhasse.

Poderia ajudá-lo voluntariamente, esperando que ele realmente a protegesse (e que de algum modo, ele pudesse salvá-la da formidável Aoibheal), ou se negar e ser abandonada a outro Fae, o qual, ela sabia, não levantaria nem um só dedo para ajudá-la. Ao menos deste modo ela tinha a esperança de conseguir que um fada lhe devesse algo, se isso contava algo entre as fadas.

*Mais vale o diabo conhecido do que o santo por conhecer*, era outro dos adágios favoritos da avó.

- Mal -. Resmungou.

Soprando a franja de seus olhos com um frustrado sopro, girou e andou até a janela. Apoiando seus cotovelos no peitoril, permaneceu com o olhar fixo e cego para fora, os olhos entrecerrados, pensando com força.

Ele estava furioso. Até agora, cada emoção aparente que ele mostrou desde a primeira vez que a encontrou, ela instantaneamente a havia descontado como imitação, mero engano, parte de sua calculada sedução.

Mas o que ela acabava de ver parecia muito real. Intenso, muito sentido, e genuíno.

Não havia visto só cólera, mas orgulho ferido, e algo mais, algo mais profundo que pareceu brilhar involuntariamente por seus olhos quando ela fez seu comentário a respeito de fadas, de olhos iridescentes, sem alma, mortais.

Era possível, perguntou-se, pasmada pela noção, que desde que ele estava num corpo humano ele realmente experimentava as emoções humanas? Todas as emoções que ela pensou que viu tinham sido verdadeiras não falseadas?

Não tinha nem idéia do que era possível e impossível quando um fada estava em forma humana. Ela nunca havia tropeçado acidentalmente com nada como isto nos *Livros* das O'Callaghan. E, ela deu uma olhada no relógio outra vez, duvidava que ele lhe desse qualquer tempo extra para realizar um pouco de investigação.

Só podia rezar para que ele estivesse sentindo, e sentindo o suficiente para manter sua palavra de protegê-la, porque, lamentavelmente, suas costas estavam contra a parede.

Lhe agradasse ou não - e não lhe agradava - ia ter que ajudar a Adam Black.

- Bem, o farei, mas temos que discutir os termos -, disse secamente quando voltou caminhado à cozinha.

Ele havia tomado um banho e se vestido enquanto ela caminhava em seu quarto e outra vez vestia couro e sexy como tudo o que se punha, as longas pernas estendidas, as botas apoiadas na mesa da cozinha, seus braços dobrados por trás de sua cabeça. Já não parecia irritado, mas estava outra vez calmo, quase preguiçosamente, a gosto.

- Uma sábia decisão, *ka-lyrra* -, seu escuro olhar a percorreu dos pés a cabeça, uma carícia palpável, erótica, que lhe recordou que, não importando quão contra ele estivesse, seu traiçoeiro corpo estava totalmente a favor. Ele inclinou sua cabeça regamente. - Estou contente que irá me ajudar, e considerarei os seus termos.

Ela se encrespou com seu comportamento principesco mas recusou sua isca. Seus termos eram desesperados.

- Primeiro, só chegarei perto de um Fae solitário. Me revelarei somente a sua espécie para o que tenho que fazer.

Ele negou com a cabeça.

- você não encontrou um Fae solitário. Viu algum deles que andasse só por sua cidade?

Gabby pensou nisso por um instante. Agora que ele o mencionava, não, não havia visto nenhum sozinho. Eles estavam sempre em grupos, ou ao menos em pares. Inclusive o que caminhou entre ela e Marian Temple, arruinando o trabalho de seus sonhos, só havia se separado de um grupinho ao qual se reincorporou quando seguiram caminhando.

- Por que é assim? -. Suas sobrancelhas se uniram num cenho franzido. Tinha tanta coisa que não entendia a respeito das Fae.

- Os Tuatha Dé não andam pelo reino humano sozinhos. Realmente não andam muito sozinhos por nenhuma parte. Só um malandro ocasional entre os Fae faria isso.

- Como você?

- Sim. Para a maior parte dos de minha espécie não lhes agrada a solidão. Não se deve confiar naqueles que andam sós.

- Certo -, disse ela secamente.

- Exceto eu -, emendou ele, com um débil e despreocupado sorriso.

- Me acercarei a uma dupla, não mais. A exposição mínima é meu objetivo.

- Entendido.



- E garantirá não só minha segurança com respeito aos de sua espécie, mas a de meus futuros filhos. Deve prometer-me que posso viver o resto de minha vida em paz, a salvo de ser apanhada pelos Fae, ou de qualquer um que deseje pegar-me. Pode fazer isso?

- Sim.

- Como? -, bufou.

Outra olhada preguiçosa, um apreciativo olhar para abaixo, depois para cima, de seu corpo.

- Terá que confiar em mim, *ka-lyrra*. Tudo o que posso dar-lhe é a minha palavra. E ainda que duvide de mim, uma vez dada, é inviolável. É por isso que minha palavra não é tão fácil de dar. Mas você duvida. Como duvidou desde o dia em que nos encontramos.

Ela supôs que isso era tudo o que ia ter. Qualquer coisa que ela fizesse a partir desse momento em adiante ia requerer um salto de fé em alguma direção. Suspirou profundamente.

- Bem. Mas deve entender isto, primeiro, sei como é de estúpido acreditar na palavra de um *Sin Siriche Du*, mas não tenho nenhuma outra opção; e segundo, se não a conserva, farei que sua existência seja um vivo inferno de qualquer forma possível, e se sou assassinada de alguma maneira, regressarei como um fantasma e o rondarei. Por toda a eternidade. E se pensa que não poderia, não sabe o principal das mulheres O'Callaghan. Persistimos. Nunca nos rendemos -. Bem, sua mãe o havia feito, emendou-se obscuramente, mas ela não incluía a sua mãe.

Ele sorriu débil, amargamente. Sua negativa em confiar nele irritava-o. Ele podia enganar um pouco, ater-se à desinformação e evadir-se de vez em quando, mas naquelas raras ocasiões em que dava sua palavra ele a mantinha.

- Venha, *ka-lyrra*, pode ameaçar-me e difamar-me enquanto examinamos o lugar.

Quando ele se levantou e se acercou dela, estendendo sua mão, ela deu marcha ré precipitadamente.

- Eu não posso fazer essa coisa de desaparecer que você faz -. Estava firmemente no campo do doutor McCoy quando veio o transportador Enterprise a sua casa. Não teria nenhuma radiante Gabby O'Callaghan para cima, para baixo, ou em nenhuma parte.

A ela lhe agradavam seus pés firmemente plantados na terra.

Ele arqueou uma sobrancelha.

- Por que não?

- Não tenho nenhum desejo de ser... o que seja que tenha que fazer, para ser... transladado... por onde queira que você vá -, disse ela. - Não obrigada. Ficarei aqui em meu mundo.

Ele encolheu os ombros.

- Iremos de carro, então -. Ele agitou sua mão para a porta dos fundos, acenando para que o seguisse.

A curva brincalhona de seus lábios junto com a sua capitulação estranhamente veloz deveria tê-la desconfiado.

Ela abriu a porta, deu um passo para fora sobre o sobressalente degrau, e congelou. Ele se deteve trás dela, mas só apenas, apressando-a com seu grande corpo. Estava seu queixo raspando a parte superior de sua cabeça, sua mandíbula sem barbear contra seu cabelo?

Ela inspirou profundamente lentamente várias vezes, e depois.

- Está certo, o que aconteceu ao meu carro?

- Esse é o seu carro.

- Posso não saber muito de coisa alguma ultimamente -, queixou-se, - mas sei o que dirijo. Dirijo um Toyota que esta a ponto de desmoronar-se. Um carro asquerosamente velho e azul. Com muita ferrugem e sem antena e esse não é o meu carro.

- Corrijamos. Costumava dirigir um Toyota A.A., a ponto de desmoronar-se.

Acabavam seus lábios de acariciar seu cabelo? Ela tremeu, e ainda tinha um melhor critério para perguntar, fê-lo de todo modo.

- Bem, o trouxe para mim. E o que é A.A.?

- Antes de Adam. Depois de Adam, você conduz um BMW. Cuido do que é meu. Esse Toyota não era seguro.

Imaginou que a arrogante besta se definiria a si mesma como o amanhecer de uma época.

- Não sou sua, isto também não, e não pode ir por aí roubando...

- Não o fiz. Preenchi toda a burocracia por mim mesmo. E tinha uma quantidade ridícula de burocracia. Que se passa com a humanidade e a burocracia? Têm tanto tempo que podem permitir-se desperdiçá-lo? Nós temos o tempo todo do mundo, e não o desperdiçamos com a burocracia. Agora é de todo modo possível a proprietária legal desse carro. E ninguém poderá demonstrar outra coisa. Os *féth fiada* temos muitas vantagens, Gabrielle.

- Não conduzirei um carro roubado -, protestou quando passou uma mão ao redor dela, oferecendo-lhe as chaves.

- Não é roubado -, repetiu paciente, suavemente, perto de seu ouvido. - De acordo com os arquivos do distribuidor, foi pago em sua totalidade. Eles não o aceitariam inclusive se tratasse de devolvê-lo. E se recusa a conduzi-lo, devo assumir que isso significa que mudou de opinião sobre minha maneira de viajar?

Quando sua outra mão começou a escorregar ao redor de sua cintura, seu corpo roçando contra o dela, já não tinha forma de confundir sua grossa protuberância, apertando contra seus jeans. Céus, essa coisa nunca diminuíra? O resto dele poderia ser mortal, mas sua imortal ereção seguramente não diminuiria até ter conseguido um memorável... Arrebatando as chaves de sua mão, ela se afastou.

Mordiscando seu lábio, ela fulminou com o olhar o lugar onde somente ontem à noite esteve seu pequeno Corolla enferrujado. Em seu lugar havia um BMW completamente novo. E se não estava equivocada, era um daqueles desportivos conversíveis. Era vermelho. E brilhante. Tinha todos os acessórios e tudo mais. E era um *conversível*.



*Eu cuido do que é meu*, havia dito ele. E uma parte puramente feminina dela sentiu um tremor que era mais delicioso que glacial.

Oh, sim, ela iria para o inferno sem muita resistência<sup>♥</sup>.

Mas tão assim, com tão pouca resistência, pensou com desânimo, era terrivelmente agradável.

- Cincinnati -, disse Mael, aparecendo repentinamente ao lado de Darroc.

- O quê? O encontrou? -. Darroc girou, sobressaltado. Ele não havia esperado tal veloz desenvolvimento.

- Sim. Pelo visto procura a seu filho mestiço ali.

- Está seguro disso?

- Não fui à cidade humana eu mesmo, mas Callan o viu ali só faz uns dias. Ele sentiu a presença de muitos Tuatha Dé depurando aquela dimensão e se perguntou por isso. Confirmou que Adam está ali. E que não pode ver-nos de modo algum.

Darroc sorriu. O poder que um Tuatha Dé usava quando depurava dimensões deixava um resíduo que outro Tuatha Dé podia sentir. Ainda que impreciso, ainda que se dispersasse rapidamente com o passo do tempo, o resíduo, quando era fresco, poderia ser rastreado num área geral.

- Excelente, Mael. O fez muito bem.

Adam Black ia morrer. E Darroc ia olhar. Ele ordenaria aos caçadores que fossem devagar, que golpeassem primeiro só para ferir...

Sua falta de resistência era, para ser precisa, um BMW Alpina Roadster V8.

Completo com assentos de couro climatizados, sistema de navegação, aparelhagem de som Harman Kardon, um telefone para mãos livres, e um motor que simplesmente ronroneava, de avançada tecnologia.

Gabby conduziu a máquina último modelo para a garagem do estacionamento sob a Plaza Fountain, encontrando uma vaga de estacionamento, e o estacionou ali com um suspiro de genuíno alívio. Uma das coisas boas a respeito de seu Corolla era que ela nunca teve medo de estragá-lo; não teria ficado muito diferente se o tivesse feito. Também não se preocupou por ter uma multa por excesso de velocidade, porque a não ser que pegasse um vento, tinha sorte de atingir os sessenta quilômetros por hora nele.

Mas esta coisa; oh, este carro era quase tão perigoso como o fada que o havia roubado.

Soltando seu cinto de segurança, pôs a bolsa sobre o ombro, saiu do carro, esperou impacientemente enquanto ele se desenroscava (esse carro desportivo conversível não era um lugar fácil de entrar para um homem com sua massa muscular), depois pressionou o pequeno botão no chaveiro para conectar o alarme.

Quando se deslizou pela primeira vez nos luxuosos assentos de couro do carro de sonho, abriu o porta-luva e maldita fosse se não havia ali dentro um pequeno registro, livre de dívidas, com seu nome nele.

E a escritura de venda: \$137,856.02.

Sem dúvida, sua vida havia caído rapidamente do reino do absurdo ao do categoricamente surrealista. Ela havia simplesmente conduzido um carro que custava mais do que um grande número de casas. E já uma pequena parte dentro de si estava ocupada considerando que, já que tinha que arriscar sua vida. Acaso não tinha direito a alguma recompensa? Era só um carro, de acordo? E ninguém o saberia nunca. Não era como se se o tivesse sugerido a alguém. Ele o havia feito sozinho: Como se supunha que ela ia conseguir convencer a alguém para devolvê-lo quando parecia que ela era a proprietária legal? E não havia multas de infração por mau estacionamento nesse carro. Nenhuma multa que pagar. O qual deixava para realizar a interessante pergunta de:

- O que fez você com meu carro?

- Dirigi em direção ao rio Ohio -, disse ele suavemente.

- Oh -. Bem. Nada que ela não tivesse tentado fazer só uma ou duas vezes. Parecia como se ela estivesse comprometida inevitavelmente com o BMW se queria ter trabalho a semana próxima. Assumindo que sobrevivesse ao fim de semana.

- Aprese-se -, disse ela, impaciente para seguir com as coisas. Não podia sacudir o horrível sentimento de que sua vida só havia começado sua espiral descendente e as coisas piores estavam por vir.

Depois, saíram da escura garagem para a luz do sol, que os cegou momentaneamente e começaram a caminhar para a rua. Gabby vasculhou as ruas ocupadas, procurando fadas. As calçadas estavam transbordando de pessoas movendo-se em massa para o rio em direção ao estádio. Devia ter uma partida de beisebol, decidiu ela, torturando-se brevemente com o pensamento de algo normal, coisas prazerosas como cachorros-quentes e cerveja, e bolachas salgadas, excursões familiares, e o som afiado da bola contra o taco.

Uma vez mais, as pessoas estavam fazendo coisas no exterior, socializando e divertindo-se, enquanto ela tratava freneticamente de retificar a última catástrofe das fadas.

- Só uma coisa, Que se supõe que tenho que dizer quando encontre um dos seres? -, perguntou com irritação.

- Conte-lhes que me agradaria ter uma audiência com a rainha na próxima lua nova.

- A próxima lua nova? - Olhando-o com o cenho franzido, ela se deteve. - Por que não hoje? Quando é a seguinte lua nova?

Ele encolheu os ombros.

<sup>♥</sup> No original, *she was going to hell in a handbasket*, é uma frase composta que não tem uma tradução exata.

- A última foi alguns dias atrás. Nós a perdemos -. Ao ver seu olhar de reprovação, ele acrescentou. - Ela só dá as audiências uma vez pelo ciclo da lua mortal.

- Está me gozando.

Ele o fazia, mas não ia admiti-lo. Ele imaginou no carro – enquanto observava sua mão apertada ao redor do protetor de couro do câmbio e mentalmente substituiu sua própria alavanca, protegida por um couro tão parecido que parecia ter se esquecido completamente do que era estar fatigado – que talvez, poderia ter sucesso hoje, e perderia seu corpo humano.

Se sentiu estranho e muito humanamente cheio de pânico. Seu estômago realmente se sentiu embrulhado e ele quase fez questão de que voltassem. A única coisa que o deteu era que sabia que se ela tivesse a mais mínima noção que ele desejava permanecer como humano só porque assim poderia transar com ela, ela iria rogar a cada fada que pudesse encontrar que o levasse longe nesse mesmo instante.

E um deles poderia fazê-lo.

Aoibheal não tinha essa ridícula norma, mas era melhor que não o soubesse sua pequenina *ka-lyrra*, já que poderia usá-la contra ele. Ele poderia dizer a ela, que lhes dissesse que viessem recolhê-lo na seguinte lua nova. Ele facilmente a teria na cama muito antes que isso. Saciaria sua curiosidade antes de reclamar seu lugar por direito.

- Não vou estar colada a você até lá -, estava dizendo ela.

Ele sorriu. Por Danu, ela era sexy quando estava irritada: seus olhos brilhando, seu nariz flamejando, seus seios subindo e descendo com suas furiosas e rápidas respirações.

Quando ele não respondeu, ela estendeu uma exasperada mão para um banco a alguma distância, na metade da rua.

- Oh! Só sentaremos por um momento ali, tudo bem? Tendem a perder seu tempo passeando pela rua às vezes. Creio que lhes agrada observar às pessoas, ou suponho que as fadas diriam que observam aos humanos.

Quando ele abriu sua boca para discordar, preocupando-se de não se sentar até que ela o fizesse, ela colocou a palma de sua mão sobre o peito dele e lhe deu um empurrãozinho para o banco. Era a primeira vez que ela lhe tocou por vontade própria. E ele não perdeu a pequena vacilação que ela teve depois que colocou sua mão sobre seu corpo antes de empurrar. Como se ela saboreasse a percepção de seu peito sob sua mão. Suas barreiras estavam caindo. Fascinante.

- Não pode sentar-se aqui comigo ou cada fada que nos veja juntos saberá que posso vê-lo. Quero escolher antes a quem me revelarei -, disse ela com os dentes apertados. - Quando veja os que quero, lhe farei um sinal.

- Como desejar, Gabrielle.

## Capítulo 11

O dia já estava avançado quando Gabby divisou a um par de Fae a qual quis acercar-se. Os assistentes da partida de beisebol fazia muito tempo haviam se deslocado para o centro da cidade, tomando seus carros (os Reds ganharam; ouviu os fogos de artifício), e o sol se ocultado por trás dos arranha-céus que margeavam a Plaza Fountain, dourando as paredes das muralhas cheias de janelas prateadas, com uma cor rosa ardente e lançando oblíquas e altas sombras que atravessavam a rua.

Durante a interminável espera ela percebeu que os Fae, certamente, vigiavam-no. Muitos apareceram ao longo de todo o dia. Mas como ele estava sentado ali sem fazer nada, a maior parte deles se foi depois de um curto momento. Ela supôs que ele não era muito interessante.

Finalmente, divisou a dois. Escolheu-os porque não eram tão cegamente belos como o resto, e ela esperava, do mesmo modo que as pessoas, que os menos atraentes não fossem tão... Bem, fossem mais acessíveis.

Um macho e uma fêmea, loiros e de olhos brilhantes, estavam de pé perto do banco onde Adam estava sentado, absortos em sua conversa. Em lugar de passar sobre eles, ela resolveu unir-se com ele e ver o que passava.

- O que? Não viu a nenhum? -, Adam lhe perguntou, quando ela se acercou.

Essa voz rouca e de sotaque céltico soava quase... alegre? Ela negou com a cabeça ante a estúpida idéia, decidindo que o sol devia ter-lhe cozido o cérebro durante a longa e tediosa tarde.

- Eles estão bem ali -, disse ela, indicando.

- Onde? -. Ele olhou para onde ela apontava e murmurou uma série de maldições. - Cristo, ainda não posso crer que não os possa ver. Eles estão me olhando?

- Não no momento. E estão ali -, disse-lhe, tratando de enfocar seu olhar, - de pé a aproximadamente dez pés a sua esquerda, a menos de um pé do latão do lixo -. Ela inspirou profundamente, forçando-se a si mesma a acercar-se a eles, quando repentinamente o fada macho se voltou e a olhou.

- Oi -, disse ela atenciosamente. - Me agradaria falar com você um momento. Eu preciso...

- Eu creio que essa nos vê, Aine -, o fada macho falou sobre ela, com uma sobrancelha arrogantemente levantada.

Isso? pensou Gabby, as narinas agitando-se. Chamava a ela isso? O nervo. A fel implacável. Ela era humana. Ela tinha um alma. Isso não. Se alguém era isso, então não era ela.

- Oh, esperem um segundo e voltarão a ser superiores. Estou aqui só para passar-lhes uma mensagem. Adam Black quer que eu lhes diga... - Gabby piscou e foi atrás deles. Tinham-lhe voltado as costas e não lhe estavam, absolutamente, prestando nenhuma atenção, mantendo uma conversa tão baixa que ela não poderia ouvir nem por acaso.

Depois o fada macho inclinou a cabeça, e repentinamente ambas fadas desapareceram. Estavam ali um momento, depois se foram.

Exalando explosivamente. Gabby apertou suas mãos dentro de seus pequenos punhos e enfrentou a Adam.

- São todos vocês tão malditamente arrogantes?

- Que quer dizer? Que estão dizendo?

- Eles não estão dizendo nada. Foram-se. Chamaram-me “isso”, disseram-se algo entre eles, e desapareceram. Seus olhos se estreitaram.

- Se isto é uma espécie de truque.

- Não é -, disse ela impacientemente. - Juro-o, estavam aqui. Eu estava tratando de falar-lhes, e só desapareceram.

- Como se vestiam eles? -, perguntou-lhe.

Ela os descreveu, acrescentando que o macho havia chamado “Aine” à mulher.

Pondo os olhos nela, ele gemeu.

- Conheço-a.

- E?

- Ela é uma princesa da linha de Aoibheal, a Primeira Casa do *D'Anu*, e a única coisa real nela é quanta dor no traseiro agüenta. Mas ela me ajudará. Ela regressará.

- Está seguro?

Ele inclinou a cabeça.

- Sim, Aine sempre teve um pouco de boa disposição para mim. Talvez mais do que um pouco. Realmente -. Disse com um longo e sofrido suspiro, - está obcecada por mim.

Acredito, pensou irritadamente Gabby. Inclusive outras fadas não eram imunes a sua sedução. Que dizia isso a respeito das oportunidades de uma mulher humana? Deveria existir uma vacina contra Adam Black. E todas as mulheres deveriam recebê-la no nascimento.

- Sente-se -, disse ele, apontando para o banco ao lado dele. - Não será muito longo. Ela estará de regresso. Aine não me recusaria coisa alguma.

Gabby começou a sentar-se, depois se deteve. Outra fada repentinamente apareceu em cima da fonte, sozinha. Uma solitária. Justamente o que ela esteve esperando toda a tarde. Justamente o que Adam disse que nunca encontraria.

- Bem, estava equivocado -, ela se queixou, sentindo-se inexplicavelmente incomodada a respeito de Aine-Quem-Não-Lhe-Negaria-Nada, - Porque há um fada por ali, sozinho.

Adam se levantou, inspirando agudamente, audivelmente.

- O que? Onde? Não. espera não faça sinais, *ka-lyrra*. Nem sequer o olhe outra vez. Ou a mim. Afaste-se, dê-me as costas, depois diga-me ao que se parece - Ele sibilou.

Gabby o percorreu com o olhar. Ela não poderia ajudá-lo, soava tão alarmado.

- Não me olhe -, sibilou ele outra vez suavemente. - Faça como lhe disse.

Sacudida pela urgência em sua voz. Gabby obedeceu, afastando-se. Voltando-se, pondo-se de perfil, apoiou suas mãos sobre uma parede baixa de pedra que rodeava um arranjo de arbustos esculpidos e flores e pretendeu estar desfrutando da vista. Deixando cair seu cabelo para frente para esconder sua cara, ela disse clara e suavemente.

- É alto. Cabelo acobreado com iluminações douradas. Braceletes e gargantilha negras. Traz posto...

- Roupas brancas e tem uma cicatriz na cara -, Adam terminou por ela.

- Sim.

- Gabrielle, afaste-se de mim neste instante e não olhe para trás. Tão rápido e tão longe quanto possa. Faça-o. Agora.

Mas, condenada mulher, ele deveria saber que ela não obedeceria uma ordem direta outra vez. A primeira vez deveria ter sido um evento fortuito; ela obviamente não tinha um osso obediente e maleável em seu corpo.

Ela olhou para ele, procurando em sua cara, suas sobrelhas tensas pela confusão.

E havia um pouco de preocupação em seus encantadores olhos verde-dourados? Preocupação por *ele*? Ainda que teve o gosto de ver o primeiro indício de tal debilidade, pelo momento, isso poderia ser sua destruição. Ela justamente descreveu a Darroc e, se Darroc punha suas mãos nele em sua condição atual, pois bem... ele não teria uma audiência com Aoibheal em nenhum caso outra vez. E se Darroc colocava suas mãos em Gabrielle..., então Adam se enrijeceu, recusando-se a completar o pensamento. Sangrentos infernos, não havia antecipado isto!

- Vai -, grunhiu.

Mas, inclusive, enquanto ele lhe falava, viu a mudança em sua cara. Ela já não estava olhando-o; seu olhar se fixou sobre um ponto ligeiramente à direita e por trás dele. Sua boca caiu aberta, seus olhos se colocaram impossivelmente amplos, e sua cara estava branca, sem sangue.

- C-c-c-cas-cas - ela gaguejou.

Adam reagiu instantaneamente, capaz de pensar numa única coisa que poderia pôr essa aparência em sua cara e fazer que sua língua tropeçasse com o C.

Caçadores.

- C-c-c - tentou outra vez.

E se tivesse Caçadores no mesmo lugar que Darroc, então não haviam vindo por ela. Ao menos não inicialmente. Tinha milhares de anos de má disposição entre ele e o Antigo conselheiro do Alto Concílio, e podia estar seguro de que o pequeno Darroc desfrutaria mais olhando aos Caçadores rasgando-o em pedaços enquanto ele estava em forma mortal. Depois e só depois ele voltaria suas atenções para a *Sidhe-seer*. E seu pequeno *ka-lyrra* não teria nem uma possibilidade. Nas mãos de Darroc, cada conto de fadas sombrio e torto que ela alguma vez ouviu se faria realidade.

Ele se lançou sobre ela.

Cristo, estavam rodeados por perigos que ele não podia ver! Como se supunha que a protegeria? De qualquer maneira, de quem havia sido a maldita e estúpida idéia?

Enquanto fechava suas mãos sobre seus ombros, algo passou zumbindo junto a seu braço com um suave queixume. Arrastando um braço ao redor de sua cintura, ele se contorceu e se agachou rapidamente, empurrando-a dentro do refúgio de seu corpo, sobressaltando-se quando algo ardeu por trás de seu ombro.

Fechando os olhos, ele a abraçou fortemente e mudou de lugar em alguma direção ao sul, levando ao limite seus diminuídos poderes para transportar-se o mais longe possível. No momento em que ele se rematerializou, instantaneamente desapareceu outra vez, seus braços fechados ao redor dela.

A via do transporte ferroviário. Desapareceu. A loja de comestíveis. Manter-se em movimento. O teto de uma casa. Desapareceu. O campo de milho. Desapareceu. O campo de milho. Desapareceu. O campo de milho. Desapareceu. O campo de milho. O sangrento Meio Oeste. Desapareceu. Em cima do campanário de uma igreja sem forma de equilibrar-se na estreita e escorregadia cúspide.

Começaram a cair, caindo rapidamente além de cruzes e gárgulas, e ele precipitadamente os separou no meio do ar. Ele se manteve movendo-se, mais rápido e mais rápido, sem fazer uma pausa para respirar, tratando desesperadamente de pôr tanta distância como fosse possível entre seu inimigo e sua pequena e demasiado mortal *ka-lyrra*.

Gabby estava segura de que gritava ao máximo de seus pulmões, mas nada saía.

Os braços de Adam Black não estavam simplesmente apertados ao redor de seu corpo, ele conseguiu envolver-se ao redor dela como um escudo vivente.

Mas isso não foi o que fez que seu grito se afogasse. Isso foi porque ela esteve materializando-se e desmaterializando-se. Algo assim. Num momento ela existia, e depois não existia, e depois existia outra vez. A ela não lhe agradou isso nem um pouquinho. Cada vez estava num lugar diferente. As lojas. Os parques de estacionamento. Os campos de milho. Um monte desses. Repentinamente no cume de uma espiral delgada e pontiaguda de uma – *ack* - igreja, e caindo! Enquanto o pavimento se apressava a ir a seu encontro, estavam repentinamente, ditosamente, em alguma outra parte.

Ao cabo de um momento, terminou por fechar os olhos e rezar, tentando, e como que era difícil, não pensar a respeito de qualquer coisa, especialmente em que não estavam tão equivocados os *Livros dos Fae* a respeito dos Caçadores.

Haviam sido, inclusive, ainda mais horrendos em carne e osso, se era disso que estavam feitos, que o que os *Livros* das O'Callaghan diziam. Naturalmente, não havia desenho deles, porque qualquer O'Callaghan que os viu havia sido levada. A pequena descrição dada, assemelhava-os a uma versão clássica do Diabo, com cascos, alados, e com chifres. E eles eram, de certo modo, ainda piores. Altos, de pele elástica, com os olhos laranja acesos como janelas do inferno, tinham asas, dentes afiados, e garras longas, letais. E não estava segura, mas acreditou ter visto um rabo. A única coisa que não entendeu era por que, quando eles eram tão obviamente capazes de rasgar sua presa em tiras com suas mãos nuas... er, os acessórios parecidos a mãos, eles estavam disparando com armas humanas.

Quando finalmente se detiveram num setor coberto de grama. Gabby não pôde falar por longos momentos. Estava, percebeu, ensopada da cabeça aos pés. A água estava caindo a rodo de seu cabelo, ensopando-lhe a cara. Estava de pé tremendo em seus braços, reclinando-se na força de seu forte corpo, inspirando profundamente uma e outra vez.

- Está tudo bem, *ka-lyrra*? -, disse-lhe perto de seu ouvido.

- Tudo bem? Tudo *bem*? -. Soltando-se de seu abraço, ela se girou para confrontá-lo. Tirando o cabelo ensopado de sua cara, ela gritou. - *Pareço* bem? É lógico que não estou bem. Minha vida cai aos pedaços ao redor de mim e me pergunta se estou *bem*?

O rímel gotejava embaixo de suas faces, salpicando sua camisa. Ela se afastou dele, entrecerrando os olhos. Seus sapatos se deslizaram com o movimento e, quando ela os olhou com atenção desconcertada, um girino emergiu da perna de suas calças jeans e saltou sobre a terra.

- Eew! -. Ela o apontou com um dedo estremecido. - Um girino. Tinha um girino nas minhas calças!

- Um girino afortunado -, murmurou ele. E depois, - Quando se muda de lugar vertiginosamente, *ka-lyrra*, cai-se sobre qualquer coisa que ocupe um lugar no espaço. O que não é muito problemático se também se tem todos os outros poderes. Mas não é assim. Chocamos com um lago em alguma parte ao redor do pulo noventa e sete. E, contrário à crença popular, não caminhou sobre a água.

Freneticamente percorrendo com suas mãos de cima a baixo seus ensopados jeans, tateando em busca de mais bichos, ela sibilou.

- Oh, odeio-o. Odeio-o -. Talvez soasse como uma menina fazendo uma birra, mas realmente, estava furiosa, desde que o encontrou só teve experiências inquietantes e perturbadoras uma depois da outra. Estava a ponto de ter um ataque cardíaco no campanário da igreja. Justo quando pensou que ia cair dali, e depois de tudo, isso não havia sido tão horrível como desaparecer e reaparecer uma e outra e outra vez, estava evitando provar a água malcheirosa, esverdeada e cheia de peixes.

- Não o faça -, disse-lhe suavemente.

- *Bebi* uma parte desse lago! Poderia ter-me engasgado com um peixe ou uma rã ou uma... uma... uma tartaruga!

- É mais sábio manter a boca fechada enquanto nos deslocamos rapidamente.

Ela o atravessou com um frio olhar.

- E agora é que me diz -. Condenada fada. Permaneceu de pé, sentindo-se como uma mendiga suja de barro, e ele só parecia mais belo e molhado, todo veludo dourado gotejando e brilhante, seu cabelo todo embaraçado e molhado até a cintura.

- Venha, Gabrielle -, disse-lhe, estendendo sua mão, - Devemos manter-nos em movimento. Eles podem me rastrear porque tenho pouca magia. Estou usando-a para deslocar-me, mas só pelos arredores. Precisamos continuar deslocando-nos, para manter-nos fora de seu alcance.

- Há algo mais que eu deva saber antes que desapareçamos de novo? -. Envolveu suas mãos por trás de suas costas para que ele não pudesse agarrá-la e desaparecer antes de responder sua pergunta. Além disso, precisava de um minuto para preparar-se psicologicamente para os próximos momentos de viagem numa maneira que desafiava todos os conhecimentos e as leis conhecidas da física.

- Poderia tentar beijar-me. Melhor minha língua do que a de uma rã, não? -. Os escuros olhos brilhavam dourados quando a alcançou.

- Uma dura concorrência -, expressou com um rosnado a mentira, dando passos para trás, as mãos ainda postas em suas costas. Ela olhou significativamente ao girino sobre a terra.

- O quê?

- Leve-o de volta.

- Está caçoando, não é? - disse-lhe incredulamente.

- Temos tempo?

Ele considerou isso.

- Sim, mas...

- Então, não estou.

- Esse lago foi há três pulos -, disse-lhe impaciente.

- Se você não o devolver vai morrer, e enquanto você pode pensar que é só uma pequena e patética coisa com uma curta vida que mal significa algo no esquema das fadas. Apostarei que no esquema de coisas do girino ele realmente está esperando com ilusão converter-se numa rã. Agora leva-o de volta. Uma vida é uma vida. Não me importa que tão diminuto um fada todo-poderoso pense que é.

Uma sobranceira escura se arqueou e ele inclinou sua cabeça.

- Sim, Gabrielle -. Colocando o girino em sua enorme mão, e fazendo uma pausa para dar tempo a ela, ele desapareceu.

Enquanto ele se ia Gabby raspou o musgo lamacento de sua bolsa (ficou aturdida ao encontrar ainda mais sobre seu ombro), abriu o zíper e vistoriou os conteúdos. Para variar, alegrou-se de que só pudesse permitir-se bolsas baratas - o couro falso havia resultado ser impermeável. Pescando seu pó compacto, limpou os restos de sua maquiagem e extraiu à força as algas de seu cabelo, reconhecendo com tristeza que as coisas eram agora tão ruins como podiam chegar a ser.

Não só estava ainda inevitavelmente comprometida com Adam Black, mas que outras fadas agora sabiam que ela as podia ver, e algum fada esperto, de acordo com Adam, uma daquelas que não se podia confiar, também a encontrou e invocou aos Caçadores.

Ela tremeu ante a recordação. Num momento esteve olhando Adam, tratando de entender porque ele parecia tão tenso e aflito, e no seguinte, as horríveis criaturas de seus piores pesadelos se haviam materializado por arte de magia por trás dele.

E tinham armas, o que ela achou bastante raro, mas inclusive mais estranho, não estavam disparando – não *nela*. Mas *nele*. O que era que estava acontecendo?

Dando-se umas últimas pinceladas de rímel, ficou quieta. Ele não havia sido capaz de vê-los. Tudo o que ele pode ver era sua cara, e ela sabia que tão horrorizada devia mostrar-se. Havia sido incapaz de formar uma só palavra; o sangue em suas veias se fez gelo, congelando-a no lugar. Se não fosse por Adam, então, teria ficado ali, gritando silenciosamente, impotentemente, até que os Caçadores fizessem qualquer coisa que fosse que fizessem com os *Sidhe-Seer*. Ela tentou desesperadamente dizer “Caçadores” e “armas” mas não pode soltar nem uma sílaba.

E o que fez ele? A última coisa que ela imaginou. Ele se lançou, sem titubear, para protegê-la. Envolvera seu poderoso corpo ao redor do dela. Sabendo que algo horrível estava por trás dele. Ele não se desmaterializou instantaneamente a si mesmo por segurança. Havia usado seu corpo mortal e já não invencível para protegê-la. Podia ter se trasladado para outro lugar abandonando-a, o que era exatamente o que ela esperava de um fada de sangue frio.

*Ele só o fez porque agora precisa de você ainda mais. Tem que protege-la. você é seus olhos para os inimigos que ele não pode ver.*

- O girino foi devolvido a sua aquosa casa, *ka-lyrra* -. Adam se materializou ante ela. Sacudindo-se como uma grande besta molhada, um monte de gotinhas voaram por todas as partes. Ele sacudiu sua escura cabeça, amortecendo sua expressão séria.

- Tudo ficará bem, Gabrielle. Não deixarei que ninguém a magoe. Nem hoje. Nem nunca.

- Porque agora precisa de mim mais do que nunca -, disse ela amargamente. - *Tem que me manter viva.*

Ele sacudiu a cabeça e a olhou por um longo momento, medindo-a.

- Para o caso que tenha esquecido, tratei de fazê-la partir no momento em que você me falou a respeito do solitário Tuatha Dé. Disse, para ser preciso, “*Afasto-se de mim neste instante e não olhe para atrás. Afasto-se tão rápido quanto possa*”. você escolheu não me prestar atenção. E sempre poderia encontrar outro *Sidhe-Seer*, Gabrielle. Eu li os seus livros. Num deles aparece a lista dos nomes das ascendências na Irlanda de quem têm a visão. Todas as ascendências.

- Sim? -. Gabby estava horrorizada. Onde? Como ela não se deu conta? Por que haviam sido postas por escrito? Oh, *por que* alguém não queimou essas páginas há muito tempo?

Ele inclinou a cabeça.



- No primeiro tomo, traçado numa língua antiga. As páginas de nomes. Bem como pode ver, não preciso de você. Eu conheço muito melhor as maneiras humanas do que meus inimigos. Facilmente poderia me ocultar o suficiente para rastrear a algum outro.

- Então, por que não o faz? -, perguntou debilmente.

E como sobreviveria ela se ele o fizesse?

- Pus em perigo a sua vida. E vou protegê-la.

Gabby se inclinou para ele. Sua voz era firme, e seu sotaque mais cortante que o usual e se ele fosse um homem normal, então ela pensaria que estava furioso consigo mesmo por tê-la posto em perigo.

*Está bem, que comece a chorar aos gritos*, sua adolescente interna lhe replicou. Inclusive para um príncipe Fae ele soava furioso consigo mesmo por tê-la posto em perigo. Poderia deixá-lo calmo?

Ela se levantou, boquiaberta, uma dúzia de perguntas diferentes competindo em sua língua, mas ele negou com a cabeça.

- Não agora. Devemos ir. Terá um lugar para falar muito cedo. Este não o é. Vêem.

Gabby ficou de pé, sujeitando sua bolsa firmemente sobre seu ombro. Quando se moveu para chegar a seu lado, ela repentinamente notou que a água que gotejava sob sua úmida camisa tinha uma tintura avermelhada.

- Está ferido? -, exclamou ela, tratando de alcançar seu braço.

Ele se contorceu com indiferença.

- Não é nada.

- Deixe-me...

- Deixe-o. Estou bem. Enxuguei-o fora do lago. Não é profundo. Vêem, irlandesa. Sua mão. Na minha. Agora.

Quando esteve ali, franzindo o cenho preocupada, ele disse:

- Não tenho intenção de expirar antes de voltar a ser outra vez imortal. Não se preocupe, se digo que não tem nenhuma importância então não tem -. Ele fez uma pausa por um momento, depois adicionou suavemente, - E não deve ter medo, Gabrielle. Destruí-os.

- Os Caçadores? -, disse ela inexpressivamente. - Não, não o fez.

- As páginas que nomeavam os *Sidhe-Seer*. Não deveria deixar as coisas tão fáceis para minha raça. Podem ser perigosos, sem misericórdia.

- Diferente de você, esse oh-tão-bom-caráter-Adam-Black? -. O cáustico comentário se deslizou de sua língua antes de que ela pudesse detê-lo.

Ele lhe lançou um impaciente olhar de reprovação.

- Trate de revisar os seus velhos preconceitos, certo, irlandesa? Tente compreender-me.

De acordo, agora tinha um nó na cabeça. Fazia-a sentir como se estivesse sendo preconceituosa e mesquinha. Não era preconceituosa, estava simplesmente apresentando os fatos, e os fatos eram...

Bem, os fatos eram... er, que ela não estava completamente segura de quais eram os fatos no momento.

Maldita seja! Por que não podiam ser as coisas só brancas ou negras? Humano bom, fada má. Simples! Isso era com o que a haviam criado.

Realmente havia ele destruído essas páginas que revelavam a todos os *Sidhe-Seers*? Por que? Por que ele se daria a esse trabalho?

E, por que ele havia tão amavelmente resgatado ao girino? Sem dúvida o fez; havia se ensopado outra vez. Poderia simplesmente mentir (depois de tudo, mentir, se supunha, era sua segunda natureza) e lhe dizer que não tinham tempo. Ela teria acreditado nele; não tinha idéia de que coisa eram capazes os Caçadores.

E ele lhe *havia dito* que se afastasse no instante em que ela descobriu ao fada macho solitário. Realmente teve a intenção de despachá-la para sua própria proteção, sob seu próprio risco?

Que classe de fada faria tais coisas? Um lendário sedutor e enganador?

Ou... o fada decente a metade do caminho? *Havia* tal coisa?

Confusamente, escorregou sua mão na dele.

Sua mão grande engoliu a sua, fazendo-a sentir-se delicada e feminina. Ela inclinou sua cabeça para trás, para contemplar sua cara cinzelada. Seus olhos estavam escuros, sua mandíbula apertada. E ele parecia tão mas tão... humano.

Quando começaram a desaparecer, ela se surpreendeu ao dar-se conta que, sabia que ainda que não estava a salvo dele, sentia-se estranhamente a salvo com ele.

Não se detiveram outra vez até depois do anoitecer. Realmente, meditou confusa, sentia-se mais perto do amanhecer. Tinha perdido o sentido do passo do tempo durante sua viagem desmaterializando-se através de diferentes lugares.

Adam os materializou bem em cima de um trem de passageiros fora de Louisville, Kentucky, explicando-lhe que agora precisavam viajar por meios humanos por algum tempo, para assegurar-se que os Fae não os pudessem rastrear. Assegurando-lhe que os Caçadores estariam enredados por algum tempo nos vestígios que ele deixou de sua magia para trás.

Ela estava outra vez tão cansada que mal podia mover-se. Quando ele a guiou através dos carros até que encontraram um vazio, e sentaram junto à janela e ele a pôs a seu lado, ela se afundou debilmente no assento. Desde que Adam Black havia chegado a sua vida, seu horário de sono se convertera na maior bagunça.

A julgar pelas débeis listas de laranja e rosado no horizonte além do vidro, parecia que outra vez esteve quase vinte e quatro horas desperta e outra vez haviam sido algumas das horas mais traumáticas que alguma vez tivesse suportado em sua vida.

Incapaz de encontrar um só ponto de referência bem fundado a que se aferrar na recente epidemia de acontecimentos antinaturais, resolveu ocupar-se de tudo isso mais tarde e exausta de esgotamento, deixou-se cair no assento, com o queixo inclinado para seu peito.

E quando ele a atraiu através dos assentos, acomodando-a em posição horizontal ao longo de suas longas e musculosas pernas e a rodeou com seus braços, ela só deu um pequeno suspiro e se acomodou comodamente contra ele. Suas calças jeans estavam úmidas ainda, não tinha cobertor, mas podia usar o calor do corpo.

Acalme-se, essa não era desculpa para pressionar sua face contra seu peito e inalar profundamente seu cheiro masculino picante. O fez mesmo assim.

- Não está se apaixonando por mim, ou está irlandesa? -. Ele murmurou, soando divertido.

- Dificilmente -, resmungou ela.

- Bem. Me repugnaria pensar que estava se apaixonando por mim.

Ela o faria. Oh, Deus meu, sim o faria.

## Capítulo 12

Adam mudou de posição com cuidado, tratando de tirar a pressão que sentia em seu ombro sem incomodar a Gabrielle.

Ela dormia entre seus braços. Permaneceu ali durante horas, tão cômoda como podia. Seu rosto, enquanto dormia, era doce, juvenil, inocente e completamente formoso para ele. Deslizou seu dedo para baixo por sua face, estudando os delineados e suaves perfis, perguntando-se de que era feita a beleza. Nunca, durante os milhares de anos que viveu, tinha-o compreendido. Independente do que fosse, ela o tinha entre a espada e a parede. Era cálida, terrena e vibrante, a diferença da fria perfeição das mulheres de sua raça. Ela era um ardente outono e trovões na primavera, enquanto as mulheres Tuatha Dé eram um inverno cinza que passava sem cessar. Ela era precisamente a classe de garota que um Highlander poderia tomar como esposa; com quem podia rir, discutir e fazer amor o resto de sua vida.

Suspirou enquanto dormia e se aconchegou mais perto, apoiando sua face contra seu peito. Ele compreendeu o que motivou a repentina mudança em seu comportamento, o que fez com que o cordeiro caísse esgotado contra o lobo. Não era confiança, não, não de sua fera *Sidhe-seer* (ainda que começava a ver alguns sinais de degelo); as circunstâncias a haviam conduzido para seus braços. Até a última hora dessa tarde ela o percebeu como sua maior ameaça. Agora havia uma ameaça maior, e ele se converteu de repente em seu único aliado.

Não importava a razão, agradava-lhe senti-la suave e rendendo-se a sua força. Inconsciente, vulnerável, confiada a seu cuidado enquanto sua mente vagava em sonhos. Agradava-lhe muitíssimo. O suficiente, de fato, para que ele - ele, que não tinha nenhuma paciência com a incomodidade física - não se importasse em levantar-se dolorido quanto ela acordasse. Por sorte, a bala só o tinha roçado, não sendo uma ameaça significativa para seu corpo mortal.

Os Caçadores levavam armas. Ele esfregou a mandíbula e sacudiu a cabeça. Quando ela lhe disse o que viu, durante as poucas pausas que ele lhes permitiu enquanto saltavam de lugar em lugar, ele havia se sentido furioso.

Consigo mesmo.

Que tonto havia sido. Fazia uma semana, pensou que seu problema mais urgente era um caso severo de frustração e chatice. Então encontrou a Gabrielle, e seu problema mais urgente havia sido como seduzi-la.

Agora seu problema mais urgente era como infernos ia mantê-los vivos.

Não precisava de nenhum gênio Tuatha Dé para compreender porquê os Caçadores levavam armas humanas. Nem a presença de Darroc.

Quão rápido esqueceu tudo o que deixou em seu mundo ao ser desterrado desse reino - as complicações, as relações tensas, as incessantes intrigas da corte - enquanto esteve se retorcendo até o fundo em sua irritação ao ver-se convertido em humano. Que tonto foi por esquecer a Darroc em todo momento. O rancor entre ele e o mais antigo e alto Conselheiro se estendia há quatro milênios e meio, a um tempo anterior ao pacto entre os Fae e o Homem. A um tempo anterior à lança mortal e à espada letal que sua raça trouxe com eles de Danu - duas das quatro Santificadas, e as únicas armas capazes de fazer uma ferida ou inclusive matar a um imortal - e que haviam sido retiradas de Faery e escondidas em segredo. Como lembrança daquele dia que Adam tomou a espada e cortou a cara de Darroc, deixando-lhe uma cicatriz que ainda ostentava.

Lhe agradaria fingir que tratou de matar a Darroc por uma razão nobre, mas a simples verdade era que estiveram lutando por uma mulher mortal. Adam a havia visto primeiro. Mas a rainha o convocou para apresentar-se à corte por alguma tolice, e Darroc se fez com ela primeiro. Sabendo muito bem que Adam a queria.

Darroc a matou. Havia entre sua raça quem acreditava que a beleza e a inocência só podiam ser realmente saboreadas mediante sua destruição. Havia entre sua raça quem, naquele tempo sem lei antes do pacto, quando haviam recém-chegado a este mundo e o estavam explorando, quando ainda não tinham se instalado, que haviam se alimentado como animais carniceiros da paixão que podiam extrair de um humano durante o sexo, não se preocupando se isto matava ao mortal no processo. Ele viu o que Darroc lhe havia feito quando voltou. Fora-se quando a jovem donzela era toda riso e vibrante vida. Sadicamente destruída e silenciada para sempre. Sua morte não havia sido fácil. E por nenhuma maldita e boa razão. Seu assassinato foi um ato de violência amarga e insensata. Adam fez sua parte justa nas matanças naquele tempo ilegal, mas por motivos razoáveis.

Sempre por alguma razão. Nunca pelo prazer de fazê-lo.

O ódio engendrado entre ele e Darroc nesse dia não havia minguado. Restringido pela rainha, sob a ameaça do castigo extremo (nada menos que uma morte sem alma nas mãos da rainha), eles levaram sua viciosa batalha ao campo de batalha da política da corte. Um campo de batalha no qual Adam aperfeiçoou seus poderes de sutileza e sedução, instrumentos que utilizou para derrotar a Darroc em muitas ocasiões. O Antigo, também, havia mudado com o tempo, aperfeiçoando uma astúcia que igualava sua brutalidade. Enquanto Darroc assegurava um assento no conselho da rainha, Adam conseguiu assegurar seu ouvido de outras maneiras. Ele e o Antigo eram as duas pessoas mais poderosamente persuasivas da corte, leais a partidos contrários, e com Adam longe... bem, não havia dúvida alguma que os condescendentes cortesãos estavam sendo arrastados aos braços dele. Quanto tempo passaria, pensou enigmaticamente, antes que Darroc conseguisse pôr alguém contra Aoibheal? Era ela consciente do perigo que havia criado expulsando a Adam?

Assim que Darroc tratou de matá-lo, reflexionou ele. E por meio de armas. Estava tratando de fazê-lo parecer como se Adam tivesse cruzado diretamente entre o fogo numa disputa de humanos? Conhecendo a Darroc, poderia jogar com vantagem uma vez que Adam tivesse desaparecido, e a rainha não seria capaz de demonstrar nada se o corpo de Adam mostrava feridas feitas por humanos.

Ainda que Adam ironiza-se a lei humana, o código Tuatha Dé era igualmente complicado. Sem uma prova sólida, a rainha nunca castigaria a um dos seus. Seu número não tinha se incrementando ao que haviam sido uma vez. Ainda que ele contou uma vez a Circenn que era viril na forma Tuatha Dé, essa não tinha sido uma das muitas, mas muitas mentiras que contou a seu filho. Poucos deles podiam gerar descendentes, e ainda que os Tuatha Dé não morriam exatamente, as vezes eles... desapareciam.

Gabrielle se moveu entre seus braços, tirando-o de seus pensamentos. Mudou de postura, dobrando seus joelhos. Aconchegando-se mais contra seu corpo. Entrelaçou uma de suas pernas entre as dele, acalentando-se contra seu peito, e ele conteve um suspiro, estremecendo-se, enquanto a generosa e doce curva de seus quadris se recostava contra seu membro. Que estava, como sempre, pronto e desejoso. Aquela parte de seu corpo era simplesmente incontrolável, pelo visto funcionava de acordo com uma simples lei da natureza: Ela existia, ele tinha uma ereção.

Cristo, desejava-a. Forçá-la nunca lhe pareceu uma opção atraente, se a forçava não seria melhor do que Darroc.

Não aceitaria nada menos que sua condescendente rendição.

Mas, por todos os infernos, tinha que ser logo. Era um simples humano. Com a consciência de um Tuatha Dé. Ou a carência dela.

Gabby se esticou cautelosamente, tomando consciência de cada músculo de seu corpo que doía.

Podiam ser todos.

Se esticou desde a cabeça aos pés, bocejando, sem ter nem idéia de onde se encontrava.

Abriu os olhos cautelosamente.

Adam Black a olhava fixamente, seu escuro olhar era insondável.

- Bom dia, *ka-lyrra* -, sussurrou com um lento e sexy sorriso capaz de parar-lhe o coração.

- Altamente discutível -, resmungou ela. Uma manhã qualquer antes de ter-se encontrado atada a ele podia ser uma coisa, mas boa não era precisamente o primeiro adjetivo que escolheria. Perigosa? Sim. Interminavelmente tentadora? Sim. Acidentada. Talvez até fascinante. Mas não boa.

- Lhe teria conseguido café mas como estava recostada em cima de mim, não quis acordá-la.

A olhou como se estivesse a ponto de dizer algo mais, mas ela não lhe deu possibilidade. Estava demasiado horrorizada ao descobrir que ele estava apoiado de costas à janela e ela estava caída sem nenhuma tipo de inibição em cima de seu enorme e cálido corpo, ajoelhada sobre uma de suas poderosas coxas (com algo duro apertado contra seu ventre e na realidade, não queria imaginar que coisa podia ser tão dura), seus seios estavam achatados contra seu peito, ahhh - e sua mão estava enredada em seu cabelo! Como se o tivesse estado acariciando em sonhos!

- Sinto muito -, disse-lhe ela rapidamente, desenroscando-se, endireitando-se, e afastando-se dele.

Ele se acercou dela, sua mão se fechou ao redor de seu pulso como uma faixa de aço.

- Não tão rápido, irlandesa.

- Deixe-me. - Gabby ficou imóvel. Tinha conseguido afastar-se dele e se incorporou. Mas algo estava errado. Levou um momento para compreender o que era. Alguém mais estava sentado com ela.

Em cima dela.

Abriu a boca para gritar mas ele a tampou com a mão. Levantou-se, arrastando-a com ele, retirando-a do assento. Sustentando-a fortemente, caminhou corredor abaixo entre os carros procurando um que estivesse vazio.

Só então a soltou.

Com os olhos muito abertos, ela se apoiou contra o assento e o olhou fixamente. Sua boca se abriu e se fechou repetidamente.

- É simples, *ka-lyrra*. Isso é só o efeito do *féth fiada*.

Sua língua se despregou.

- Que está dizendo? -, gemeu ela. - Estou amaldiçoada também? Permitiu que alguém me amaldiçoasse enquanto dormia? É algo contagioso? -. Ela o golpeou no peito com o punho. - Como pode fazer-me isto? Confiava em você!

Ele arqueou uma enviesada e escura sobrancelha.

- Siiimm? Supunha que eu, o *Sin Siriche Du* era seu único inimigo mortal.

- Oooh! Não queria dizer que confio em você em coisas importantes, mas creio que ao menos podia contar contigo em...

- Não está amaldiçoada, Gabrielle -, tranqüilizou-a ele. - É simplesmente que quando a toco, a maldição que me afeta a envolve também. Eu não sabia realmente como funcionava até que a senhora se sentou em cima de você, e depois foi demasiado tarde.

- Acreditei que era imune a isso -, gritou ela.

- E o é. O *féth fiada* não afeta em você. Mas funciona sobre você.

- Não quero isto -. Sibilou ela, levando suas mãos à parte superior de seu corpo, certificando-se de que existia para valer.

- Como com qualquer outro objeto do reino humano, quando a toco a envolvo no encantamento. A faz invisível e incorpórea para outras pessoas. Até que deixo de toca-la. Portanto, quando estava sentada ali. Tratei de adverti-la mas se afastou muito rápido. E não me atrevi a libera-la enquanto o seu espaço estava sendo ocupado, porque não estava seguro do que ocorreria se tivesse feito.

Gabby empalideceu.

- Quer dizer que acredita que se me tornasse corpórea enquanto alguém estava em cima de mim... - Não pôde terminar de dizer o que pensava.

Ele assentiu com a cabeça.

- Que alguém pudesse ser... eh, incorpóreo. Mas de repente deixasse de sê-lo. Pareceria magia, onde as coisas aparecem umas em cima de outras. Não seria engraçado? Já imaginou ver a cara daquela mulher se de repente aparece em cima dela? A não ser que... - reflexionou pensativamente, - Com uma *Sidhe-seer* é difícil de prever; o poder Fae não funciona da mesma forma ao seu redor, que é o que nós encontramos tão inaceitável nos do seu tipo. Talvez em alguma parte pode ter algum elemento que cria a confusão.

- Não creio que isto tenha nada de engraçado em absoluto -. Disse Gabby bruscamente. - passei realmente mal ali sentada. Como se fosse um fantasma ou algo assim.

Ele assentiu com a cabeça.

- Eu sei.

Seus olhos se estreitaram.

- Assim, me ajude a entender isto. Quando me toca, não posso ser vista ou percebida pela gente?

- Exato.

- Mas os Fae ainda podem ver-nos?

- Exato.

- Mas quando me toca, não sou visível para os demais, mas ainda posso senti-lo. E posso sentir-lhe. Assim, estou realmente aqui ou não?

- É difícil de explicar, *ka-lyrra*; não conheço os termos humanos. Sua raça não possui os significados suficientes para detalhar-lhe explicitamente - ele se afastou, franzindo o cenho, procurando as palavras - Bom, isto se aproxima muito, ainda que não realmente exato: uma mudança complexa, de um elemento específico, que muda dentro de um conteúdo multidimensional, um... o que vocês chamam: espaço dimensional, mas dando-lhe treze dimensões em vez de quatro. Os humanos utilizam termos de simultaneidade e não é uma análise muito detalhada. Seu conceito do universo ainda não é bastante avançado, ainda que seus cientistas tenham feito progressos. Sim, é real. Não, os humanos não podem sentir-lhe -. Encolheu os ombros. - O *féth fiada* não afeta aos animais tão pouco. Os gatos e os cachorros podem ver-nos e sentir-nos um pouco, que é quando com frequência ficam olhando fixamente o que aparentemente é um vazio, miando ou ladrando sem nenhuma razão aparente.

- Mmmmm. Estou vendo. Adam?

- Sim?

- Se alguma vez voltar a deixar que alguém se sente em cima de mim em alguma extravagante dimensão, não terá que se preocupar com os Caçadores. O matarei eu mesma.

Seus olhos escuros brilharam com diversão. Quase vinte centímetros mais baixa que ele, e com menos cinquenta quilos, enfrentava a ele, impávida. Só outra mulher mortal o havia enfrentado de maneira similar. Fazia mais de mil anos, em outro tempo, em outro mundo, no século nove, na Escócia. A mãe de Circenn, Morganna: a única mulher a quem ele ofereceu alguma vez a imortalidade.

*Deixe-me morrer, Adam. Lhe imploro, deixe-me morrer*, um carregado zumbido feminino se amontoava em sua mente.

Ele sacudiu a cabeça brutalmente, lançando a voz longe. Era uma recordação que era melhor manter em tempos escuros, onde pertencia.

Atacando sem advertência, não lhe proporcionando nenhuma possibilidade de reagir, ele agarrou numa mão o tecido de sua blusa, a puxando para acercá-la. Adam abaixou sua cabeça, e acariciou seus lábios contra os seus. Ainda que com o mais ligeiro dos toques de sua boca contra a sua, seu membro aumentava dolorosamente contra seus jeans e seu corpo impacientava-se pedindo mais, manteve o beijo suave.

Simplesmente esfregando seus lábios de cá para lá sobre os dela, com um pequeno ronroneio.

A mão que não sustentava sua blusa estava apertava num punho a um lado dele, lutando contra o impulso de achatá-la contra si, introduzir a língua em sua boca, deixá-la cair de costas sobre o assento, baixar seus jeans, e empurrar-se entre suas coxas.

Mas somente lhe deu uma mostra de seu beijo. Saboreando a erótica fricção. Sentindo seus suaves lábios sob os seus. Deleitando-se com o diminuto gemido que saía do fundo de sua garganta.

Então lhe permitiu afastar-se.

Quando liberou sua blusa do aperto de sua mão, ela tropeçou para trás ligeiramente, parecendo completamente aturdida, para sua inteira satisfação. Sua boca luxuriosa estava suave, seus olhos verdes dourados pareciam temerosos, confundidos e muito atraentes pela sensual sonolência. E sabia que se a procurava outra vez, ela não lutaria.

Bem.

Ele queria seu desejo. Queria que ela perguntasse por que ele não havia tomado mais. Queria prepará-la para a próxima vez que a desejasse.

*A quero faminta por mim, ka-lyrra*, pensou silenciosamente, *a farei viciada em mim. Serei tanto o veneno como seu antídoto, seu veneno e sua única cura.*

Em voz alta disse suavemente.

- Sim, Gabrielle.

## Capítulo 13

Desembarcaram naquela tarde em Atlanta, Geórgia, e se registraram num hotel ao-estilo-Adam-Black.

Só por esta noite, disse, tinham que se manter em movimento. Mas esta noite se banhariam, descansariam, e comeriam comida *de verdade* (pelo que ela supôs que ele se referia a sua usual comida: um jantar de um restaurante de cinco estrelas).

Certamente tinha um gosto extraordinário, pensou Gabby, quando secou o cabelo molhado com uma fofa toalha e deu um passo fora do chuveiro.

E ao mesmo tempo não tinha, absolutamente, nenhuma vergonha em ir tomando o melhor do que queria. O banheiro em que estava, era quase do tamanho do seu dormitório em casa e o sonho de um arquiteto. Cremoso mármore listado de rosa, as instalações com enfeites de ouro, o chuveiro de mármore com um banco incorporado que mostrava na parte superior uma coleção de artigos de toucador de excelente qualidade, bem como uma decadente e profunda banheira.

Ela suspirou, recordando quão facilmente ele se tinha *apropriado* desse alojamento de luxo. Certamente sabia mover-se no reino dos humanos. Deixou-a esperando na entrada do hotel, boquiaberta ante a abundância de brilhante cristal, o mobiliário antigo e a elegância ao mais puro estilo do Velho Mundo, sentindo-se - apesar da tentativa que fez no trem de refrescar-se -, o epítome da pessoa suja, com sua roupa molhada, enrugada e malcheirosa.

Ele caminhou com passo seguro para a recepção enquanto os porteiros seguiam de pé, cheirando-a com desdém, enquanto ele se afastava, imperceptível para todos, para um terminal de um computador desocupado.

Alguns momentos mais tarde voltou com reservas impressas em sua mão. Tomou seu braço (o que fez com que os porteiros se pusessem rígidos e piscassem com desconfiança, olhando para o espaço que só fazia uns instantes estava ocupado), e se dirigiram ao elevador e ao andar vinte e três.

*Havia preferido o penthouse*, disse-lhe com um ar impreciso de desculpas, *mas estava ocupado. Este é o segundo em categoria. Se quiser, podemos ir a um hotel diferente.*

Como se ela tivesse visto alojamentos tão extraordinários antes. A suíte tinha três suntuosas habitações, um opulento dormitório de tamanho grande com espelhos ornamentados, cadeiras luxuosamente enfeitadas de brocado, paredes decoradas com tapeçaria de seda, uma magnífica e verdadeira lareira, um quarto com uma cama com dossel tamanho king e um refeitório com uma elegante mesa e cadeiras de pele colocadas frente a uma parede, com altos janelões que davam para a cidade, uma sala de estar com um sofá cama de grande tamanho. Uma televisão de plasma, dois bancos num pequeno espaço, tipo bar e cozinha, e uma *pequeno balcão*.

Por que teve que fazer reservas? Perguntou ela. Por que simplesmente não entramos as escondidas no hotel?

Se fosse só eu, o faria, mas não estarei sustentando sua mão sempre, - a não ser que, é claro, que você queira fazê-lo -, sussurrou com um sorriso sexy e uma olhada em direção ao chuveiro, é mais simples desta maneira, mais conveniente para você.

Ele a empurrou para o banheiro, disse-lhe que voltaria em uma hora, e depois desapareceu. Depois que se foi, sofreu um momentâneo, quase imobilizante reflexo de pânico, como se os Caçadores de algum modo pudessem conseguir encontrá-la enquanto ele estava fora, mas se dissipou rapidamente, deixando-a assombrada ao compreender que realmente confiava nele para mantê-la segura, se não de tudo, pelo menos de si mesmo.

Depois de assaltar o pequeno bar com sanduíches, deu uma olhadela inquisitiva dentro do banheiro, e começou a despir-se ali mesmo, deixando sua roupa suja num monte do lado de fora da porta. Ficou no chuveiro de mármore durante vinte gloriosos minutos, deixando que o jato fumegante de vapor, fizesse sua magia sobre seus músculos tensos e doloridos.

Agora, envolvida num roupão branco, suave e grosso, cortesia do hotel, deu um passo para o dormitório. Seu olhar caiu sobre a cama. A única cama. Parecia que teria que dormir no sofá.

Ele a tinha beijado.

De repente e sem prévia advertência. Sustentou-a pela blusa, e a puxou para si, baixando sua boca pecaminosamente sexy para a sua. E quando fez isso, seus lábios se separaram ligeiramente, (tá bom, talvez ela os tinha separado um pouquinho no último momento).

Esperou que ele tomasse vantagem disso, para empurrar sua língua profundamente dentro dela e tomá-la num exigente, faminto, ardente e deslizante beijo. Esperou um agressivo assalto sobre seus sentidos. Esperou que o beijo se intensificasse numa ardente e erótica sessão.

Não.



Um casto e diminuto beijo. Mal havia sido um beijo em absoluto. Não era que o tivesse convidado a beijá-la, mas já que seguiu adiante e havia tomado um, e já que ela se condenou por permiti-lo, era demasiado perguntar por que se deteve? Exercer um pouquinho mais de pressão?

Mas não, ele só ficou ali, de pé, sem sequer realmente tocá-la, exceto pelo fato que sustentava a gola de sua blusa (e nem sequer tratou de ver uma porção de seus seios, enquanto sua mão estava nessa posição. Que classe de homem renunciaria ante essa oportunidade?) envolvendo-a nessa erótica essência picante de jasmim e sândalo, roçando seus grossos e eróticos lábios contra os seus tão ligeiramente que quis gritar, ou mordê-lo.

Aquele atrito ligeiro, aquela coisa que mal merecia ser chamada de beijo, deixou-a quente, dolorida e miserável. Ficou de pé ali, aturdida, contemplando-lhe. Sabendo que devia ter apresentado ao menos uma luta simbólica, pelo amor de Deus!

Desejando que fizesse novamente, mas agora do modo correto. E, maldito fosse, sabia exatamente o efeito que teve sobre ela; a pura satisfação masculina em seus olhos havia sido inconfundível.

Com um pequeno rosnado de irritação, esfregou sua boca com o dorso de sua mão, e forçou a sua mente a afastar-se desse atroz, exasperante e humilhante beijo e regressar ao que aprendeu sobre ele, durante o almoço roubado no trem.

Que não era muito. Ninguém nunca poderia acusar Adam Black de revelar coisas a mais. Não lhe agradava falar com os humanos a respeito de Faey, ou não lhe agradava falar com ela disso, e teve que pressioná-lo para que lhe contasse um pouco de sua pessoa. E o que conseguiu, suspeitava, não era mais do que a ponta do iceberg.

O Fae formoso e marcado, de cabeleira acobreada, que viu, era Darroc, um Antigo membro do Alto Conselho e antigo inimigo de Adam. Ele acreditava que Darroc havia armado aos caçadores com armas humanas para fazer que sua morte parecesse um acidente, como se ele inadvertidamente tivesse sido apanhado no meio de um tiroteio de disparos humanos mortais.

Acreditava que Darroc planejava uma tentativa de usurpar o poder da rainha e, como sempre estiveram em facções opostas, aproveitava a oportunidade de conseguir que Adam estivesse fora de seu caminho de uma vez por todas.

E isto era em suma, tudo o que conseguiu entender. Ele havia recusado lhe contar o plano que tinha para salvá-los, tudo o que lhe disse foi que tinha um. Recusou-se a lhe dizer o porque que ele e Darroc se desprezavam tão profundamente, ainda que quando falou disso, sua profunda voz se pôs furiosa, obrigando-a a admitir finalmente que essa parte que lhe haviam ensinado a acreditar a respeito dos Fae era incorreta, realmente *sentiam emoções*.

Ela não podia negá-lo mais. A prova estava justo ali, adiante de seus olhos, e a *brehon* dentro de si não podia ignorar a evidência, sem importar quanto lhe tivesse agradado fazê-lo.

Não podia seguir dizendo que ele experimentava sentimentos porque estava em forma e sujeito à condição humana. Não. Adam e Darroc se odiaram por milênios, escutou na sua voz o ódio e a emoção. Forte e profunda emoção. Emoção que experimentou em sua forma de Tuatha Dé.

Os *Livros* de O'Callaghan diziam claramente, tal como a avó confirmou, que os Fae eram incapazes de sentir qualquer emoção. Grande ou pequena. Que eram frios, gelados, arrogantes, insensíveis. Não havia ali nenhuma menção de política ou disputas ou qualquer dessas coisas que soavam tão humanas e, dava-se conta agora, que isso ocorria em Faery; como se os Fae na realidade se parecessem muitíssimo aos humanos. Como podiam os livros terem-se equivocado tanto?

*Caramba, talvez era porque os livros foram escritos pelos O'Callaghans que haviam escapado dos Fae. Por antepassados que nunca tinham interagido com um, nunca tinham falado com um. Acreditaria no relatório de um pesquisador que nunca entrevistou ao sujeito? Apresentaria um relatório de "provas" tão mal elaborado num caso? A parte acusadora se divertiria em grande estilo com isso!*

Oh, tais pensamentos estavam sacudindo seus alicerces até o centro, pensou respirando agitada.

*Tente ver as coisas sem as suas preconceituosas idéias irlandesas, certo?* Havia dito Adam.

Demônios ele as estava arruinando, uma por uma.

Depois de secar seu cabelo, Gabby usou o telefone do hotel para comprovar suas mensagens em casa. Sua mamãe havia chamado quatro vezes para recordar-lhe que tinha prometido voar para a Califórnia no próximo fim de semana para a graduação de sua meia-irmã, e realmente queria falar com ela antes.

Gabby suspirou. Mal conhecia a seus meio-irmãos. Aliás havia ido à Califórnia só duas vezes nos últimos cinco anos e não podia entender por que era de repente tão importante para sua mãe que assistisse a uma estúpida graduação de instituto. Mas ultimamente sua mãe parecia utilizar toda espécie de desculpas para conseguir que Gabby voasse para uma visita.

*Ela pode não ser perfeita, mas é a única mãe que vai ter. Tem que lhe dar uma oportunidade*, a avó lhe disse centenas de vezes.

*Lhe dei uma oportunidade. Nasci dela. Essa foi uma oportunidade. Ela foi embora.*

*Gabby, precisa tentar ver as coisas de seu ponto de vista.*

*Não.*

Sentada no quarto do hotel em Atlanta, ainda podia ouvir a voz de sua mãe, naqueles anos, tão claramente como se tivesse sete anos novamente, acordando pela necessidade de ir ao banheiro, de pé em sua camisola no alto da escada fria da casa na escura noite invernal, apertando contra seu peito um esfarrapado unicórnio recheado, apertando-se contra o corrimão da escada na escuridão.

*Ela está fascinada por eles! Pensa que são formosos e quer viver com eles!*

*É uma menina, Jilly. O superará.*

Então, terá que ajuda-la a superá-lo, porque eu não posso. Não posso tratar disso.

Naquela noite, desejou que sua visão fosse um acessório que pudesse cortar com uma faca, teria-o feito. *Fique, mamãe. Serei boa. Não os verei mais. Prometo-o.*

Gabby apertou seus olhos com força. Inalado profundamente, exalando devagar.

Então deu uma olhada no relógio e pegou o telefone. Era hora de comer na Califórnia; sua mamãe estaria no trabalho em Trio's, o restaurante que dirigia.

Discou o número da casa, esperando a secretária eletrônica. Deixou uma curta mensagem explicando que tinha acontecido algo e não seria capaz de assistir a graduação, mas enviaria um presente e chamaria em algumas semanas. Sentindo-se culpada, como geralmente se sentia no que concernia a sua mãe, completou: - Talvez possa voar para o Natal este ano, está bem?

Assumindo que ainda estivesse viva.

Fora do quarto. Adam apoiou suas costas contra a porta, revolvendo-se agitado, impaciente por um chuveiro, e ainda mais agitado pensando em seduzir Gabrielle.

Podiam ter dormido no trem, num compartimento de passageiros com banheiro, mas ele queria que saboreasse a vida que ele lhe podia dar, inclusive sem seus poderes completos. A sedução requeria o palco apropriado, e o luxo sempre era um palco esplêndido. Ademais, queria fazer umas poucas *compras*. A confiança seria difícil de ganhar, mas o poderia fazer e começaria a ganhar esta noite com sexo e presentes; aquilo era seu forte, as coisas que podia dar-lhe melhor do que qualquer outro homem.

Ele sabia que lhe havia agradado o quarto. Viu em seus olhos. Viu também sua cautela imediata quando seu olhar caiu sobre a única cama. Saiu por um momento para dar-lhe a possibilidade de aclimatar-se, desejando que o chuveiro a tivesse relaxado, e tivesse deixado cair suas defesas quando ele regressasse.

Uma olhada no relógio do corredor em cima dos elevadores lhe disse que era cedo: cinquenta e dois minutos passaram, faltavam oito para entrar.

Ainda que estava convencido de que se encontravam num lugar seguro; - já que aos quatro Caçadores que Gabby havia visto, lhes seria difícil rastreá-los nas modernas cidades, com seus milhões de habitantes e confusos cheiros, e não poderiam cobrir tanto espaço tão cedo - de qualquer modo não queria deixá-la só.

Agora estava examinando o lugar novamente – apesar das pistas falsas que deixou em Kentucky e todo o resíduo Fae em Cincinnati - supunha que teriam um dia de vantagem, talvez até dois, antes que Darroc chegasse aos arredores. O que era um risco aceitável, já que na manhã seguinte iriam embora. Mas esta noite, esta noite roubada, seria a primeira.

Então ele colocaria em prática o plano que tinha formulado no trem.

Era imperativo agora que tivesse uma audiência com Aoibheal. Ela tinha que ser informada de que Darroc havia trazido a seus Caçadores do reino Unseelie, algo não só proibido, mas difícil de fazer, já que os Caçadores eram mercenários de coração e esplendidamente conservados por Aoibheal em troca de poderes e privilégios.

Adam conhecia a única coisa que Darroc lhes poderia ter prometido para afastá-los do serviço da rainha. Era a única coisa que os Caçadores sabiam que Aoibheal nunca lhes daria, a liberdade de seu reino de sombra e gelo. Um regresso aos velhos tempos.

O que significava que Darroc planejava uma tentativa para derrocar à rainha. Logo. E Adam não tinha dúvida que, se Darroc chegasse ao poder, não só o pacto seria anulado imediatamente, os Unseelie seria liberados e isso significaria a guerra entre os reinos. O homem se veria submerso na escuridão.

Uma época como não tinham visto em milênios.

Ele não podia permitir-se perder tempo esperando que Circenn reaparecesse. Já não se tratava de que ele procurasse uma audiência, simplesmente porque estava farto de seu castigo. A rainha estava em perigo, sua *Sidhe-seer* estava em perigo, o futuro de todos os reinos estava em perigo, e ele teria que obrigar a Aoibheal a aparecer.

Quando o se tornara humano primeiro, brincou com esta idéia a princípio, mas decidiu não fazê-lo. Não só tinha carecido do intermediário necessário para fazê-lo funcionar, sabia que a fúria da rainha não teria nenhum limite se ele fizesse uma coisa tão inconcebível.

Mas agora, pensou sombrio, tinha uma razão. Faery fazia com precisão o que sempre suspeitou que ocorreria sem ele; estava vindo abaixo.

Pela manhã, sairiam com destino a Escócia.

E ali, no primeiro dia de agosto, na festa de Lughnassadh\*, uns dez dias depois de hoje, de uma maneira ou de outra, por bem ou por mal, Adam faria o inconcebível.

Uma coisa que nenhum outro Tuatha Dé existente havia sequer considerado fazer alguma vez.

A rainha ficaria enfurecida de início, mas ao perceber por que o tinha feito, ao descobrir a traição de Darroc, estaria contente e agradecida. Rapidamente lhe devolveria seu poder e restauraria sua imortalidade. Provavelmente, nem sequer teria que se desculpar (por coisas pelas quais ele não deveria desculpar-se de qualquer modo). E tudo estaria bem uma vez mais.

Mas seria amanhã cedo quando considerasse tais assuntos. Amanhã pensaria sobre as ações que o levariam a voltar a ser imortal e a recuperar de seus poderes.

---

\* Na festa do deus Celta Lugh, o poeta, identificado com o sol e com mercúrio, Lugh é um deus solar, que alguns mitos identificam como o filho de Bel, a celebração tem lugar nos primeiros dez dias de agosto, festa do sol e da primeira colheita.

Esta noite; ele deu outra olhada no relógio, seu obscuro rosto iluminando-se com um sorriso ao ver que a hora completa havia passado; esta noite estaria tão perto de ser humano como só um homem poderia chegar a ser.

- Está pronta para ir às compras, *ka-lyrra*?

Gabby piscou e voltou-se para a porta. Adam estava de pé na entrada da sala, apoiando-se contra o marco da porta, vestindo só uma toalha. Afastou precipitadamente o olhar. Mas foi muito tarde; a imagem ficou gravada em sua mente. Úmido. Seu brilhante cabelo negro jogado para trás sobre suas costas, seu peito magnífico, braços e pernas poderosas e... uma minúscula toalha. E levantando a minúscula toalha o eternamente presente vulto duro alçando-se contra a toalha.

Um diminuto suspiro de enlevo escapou de seus lábios. Ocultou-o a toda pressa com uma tosse.

- Não o ouvi voltar -, disse rigidamente, fixando seu olhar na TV. Esteve sentada na sala, mudando canais, esperando que voltasse. Incapaz sequer de pensar em voltar a pôr os jeans malcheirosos de novo sobre sua pele limpa, lavou na mão sua roupa na banheira, esperando que estivessem secos pela manhã. Agora, de verdade, o lamentava. Precisava mais do que um roupão entre os dois. Precisava de uma armadura.

E o que fazia ele, pensou ela mal-humorada. Como se atrevia a passear, fazendo alarde de todos esses dourados e masculinos músculos de esplêndida qualidade?

- Entrei diretamente no chuveiro.

- Há outro roupão no banheiro -, informou-lhe.

- Eu sei. Rasguei a parte de trás quando tentei vesti-la. Os homens não são constituídos como eu no seu século, não é verdade?

*Oh, por Deus, nem sequer os deuses gregos são constituídos como você, pensou com irritação.*

- Venha -, repetiu, reunindo-se a ela no sofá e estendendo sua mão. - Vamos.

Suspirando, ela se pôs de pé e se obrigou a olhar diretamente para sua cara, negando-se inclusive ao mais pequeníssimo olhar sobre seu corpo.

Seu olhar se encontrou com o seu, e depois o deixou cair sobre a abertura de seu roupão. Molhou seus lábios e lhe dirigiu um lento sorriso, seus brancos dentes brilhando em seu escuro rosto. A rosada ponta de sua língua dançou contra seus dentes por um momento, sexy e convidando brincalhona.

- O que é o que vamos comprar? - Oh, Deus, pensou com desgosto, escutou *sua* voz tão rouca? Estava a parte de seu cérebro de quatorze anos assumindo o controle de suas cordas vocais?

- Roupa, a não ser que lhe seja mais cômodo continuar com esse roupão durante os próximos dias -, disse com voz sedosa. - Por mim tudo bem.

Ela limpou a garganta.

- Lojas. Agora. Vamos.

Ele fechou suas mãos possessivamente sobre sua cintura. Sua cabeça escura se inclinou para ela, e seus lábios, a um suspiro dos seus, dizendo:

- Onde? Gucci? Versace? Macy's? O que é que quer, Gabrielle? Que posso lhe dar? Eu não lhe negaria nada.

Seu toque era abrasador, inclusive por cima do tecido do roupão, e ela podia sentir seus dedos brincando com seu cinto. Cheirava bem, tão bem, a sabão, a especiarias e a homem sexy. Gabby estava insuportavelmente consciente de sua nudez sob o roupão. E da dele. Seu coração começou a palpitar de maneira irregular.

- Macy's esta bem -, disse ela precipitadamente.

- Há algo mais que queira? -, disse suavemente. - Qualquer coisa?

Ela fechou os olhos.

- Bem, vamos ver, poderia sair da minha vida e arrumar tudo o que colocou a perder?

Ele riu e a apertou contra ele.

Gabby acreditou escutar um "nunca" momentos antes de ser transportada. A seguinte coisa da qual se deu conta é que estava de pé, com roupão e os pés nus, na escuridão, nos escritórios fechados da Macy's.

- Que fazemos aqui? -, perguntou, olhando fixa e inexpressivamente as dúzias de computadores e telas.

- A não ser que queira segurar minha mão enquanto prova as coisas, *ka-lyrra*. Desativo as câmaras de segurança, desse modo não aparecerá nos vídeos de segurança. A mim não me preocupa isso, mas você sim o faz.

Céus, ele pensava em tudo, tomando medidas para proteger seu futuro, como se não tivesse nenhuma dúvida de que ela sobreviveria a este pesadelo e teria um futuro. Assumindo que o fizesse, a última coisa que querereria era ser apanhada nas câmaras de segurança da Macy's. A perspectiva de sobreviver aos Fae, só para terminar processada por roubo de lojas, era demasiado irônica. Para não mencionar o estrago que os antecedentes penais fariam com seus futuros projetos profissionais.

Alguns minutos mais tarde, ao que parece satisfeito por seu trabalho, levou-os à parte principal da loja. Sentiu-se aliviada ao descobrir que seu modo único de viajar já não lhe causava náuseas.

- Fique aqui -, disse, depois desapareceu. Regressou num momento, sustentando duas grandes malas de couro em suas mãos. De Gucci, nada menos. - Estarei perto. Vamos para a Escócia amanhã. Leve o que precisar. E, Gabrielle, o tempo é diferente ali; as noites são frias nas Highlands nesta época do ano.

- Es... Es... Es... - gaguejou, mas ele se foi outra vez. *Escócia? As Highlands? Por que diabos? Demônios, que planejava? E por que não lhe disse? Como se atrevia a arrastá-la por todo o mundo sem lhe dizer seus planos? Essa era a frase chave "seus planos". Esta também era sua vida.*

Ficou de pé por um momento, perplexa e incômoda, depois com uma enérgica sacudida de cabeça decidiu enfocar-se na tarefa mais próxima. Mais tarde o confrontaria e faria questão de uma completa explicação. Agora mesmo só queria mais roupa. Rápido. Esses poucos momentos que esteve em seus braços, enquanto ambos estavam quase nus foram uma prova de autodisciplina que quase havia fracassado. Cada pedacinho de seu corpo tinha ansiado derreter-se naqueles fortes braços. Passar sua língua sobre seu peito musculoso, e sobre esse atraente abdômen. Talvez, inclusive, escorregar sua mão sob sua toalha e averiguar se realmente estava tão enorme – *Ooooooh!* Tinha que deixar de pensar nisso!

Deu uma olhada ao redor, tentando absorver o fato de que estava no Macy's, depois das horas de venda normais, indetectável, com evidente carta branca. Vagamente distante, sua consciência protestou. Calou-a raciocinando que mais tarde se ainda se sentisse culpada, sempre poderia enviar uma doação anônima, e se pôs a explorar todas as modas que nunca havia sido capaz de permitir-se.

Ao final, no entanto, esquivou a roupa de alta costura e se conformou com as coisas que faziam sentido. O vestido exclusivo e colante de desenhista com os atraentes sapatos de salto alto de ponta que a fizeram suspirar tão melancolicamente só seriam percebidos por ele como um convite, e, realmente, quem sabia em quantos lagos mais se molharia?

Assim que pôs em sua mala uma dúzia de calças; três sutiens; jeans; moletons para dormir; blusas, calcinhas, suéteres; cosméticos e variados artigos de lavabo; dois cintos - e sua única concessão à tentação - uma magnífica jaqueta de camurça revestida de lã, que parecia muito adequada para as Highlands.

Mas aparte daquele único artigo valioso, manteve-se longe dos artigos excessivamente luxuosos. O luxo estava bem para um príncipe Fae, mas que faria ela com um par de botas Gucci de seiscentos dólares? Teria medo de caminhar com elas. Provavelmente tropeçaria e romperia um tornozelo ou algo assim, e não existia por ali um velho conto de fadas sobre uns sapatos roubados que castigaram ao ladrão? Sabia melhor do que a maioria das pessoas que os contos de fadas tinham um modo retorcido de tornar-se verdadeiros.

Se deslizou nuns jeans e calçou um par de tênis. Um par de resistentes botas de excursão foram guardadas em sua mala também.

Ficou pronta antes que ele. Imaginem. E quando ele voltou, vestia uns jeans com a marca Armani, uma camisa branca de seda e botas Gucci de seiscentos dólares.

Assim que também... imaginem-se...

## Capítulo 14

Há uma semana o jantar consistiria em restos de pizza de tempo indeterminado resgatada de seu desprovido refrigerador em casa, sozinha, pensando sobre sua inexistente vida amorosa.

Esta noite era um jantar do Bacchanalia<sup>♥</sup> trazido via invisível a uma suntuosa suíte, por um companheiro de jantar que era o ideal dos contos de fadas.

Literalmente.

Sentado do outro lado da elegante mesa havia um príncipe de fadas alto, escuro e vestido de Armani. Gabby se entupiu de lagosta temperada com manteiga, massa, e salada, seguida de torta de creme de chocolate e morangos com champanhe.

Divino. Normalmente teria contado as calorias (mesmo assim provavelmente teria comido de tudo, mas ao menos as teria contado), mas já que não tinha forma de saber quão curta poderia ser sua vida naquele momento, não estava disposta a privar-se de nada durante o que lhe restasse dela.

Estava a ponto de abrir a boca para exigir saber detalhadamente qual era o plano, quando ele disse suavemente:

- Por que ainda é virgem, *ka-lyrra*?

Ela piscou, um instintivo: *não é assunto teu*, saltou à ponta de sua língua, mas o engoliu rapidamente. Talvez se respondesse algumas de suas perguntas, ele seria mais receptivo às dela. Depois, ele era parte da razão pela qual sua vida amorosa fedia, e era bom tirar aquilo do peito. Obviamente não podia queixar-se com suas amigas da miséria de ser uma *Sidhe-seer*.

- No caso que não ter notado. Tenho uma grande desvantagem.

Suas escuras sobrancelhas se uniram num cenho e seu olhar a percorreu.

- Eu não vejo nenhuma. Que tipo de desvantagem?

Ela empurrou sua cadeira para trás, escondendo seus pés sob ela.

- Bah. Vejo fadas.

- Ah. E por que isso é uma desvantagem?

- Quero uma vida normal. Quero uma vida medíocre, cotidiana, plena. Isso é tudo o que sempre quis. Um marido, um trabalho que me apaixone, e filhos. Quero um sonho completo, o "E Foram Felizes Para Sempre" e tudo o demais.

- E, como dificulta isso, que possa ver aos membros de minha raça?

Ela lhe dirigiu um pequeno suspiro impetuoso.

- Tive duas relações sérias em minha vida. Cada vez que cheguei no ponto em que estava pronta para as intimidades, tudo no que podia pensar era que se ficasse grávida, minha criança muito provavelmente também veria Fadas. Com o que estou de acordo, posso viver com isso. O problema é, poderia o homem de minha vida? Lhe digo que vejo um mundo que ele não pode

<sup>♥</sup> Famoso restaurante localizado na cidade de Atlanta.



ver? E que terei que proteger a nossas crianças dele? E que ele não pode ajudar? Ou retenho essa informação e lido com ela quando se torne importante, e enquanto desejo que nunca suceda? - Ela sorriu apenas, amargamente. - Conteí a verdade a meu último noivo. Decidi que era o que devia fazer, e que se ele realmente me amava, seria capaz de suportar. Sabe o que aconteceu?

Adam negou com a cabeça, seu escuro olhar desconcertantemente frio e absorto.

- Primeiro pensou que eu caçoava. Então quando segui tentando fazer que compreendesse; até lhe mostrei os *Livros dos Fae*; ele alucinou completamente. Quando não deixei o tema, quando não lhe disse que estava brincando, quando meus 'delírios persistiram em manifestar-se', como expressou ele de um modo encantador, disse-me que estava trabalhando demais e que precisava ajuda profissional. Pouco depois disso me deixou. Por correio eletrônico, nada menos. A forma de romper que elegem os débeis e covardes chorões. Tentei chamar-lhe, mas não respondia. Deixei-lhe mensagens, não respondeu; bloqueou meus e-mails; nem sequer respondia à porta. Nos conhecíamos fazia três anos e estivemos saindo durante a metade deles. É um estudante de direito no meu programa. Uma de minhas amigas me disse a semana passada que estava dizendo aos nossos amigos que eu tinha depressão.

- você não o amava -, disse Adam contundente.

- O quê? -, sobressaltou-se ela, perguntando-se como ele chegou a essa conclusão tão rapidamente e de uma maneira tão prática.

- Não o amava. Vi mortais apaixonados, afligidos por alguém que perderam. você não o faz.

Com um sorriso débil e sarcástico Gabby lhe deu razão.

- Tem razão. Não estava perdidamente apaixonada por ele. Mas me preocupava com ele. Muito. E ainda dói.

- Sinto muito, Gabrielle.

Ela encolheu os ombros.

- Não posso dizer que não soubesse o que esperar. As mulheres O'Callaghan nunca têm relações que terminam bem. Meu pai deixou a minha mãe. Quando eu tinha quatro anos. Mal o recordo. Somente tenho uma recordação vaga de um homem com uma barba que picava e uma voz ruidosa e aborrecida. A única razão pela qual funciona o segundo casamento de minha mãe é porque ela não pode ver fadas e não terá mais crianças. Seu marido não tem nenhum indício de que ela seja nada além de perfeitamente normal. E enquanto eu me mantinha fora do cenário, ele nunca o fará. Minha avó nunca se casou. Ela se decidiu pela parte das crianças de seu sonho. Ficou grávida e não contou ao pai. Já não é como antes, quando os *Sidhe-seer* eram reverenciados e os homens lutavam com suas próprias mãos. Em meu tempo, a gente não acredita em coisas que não podem ver. E eu? Eu vi minha primeira fada, assim me disse minha avó, quando tinha três anos. Apontei-o e lhe sorri.

Por sorte, foi minha avó que me tirou do carinho naquele dia, porque se fosse minha mãe, ela nunca teria sabido que via e provavelmente seria apanhada. Então foi quando seguramente souberam que, ainda que a visão passou por alto a minha mãe, não passou a mim. Não pude deixar a casa outra vez até que fiz dez anos. Passou muito tempo até que minha avó esteve convencida de que poderia sair sem delatar a mim mesma.

Adam se inclinou para trás em sua cadeira, olhando-a através da mesa. Ele começou aquela conversa com sua pergunta sobre por que ela era ainda virgem, com a intenção de voltar sua mente para o sexo e suavemente entrar no terreno da sedução. Mas ela terminou afastando sua mente daquilo, para pensamentos diferentes sobre ela. Ele não tinha em conta o que poderia significar ser uma *Sidhe-seer* para uma mulher do século vinte e um.

Não era tão diferente da vida da velha bruxa no bosque isolado, como havia pensado. Ainda significava fugir, e não somente dos Fae, mas dos de sua própria raça. Isso significava uma vida de nunca encaixar em parte alguma.

Ela tinha razão, que homem acreditaria nela? E, assumindo que algum o fizesse, que homem toleraria tal afronta a sua masculinidade, a incapacidade de proteger o que era seu?

Na realidade ela esteve fazendo uma valente tentativa: obtendo uma carreira, tendo encontros, e cuidando de que os Tuatha Dé fossem inconscientes de sua existência.

Até que ele chegou e arrebou sua porta dos fundos, delatando-a ante os piores habitantes de Faery.

- Quando for imortal outra vez. Me encarregarei de tudo por você, *ka-lyrra*. Nunca terá que voltar a temer nada.

Ela enrugou seu nariz como se dissesse: *sim, é lógico*.

- Falando disso, qual é o seu plano? Se vai me arrastar por todas as partes ao redor do mundo, creio que tenho o direito de saber o que vamos fazer.

Ele negou com a cabeça.

- Quanto menos saiba por enquanto, mais a salvo estará. Se por alguma possibilidade a levam, meu plano pode ser o único modo que tenha de trazer-lhe de volta.

Ela estremeceu, empalidecendo.

- Se refere a se os Caçadores me apanham, não é verdade?

Adam assentiu.

- Sim. O conhecimento que não possui não pode ser roubado de sua mente por outro de minha raça. Espere até que estejamos na Escócia. Lhe direi ali.

Ela estremeceu outra vez.

- Bem. Mas ao menos pode me dizer a que lugar da Escócia vamos?

- A uma terra sagrada, onde aqueles de minha raça foram proibido de ir. À terra dos MacKeltar. Estaremos a salvo ali.

- Então suponho que já não vamos tentar encontrar a esse Circenn Brodie?

Adam a olhou atenciosamente quando contestou.



- Já não posso seguir esperando que meu filho reapareça.
- Se-seu – o quê? -, balbuciou ela, olhando-o com expressão de assombro.
- Meu filho. Circenn é meu filho.

Ela se pôs rígida em sua cadeira, franzindo o cenho.

- Quer dizer, de uma mulher humana? É por isso que é só metade-Fada? Teve um menino com uma mulher humana?

Ele assentiu, ocultando seu sorriso por trás de um trago de vinho. Ela soava tão ofendida como... fascinada de má vontade. Que estivesse fascinada era algo bom, muito bom. Precisamente o que queria ouvir.

- Quando? Recentemente?

- Faz muito, *ka-lyrra*.

- Faz quanto tempo? E deixa de me fazer apertar os dentes, Adam. Respondi suas perguntas. Se espera que responda mais, é melhor começar a me contar.

Ela parecia como se estivesse a ponto de saltar da cadeira, pegá-lo pelos ombros, e sacudi-lo. Devia tê-la incomodado mais, deveria tê-la provocado a isso para ter a desculpa de empurrá-la para seus braços, mas estava muito encantado pelo fato de que ela acabava de chamá-lo “Adam”. Ainda que havia dito seu nome em outras ocasiões, era a primeira vez que o usava casualmente numa conversa. Ele esteve esperando que aquilo sucedesse.

Aquilo era algo que revelava uma profunda aceitação para ele. Não era idiota; sabia que no início ele só havia sido “algo” para ela. Depois o *Sin Siriche Du*, ou o fada negro, e mais tarde seu nome completo. Adam Black. Mas agora era somente Adam. Perguntou-se se ela tinha idéia de que acabava de trair a si mesma.

- Circenn nasceu no ano 811 d.C. -, disse-lhe - Viveu em seu tempo até princípios do ano 1500, quando encontrou a uma mulher de seu século. Agora vivem em seu tempo.

Ela abriu arregalou os olhos.

- Não creio que queira saber como aconteceu. Só me daria dor de cabeça.

Ela ficou em silêncio por um momento e Adam imaginou que quase podia ver as perguntas zumbirem por trás de seu olhar verde-dourado enquanto ela refletia que pergunta faria à seguir. Sentiu-se contente com sua escolha.

- Então isso significa que qualquer criança que tenha será também imortal, mesmo se são só meio-fada? Não é que pessoalmente me preocupe -, adicionou a toda pressa. - Só pensava que poderia ser interessante adicioná-lo a nossos livros.

A única pessoa que acrescentaria algo àqueles estúpidos livros seria ele; era momento de que as O'Callaghans aprendessem um par de coisas.

- Não, Gabrielle, só um Tuatha de sangue puro nasce imortal. Dei um elixir a meu filho criado por minha raça através do qual podemos conceder a imortalidade à pessoa escolhida -. Ela não tinha por que saber que ele o fez sem o conhecimento ou o consentimento de seu filho. Ou que Circenn o odiou quando averiguou o que havia feito. Sim, de fato, passou a maior parte dos seguintes seis séculos mais ou menos recusando falar-lhe, recusando reconhecê-lo como seu pai. Seu filho poderia guardar rancor como o melhor dos imortais.

- Pode fazer *imortal* às pessoas? -, disse ela debilmente. - Bem como, viver para sempre?

- Sim. Também converti a sua esposa em imortal.

Quando havia sido? Ele esteve viajando tanto ao redor no tempo que para ele havia passado muitos séculos, mas para ela; três anos mortais ou algo assim? Uma sombra distante nublou sua mente ante o pensamento. O elixir da vida tinha um efeito em particular desagradável; um que ele não lhe havia contado, nem a Circenn, nem a Lisa. Os meninos metade fadas nasciam com almas (ao que parece meia dose de humanidade era bastante para merecer o sublime), e Circenn, com sua mais do que teimosa constituição, tinha uns séculos mais antes de que isso passasse. Demorava aproximadamente um milênio para afetar a um meio-fada. Nos humanos puros, por outro lado, como Lisa, só demorava alguns anos. A Lisa lhe restava pouco tempo. O brilho dourado que a iluminava logo se extinguiria, deixando-a tão desprovida de alma como qualquer Fae.

- Também fez imortal à mãe de Circenn?

Bruscamente, Adam quis mudar de conversa. Levantando-se da mesa, começou a meter numa bolsa os restos. A comida que ficasse, a comeriam pela manhã antes de pegar o avião. Queria começar cedo.

- Não.

- Então está morta?

- Sim.

- Por que não lhe ofereceu...?

- Ofereci -, disse ele com os dentes apertados, cortando-a.

- E?

- E Morganna não aceitou.

- Ah. - Seus olhos se entrecerraram, depois se alargaram, como se algo lhe acabasse de ocorrer. - Quando Morganna morreu?

- Que demônios tem isso que ver? - rosnou ele.

Ela o olhou com cautela, mas insistiu:

- Quando?

Adam empurrou a última bandeja de massa numa sacola. A sacola rasgou na parte de baixo. Com irritação, dobrou a sacola de papel ao meio e a pôs sob um braço.

- Em 847.

Ela ficou silenciosa por um longo momento, refletindo, então disse:

- Por que ela não...

Ele lhe deu uma olhar selvagem, os olhos entrecerrados, mostrando-lhe os dentes.

- Suficiente. Minha vida não é um livro aberto dos O'Callaghan, *Sidhe-seer*, para folheá-lo como queira. E fazer toda espécie de malditas e estúpidas interpretações. Os Tuatha Dé não falam dos assuntos dos Tuatha Dé com -, dirigiu-lhe um olhar frio; - simples mortais.

- Bem, *senhor simples mortal* -, ela se enfureceu com a resposta - talvez mais vale que se acostume a isso, porque lhe agrade ou não, precisa ao menos de um de nós, os simples mortais, para ajudá-lo a converter-se nessa coisa *de fada maldita e pretensiosa* outra vez.

Ele tentou manter seu frio olhar fixo, mas seus lábios se curvaram apesar de seus esforços e tremeram com um riso silencioso.

- Essa coisa de fada maldita e pretensiosa...

Que indigno. Alguma vez alguém de sua raça havia sido chamado assim?

Nada intimidava à mulher. Nada.

- você ganhou, *ka-lyrra*. - disse secamente.

Enquanto juntava as sacolas e dava a volta para dirigir-se à cozinha, falou sobre seu ombro.

- Para que conste, acabo de dizer-lhe mais do que disse a outro humano em muito tempo.

- Quanto tempo? -. No momento em que o disse, Gabby quis dar pontapés em si mesma. Mas queria saber. Queria conhecer à última mulher... er, humana, que realmente conheceu bem a Adam Black.

Ele se deteve e se voltou para olhá-la.

Quando seu olhar obcecado se encontrou com o seu, Gabby de repente sentiu que lhe gelou um pouco o sangue nas veias. As vezes ele parecia tão humano, enquanto em outras tinha uma horrível incongruência em sua cara, como se algo espantosamente velho e completamente desumano a olhasse por trás de uma máscara de Halloween de um jovem rosto humano. E durante um breve e estranho momento, teve a sensação de que, se de algum modo levantasse aquela máscara, poderia encontrar algo muito parecido a um... um Caçador sob ela.

Então ele fez um pequeno som, um som cansado. Não um som sonolento, mas um imortalmente cansado. Então empacotou a comida e voltou a afastar-se.

Ela ouviu a porta do refrigerador abrir-se e fechar-se. Depois silêncio. E então sua profunda e rica voz boiou suavemente pelo quarto.

- Desde 847, Gabrielle.

Era uma hora da manhã quando Gabby abriu o sofá cama, ainda meditando sobre o que Adam havia lhe revelado. Não tinha lhe passado por alto a importância das datas. Morganna tinha morrido em meados do século nono, tinha recusado sua oferta de imortalidade e, justamente ao redor daquele tempo, Adam Black havia sido visto não só pelas O'Callaghans, mas por muitos outros, encolerizado pelas Highlands.

Por Morganna?

Adam Black encolerizara-se quando a perdeu? E se era assim, por que lhe permitiu morrer? Ele havia sido onipotente; poderia tê-la obrigado a viver, obrigá-la a tomar seu "elixir da vida" (o que era um conceito alucinante em si mesmo!).

Quem era Morganna? Como havia sido? Por que o recusou? Quanto tempo Adam passou com ela? Teria ela vivido sua vida inteira com ele? Acordado cada manhã com um príncipe Fada a seu lado na cama? Havia sido mimada cada dia por seus loucos excessos, indo dormir saciada cada noite em seus braços? O que ela teve de especial que ele tentou fazê-la imortal?

- Realmente poderia odiar a essa mulher -, resmungou baixinho.

Adam Black teve uma relação com uma mulher mortal, gerou um filho com ela, e tentado fazê-la viver para sempre.

E Gabby se sentia... ah, por amor do céu, pensou, exasperada, enciumada. Invejosa do que seguia negando-se a si mesma, não como Morganna. Não, Morganna tomou o que ele lhe ofereceu, mergulhando diretamente nisso, aceitado tudo isso. Ela o tocou e o beijou e se deitou com ele. Ela *brincou* com todo aquele sedoso cabelo negro, sentido-o percorrer seu corpo nu. *Provou* a pele dourada e aveludada das fadas, tido quente e sufocante sexo de fadas com ele. Inclusive levado seu filho.

E quando ela morreu, ele assolou as Highlands. Em sua pena? Ou havia sido simplesmente o mau humor de um menino a quem lhe negavam seu brinquedo favorito?

*A quem importa? A mim não me importaria ser o brinquedo favorito do homem durante toda uma vida*, sussurrou uma voz adolescente e sonhadora. *Manda ao inferno todos esses noivos que tem estado colecionando. Por que conformar-se com uma vida normal quando poderia ter uma vida plena de conto de fadas?*

- Cale-se -, resmungou ela. - Já estou passando um mau momento sem você revolvendo o assunto. E poupe-me os jogos de palavras juvenis.

Franzindo o cenho, deu um murro no travesseiro, deixou-se cair neles, depois sacudiu o cobertor, estendendo-o sobre o sofá cama. Acabava de arrumá-lo quando ele apareceu por trás dela, escorregou suas mãos ao redor de sua cintura, e a empurrou para trás contra ele, seus ombros contra sua caixa torácica. O calor de seu enorme corpo a abrasou através de sua roupa e ela pôde saborear seu cheiro exoticamente picante em cada inspiração que tomou.

- Nunca se perguntou, Gabrielle? -, disse ele suavemente, colocando sua boca perto de seu ouvido.

- Perguntar-me o quê? -, ela conseguiu dizer, ficando muito, muito quieta. Ele só tinha deixado um diminuto espaço entre a parte inferior de seus corpos, uma tentadora, e incitante quantidade de espaço. Ela não deixaria que seu corpo traidor o encurtasse. Não se permitiria reclinar-se nele, procurando com seu traseiro aquela dura excitação que ele sempre tinha.

Compreendeu então, com um pequeno sobressalto, que lhe agradava que ele sempre estivesse duro ao redor dela. Acostumara-se a sua incessante sedução. Era algo embriagante, saber que o *Sin Siriche Du* estava tão excitado por ela. E o fato de que assim fosse alimentava seu próprio desejo. Ser o foco de uma luxúria tão intensa por parte de um homem fada tão sumamente formoso era o mais potente dos afrodisíacos.

Deus, ele era perigoso. Mas ela o sabia desde o princípio. Ele veio incluído com as etiquetas de advertência dos O'Callaghan: *Evitar o contato a todo custo*.

Nada mais claro do que isso.

- Em todos os seus anos de observação, de estar proibida de olhar-nos, e tendo a necessidade de fingir não poder ver-nos, nunca se perguntou como seria tocar a um de nós? -. Ele deslizou suas mãos devagar, subindo por sua cintura, e ela soube que lhe estava dando tempo para separar-se, apostando que não o faria, e que Deus a ajudasse, ela sabia que deveria, mas parecia que não podia conseguir bastante força para fazê-lo. Seu coração palpitava como uma bigorna contra a parede do peito dele.

Houve um longo e tenso momento onde nenhum deles se moveu ou falou.

Bruscamente, ele encheu suas mãos com seus seios.

O fôlego que ela estava tentando reunir explodiu de seus pulmões num apito. Sua pele ardeu sob o tecido de sua blusa, enquanto as pontas de seus nervos se alçavam imediata e insaciavelmente à vida. Só podia imaginar o incrível que seria sentir suas mãos nuas sobre sua pele também nua; aquelas grandes e fortes mãos de ferreiro por todo seu corpo. Com aquele toque extra de Fae que tinha, imaginou que poderia arder em chamas pelo puro calor erótico de tudo isso.

Ele emitiu um som crispado que era tão animal e cheio de fome sexual que quase lhe dobraram os joelhos, e se balançou durante um momento. O aperto dele sobre seus seios aumentou, fazendo-a inspirar uma longa e desigual inalação, mas ele não lhe ofereceu o apoio completo de seu corpo; ainda mantinha, desde a cintura para abaixo, aquela leve e provocante distância.

- Tem seios formosos, *ka-lyrra*. Estava querendo encher minhas mãos com eles desde o momento em que a vi. Redondos, cheios, suaves e... —, sua voz foi se apagando com um pequeno ruído ronronante no profundo de sua garganta.

Gabby fechou seus olhos; seus seios se sentiam apertados em suas mãos, inchados por seu toque. Sua mandíbula sem barbear roçava contra seu cabelo, depois contra sua face quando colocou a um lado seu cabelo. O calor úmido de sua língua deixou um rasto aveludado para baixo pelo lado do seu pescoço, enviando tremores de prazer sensual que passaram roçando ao longo de sua coluna. Ela ia afastar-se, detê-lo. De uma hora para outra...

- Nunca fantasiou sobre nós? Diga-me que não o fez. Diga '*Não Adam. Nunca pensei nisso nem uma única vez*' -. Ele riu roucamente, com maldade, como se estivesse infinitamente divertido pelo pensamento, seus polegares fizeram ligeiros círculos sobre seus seios, justo embaixo de seus mamilos, sobre a suave parte inferior onde era tão sensível. Seus mamilos estavam tão duros que empurravam tanto contra seu soutien como contra sua blusa, famintos por seu contato.

Ele fechou seus dedos sobre os bicos franzidos no exato momento em que lhe mordeu a nuca, e ela apertou os dentes para evitar gritar. Ele sabia, maldito fosse, sabia. Suas fantasias secretas, a eterna batalha interior que empreendia. Ele sabia tudo sobre isso.

- Por que está tão calada? Por que não o diz, Gabrielle? -. Uma pausa. - Porque realmente pensou. Muitas vezes -. Um meloso deslizamento de sua língua por seu pescoço.

Outro apazível beliscão sobre a linha sensível e terna que corria do seu pescoço ao seu ombro, fazendo que seu corpo inteiro tremesse de desejo. Um delicioso e ligeiro beliscão sobre seus mamilos.

- É tão difícil admiti-lo? Sei que o faz. Sei que se perguntou como seria se um de nós a levasse para a cama. Despi-la e fazer com que você se excitasse tantas vezes que nem sequer pudesse se mover. Dar-lhe tanto prazer que a deixe flácida e esgotada, totalmente incapaz de qualquer coisa exceto ofegar ali enquanto o seu amante Fae a alimenta com suas mãos, cuidando-lhe, e reconstruindo a sua força para assim poder fazer-lhe amor uma e outra vez. Para poder montar-lhe lenta e profundamente, tomá-la rápido e com força por detrás. Então poderia lhe colocar sobre si e sentir que se estremeceria em cima dele quando lhe possuísse. Depois ele poderia lamber, provar e beijar cada centímetro do seu corpo até que nada mais existisse, até que tudo o mais cessasse de importar, exceto o que lhe faz, a libertação que só ele poderia dar-lhe.

Ela estava ofegando suavemente. Maldito. Havia imaginado todas aquelas coisas e mais. E suas palavras pintavam imagens muito vívidas em sua imaginação: Adam fazendo-lhe todas aquelas coisas. Ser levantada e colocada sobre ele; sobre suas mãos e joelhos enquanto ele empurrava nela de trás...

Deus, pensou febrilmente, *sempre* estava imaginando coisas com ele? Tentou ainda mas não pôde recordar a cara do príncipe de seus sonhos, tão amorosamente detalhada em suas fantasias de adolescente. Já fosse por que ele o tirou de suas recordações, substituindo a seu amante imaginário com seus olhos escuros, seu musculoso corpo, sua voz sedutora e seu toque devastador, ou havia sido sempre ele.

*Afaste-se, O'Callaghan, sabe que não conseguirá nada mais além de sexo, e não somente fisicamente*, advertiu-lhe sua débil voz interior.

*Sim, é claro, só mais um minuto...*

- Fantasiou -, seguiu ele, sua voz baixa e hipnótica. - Pode ser virgem de corpo, mas não de mente. Sinto o calor e a paixão em você; há fúria por isso dentro de você. Senti-o no momento em que a vi. Não é normal. Nunca será normal. Deixe-o. Deixe de tentar se encaixar num mundo que nunca a aceitará. Ninguém pode entendê-la como eu. É uma *Sidhe-seer*. Quer passar a sua vida inteira negando-o? O que vê. O que é. O que quer. É um modo triste de viver e morrer.

Houve silêncio durante um momento enquanto ele somente a sustentava, suas mãos ainda sobre seus seios, seu fôlego quente contra seu pescoço, imóvel.

Ela sabia que era seu momento de salvar-se. Enfurecer-se com ele. Dizer-lhe que se equivocava, que ele não sabia nem uma maldita coisa sobre o que falava.

Mas não pôde, porque ele sabia.

Tudo o que disse era verdade. Ela não era normal, e não importava o que fizesse, nunca seria normal. Esteve dividida entre dois mundos toda a sua vida, tentando ignorar um e adaptar-se ao outro; ambos rumos igualmente fúteis; perguntando-se se tudo o que teria para ela ao final era o tipo de vida que a avó tinha vivido. Um bebê, sem marido e uma grande casa vazia. Dizendo a si mesma que isso seria bastante, se era tudo o que poderia obter. E mesmo assim, tentando o melhor que podia, tentando fazer que as coisas funcionassem com seu noivo.

Mas nenhum noivo nunca havia sido capaz de competir com as fantásticas fadas machos que esteve vendo desde a meninice. Nenhum noivo humano nunca fôra capaz de competir com um mundo que era intrinsecamente mais quente, mais brilhante e mais sensual. E com nenhum noivo havia sido capaz de ser realmente ela. E o triste era que uma grande parte do por que ainda era virgem era porque não desejava a um homem. Maldito fosse. Desejava a um fada. Sempre o havia feito.

E estava farta de perguntar-se como seria estar com um, de obrigar-se a afastar o olhar, de girar e ir-se, de nunca tocar. Cansada de reprimir todas aquelas fantasias pecaminosamente sedutoras. O silêncio se esticou entre eles.

Bruscamente, uma mão escorregou de seu seio e colocou-se comodamente, intimamente, entre suas pernas, apertando seu traseiro contra sua ereção.

Um incoerente e pequeno grito explodiu de sua garganta.

Ele contestou com uma série de palavras numa língua antiga e insondável que saíram em tropel de seus lábios com a áspera veemência das maldições. Então, com aquele seu antigo e exoticamente sotaque inglês, ele grunhiu:

- Se perguntava como seria fazer amor com um Fae. Bem, aqui estou, Gabrielle. Aqui estou.

## Capítulo 15

Os últimos vestígios da resistência dela se romperam com as palavras dele.

Aqui estou.

Tome-me; faz o que quiser comigo, em essência. E ela queria. Oh, Deus, ela queria. Estava querendo-o toda sua vida. Suas fantasias sobre os Fae foram sempre basicamente sexuais, e ainda que ela raramente usasse a palavra “t”<sup>♥</sup>, nos lábios dele era pura sedução. Algo a propósito da maneira que seu acento e seu profundo modo de pronunciar o erre mudava sua forma e o fazia soar não rude, mas sexy e convidativo, secreto e proibido e atraente. Não soava cru quando ele o dizia; soava como um convite a dançar uma dança eterna que era naturalmente terrena e animal, pelo que ele não ofereceria desculpas nem pediria perdões. Homem rude, sexo rude, era o que ele estava oferecendo, num mundo colorido em suave foco por sua absoluta beleza e sedução.

Supostamente, depois, depois da intensa “*maratona de sexo sem barreiras*”, seu príncipe de fantasia sempre se apaixonava por ela em seus sonhos... ainda que não antes de que o frenesi de sexo tivesse tido lugar. Não antes de que a dívida de luxúria tivesse sido paga. Se alguma vez estava completamente paga com um Fae.

Ela se recostou para trás contra seu corpo.

Ele sentiu o instante, o preciso momento em que ela se rendeu. Falou nessa estranha língua de novo, com o inequívoco triunfo masculino em sua voz. Ela havia perdido, e ele sabia.

Ela esperava que ele a girasse em seus braços, achatasse-a contra ele, mas uma vez mais, desafiou suas expectativas.

A mão ainda descansava comodamente entre as pernas dela, pressionando-a desapiedadamente contra sua dura ereção, e estendeu sua outra mão contra seu queixo girando sua cabeça, guiando os lábios dela para os seus. Permanecendo por trás dela, ele a beijou. Ela não acreditava possível que se pudesse beijar em semelhante ângulo, mas também nunca beijou a ninguém tão alto como ele, e não só era possível, mas era estranhamente, intensamente erótico. Dominante. Possessivo. Um beijo para marcá-la e reclamá-la. Estava firmemente colada contra seu corpo, com sua grande mão quente entre suas pernas, seu sedoso cabelo caindo sobre o ombro dela, sua boca selando a dela.

Ela gemeu contra seus lábios, mas o gemido se perdeu com o quente deslizamento de sua língua, sondando profundamente, retraindo-se. Acoplando-se, escapando. Brincando com ela, dançando uma lenta, torturante, descaradamente dança sexual.

Em algum lugar ele tinha aprendido - oh, provavelmente uns quantos milhares de anos atrás, pensou ela com uma pequena, quase histérica borbulha de riso - exatamente quanto dar a uma mulher antes de afastar-se, exatamente como manter a uma mulher numa borda desesperada e frágil, simplesmente com seus beijos. No momento em que ela se derretesse contra ele, ele mudaria, a tomaria de outra maneira, lhe daria menos. Então voltava a por mais no segundo em que ela estava a ponto de gritar. Com ele por trás dela, ela não tinha controle sobre o beijo. Ele controlava tudo, e estava explodindo sem piedade. Uma mão em sua cara, a outra entre suas pernas, mantendo-a imóvel enquanto a torturava com seus lábios.

Beijos intensos, aprisionadores de fôlego, nubladores de mente, depois se iam. Um suave, cálido atrito com esse cheio lábio inferior dele, criando uma erótica e deliciosa fricção que a fazia sentir-se dolorida bem mais do que satisfeita. Mais profundos, beijos que enroscavam os dedos, mas que não duravam muito tempo...

---

<sup>♥</sup> Trepas, fornicar, fazer amor.



E, oh Deus, se ele dedicasse a mesma lânguida, provocadora atenção a todas as partes do corpo feminino, ela nunca sobreviveria a ele. Seria uma massa incoerente antes que ele conseguisse chegar às partes importantes.

E falando das importantes, pensou impacientemente, poderia começar ele a mover sua outra mão em qualquer momento a partir de agora. Ela se mexeu em seu implacável abraço, tentando comunicar-lhe a mensagem sem palavras. Estava tão perto, esteve desde o momento em que ele havia deslizado essa grande mão entre suas pernas, pendurando na borda. Se tão só ele movesse sua mão um pouquinho!

Mas se ele entendeu o rogo silencioso, escolheu ignorá-lo. Sua mão permaneceu implacável ali entre suas pernas, mantendo-a insuportavelmente consciente de sua quente e úmida preparação, consciente desse sensível nó suplicando por fricção, pelo mais diminuto dos movimentos, mas ficou desapiedadamente quieta.

Ela a apanhou entre duas coisas que podiam proporcionar-lhe um infinito e erótico prazer, e não lhe estava dando nenhuma delas. Só atormentadoras promessas, mas nada para aliviar a intolerável pressão que crescia dentro dela.

Beijos. Lentos e longos, quentes e duros. Língua deslizando, acetinada e implacável, envolvente, e retirando-se.

Eram beijos para morrer por eles, pensou, tratando de ter mais dele em sua boca, tratando de succionar sua língua mais profundamente, recusando liberar seu lábio inferior quando ele o retirou com um suave riso. Tratou desesperadamente de arquear-se contra sua mão, mas cada vez que ela conseguia ganhar algum diminuto movimento, ele mudava sua mão, afastando a pressão. Irritada pelo desejo não satisfeito, ela mordiscou seu lábio.

- Demônios, irlandesa, lhe agrada o sangue? Trata de matar-me? - disse ele com um suave e rude riso.

- Eu? Deixe de provocar-me! Beije-me profundamente! E quando quiser pode mover-se.

Ela suavizou suas queixas com seus beijos. Pequenos golpezinhos, mordidas, beijos nos cantos de sua boca, um puxão longo e lento de seu lábio inferior. Profundo novamente, depois se afastava. Mais tortura. Ele beijava, deu-se conta ela, como provavelmente só um Imortal podia fazê-lo. Beijava como um ser que tinha o tempo todo do mundo, preguiçosamente mas a fundo, saboreando cada matiz sutil de prazer, desenhando-o, prolongando-o. Não tinha relógios fazendo tic-tac em seu mundo, não havia horas que apressassem. Não tinha trabalho que fazer pela manhã, nada mais pressionante do que a paixão do momento. Ele existia como um Imortal perdido à urgência, e ser beijada com essa intensidade, no momento, era devastador. E ela tinha a terrível suspeita de que ele poderia repartir os orgasmos da mesma maneira; só deixando-lhe ter um quando tivesse espremido dela cada bocado de antecipação e necessidade que pudesse.

Ela estava se afogando em sensações, com o sentimento da boca dele sobre a dela, a inchada dureza dele contra seu traseiro, o calor de sua grande mão entre suas pernas. E então de repente rompeu o beijo e a mão que sujeitava sua mandíbula se deslizou para sua cintura, subiu sob sua camisa e arrebitou o fecho de seu sutiã. Fechou sua grande mão cobrindo um de seus seios nus. Ela tremeu em seus braços, seu corpo empurrando para frente contra a mão entre suas pernas.

- Adam - ofegou - Mova sua mão!

- Ainda não - sereno, inflexível.

- Por favor!

- Ainda não. Algum mortal a fez se sentir assim, Gabrielle? - sussurrou, com um ápice de selvageria nessa profunda e suave voz. - Algum de seus pequenos noivos a fez se sentir desta maneira alguma vez?

- Não! - a palavra explodiu dela quando os dedos dele se fecharam abruptamente sobre seu mamilo, beliscando o endurecido bico.

- Nenhum mortal pode. Recorde isso, *ka-lyrra*, se acredita que pode voltar aos seus tontos garotos humanos. Sabe quantas vezes, e de quantas maneiras, vou fazer que se excite?

- Me conformaria só com uma vez se a pudesse ter agora mesmo - sibillou ela, tão intensamente excitada que estava quase à beira da hostilidade. Nunca tinha se sentido dessa maneira antes, não tinha maneira de como manejá-lo.

Um riso se derramou ao seu redor, tosco, erótico, estranho, obscuro, puramente Adam Black.

- Não vai se apaixonar por mim, não é, irlandesa? - sussurrou ele contra seu ouvido, essa mão infernal movendo-se finalmente para brincar com o botão de seus jeans.

- Dificilmente - disse ela à força, com seu corpo inteiro esticado de necessidade enquanto esperava, contendo o fôlego para que sua mão se deslizesse dentro de suas calças. Para cada botão que ele soltava, um pequeno arrepio a percorria.

Seus olhos se fecharam e sua cabeça se recostou languidamente contra o peito dele enquanto sua mão se deslizava sob seus jeans e se apertava contra sua pele, empurrando sob suas calcinhas.

No momento em que sua mão tocou a pele nua dela, seus joelhos fraquejaram sob ela. Enquanto ela se deslizava para baixo, ele agarrou sua cintura firmemente com um braço, sujeitando-a.

- Bem. Odiaria pensar que fosse se apaixonar por mim.

A ela não lhe passou a diversão em sua voz, nem também a absurda realidade de que ela de fato havia caído fisicamente com um simples toque. E ele nem sequer tinha roçado seu clitóris.

- Ohhhhhh! - um sopro de ar saiu dela e já não se preocupou mais em tentar permanecer de pé, simplesmente deixou que ele sujeitasse seu peso. Debilmente, ela podia ouvir-lhe ofegar contra sua orelha, sua respiração forte e trabalhosa, como se tivesse estado correndo por um longo tempo. O clímax dela estava aí mesmo, estava sobre isso, a ponto de chegar...

- Cristo, Gabrielle, faz-me...

- Bem, agora, isto não é bonito? - uma profunda voz se burlou. - Parece que ela está pronta para mim. Não posso esperar para terminar o que começou. Recorda de como costumávamos fazer isto, Adam? Como costumávamos compartilhar? Ou é uma dessas coisas que pretende fingir que nunca aconteceu ao longo desses milhares de anos que finge não ter vivido? Sabe ela o que podemos fazer-lhe? Lhe contou como costumávamos brincar com os mortais?



Gabby se enrijeceu violentamente nos braços de Adam, com esse oh-tão-desesperadamente-precisado orgasmo morrendo instantaneamente, apesar de que nenhuma das excitações relacionadas com ele o fizesse. Sua garganta se convulsionou enquanto a sarcástica voz penetrava seu sensual estupro. Tratou desesperadamente de sacudir-se, de falar através dele, de advertir a Adam de que Darroc tinha lhes encontrado de novo, mas suas traidoras sensatas vogais estavam tão fechadas como estiveram antes em Fountain Square. Estava congelada da cabeça aos pés, arraigada no lugar.

Enquanto permanecia de pé, incapaz de manejar nem sequer o menor rosnado de advertência, viu-se assombrada e aliviada ao dar-se conta de que de alguma maneira ele o sabia.

Afastando sua mão de seus jeans, a girou bruscamente em seus braços e a atraiu para si, grunhindo viciosamente.

- Demônios do inferno.

Os olhos de Gabby se fixaram com horror no Fae alto e de cabelo acobreado que permanecia de pé.

Seus olhos iridescentes tinham uma sombra fria de gelo, que combinava com os perfeitos lábios que sustentavam uma careta de crueldade enquanto lhe lançava um beijo zombador sobre seu ombro.

Ela abriu a boca para gritar.

Mas eles já estavam deslocando-se.

Se deslocaram sobre o lugar durante horas.

Ao princípio ela estava ainda tão sensualmente aturdida que a duras penas podia pensar, nem sequer se preocupava em tratar de falar. Todo seu corpo estava cativo num suspenso e doloroso estado de consciência erótica que demorou muito tempo em dissipar-se.

Bom, ao menos uma parte do *Livro do Sin Siriche Du* era exato, pensou, a parte sobre: sacia tanto a uma moça que ela é incapaz de pronunciar um feitiço, seu juízo totalmente confundido. Nem sequer o temor por sua vida, parecia, conseguia apagar a tormenta de desejo que Adam a havia envolvido.

Então, de novo, ela meio suspeitou que poderia estar fazendo-se algo insensível ao medo, pelo tema da exposição repetida e isso.

Então... a paixão que ele despertou nela não era parecida a nada que ela tivesse conhecido antes. Nada que ela tivesse acreditado possível experimentar. Simplesmente, ser tocada por Adam Black fez que todo seu corpo se sentisse glorioso, intenso e viciadamente vivo.

Era justo o que ela sempre havia temido: uns poucos beijos de Fae e uma mulher estava perdida. E não era que ela fosse um calouro quanto aos beijos. Havia beijado muito. De fato, suspeitava que tinha beijado mais do que a maioria das mulheres. Porque ela era virgem e os homens eram... bom, homens, seus encontros fizeram esforços extraordinários nos jogos preliminares com ela, cada um decidido a ser *O Primeiro Que Marcasse o Ponto*, como se fosse algum tipo de competição. Horas de experientes e sedutores beijos, e ela sempre havia mandado os seus acompanhantes direto à porta.

No entanto, depois de uns poucos beijos de Adam, ela não esteve só sentindo-se absurdamente perto do orgasmo, esteve a ponto de cair, literalmente, na cama ou no chão ou em qualquer lugar onde ele malditamente a tivesse querido.

Era viciante. Já havia sido suficientemente mau olhá-lo e perguntar-se como seria na cama, mas agora tinha uma idéia clara, e ela nunca mais seria capaz de olhá-lo sem pensar nisso. Em grande estilo. Agora que havia provado um pouco dele se sentia capaz de pôr em palavras o que sentiu sobre ele desde o princípio, o que estava causando estragos em seus sentidos desde o primeiro dia: Adam Black era mais homem do que a maioria dos homens.

Era forte e sensual e seguro de si mesmo, um hedonista desinibido, cada glorioso centímetro de veludo dourado nele. Ele adorava o sexo, saboreava-o, tudo sobre isso. Controlava-o, de uma maneira que alimentava as fantasias das mulheres. Poderia ser, ela também sabia, totalmente dominante na cama e um pouquinho sujo. Ele a tomaria em todas as maneiras que ela alguma vez imaginou e, estava quase segura, em várias maneiras que ela provavelmente nem sequer havia pensado.

Seria inventivo e incansável e completamente fiel ao prazer.

Não tinha nenhuma dúvida de que ele poderia fazer o que havia dito: deixá-la tão débil, tão aturdida e profundamente saciada que ela nem sequer seria capaz de juntar forças para alimentar-se, para levantar a cabeça do travesseiro, ou do chão, ou de onde fosse que ele decidisse deixá-la quando tivesse terminado com ela.

Uma mulher poderia ferir-se com Adam Black na cama.

E fora dela, *O'Callaghan*, advertiu essa débil voz interna.

Oh, sim, ela não se preocupou em discutir. E fora dela. E isso era algo que ela precisava desesperadamente pensar, e não enquanto ele a estivesse tocando. E o faria, tão logo as coisas se assentassem um pouco.

Não era que ela estivesse dando desculpas a si mesma, mas que tão louca como se havia voltado sua vida, se via obrigada constantemente a atuar, sem ter a opção de pensar nas coisas detidamente e atuar.

Não tinha que por à luz um dos pertinentes adágios da avó para entender que esse era um modo muito perigoso de viver.

Mas, céus, pensou, com cômica exasperação, isto seguramente lhe ajudaria a pensar mais claramente se simplesmente pudesse imaginar quais eram suas probabilidades de sobreviver. Quando não sabia quanto mais ia viver, a disciplina e a autonegação tinham uma divertida maneira de sair voando pela janela, junto com a recontagem de calorias.

Passou bastante tempo antes que seu corpo se acalmasse de sua excitação febril e selvagem o suficiente como para ser capaz de relaxar-se nos braços dele enquanto se deslocavam. Mas mesmo assim, o fez muito cuidadosamente. Evitando o contato com essa parte dele que estava ainda dura como uma rocha e que só faria que se sentisse miseravelmente conectada de novo. Deu-se conta de que ele, também, estava tentando evitar o contato, e quando ela inadvertidamente se roçou contra ele num ponto, ele fez um som brusco e grunhiu:

- Não toque isso. Dói. Cristo, não sou de pedra.

- Sinto muito - disse ela instantaneamente, ainda que por dentro uma parte totalmente feminina sorriu satisfeita, encantada de saber que não era a única que demorava tanto tempo em recuperar-se. Que não era a única à que sua intimidade tinha afetado tão intensamente. (E ele certamente se sentia como se estivesse feito de pedra, ao menos ali).

Ela se surpreendeu, algum tempo depois, ao ver que estavam de volta ao quarto do hotel, onde Adam pegou sua bagagem. Ela abriu a boca para perguntar o que era tão importante que ele se arriscava a voltar a ele - realmente, as roupas e as coisas de lavabo eram totalmente reponíveis - mas eles estavam deslocando novamente e ela aprendeu a lição de ter a boca fechada enquanto o faziam. (Felizmente não encontraram lagos em seu itinerário esta vez, estava agradecida de que não estivessem perto da costa, materializar-se em águas infestadas de tubarões seria muito pior que banhar-se com girinos).

Continuaram deslocando-se até que ela perdeu completamente a noção do tempo, então pegaram outro trem de passageiros. Uma vez no trem, tomou assento e a empurrou para baixo para sentá-la entre suas pernas, ainda que mantendo espaço entre suas partes inferiores. Empurrou seus ombros sobre seu peito, envolveu seus braços ao redor dela e repousou sua mandíbula contra seu cabelo.

Ela se assustou ao dar-se conta de que ele estava tremendo. Era quase imperceptível, mas tinha um profundo tremor correndo através de seu poderoso corpo.

- O que está errado, Adam? - perguntou, nervosamente. O que podia fazer que Adam Black tremesse? Realmente ela queria sabê-lo? Tinha omitido alguma coisa? É que eles não estavam a salvo, inclusive depois desse frenético deslocamento?

- O que está errado? - rosnou ele. - O que está errado? Maldito inferno, incomodei-a, isso é o que está errado! Sabe a sorte que tivemos de que ele me deixasse ver-lhe e ouvir-lhe? Se não o tivesse feito, não teria maneira de contar o que passou. Cristo, não me acostumo a essa merda de não ter poderes, não sou nada bom nisso - uma longa pausa, depois um juramento afogado. - Nunca deveria ter parado durante a noite, Gabrielle. Não deveria ter parado até ter ido para a Escócia e saber que estava a salvo. Fui um maldito idiota arrogante.

Os braços se acomodaram ao redor dela, ele se deteve num silêncio de pedra. Gabby piscou e caiu em silêncio. Seu coração fez um perigoso vôo no interior de seu peito. *Fui um maldito idiota arrogante*, havia dito. Não eram palavras que ela esperava ouvir de um imperioso Fae. Mas então, nada sobre Adam estava provando ser o que ela aprendeu, que tinha que esperar de um imperioso Fae. E a linha em sua mente entre o homem e o fada estava fazendo-se cada vez mais velada.

Fechando seus olhos, recostou-se contra ele, dizendo a si mesma para tentar dormir um pouco, enquanto pudesse, porque ninguém sabia quando ou onde poderia ela voltar a dormir.

Estava justamente começando a cabecear quando ele a sacudiu gentilmente, desembarcaram e pegaram um veículo para o aeroporto.

- Um vôo está saindo agora, *ka-lyrra* - disse ele, revisando as saídas. - Não tenho tempo de brincar com seus computadores e conseguir-lhe um bilhete. Terá que pegar minha mão. Venha. Temos que nos apressar para pegá-lo.

Escócia. Estavam indo para a Escócia. Agora mesmo.

Piscando, estupefata ao dar-se conta que sua vida estava se convertendo, deslizou sua mão na dele. Invisíveis, passaram através da segurança e chegaram à porta. Ela deu uma olhada em seu perfil. Sua mandíbula estava tensa, seus olhos entrecerrados e enfocados adiante deles, e estava caminhando tão rápido que praticamente a arrastava. Seu passo não se deteve até que embarcaram no avião.

Era segunda-feira, pensou ela com um certo aturdimento distante enquanto se sentava no assento da janela ao lado dele, sujeitando firmemente sua mão. Deveria estar em casa, no trabalho. Deveria estar preparada para fazer seu apoio a Jeff. Tinha roupa na lavanderia para recolher, plantas que tinham que ser regadas, uma consulta com o dentista à tarde e planos para o jantar com Elizabeth nessa noite.

Em lugar disso, estava num avião, oculta pela *féth fiada*, temporariamente incorpórea, a ponto de voar através de meio mundo, sendo perseguida por demônios de outro mundo, e meio seduzida por um príncipe de outro mundo. Foi - se tinha que ser brutalmente honesta consigo mesma - provavelmente totalmente seduzida, de não ter sido pela interrupção dos já citados demônios de outro mundo, e não tivesse isso feito uma confusão em sua já totalmente confusa cabeça?

Uma medida totalmente surrealista que tinha virado a sua existência era que, em lugar de preocupar-se por tudo o que deveria preocupá-la, sua maior preocupação era que ela realmente, realmente esperava que todo mundo tivesse já embarcado e estivesse em seus assentos, e não se sentassem sobre ela.

Esteve bombardeando-me com perguntas hoje, tratando de entrar em minha cabeça.

Me perguntou se acredito em Deus.

Lhe disse logo que sim; sempre tive um forte sentido em mim.

Sua casa está calma agora, está dormindo em cima e estou só com este maldito, livro idiota que pretende coincidir com minha vida, e o fato é que talvez o faça.

Mas talvez, *ka-lyrra*, seu Deus não acredite em mim.

DA (ENORMEMENTE REVISADA) EDIÇÃO NEGRA DO livro O'CALLAGHAN do *Sin Siriche Du*.

## Capítulo 16

### Escócia. As Terras Altas.

Do ponto de vista de Adam, não existia um lugar melhor em todo mundo. Tinha passado a maior parte de sua existência observando a beleza humana entre seus exuberantes vales e rochosas colinas. Durante um tempo viveu, no século VII, sob o disfarce de um guerreiro com cicatrizes de batalha com um clã das Highlands chamado McIlloch, comendo, gozando e lutando junto a eles. E quando uma de suas numerosas batalhas se fez muito feroz, legou um dom Fae sobre os varões McIlloch, salvando sua linhagem da extinção.

Tinha montado sua forja aqui e lá, durante um tempo em Dalkeith-Upon-the-Sea, e durante outro tempo em Caithness, além de outros lugares demasiado numerosos para ser nomeados. Se infiltrou entre os Templários quando a ordem acabou, guiando-lhes a Circenn at Dunnotar, para que participassem em batalha junto a Robert o Bruce, e depois a Sinclair at Rosslyn, onde seu fantástico legado perdurou até hoje.

E os Keltar, bom, sentiu-se fascinado por esse clã de Druidas desde o dia em que foram eleitos para negociar e manter o Pacto com os Tuatha Dé, mas estava especialmente fascinado pelos gêmeos MacKeltar, Dageus e Drustan - obscuros, poderosos, as vezes bárbaros -, Highlanders do século XVII que renunciaram ao amor, somente para encontrá-lo nas mais sombrias horas de sua existência.

E agora ele se encontrava em forma humana, internando-se nessas montanhas junto a uma mulher humana, a ponto de encontrar-se com esses mesmos Keltar em carne e osso.

Que seria deles? Seria sua recepção boa ou má? Depois de tudo, ele pertencia à raça que fez as vidas dos Keltar tão difíceis; um dos responsáveis de que gerações incontáveis de MacKeltar fossem temidos, tachados de pagãos e diabólicos por continuarem fiéis aos Antigos Costumes quando Gaul abandonou a seus Druidas para unir-se primeiro aos romanos e depois às igualmente ternas bênçãos da Cristandade.

Saberiam sobre ele? Sua reputação o teria precedido? Possuiria Dageus alguma recordação de Adam curando-lhe? O poderoso coração do Highlander se deteve por completo quando Adam se ajoelhou a seu lado na Ilha de Morar.

Seriam os Keltar, iguais a Gabrielle, arredios a confiar nele? Arredios a fazer o que ele precisava que fizessem, ou melhor dito, não fizessem?

Esfregando a mandíbula, fixou a vista no exterior da janela do carro de aluguel, forçando-se a deixar de lado os pensamentos sobre se esses dois lhe dariam as boas vindas ou lhe recusariam, o que importava é que já tinham cruzado os domínios da rainha e agora Gabrielle se encontrava sobre solo protegido, agora trataria com o que tivesse que passar. Passou a maior parte da viagem pelo oceano chutando mentalmente seu próprio traseiro pelo que havia ocorrido em Atlanta. Porque fora tão estúpido tentando seduzi-la e atá-la a ele que colocou em perigo sua vida.

*Estúpido bastardo convencido, já não é invencível.*

Em lugar de ganhá-la, poderia ter perdido para sempre a sua *Sidhe-seer* nesse quarto de hotel. Sua frágil e preciosa vida poderia ter se extinguido, liberando sua alma para ir a lugares aos quais ele nunca poderia segui-la, nem sequer com seus recuperados poderes. A simples idéia fez que seu corpo humano se apertasse outra vez. O mau de ser humano e possuir tantos músculos é que todos esses músculos se podem apertar. Teve sua primeira dor de cabeça no avião. Não sentia nenhum desejo de ter outra. Nunca. E também não apreciava a dolorosa sensação em seu estômago, não importava quanta comida tentasse engolir. Nada exceto abraçá-la com força parecia servir-lhe de ajuda.

Exalando com lentidão, obrigou-se a desviar sua atenção para o exterior, à paisagem de cuja vista nunca se cansava.

Nesse momento, o carro girou bruscamente para a esquerda e depois para trás com igual brusquidão, e Adam reteve um sorriso, sabendo que ela provavelmente lhe golpearia se lhe visse sorrir. Gabrielle havia feito questão de conduzir, se se lhe podia chamar assim, quando adquiriram o estreito e compacto veículo de aluguel, argumentando que os efeitos do *féth fiada* que lhe envolvia seguramente causariam acidentes se ele conduzisse. No entanto, com sua falta de costume conduzindo do lado “errado” do carro, no lado “errado” da estrada, estava sofrendo.

Pelo amor do céu, se as ovelhas pudessem deixar de saltar à estrada, poderia ter uma oportunidade! espetou ela na última vez que ele riu. Saem de parte alguma, como se caíssem do céu.

Tolices. A caminhada das ovelhas. Lenta como caracóis. Se deixasse de ser curiosa, tentando olhar a todas as partes ao mesmo tempo, conseguiria, caçoou ele. Por Danu, adorava seu rosto de finas feições, as expressões que passavam por ele, seu temperamento. Ela possuía um fogo interior que lhe obrigava a provocá-la, só pelo prazer de vê-lo arder.

Bem. Supõe-se que devo passar junto ao lago Ness e não o olhar? O que passa se Nessie assoma sua cabeça e eu não vejo? você esteve vagabundeando por aqui faz milhares de anos. Eu nunca estive na Escócia. Deveriam manter às malditas ovelhas fora da estrada. Que levantem cercas. Por que não há cercas na Escócia? Não pensam em proteger aos turistas? E o que têm de errado as estradas com duas mãos? É que nunca ouviram falar de estradas de duas mãos?

Ainda que não tenha duas mãos, *ka-lyrra*, por que lhe custa tanto manter-se em seu próprio lado?

Ela rangeu os dentes e emitiu um baixo e feroz rosnado, e ele teve que morder os lábios para evitar que lhe escapasse uma gargalhada. Ou arrastá-la a seus braços e beijá-la, o que certamente acabaria em desastre.

Ok, uma pista e meia, informou ela de má vontade. Tentarei manter-me em meu terço.

E com um olhar altaneiro, girou imediatamente a cabeça para trás tentando olhar tudo, enquanto evitava às ovelhas e conduzindo pelo lado errado uma vez sim e outra também, passando mais tempo fora da estrada que dentro.

E ele continuou tentando não rir.

Saboreava a reação dela ante a terra que mais amava, bem mais do que a Irlanda, talvez mais inclusive do que qualquer lugar de todo Danu. Não podia encontrar-lhe sentido nem razão. Escócia e sua gente simplesmente lhe tinham feito algo. Sempre o faziam. Se a incapacidade de Gabrielle para manter seus olhos, e o carro, na estrada eram algum tipo de sinal, a Escócia também exercia sobre ela o mesmo efeito.

E como poderia não o fazer? O final do verão cortava a respiração nas Highlands, as colinas estavam polvilhadas com as cores da minguante estação: o profundo púrpura avermelhado do brejo, o pálido rosa do lugares ermos, as cabeças prateadas com forma de coração das construções de madeira. Ainda passariam umas poucas semanas antes de que o brejo cobrisse inteiramente as ladeiras das colinas com seu colorido, e ele se encontrou desejando que ainda estivessem ali para vê-lo.

Desejava ver Gabrielle correndo através de um campo de brejo; lhe agradaria despi-la e empurrá-la sob ele para fazê-la sua.

E o faria, prometeu a si mesmo. Logo. Agora que ela estava a salvo.

Seria pouco depois de chegar ao castelo Keltar. As luzes de Inverness começavam agora a desaparecer de seu espelho retrovisor exterior.

Inverness.

Morganna.

Era perto daqui onde viveu tanto tempo atrás, no castelo Brodie.

De repente, nesse espelho retrovisor lateral já não havia estradas, hotéis nem lojas, nem restaurantes ou pubs, nada exceto a frança e inexplorada terra abrindo-se sob um vasto céu azul...

*Te amo*, tinha-lhe dito ele, assombrando-se a si mesmo quando as palavras caíram de sua boca. Mas Circenn acabava de nascer e estava envolto em cueiros, acalentado nos braços dela... seu filho. Ela estava coberta de suor, com o cabelo úmido, exausta... e brilhante com um inato resplendor feminino. E algo tinha caído sobre ele. Disse-o, e foi muito tarde para retratar-se. E, pelo inferno, quão agudamente desejou desdizer-se.

Ela afastou seu olhar do menino alçando o rosto.

E riu.

Se ele tivesse um alma, teria se feito pedaços.

Seu riso havia sido suave e irônico, e bem mais áspero precisamente por isso. Porque nela residia um toque de compaixão.

*Não pode amar, Fae. Não tem alma.*

Demasiado para as palavras de Adam Black. Alguma vez uma mulher as acreditou? Ou simplesmente se inclinaram a seu irresistível atrativo sensual, caindo presas de corpo mas nunca de coração? Tempos atrás, não se preocuparia. Mas o tempo e o contato com os humanos lhe fez algo estranho, mudando-o, fazendo-o perguntar-se sobre coisas das quais nunca se havia preocupado antes, e às vezes se sentia como imaginava que devia sentir Gabrielle: ajoelhada entre dois mundos, um pé aqui e outro lá, sem nenhum lugar a que considerar lar.

*Como sabe que não posso amar?*, sussurrou ele. Tão despreocupadamente lhe arrojou ela suas palavras à cara, palavras que ele nunca disse antes. Palavras que nunca voltaria a dizer. *Defina amor, Morganna.*

Ela se manteve em silêncio durante um momento, observando com firmeza ao diminuto bebê que ressonava entre seus braços.

*Amor significa que morreria por essa pessoa milhares de vezes*, disse ela finalmente, sem afastar o olhar do recém-nascido. *Que daria até a última gota do que possuí para tê-la a seu lado ainda que só seja um momento mais, para mantê-la vivo, são e feliz.*

*Isso não é justo*, respondeu ele. *Sabe que não possuo uma alma. Se morro, deixarei de existir para sempre. Se você morre, continuará existindo. Em algum outro tempo, algum outro lugar, algum outro mundo. Eu me converterei em pó. Nada mais, não pode julgar-me com a mesma medida.*

*Deseja brincar de ser como nós, mas sem pagar as mesmas contas? Se verdadeiramente ama a alguém, principesco Fae, deve entregar até o último ápice do que tem para dar... seja o que seja. E não fazer diferenças.*

*Talvez seja você quem não pode amar, Morganna. Talvez quando você ama a alguém significa que estaria disposta, não a morrer, mas a entregar a sua alma imortal. Assim que talvez seja sua falta, não a minha.*

E assim começou a discussão. A eterna, nunca mutante discussão entre eles. Até que o vínculo Tuatha Dé entre um macho Fae e uma mulher humana que se estabelecia no instante em que um menino é concebido se voltou mais doloroso que prazeroso. Até que ambos construíram muros para manter ao outro fora.

Por Danu, quantas vezes tiveram essa briga? Cem? Mil?

Até o dia em que ela morreu. E ele se manteve junto a seu leito de morte, tentando que tomasse o maldito elixir da vida, tal como o tentou desde que ela tinha dezessete anos; mas como um idiota, num raro instante de estúpida honestidade tantos anos atrás, contou à jovem Morganna seu desagradável efeito secundário: essa imortalidade e um alma imortal não podem coexistir.

Uma vez que o tomasse, num curto número de anos todo traço do que definia sua humanidade se teria ido. Esse suave resplendor dourado que a rodeava desapareceria dia a dia, até que não ficasse nada. Até que estivesse tão vazia desse divino resplendor interior como qualquer Fae.

Mudaria, sempre o faziam.

Mas era melhor uma Morganna sem alma do que uma morta.

*Nunca, Adam. Deixe-me morrer.*

Ele podia ter lhe arrebatado qualquer recordação de sua confissão. Podia tê-la obrigado a tomar o elixir. Podia fazê-la acreditar em qualquer coisa que desejasse que acreditasse.

Mas o que desejava que acreditasse era que ele era digno.



*Tão mau seria ser como eu?, rugiu ele. Sou um ser tão asqueroso, sem uma alma, Morganna? Não fui bom contigo? Que desejou de mim que eu não lhe tenha entregado? Em que me equivoquei?*

- Adam, há algo que não entendo. Por que Darroc não nos matou? - Perguntou Gabby de repente, tirando-o de seu sonho sombrio -. Tinha a vantagem da surpresa. Podia disparar pelas costas, ou golpear-lhe na cabeça ou algo assim.

Ele piscou, esfregando a mão sobre os olhos. Cristo, essas recordações lhe chegaram de repente e sem aviso, golpeando-o tão intensamente que por uns instantes esqueceu onde estava. Tinha voltado lá, odiando-a por morrer. Odiando-a por considerá-lo defeituoso até o mesmo final por aquilo com o que ela havia tido a graça de nascer.

Odiando a todos os humanos, com suas sagradas almas, agrupando unilateralmente a todos os mortais como uma espécie vil. E recordando finalmente o que ele era, depois de tudo. Um semideus, assim que... que se danassem!, caminhou através das Highlands durante um tempo como se fosse a própria morte.

Apertando a mandíbula, afastou os sussurros dos tempos passados para o obscuro canto de sua mente que nunca visitava voluntariamente. Seu *inconsciente*, seu lugar do esquecimento. Quantidades de recordações atiradas no poço e abandonados ali, esticando-se para trás milhares de anos. Mergulhar neles seria um convite à loucura. Mas outra mentira que contou a Circenn foi que aprender demasiado com muita rapidez causava a loucura entre os de sua raça, quando a verdade era uma sutil variação disso: Era não saber quando esquecer o que provocava isso.

- Não conhece a Darroc, *ka-lyrra*, - disse ele -. Agradava-lhe brincar com sua presa antes de matá-la. Não correria o risco enquanto eu a tocava porque, se não me deixava inconsciente ou me matava instantaneamente, eu poderia transportar-nos a salvo. Não se preocupou esta vez em ocultar-se e aos Caçadores com o *féth fiada*, porque queria que eu lhe visse e lhe ouvisse. Tentava que eu enfrentasse a ele, obrigar-me a girar-me para afastar-nos. Depois do que viu, aposto que agora a quer tanto como a mim.

- Por que?

Ele a observou. Levava seu longo cabelo recolhido com uma dessas presilhas às que tinha tanto carinho, e um pequeno rabo pontiagudo se erguia reto, tocando o teto do carro, sacudindo-se alegremente enquanto saltavam e se inclinavam na estrada cheia de buracos. Estava com sua jaqueta de suave camurça com bordas de lã, o pescoço esticado para acima rodeando seu esbelto pescoço. O sol da tarde era uma feroz bola deslizando-se depois de Ben Killan, que dourava seu delicado perfil enquanto ela mordiscava seu lábio inferior.

E era a maldita coisa mais bonita de todas as Highlands, bem mais do que as montanhas fluorescentes e os riachos cintilantes.

Era divertida, sedutora, sexy, esperta e cheia de paixão humana, e lhe fez algo que não podia explicar. Beijar Gabrielle, pensou na suíte, com seus braços cheios de sua viçosa suavidade, era o mais próximo a saborear o céu que um homem sem alma podia esperar obter. Tinha-lhe respondido com toda a explosiva paixão que notou no instante que pousou seus olhos sobre ela, elevando-se com rapidez à beira do clímax. Ele teria podido levá-la com facilidade até ele depois de serem interrompidos, poderia ter sido compassivo e liberar a tensão de seu corpo enquanto se transportavam, ou inclusive mais tarde no trem ou o avião.

Mas não estava disposto a aliviá-la tão facilmente. Agradava-lhe a idéia dela excitada pela dolorosa consciência dele. Suportando-a, tal como fazia ele constantemente, dolorosamente consciente dela. Sofreriam juntos. Quando finalmente lhe provocasse esse primeiro orgasmo, seria seguido por uma dúzia mais. Com seu pênis dentro dela, profundamente introduzido. Marcando-a como sua.

Seu corpo humano, segundo parecia, tinha herdado uma peculiaridade dos MacKeltar; tinha-a olhado e rosnado *Minha*. E não voltaria atrás. Para nenhum deles. Se ela ainda não se deu conta disso, o faria logo.

- Para chegar a mim. É um bastardo retorcido. Agradava-lhe arrebatar-me tudo. Especialmente as mulheres mortais. Tive que me aplicar muito para evitar que nada soubesse sobre Morganna. Mas agora sabe de você, e não deixará de vir.

Ela abriu a boca e voltou a fechá-la. Depois voltou a abrir.

- Chegaria a você se me pegasse?

Ele a olhou, mas ela não lhe devolveu o olhar. Havia uma nota tensa em sua voz. Como novidade, seu olhar estava firmemente fixo na estrada. A pergunta era importante para ela. E para ele.

- Sim, Gabrielle - contestou ele com calma intensidade -. O faria.

- Oh - Ela se calou por um longo instante -. Está seguro de que estaremos realmente a salvo no lugar em que vamos?

Ele sorriu ligeiramente. Era tão ruim como ele no que concernia a desviar questões ou mudar de assunto. Não importava. Tinha tempo. Ele se encarregaria de que tivesse bem mais do que tempo suficiente.

- Já o estamos, passamos os guardas. A rainha é alertada no momento que um Tuatha Dé cruza seus guardas e adentra mil léguas em terra Keltar, e esses guardas identificam ao intruso. Este é o único lugar que Darroc não pode vir sem revelar-se a Aoibheal. Se fizesse, o jogo terminaria, e ele não está disposto a que isso ocorra. Além do que, possui certa familiaridade com o reino humano, e se conhece a Darroc, se concentrará no que lhe fez ir a Cincinnati. Seguirá tentando encontrar a Circenn.

- A rainha saberá que é você quem cruzou seus guardas?

- Os guardas foram feitos para um Tuatha Dé, o que já não sou, assim que não creio nisso.

- Não acreditou que Darroc nos encontraria tão rapidamente.

Não era uma pergunta, mas ele contestou de todas formas.

- O subestimei. Não acreditei que se atreveria a trazer mais Caçadores. Não tinha forma em que pudesse encontrar-nos tão rápido só com os quatro Caçadores que estavam com ele em Cincinnati. Mas convocou a mais.

- Quantos mais? - perguntou ela, olhando-o com os olhos abertos de sobressalto.



- Não quer saber.

Quando a girou em seus braços para que o olhasse, ele observou por cima de seu ombro. Uns vinte Caçadores tinham se materializado trás dela, só esperando o instante em que ele se girasse para Darroc e deixasse de tocá-la. Asas negras pairando sobre ela. Ele nunca tinha visto tantos Caçadores juntos no mesmo lugar, fora de sua prisão Unseelie. Inclusive ele achou essa escura legião ligeiramente desconcertante.

Mais do que desconcertante. O simples pensamento de suas garras fincando-se em Gabrielle teria provocado algo no coração humano de seu peito, tinha-lhe feito sentir como se... crescesse, convertendo-se num enorme e terminante punho.

- Estavam trás de mim? - perguntou ela com cautela. Não queria perder nada. Ele assentiu -. Uh... mais de er... , uma dúzia?

- Sim.

- Tem razão - disse ela apressadamente -. Não quero saber - Outra longa pausa -. Sabe... um, o que Darroc disse sobre você e ele brincando com os mortais...

Um músculo palpitou na mandíbula dele.

- O que é isso, Gabrielle?

- Era, er... verdade?

- Não - disse Adam -. Darroc mente. Só tentava encher a sua cabeça com tolices. Provocar um distanciamento entre nós, fazer o velho truque de divide e conquistarás.

- De verdade? - Ela o olhou, com seus olhos verde-dourados bem abertos, procurando.

- Não - disse Adam -. De verdade.

Ele encontrou seu olhar sem mostrar expressão alguma, obrigando-a a acreditar, odiando que a única vez que ela o olhava como devia, ele estivesse mentindo. Mas quem ou o que havia sido não era quem ou o que era agora, e não seria julgado e preso por antigos crimes.

Ela assentiu lentamente.

- De maneira que - mudou de assunto bruscamente -, está seguro de que esses MacKeltar que vamos ver acreditarão em mim? Inclusive ainda que não sejam capazes de vê-lo?

- Ah, *ka-lyrra*, não estou seguro de que exista algo que os MacKeltar não acreditariam. Viram de tudo.

- O perdemos, Darroc - disse Bastion.

Darroc olhou fixamente ao Caçador mantendo um silêncio gelado. Observar a Adam com sua pequena humana lhe recordou os antigos tempos em que percorriam juntos a Caça Selvagem, quando caçavam como deuses irmãos, invencíveis e livres, governados por nada e por ninguém. Foram inseparáveis, cada um conhecendo os pensamentos do outro tão bem como os próprios. Os mortais foram para eles pouco mais do que bestas inferiores, bons para uma perseguição, divertidos para brincar com eles, enfrentando-os entre eles e observar como representavam suas tontas tragédias.

Mas Adam tinha mudado. Fora corrompido pelo contato com os humanos. E deu as costas a sua própria espécie por um deles. A ele, Darroc, quem uma vez favoreceu a Adam como nunca tinha favorecido a ninguém.

Adam se converteu em protetor dos humanos, passando a maior parte de seu tempo entre as criaturas de curta vida. Para Darroc era inconcebível que qualquer entidade sensível pudesse preferir aos humanos que aos Tuatha Dé.

Esperou a que Adam voltasse ao cercado, uma vez satisfeita e superada sua perversa fascinação. Mas passou um milênio e Darroc veio para ver Adam convertido na abominação que era.

Furioso por descobrir Adam divertindo-se apaixonadamente com a humana, permitiu que os Caçadores e ele mesmo ficassem visíveis. Desejava que fosse seu rosto cheio de cicatrizes o ultimo que Adam visse ao morrer, enquanto observava como Darroc violava a sua mulher.

Mas Adam respondeu a suas zombarias em sua forma habitual. Não, reagiu como se Darroc nem sequer tivesse importância, como se suas zombarias não pudessem atingir-lhe, como se somente a segurança de sua patética pequena mortal fosse de alguma importância.

Pela segunda vez nesses dias, Adam utilizou seu corpo para proteger a sua humana e tinha se transportado antes que Darroc pudesse deter-lhe.

E agora o *Sin Siriche Du* (que já não era digno de tão nobre apelido) estava lá fora em alguma parte com o conhecimento de que Darroc havia libertado aos Caçadores. E Darroc sabia que Adam sabia exatamente o que significava: que estava planejando desafiar à rainha.

O que queria dizer que tinha que encontrar a Adam outra vez e rápido. Antes de que o inteligente príncipe *D'Jai* encontrasse alguma forma de atrair a atenção de Aoibheal, inclusive sem poderes como estava. Darroc já não podia permitir-se ao luxo de alongar sua morte. A próxima vez que visse a Adam Black, seu desaparecimento deveria ser rápido. Não podia permitir que sua sede de vingança pusesse em perigo sua vitória final.

Ainda que... conservaria à mulher por um tempo. Lhe agradava os varões Fae? Ele lhe ensinaria o que os varões Fae podem fazer com as mulheres humanas. Lhe ensinaria o que Adam realmente era em seu interior ainda que tentasse negá-lo. Tuatha Dé: um deus. E ela o adoraria antes de morrer.

- Não me olhe assim, Darroc - grunhiu o Caçador, tirando-o de seus pensamentos-. Estávamos preparados. Poderíamos tê-lo matado num pulsar de coração humano. você fez questão de separá-los e pegá-los vivos. Se trata de nossa liberdade ou da sua vingança?

- Ambos - contestou Darroc de maneira inexpressiva -. E não é de sua incumbência. Diga-me, qual é o último lugar onde localizou seu cheiro?

- Num aeroporto humano.

- Seu destino?

O Caçador esticou as asas membranosas.

- Havia muitos humanos ao redor. Seu cheiro se dispersou entre o cheiro de muitos outros quando chegamos. Não fomos capazes de defini-lo.

Darroc amaldiçoou brutalmente.

- Deixa que chame a mais Caçadores. Voltaremos a encontra-los - disse Bastion.

- O rei Unseelie notaria sua ausência - disse Darroc -. Não é um estúpido.

- Atualmente está se divertindo em alguma parte. Ninguém o viu faz bastante tempo - replicou Bastion.

Darroc considerou a informação.

Se pudesse contar com o rei Unseelie, se pudesse solicitar-lhe conselho ou aliança, mas o Rei da Escuridão não era como nenhum outro de sua raça, tão ancião quanto Aoibheal, que estava a ponto de cumprir setenta mil anos, seria como se acabasse de exalar seu primeiro sopro. Se murmurava que o rei Unseelie contava sua existência por muitas centenas de milhares de anos; alguns murmuravam que eram inclusive mais. E estava, mais com frequência do que não, bastante louco. Poucos mal puderam vislumbrar-lhe e ninguém conhecia seu nome ou sua verdadeira forma. Havia criado seu próprio reino no interior do reino em sombras da prisão Unseelie, uma fortaleza que se dizia continha galáxias inteiras; um escuro e vasto domínio repleto de armadilhas para os incautos, no qual ninguém que ele conhecesse entrou sem ser convidado e voltado para contá-lo.

Na realidade, ninguém havia entrado *convidado* e regressado, salvo a rainha Seelie em duas ocasiões. Inclusive ela evitava ao Rei da Escuridão.

Ainda que... se estava ocupado em alguma parte, Darroc certamente poderia utilizar mais Caçadores.

- Quanto tempo faz que não vê ao rei?

- Cinquenta anos - contestou Bastion.

Bastante tempo, um risco digno de assumir.

- Outra vintena de vocês, não mais - concedeu Darroc -. Encontre o filho de Adam. Creio que ele tentará utilizá-lo para conseguir uma audiência com a rainha. Devemos evitar que isso ocorra. Cubram tanto Cincinnati como as Highlands. Quando localizarem a seu bastardo mestiço, convoque-me. E se conseguirem encontrar a Adam, não se acerquem. Quero estar ali quando morra.

Bastion assentiu, com seus agudos dentes reluzindo.

## Capítulo 17

Drustan MacKeltar tomou um trago de whisky escocês e deu uma olhada ao redor da mesa com um sorriso satisfeito.

O ano passado os MacKeltars tinham visto demasiado de tudo. *E Deus assim o queira, já vimos o último de tudo*, pensou fervorosamente.

Depois de tantos acontecimentos calamitosos, a vida era pacífica e doce, tudo o que alguma vez havia sonhado e mais. Ele queria nada mais que mergulhar nos prazeres simples para o resto de sua vida. Como uma comida compartilhada com aqueles que amava, ante um crepitante fogo feito com pedaços de brejos perfumados.

Seu olhar examinou rapidamente a seus companheiros de refeitório: estava Gwen, sua querida esposa, uma brilhante física, e mãe radiante de seus preciosos gêmeos de dois meses, conversando alegremente com Chloe a respeito de todas as escolas em que seus meninos poderiam um dia estudar.

E estava Chloe, a querida esposa de seu irmão, uma *expert* em antiguidades e brilhante estudiosa. Acabavam de saber na semana passada que logo trariam mais membros ao clã MacKeltar, e ela estava resplandecente desde então, tal como estava seu marido, Dageus.

Ah, e estava Dageus, seu gêmeo, três minutos mais jovem, e seu melhor amigo.

Tinham passado meses desde aquela noite no Edifício Belthrew, quando Dageus combateu e derrotou a seita atual dos Draghar, que estavam decididos a ressuscitar a seu antigo homônimo. Os olhos de Dageus estavam outra vez radiantes e claros, e estava cheio de risos fáceis. Drustan não podia recordar de tê-lo visto alguma vez tão feliz.

No começo, Dageus falou de construir seu próprio castelo no terço norte da propriedade dos MacKeltar, mas Drustan rapidamente acabou com tal tolice. Dageus supervisionou a construção do castelo de Drustan e Gwen - a fabulosa casa foi uma amostra de seu amor para eles, e feito à medida em cada maravilhosamente bem trabalhado detalhe - continha cento e vinte cômodos. Havia sido desenhado para ser o lar de um clã inteiro, e Drustan tentava fazer exatamente isso.

Ele não perdeu seu irmão duas vezes para oferecer-lhe qualquer outra coisa agora. Os clãs não se pareciam às famílias de nossos dias. Os clãs das Highlands permaneciam juntos, trabalhavam juntos, jogavam juntos, e levantavam a seus meninos juntos. Conquistaram seu próprio pedaço do mundo e o encheram com sua única e orgulhosa herança.

Daí que Dageus e Chloe fizeram sua residência no castelo, colocando-se felizmente numa suíte no asa oeste, no asa contrária à Drustan e Gwen que estava ao este.

E cada véspera sem falta, às sete em ponto, reuniam-se para jantar (suas mulheres faziam questão de que eles se vestissem para isso, e ele teria colocado qualquer coisa idiota que ela lhe tivesse pedido, para ver a sua pequenina Gwen em vestidos e sapatos tão atraentes como os que usavam as mulheres do século vinte e um), e as paredes de pedra do castelo se enchiam com risos, fina conversa, e o calor do amor.

Virando sua cabeça, Drustan deu uma olhada no retrato de seu pai. Silvan, e sua segunda mãe, Nell, pendurados em cima da lareira. Ele imaginava os olhos negros pintados de Silvan cintilando alegremente e o sorriso de Nell que curvava seus lábios docemente. Sim, a vida era rica. Depois de todas as suas provas e tribulações, tinha se adaptado a uma cadência pacífica, sem as complicações de vida-ou-morte, nenhum perjúrio, nenhuma viagem no tempo, nenhuma maldição, nenhum Druida malvado ou ciganos ou videntes enlouquecidos ou Tuatha Dé.

Tinha vontade de um longo período de paz ininterrupta e de quietude. O repouso em sua vida lhe caíria bem. Afastou seu prato e esteve a ponto de sugerir que passassem à biblioteca, quando seu mordomo, Farley, chegou tempestuosamente, o cabelo branco arrepiado, seu aspecto alto e encurvado agora mais duro do que um fusos. Algo o tinha claramente agitado.

- Milord -, disse Farley com um desagradado *bah*.

- Senhor MacKeltar -, corrigiu-lhe Drustan pela enésima vez, com um sorriso disto-é-verdadeiramente-desgastante-mas-eu-estou-decidiu-a-fazê-lo. Dava no mesmo quantas vezes ele dissesse a Farley que ele já não era *Laird*, que era simplesmente o Sr. MacKeltar, que era Christopher (seu descendente atual quem vivia acima no caminho do castelo mais velho sobre a terra) que na realidade era o *Laird*, Farley recusava-se a ouvi-lo. O mordomo de algo mais de oitenta anos, ainda fazia questão de que tinha sessenta e dois anos e que obviamente nunca antes em sua vida até o presente chegou até o ponto mais alto de sua carreira, estava determinado a ser mordomo de um lorde. Ponto final. E não ia permitir a Drustan interferir com aquela aspiração.

Se não fosse por Gwen, Drustan poderia ter sido mais firme sobre acolhê-lo, mas Gwen adorava a Ian Llewelyn McFarley, desde o dia em que havia chegado, seguido de tantos outros McFarleys que procuravam ser empregados no e ao redor do castelo, que Drustan já não estava seguro algumas vezes se era o Castelo Keltar onde vivia ou o Castelo Farley.

Sendo justo, pensava ironicamente, este era o Castelo Farley a força de números simplesmente. Segundo sua última contagem, empregava a quatorze dos filhos de seu mordomo, com suas esposas e familiares. Dezessete netos, e havia doze pequeninos enchendo o lugar, desde meninos até adolescentes. Os McFarleys eram um grupo prolífico, reproduzindo-se como os clãs dos antigos tempos. Drustan parecia seriamente interessado de equiparar-se. Seguramente desfrutaria da tentativa, pensou, olhando possessivamente a sua pequenina e sensual esposa.

- Sim, milord MacKeltar.

Drustan pôs os olhos em branco. Gwen riu por trás de seu guardanapo.

- Como tentava dizer-lhe, milord, tem um visitante e, pensei que, ainda que talvez não sou quem para dizê-lo, ela é em grande parte uma... *sniff*... moça imprópria. Não como a jovem senhorita Chloe aqui presente -, um enorme e caprichoso sorriso - ou nossa encantadora senhora Gwen. Na verdade, ela me traz mais à mente isso -, ele assinalou com a cabeça para Dageus - quando ele chegou. Há algo que não está certo a respeito dela, não certo de tudo.

Drustan sentiu uma sensação de vácuo em seu estômago. Paz e tranqüilidade estavam na agenda. Nada mais. Deu uma olhada de maneira inquiridora a sua esposa. Gwen se encolheu e negou com a cabeça.

- Não convidei a ninguém, Drustan. você o fez, Chloe?

- Não -, contestou Chloe. - O que não está certo com ela, Farley? -, perguntou curiosamente.

Um desagradado *hummm*. Uns poucos *humms*, logo um profundo, soou ofendido.

- Ela é uma moça bastante boa, isto é quando se é capaz de olhá-la realmente, mas - se interrompeu com um suspiro profundamente compassivo e limpou sua garganta várias vezes antes de continuar - Parece que ela está tendo, er ... problemas de solidez.

- O quê? -, disse Gwen, franzindo o cenho - O que pode significar *problemas de solidez*?

- O que significa isso, Farley?

Drustan inalou profundamente, exalando devagar. Não lhe agradava como soava isso. Os problemas de solidez não eram de bom agouro para a serenidade dos inquilinos do Castelo Keltar.

- É precisamente como disse. Problemas de solidez -, reiterou Farley, obviamente oposto a comprometer-se além da descrição do inesperado convidado.

- Oh -, disse Gwen debilmente. - Quer dizer que ela é sólida e depois não o é? É como se se voltasse invisível?

- Você não escutou tal coisa de mim -, disse Farley rigidamente. - Semelhante afirmação me faria parecer bastante confuso.

- E ela está perguntando por mim? -, disse Drustan com irritação. Como podia ser isso? As únicas pessoas que ele conhecia no século vinte e um eram aqueles que havia conhecido através de Gwen, ou desde que se instalaram na propriedade MacKeltar. Seguramente não tinha nada que ver com alguém com problemas de solidez. Realmente, teria evitado a tal pessoa como à praga mais horrenda. Teve o bastante de feitiços e encantamentos para mais de uma dúzia de vidas.

- Não, ela está perguntando por esse outro -. Farley apontou para Dageus.

- Eu? -. Dageus parecia sobressaltado. Dando uma olhada para Chloe, ele se encolheu - Não tenho nem idéia, garota.

Exalando explosivamente, Drustan se levantou. Vamos colocar a paz e a tranqüilidade e os simples prazeres. Quão tonto acreditava que a vida de um Druida Keltar alguma vez poderia ser normal. Em qualquer estúpido século.

- Creio que o melhor é averiguar -. Disse. - Talvez sejamos tão afortunados que a moça com *problemas de solidez* poderia voltar-se não-sólida de uma maneira permanente e deixar-nos a todos em paz.

Quando foi para o grande corredor, Dageus, Gwen, e Chloe o seguiram bem de perto.

Gabby estava de pé na entrada do castelo, sacudindo a cabeça, aturdida.

Adam não se preocupou em dizer-lhe que os MacKeltars viviam num magnífico e extenso castelo com torrezinhas redondas e torres quadradas, encerrado por uma poderosa parede de pedra, e repleto de teares medievais, e só o grande vestíbulo, podia conter um andar inteiro do hotel Victorian.

Também não lhe advertiu que poderia ter a súbita tentação de correr e escovar seu cabelo ou a empoeirar seu nariz e tentar ver-se apresentável frente... frente aos aristocratas ou... a nobreza... ou o que fossem as senhoriais pessoas que viviam no castelo.

Não, só se fosse outra abrupta queda de Gabby O'Callaghan, privada de sonho. E desalinhada, dentro de outra insondável situação, totalmente desprevenida. Inclinou para trás a cabeça, examinando a sua volta. Uma balastrada intrincadamente talhada rodeava o corredor do segundo andar, e uma elegante escada dupla vinha de lados contrários, encontravam-se no meio, e desciam numa ampla série de degraus de mármore. Era uma escada de conto de fadas, uma princesa poderia descer, vestida com um elegante traje. Tapeçarias brilhantes enfeitavam as paredes, tapetes felpudos estavam estendidos, e cristais pitorescamente coloridos enfeitavam as muitas janelas altas. O mobiliário no vestíbulo era volumoso e talhado, enfeitado com complexos nós celtas. Tinha duas lareiras, ambas grandes como um homem desenvolvido de pé. Defronte havia cadeiras com encostos altos e acolchoados e com ricos brocados, colocadas ao lado de brilhantes mesas. Os corredores iam em todas as direções, e não podia começar a imaginar-se quantos cômodos tinha no lugar. Cem? Duzentos? E com o detalhe de corredores secretos e uma masmorra? perguntou-se de maneira extravagante.

Foi só quando começaram a subir o longo, tortuoso e privado acesso à propriedade, que Adam finalmente divulgou o fascinante, ainda que incompleto, bocado de informação a respeito de que os MacKeltars descendiam de uma antiga linha de Druidas que serviram aos Tuatha Dé Danaan por entidades divinas e eram os defensores exclusivos do lado dos Homens no Pacto entre os humanos e os Fae.

- O Pacto? -. Repetiu, aturdida.

Os *Livros* de O'Callaghan tinham escassa informação a respeito do lendário tratado. Ela estava começando a compreender que se sobrevivesse a tudo isto, seria capaz de acrescentar uma enorme riqueza de informação aos volumes para as futuras gerações, e o que era ainda melhor, informação exata, mais do que qualquer um que tivessem manejado eles até esse momento.

Talvez até conseguisse ver a sagrada... er, coisa, o que fora que fosse O Pacto, quase não sabia nem como se supunha que seria. E quanto, perguntou-se, ardendo de curiosidade, poderiam os MacKeltars ser capazes de contar-lhe sobre os Fae? Como os defensores do tratado, eles deveriam saber muito. Não podia esperar.

Suspirou suavemente, sem poder evitar a ironia de seus pensamentos. Havia gastado sua vida inteira determinada a ocultar-se de todas as coisas Fae, recusando a abrir *Os Livros*, recusando-se a estudá-los, e de repente estava impaciente por saber tanto quanto fosse possível sobre eles. *Os Livros* O'Callaghan estavam errados sobre muitas coisas. E precisava saber exatamente em que coisas, e exatamente quão equivocado. Só então podia ser capaz de achar algum sentido ao príncipe Fae escuro e sedutor que havia arruinado sua vida e a colocado completamente de pernas para o ar.

Deu uma olhada para ele. Estava de pé silenciosamente, seu olhar fixo enfocado para frente, seu enorme corpo quieto e tenso. Estava inseguro de suas boas vindas? Era difícil imaginar que Adam estivesse inseguro de algo.

Ela estava inclinando sua cabeça para trás para investigar, quando dois homens entraram no grande vestíbulo e a pergunta voou fora de sua cabeça. Eram simplesmente dois dos homens mais magníficos que alguma vez tivesse visto. Gêmeos, ainda que diferentes. Eram tão altos como poderosamente formados. Um era mais alto por alguns centímetros, com o cabelo negro que chegava um pouco mais abaixo de seus ombros e olhos como bocados de prata e gelo, enquanto o outro tinha um longo cabelo negro que caía numa trança até sua cintura, e olhos tão dourados como o colar de Adam. Iam elegantemente vestidos com roupa feita de cores escuras, seus corpos magníficos exudando uma atração crua.

*Oh, Deus*, se maravilhou, *não fazem homens como estes nos Estados Unidos*. Eram estes os típicos escoceses? Se era assim, ia ter que trazer Elizabeth aqui de algum modo. Uma experiente em novelas românticas, os favoritos de Elizabeth eram os escoceses, e estes dois homens pareciam como se tivessem saído de uma daquelas cobertas.

- Tente não ficar com a boca aberta, *ka-lyrra*. São só humanos. Mortais. Insignificantes. Casados. Ambos. Felizmente.

*O sinto por Elizabeth*, Gabby lamentou, girando-se para olhar a Adam. Sua mão descansava possessivamente no pequeno traseiro dela, e ele estava olhando-a com uma expressão inequivocamente irritada que parecia um pouco como... ciúmes? *O Sin Siriche Du* – com ciúmes de dois varões humanos? Por ela? A idéia parecia tão improvável como para ser impossível; no entanto, fez que pequenos soluços se enroscassem em sua garganta.

- Não estou boquiaberta -. Conseguiu dizer, e realmente não estava, porque tão logo olhou para trás para Adam, tinha se dado conta que, ainda que os dois homens podiam ser magníficos entre os humanos, não eram nada comparados com ele.

*Toma a esses dois homens, combina-os, salpique-os com pó Fae, salpica-os dez vezes com essa sensualidade que se cozinha a fogo lento, um pouco de perigo elementar, e é Adam Black*, pensou.

- Dageus, está vindo... -, o mais alto dos dois começou, com uma nota desgostosa na voz profunda, unida a um espesso e suave chiado.

- Algo como o contorno débil e nebuloso de uma garota, Drustan? -. Seu gêmeo de olhos dourados terminou por ele, com o mesmo atraente sotaque.

- Sim -, disse o chamado Drustan, franzindo o cenho.



- Sim -. Dageus esteve de acordo.

- Oh! -, exclamou Gabby. Tinha se esquecido da mão de Adam em seu pequeno traseiro (homem letal, havia conseguido que ela se acostumassem a seu toque constante, que agora fazia mais provável que notasse sua ausência do que sua presença!). Ademais, como os MacKeltars podiam vê-la, absolutamente? perguntou-se, franzindo o cenho. Porque eram Druidas? Céus, tinha tantas perguntas!

Escapando-se do toque de Adam, ela se desculpou a toda pressa ante os dois altos e escuros homens.

- Sinto tanto. Sigo esquecendo que desapareço quando ele está me tocando, porque nada desaparece para mim. Suponho que provavelmente atemorizamos um pouco a seu mordomo -. Ante seus olhares vazios, continuou. - Sou Gabrielle O'Callaghan -, disse, dando um passo adiante e oferecendo sua mão, - E sei que vocês não me conhecem, e sei que tudo isto provavelmente parece bastante estranho, mas posso explicá-lo. Talvez poderíamos sentar-nos em algum lugar? Sinto como se tivéssemos estado viajando sempre.

Os homens trocaram olhares.

- Nós? -. O chamado Drustan disse com cautela.

- Oh, pelo amor do céu, Drustan -, uma mulher miúda com cabelo liso prateado e loiro, emergiu empurrando aos elevados Highlanders, - Onde estão seus modos?

Uma segunda mulher, também miúda, mas com o cabelo longo e encaracolado de cor cobre e ouro, surgiu por trás do outro gêmeo, e ambos se apressaram a recebê-la.

- Sou Gwen -, disse a loira platinada, - e este é meu esposo, Drustan. Esta é Chloe e seu esposo, Dageus.

- Encantada em conhecê-las -, disse Gabby, sentindo-se de repente como a rainha do *grunge*, em frente às duas formosas mulheres. Aqui estava num elegante castelo, com quatro pessoas elegantemente vestidas, ela, que estava viajando sem parar durante um dia e meio ou ao menos assim o acreditava. Os fusos horários a tinham confundido e quatro mudanças de avião e horas de esgotante condução mais tarde, olhou-se. Seu cabelo tinha escorregado fazia horas do coque e podia senti-lo caindo desde sua cabeça até suas costas. Não tinha nenhuma maquiagem, e até as rugas em sua roupa tinham rugas. Lançou a Adam um olhar fulminante. - Não posso acreditar que não me disse que íamos a um castelo e que toda esta gente estaria aqui. Olha-me, sou um horror, um desastre.

- Hum, perdoe-me, mas a quem se dirige? E não é um desastre -, assegurou-lhe Chloe. - Acredite-me, Gwen e eu tivemos nossa parte de ferimentos e nos sentimos desastrosas, e você não está tão arruinada. Ou está, Gwen?

Gwen riu.

- Escassamente. Estar arruinada é estar ansiosa de nicotina, e depois passar uma semana num ônibus com um grupo de anciãos, cair numa gruta, e aterrizar sobre um corpo.

- E depois retroceder uns tantos séculos, sem idéia do que virá -, Chloe esteve de acordo. - Nua, além do mais, não é?

Gwen assentiu ironicamente.

Gabby piscou.

- Eu lhe dei meu cobertor de viagem -, protestou Drustan com indignação. - Não era minha intenção enviá-la para o passado nua como um bebê, Gwen.

Gwen dirigiu a seu marido um olhar carinhoso.

- Eu sei -, disse suavemente.

O chamado Dageus sacudiu sua cabeça com impaciência.

- Tudo isso não é pertinente nem aqui nem agora. A quem fala que nós não podemos ver, moça?

*Lançada a uns séculos atrás? Nua? O quê?* Deus meu!, esta gente era meio Fae como o filho de Adam, que podia deslocar-se no tempo? Sua própria vida, em seu pequeno canto dos Três Estados estava parecendo cada vez mais normal a cada dia que passava.

- Diga-lhes, Gabrielle -. Adam lhe falou com impaciência. Piscando. Gabby assentiu.

- Tenho uma das, er, fadas aqui comigo...

- Tuatha Dé -, corrigiu Adam com irritação. - Está me fazendo parecer como uma sangrenta Tinkerbell\*.

- Um dos Tuatha Dé -, emendou-se, com um riso sarcástico. - Ele diz que estou fazendo-o soar como uma Tinkerbell, mas, creiam-me, ninguém poderia alguma vez confundir Adam Black com um Tinker...

- Adam Black dos Tuatha Dé Danaan? - gritou Dageus, esses exóticos olhos de ouro se alargaram.

- você o conhece? -, ela disse a Adam impacientemente, - Não me disse que eles o conheciam.

- Não estava seguro se Dageus conservou alguma recordação de mim, *ka-lyrra*. Ele estava perto da morte então, e eu não sabia se Aoibheal lhe permitiria lembrar de mim -, disse ele suavemente.

- Quer dizer o Tuatha Dé Danaan que salvou a vida de meu marido? - exclamou Chloe. - Ele está aqui contigo?

Bem, isto a desequilibrava completamente. Adam tinha salvado a vida de Dageus? Quando? Como? Por que? Que andava fazendo, indo a alguma parte para salvar a vida dos humanos? Que tipo de fada fazia isto? Nenhuma delas nunca tinha escutado nada sobre isso. As fadas não andavam por aí ajudando aos humanos.

*Pelo bem do céu*, pensou, olhando-o, com a boca aberta, *por acaso o conheço bem? Condenados Livros O'Callaghan. Tinham acertado em algo além de seu imenso atrativo sexual?*

Adam apenas sorriu e, com um gentil dedo sob seu queixo, fechou sua boca. Seu olhar se fixou em seus lábios por um momento e ligeiramente passou a ponta de seu polegar sobre seu lábio inferior. Quando aplicou uma suave pressão, esteve

---

\* Tinkerbell em inglês é Sininho, a amiga fada de Peter Pan.



mortificada ao dar-se conta que a ponta de sua língua se deslizava para fora para prová-lo. Não pensou em fazê-lo; não havia sido capaz de deter-se.

Sua cara esteve por um instante tensa com a luxúria e fez um som gutural em sua garganta. Suas narinas se inflamaram, enquanto soltava vários soluços, depois disse entre dentes.

- O quê? Não leu sobre isto num dos seus tonto *Livros*, Gabrielle? Não encaixa com as suas pré-concepções? Imagina isto.

- Por que não me contou?

- Teria acreditado em mim? -, contestou-lhe friamente.

Ela estremeceu.

- Portanto, não lhe disse -. Deixou que sua mão caísse do rosto dela.

- Oh, viram isso? - Ouviu a Gwen exclamar, de muito longe. - Ela simplesmente desapareceu outra vez! Isto é tão fascinante! E agora está de regresso.

Gabby estava ainda olhando-o quando Chloe tomou sua mão, efusivamente.

- Oh, boas vindas, bem-vindos, aos dois. Estão famintos? Sedentos? Que podemos fazer por vocês?, deixe-nos tomar suas malas. E, er -, ela vacilou por um breve momento. - Sei que este provavelmente não é o momento para isso, mas exatamente quantos anos tem Adam Black de verdade? Como verá, tenho umas perguntas sobre a Idade De ferro. Na realidade -, confiou-se com seriedade, - tenho umas poucas perguntas sobre variadas...

- *Ele pode* comer e beber? - Gwen interrompeu, com uma expressão completamente fascinada. - Está na realidade ali? E, er... exatamente onde está? Está em outra dimensão ou algo assim? Paralela à nossa, talvez?

Dageus e Drustan trocaram olhares sarcásticos e sacudiram suas cabeças. Então Drustan deu um passo adiante e deslizou um braço ao redor dos ombros de sua esposa. Com um prateado olhar resignado, disse:

- Melhor, por que não perguntamos à moça se tem fome ou não e deixamos que os assuntos de história e física esperem um momento -. Acercou-se de Gabby, inclinou a cabeça e disse com calma formalidade. - Os Keltar lhe dão as boas vindas, Tuatha Dé. Os antigos são sempre bem-vindos em nossa casa.

Adam olhou Gabrielle com olhos entrecerrados e, ainda que apreciasse as formais boas vindas de Drustan, estivesse feliz de que Dageus o recordasse, e super feliz de que sua *ka-lyrra* finalmente começasse a vê-lo por quem era, ele precisava de algo que o apaziguasse um pouco.

Não previu sua reação à vista dos gêmeos ao redor Gabrielle. Não lhe agradou isso. Não lhe agradou nem um pouquinho. Havia muita testosterona no espaço. E tudo nele, que não era uma quantidade insignificante, estava invisível.

E saber que Drustan e Dageus estavam casados não fazia uma maldita coisa para aliviar sua preocupação. Realmente, tinha que lhes sorrir assim? Acaso não entendia que eles eram homens e os homens não eram confiáveis ao redor de uma mulher como Gabrielle, não importa quão felizmente casados alegassem estar? E Cristo, ele nem sequer podia marcar seu território. Tocá-la numa forma íntima, falhava em estabelecer algo, porque cada vez que o fazia, só passava que ela era invisível para eles.

Nunca mais tinha lamentado ser invisível. Ao redor de homens normais em Cincinnati não havia sido de nenhuma importância, mas os Keltar não eram homens normais.

Brincava irritado com seu copo vazio de whisky escocês, girando-o entre suas palmas, olhando a garrafa sobre o móvel do bar. Lançou um olhar obscuro aos MacKeltars que não poderiam ver, mas o fazia sentir-se ligeiramente melhor, pôs-se de pé, recheou seu copo, e começou a passear pela biblioteca. Era um cômodo espaçoso, masculino, com estantes embutidas de cerejeiras nos painéis das paredes, cadeiras cômodas e poltronas, uma lareira de mármore rosa escuro, e altas janelas. Deu voltas por ela, examinando distraidamente os livros, escutando enquanto Gabby seguia contando a viagem de ambos, - ah, não, a versão dela dos acontecimentos - até o momento. Tentou dizer-lhe sua versão, mas ela pareceu perversamente encantada pela oportunidade de dizer aos MacKeltars tudo sobre como sua vida se torceu desde que ele havia chegado.

Gwen e Chloe faziam pequenos ruídos compreensivos, e ele podia simplesmente cheirar a maldita união feminina circulando no quarto. Todos se encontravam unidos, exceto pela pessoa invisível.

Inferno sangrento, tinha fome. Mas conseguiria comer? Não. Gabby tinha falado por ambos, evitando a comida, aceitando um lanche ligeiro na Biblioteca.

Amanteigados, caramelos, e nozes? Um corpo mortal poderia morrer de inanição com semelhante magra razão. E ainda não havia chegado à parte onde Darroc e os Caçadores apareceram. Gwen e Chloe pareciam fascinadas com a idéia dos *Sidhe-seers* e estavam fazendo dúzias de perguntas completamente desnecessárias sobre o que era ser uma. Neste ritmo, poderia levar toda a noite para chegar à parte importante que era o que Adam precisava que eles fizessem. Se pudesse só falar por si mesmo! Estava começando a perguntar-se se ainda conseguiria ter tudo preparado para Lughnassadh.

Agora, ela estava estendendo-se sobre aqueles idiotas e apócrifos *Livros* O'Callaghan, e Chloe, a amante de antiguidades e implacável rato de biblioteca, tentava marcar um encontro para ir a Cincinnati para vê-los. Livros. Faery estava em perigo, sua rainha estava em perigo, Darroc tentava matá-los, os Caçadores estavam em liberdade, e eles falavam de livros!

Só se acalmou ligeiramente ao escutá-la dizer.

- É bem-vinda a vê-los, Chloe, mas, francamente, creio que meus antepassados podem ter reunido muitos dados errôneos -. Aproximadamente no maldito momento em que ela admitiu isso, acreditou, entrecerrando os olhos, seu olhar se deslizou sobre ela possessivamente. Ela o olhou. Fazendo-o sentir-se menos invisível. Mas não fez tanto senão dar uma pequena olhada para ele, estava muito ocupada contestando mais perguntas irrelevantes.

Estava justo a ponto de sair fora e ir ele mesmo conseguir algo à cozinha quando Dageus disse pensativamente.

- Então é porque ele está amaldiçoado com *féth fiada* o que nos impede de vê-lo?

A cabeça de Adam se moveu.

- Que sabe ele disso, *ka-lyrra*? -, disse-lhe, repentinamente alerta. Dageus era outro passe livre, como sua *Sidhe-seer*; as coisas que ele agüentou o ano passado o havia mudado em formas que ninguém podia estar completamente seguro. Tinha mudado tanto que, de fato, ainda que o presente Dageus se encontrou consigo mesmo no passado – o que deveria tê-lo cancelado, feito desaparecer – não tinha ocorrido. A qual era a razão pela qual o Alto Conselho tinha advogado tão firmemente por sua destruição. Logicamente, alguns deles estavam conduzidos por motivos mais infames, como Darroc.

- Sim, é isso, e Adam, quer saber o que sabe disso -, Gabby disse por ele.

Dageus apenas sorriu.

- Mais do que alguma vez desejei. Usei-o para tomar emprestado uns raros tomos que precisei não faz muito tempo. Chamamo-lo o manto mágico, ou o nevoeiro do Druida. Não é fácil de usar, é um feitiço congelante. Há duas versões dele. A versão que aos MacKeltars lhes foi ensinada, e o feitiço que os Draghar conheciam; um bem mais potente, o triunvirato de feitiçaria, na língua dos Tuatha Dé. Eu nunca usei essa versão.

- Os Draghar? -, Gabby repetiu, franzindo o cenho.

- Por um tempo -, explicou Chloe. - Dageus esteve possuído pela almas dos malvados. Treze Druidas antigos e que haviam sido desterrados pelos Tuatha Dé numa prisão imortal faz quatro mil anos. Eles eram chamados os Draghar.

- Oh. Estou entendendo... -. Gabby pareceu bastante pouco convicta de suas próprias palavras.

Chloe riu suavemente.

- Lhe explicarei tudo mais tarde, Gabby. Prometo.

- Inferno sangrento, sim! -, explodiu Adam, espreitando ao lado de Gabrielle. Fechou uma mão sobre seu braço, e lhe disse urgentemente - Pergunte-lhe se ainda conserva as memórias dos Draghar, Gabrielle -. Durante o tempo que os treze Druidas escuros tinham possuído a Dageus, o conhecimento deles havia sido seu, e eles alguma vez tinham sido privados de praticamente toda a erudição Tuatha Dé. Adam assumiu que quando Aoibheal destruiu aos Draghar, tirou aquelas memórias da mente do Highlander.

Mas e se não o tivesse feito? Se Dageus conhecesse a antiga contra-maldição na língua Tuatha Dé, poderia terminar com o encantamento de Adam! Nenhum simples mortal poderia fazê-lo, nem sequer ele mesmo, mas um Druida MacKeltar de puro sangue que conhecia as palavras antigas seguramente poderia.

Seria capaz de falar por si mesmo, ser visto outra vez, seria sólido outra vez, seria capaz de fazer evidentemente claro que Gabrielle era *sua*.

- Está bem, mas não podem me ver outra vez, Adam. Deixa de me tocar.

*Deixa de me tocar.* Ser invisível o fazia sentir-se bastante impotente ao redor dos Keltar, e impotência não era um sentimento com o qual Adam se sentisse capaz de tratar em nenhum nível, e suas palavras provocaram algo rápido, furioso e primitivo nele. Estava consumido com o repentinamente imperativo desejo de fazer-lhe recordar que não faz muito ela estava pedindo que a beijasse mais profundamente, que tinha sua mão sob as calças dela. Maldito fôra dentro *dela*, e estaria ali; com algo bem mais íntimo e pessoal do que uma mão; se não tivessem sido interrompidos. Tinha alguns assuntos sérios e inacabados por atender.

Num suave movimento, ele a arrastou para seus braços e lhe achatou a boca com um beijo quente, selvagem, mergulhando profundamente, reclamando, dizendo com isso: *eu sou seu homem, e não esqueça*.

Se ela não tivesse cedido ao instante, caindo suave contra ele, aceitando seu beijo completamente, não estava seguro do que poderia ter feito. Estava simplesmente agradecido por não ter que averiguar.

Na biblioteca, invisível, sem nenhum preâmbulo não era como ele queria que fosse sua primeira vez. Ele queria que sua primeira vez fosse irresistível, que lhe fizesse perder a cabeça. A sedução perfeita que marcaria o mesmo centro de sua brilhante e dourada Alma.

Por sorte, ela não só cedeu, seus joelhos fizeram essa pequena coisa, completamente feminina que o fazia sentir como um verdadeiro deus entre os homens, e graças a isso foi capaz de deixá-la ir.

Quando o fez, ela se afundou languidamente para trás em seu assento, seus lábios separados, seus olhos desfocados. Enrijeceu, parecendo aturdida, depois sacudiu sua cabeça bruscamente.

Ele estava contente de ver que Dageus e Drustan a olhavam atenciosamente, e depois trocavam um olhar. Bom, finalmente tinha marcado seu território, ao menos um pouco.

- Ele quer saber se conserva as memórias dos Draghar -, disse Gabby com outra chacoalhada de sua cabeça, como se ainda tentasse aclará-la.

Dageus assentiu.

- Isso é com o que fiquei.

- Sim? -, disse Drustan, parecendo sobressaltado.

- Sim, ainda que se tenham ido, suas recordações permanecem. Seu conhecimento é meu.

- Cristo, não me disse nada disto -, grunhiu Drustan. - Todo seu conhecimento?

- Sim. Montes de coisas em minha mente. Não falei disso porque é irrelevante. Com os Draghar fora de mim, não tenho a intenção de usar nenhuma coisa deles. E a resposta é sim outra vez, creio que posso remover sua maldição. Eu, por minha parte, preferiria ser capaz de vê-lo. Não me agrada esta invisibilidade, absolutamente, que me põe incômodo.

- *Sim* -, disse Adam, perfurando o ar, eufórico. - Faça-o. Agora mesmo. Apresse-se por todos os infernos.

Se tivesse tido a mais ligeira suspeita de que Dageus ainda possuía as recordações dos treze, teria vindo aqui primeiro, no instante em que a rainha o havia abandonado em Londres.

Mas nunca imaginou que Aoibheal poderia permitir àquelas memórias perdurar; muito do conhecimento dos Draghar era naturalmente perigoso, intrinsecamente corruptivo. Fungou. Sua rainha estava equivocando-se. Quando fosse imortal outra vez, iam ter uma longa conversa. Talvez fosse tempo de que ele mesmo tomasse um assento sobre seu infernal Alto Conselho e entrasse no lado concreto das coisas.

- Ele diz, poderia tentá-lo por favor? - traduziu Gabby, lançando-lhe uma pequena reprovação sem palavras. Ele se encolheu. Ela não podia entender sua impaciência?

- É magia proibida? -. Drustan perguntou a Dageus.

- Não. Mas é magia dos velhos Tuatha Dé. Não é algo que nós necessariamente consideremos usar, considerando que a rainha me deixou, bem... - Encolheu os ombros.

- Sente que é perigoso de algum modo? -, Drustan lhe pressionou.

- Não, mas é um cântico em sua língua.

- Pelo bem de Cristo, poderia dizê-lo já? - sibilou Adam. - Preciso ser visto. Não posso suportar esta cruel invisibilidade.

- A decisão é sua, irmão. Deixo a seu juízo -. Disse Drustan.

Depois de um momento de reflexão Dageus disse:

- Eu não vejo nenhum mal nisso -. E perguntou a Gabby - Onde ele está?

Quando ela o mostrou, Dageus se levantou e, dando um rodeio sobre o área que ela havia indicado, começou a falar. Ou melhor, pensou Gabby, ele abriu sua boca e o som saiu, mas não falava. Não era uma só voz o que saía de seus lábios, mas uma miríade de vozes, dúzias uma em cima da outra, elevando-se e caindo, aumentando e rompendo-se. Era melódico ainda que medonhamente dissonante, formoso ainda que estranhamente horrível. Como o fogo que poderia arrastar lentamente, numa tentativa de conseguir calor, só para terminar por congelar a morte com isso.

Arrepiou todo o fino pêlo do corpo de Gabby, e ela compreendeu que se essa era a língua dos antigos Tuatha Dé, não era uma linguagem que Adam alguma vez tivesse falado perto dela.

Qualquer que fosse a linguagem que ele falou naquelas infrequentes ocasiões não era isto. Esta era uma voz de cru poder. Tal som poderia hipnotizar, podia seduzir contra a vontade de uma pessoa. Isto era magia antiga, não diluída e pura. A classe que ela sempre imaginou que os Caçadores possuíam. Uma magia terrível.

Enquanto estabelecia um crescendo, ela se estremeceu, fechando os olhos.

- Calma, *ka-lyrra*; é porque você é uma *Sidhe-seer* que isto a afeta tanto -, ela ouviu Adam dizer suavemente. - É por isso que não falei minha língua ao redor de você. Seus instintos para proteger, para juntar a sua gente e escapar estão sendo acordados. Nos dias antigos você nos teria ouvido vindo sobre o vento e ocultaria aos seus aldeões. Respira. Lenta e profundamente.

Ela fez como ele lhe disse, franzindo seus lábios e respirando por sua boca, esperando que terminasse logo. Ele estava certo, o mero som da língua antiga a enchia de uma espécie estranha de preparação para a batalha, um impulso profundo em seus ossos de fazer aos MacKeltars reunirem-se e prepará-los para esconderem-se. Depois montar a cavalo pelas cidades próximas, tocando o alarme.

Finalmente Dageus terminou, e ela ouviu a Gwen e Chloe dizer simultaneamente e ofegando.

- Oh! Meu Deus!

Gabby abriu os olhos.

Drustan se levantou e franziu o cenho, uma expressão refletida por seu gêmeo. Ambos olhavam raivosamente para Adam a quem obviamente podiam ver agora. Depois a suas mulheres, depois de novo para Adam.

Gabby absorveu os olhares nas caras de Chloe e Gwen, e de repente se sentiu *muito* melhor a respeito da dureza que havia sido ignorar aos Fae toda sua vida.

*Não era somente eu*, pensou com gratidão. Não era uma mulher infame e de moral duvidosa, uma débil, indisciplinada na espera do rapto de um fada; os Fae realmente tinham algo magnético e excessivamente sedutor, algo que as mulheres simplesmente não podiam resistir. Adam afetava a Chloe e Gwen da mesma maneira que afetava a ela.

E como poderia não o fazer? pensou, vendo-o de novo através dos olhos delas. Eram quase seis pés e meio de um poderoso príncipe Fae, de pele dourada, seu corpo esculpido de puro músculo, seu cabelo longo e negro derramando-se até sua cintura num embaraço escuro e sedoso. Vestido com aqueles jeans que pareciam tatuados, botas, um suéter cor marfim e um casaco de couro, o brilhante colar de ouro em seu pescoço, parecia algo obscuro, um assunto eroticamente além deste mundo. Sua cara cinzelada era selvagemmente formosa, sombreada com uma barba incipiente de poucos dias. A inteligência antiga e o calor sexual mal controlado brilhavam em seus olhos exóticos, de duas cores. A débil fragrância de jasmim, sândalo, e homem que sempre se aderiu a ele parecia de repente ter impregnado o quarto de sua embriagante e intoxicante essência. Ela se perguntava, não pela primeira vez, se tinha uma espécie de substância química no cheiro que um Fae emitia, que funcionada como um afrodisíaco sobre os humanos do sexo oposto.

Ele era, simplesmente, uma fantasia vivente, exudando um irresistível vêm-aqui-pequena que possuía uma advertência intrínseca, tácita de perigo. Ele tinha um venha-e-me-consegue-menina-eu-sou-puro-problema-e-vai-adorá-lo, a classe de atitude que provocava as condutas sexuais mais primitivas de uma mulher. Atraía-a ainda quando sabia que deveria estar correndo como louca na direção oposta. Atraía-a, de fato, de algum modo perverso, *porque sabia* que deveria estar correndo como louca na direção oposta.

E agora que via os olhares sobre as caras de Gwen e Chloe, perguntava-se como havia conseguido manter-se fora da cama dele.

Na realidade... só quanto mais ela ia ser capaz resistir a ele.

Na realidade, corrigiu-se com irritação, enquanto via Gwen e Chloe observá-lo, não sabia *por que* o fazia. Seguramente ela não se via como *elas*.

- Vaca sagrada -, disse Chloe apenas.

- Não caçoe -, respirou Gwen.

O atraente príncipe Fae lhes dirigiu um sorriso que era puro encanto diabólico, sexy, brincalhão e malicioso, capturando brevemente a ponta de sua língua entre os brancos dentes, antes que seus lábios se curvassem, e seus escuros olhos chuvilhassem dourados.

Gabby gemeu. Sufocou-o apressadamente, camuflando-o com uma pequena e seca tosse. Seu próprio caramelo, privado e até então oculto, estava disponível para o consumo público e não lhe agradava nem um pouquinho.

Ao que parece ela não era a única.

- Está pensando o que eu estou pensando, Dageus? - disse Drustan com irritação.

- Och, sim -, disse Dageus tenebrosamente. - Lhe agradava mais invisível também?

- Och, sim.

- Deveria amaldiçoá-lo outra vez?

- Och, sim.

Adam voltou sua cabeça e riu, seus olhos brilhando com dourados reflexos.

- Pelo sangrento inferno, é bom estar de regresso -, murmurou.

## Capítulo 18

Dageus e Drustan não eram os únicos a quem lhes tinha agradado ver... er, melhor dito, não ver... à Adam invisível outra vez.

Haviam vinte e três mulheres no castelo Keltar - sem contar a Gwen, Chloe, ela mesma, ou ao gato - Gabby o soube, porque pouco depois da última noite em que Adam havia se voltado visível, ela encontrou a todas e cada uma, desde a menina menor até a anciã mais titubeante.

Começou com uma criada cheinha e trinteitona, que entrou de repente para puxar as cortinas pela tarde e perguntar se os MacKeltars *desejavam algo mais*? No momento em que seu olhar fixo com óculos caiu sobre Adam, ela começou a gaguejar e a tropeçar inesperadamente com seus pés. Tomou uns poucos momentos para recobrar um semblante de coordenação, mas ela conseguiu sair da biblioteca, quase derrubando um lustre e uma mesa pequena na sua pressa.

Aparentemente se deu pressa para alertar às demais, pois se encontrou com um verdadeiro desfile: Uma criada curvilínea e ruborizada veio oferecer para esquentar o chá (eles não estavam tomando nenhum), seguida por uma sorridente criada que procurava um esquecido e empoeirado tecido (a qual - estava alguém surpreso? Não se encontrava por nenhuma parte), depois uma terceira procurando uma vassoura (se, claro, elas varriam castelos à meia-noite na Escócia - quem acreditaria nisso?), Depois uma quarta, quinta, e sexta averiguando se a Câmara de Cristal seria preparada para o Sr. Black (a ninguém lhe parecia importar, quem poderia fazer a câmara para *ela*: quase esperava terminar em algum lugar fora do castelo). Uma sétima, oitava, e uma nona chegaram a anunciar que sua câmara estava pronta e se queria ele uma escolta? Um auxiliar no banho? Ajuda para desvestir-se? (bem, de acordo, talvez elas não perguntaram o último, mas seus olhos certamente o fizeram).

Depois uma meia dúzia mais apareceram de improviso a intervalos para dizer as mesmas coisas uma e outra vez, e repetir que elas estavam ali para servir-lhe - qualquer, *qualquer coisa* ou em tudo o que possa desejar Sr. Black.

A décima sexta chegou trazendo à duas pequenas meninas e colocando-as no colo de Adam apesar de seus gritos de protesto (e não conseguiram sentarem-se em seu colo, somente porque Adam se levantou precipitadamente), Ao final a vigésima terceira que havia sido o suficientemente velha para ser sua tataravó, e ainda assim se moveu desavergonhadamente rápido com o *esplêndido Sr. Black* batendo pestanas inexistentes sobre ninhos de rugas, alisando delgados cabelos brancos com uma mão de veia azul, rachadas pela idade.

E se isso não havia sido suficiente, então o gato do castelo, obviamente fêmea e obviamente no cio, andou pavoneando-se, com o rabo levantado e descaradamente curvada na ponta, e enrolando seu peludo e pequeno ego sinuosamente ao redor dos tornozelos de Adam, ronronando e babando, com um olhar de prazer.

*Sr. Black, meu traseiro*, ela quis golpeá-lo (e lhe agradavam os gatos, realmente lhe agradavam; e certamente nunca quis chutar a um antes, mas por favor, até as gatas?), *Ele é um fada e eu o encontrei, assim é que isso o faz meu fada. Saia.*

Mas todo mundo pareceu tê-la esquecido.

Inclusive Adam. Oh, ele a beijou bastante desde que se tornou corpóreo, e isso fez vibrar os dedos de seu pé, roubando-lhe a respiração, beijos possessivos (e isso pareceu aliviar grandemente o impacto dos gêmeos Keltar), mas então ele foi sentar-se em frente ao fogo e, pouco depois disso, o desfile começou e mal a olhou desde então.

E misturado com o desfile de criadas, Gwen e Chloe estavam lançando perguntas (benditos seus corações, ao menos pareceram recobrar-se bastante bem do impacto de Adam; Gabby suspeitou que isto era devido em grande parte a que elas estavam casadas com esses extraordinariamente homens sexy), e Gabby se sentou em silêncio, sentindo-se como se ela



lentamente estivesse voltando a ser invisível como Adam havia sido. Como se ele não só tivesse tirado de cima sua maldição mas que de certa forma conseguiu lança-la em cima *dela*.

Finalmente, sua paciência obviamente esgotada, Drustan ordenou aos empregados deitarem-se, firmemente fechou a porta da biblioteca, logo depois da pausa de um momento, travou-a e se apoiou contra ela.

*Deve agüentar isto o tempo todo?* Ele perguntou incredulamente a Adam.

Adam inclinou a cabeça. *No entanto há algumas*, disse com um olhar em direção a Gabby, que *me golpeiam a primeira vista*. Disse isto com uma fina mostra do atrito de seu lábio, o que ela tinha partido, e um ligeiro e despreocupado sorriso.

Ela teve que apertar suas mãos em pequenos punhos para evitar saltar e dar-lhe um golpe outra vez. Simplesmente por ser Adam. Por ser tão imperdoavelmente irresistível. Por ser visível, condenadamente visível para todos. Por que não podia ter uma maldição permanente? Isso era pedir muito?

Ele precisou dela então. Mas não mais. Agora podia falar por si mesmo; ela já não era um intermediário necessário. E havia dúzias de outras mulheres que estavam claramente mais do que dispostas a fornecer-lhe qualquer coisa que ele pudesse querer, ao mais simples e sedutor sinal de seu dedo. Sentiu-se repentina e inexplicavelmente despojada.

Brava, fingiu cansaço, de modo algum o trataria com os sentimentos que via em outras mulheres e que ele agora tinha provocado nela. De modo algum perderia tempo vendo se elas poderiam escalar os muros do castelo e irromper através de suas janelas para acercar-se dele.

Gwen esteve fazendo suficientes perguntas a respeito de cosmologia até que ela conseguiu ignorar a Adam o suficiente para mostrar-lhe seu quarto.

Gabby estava agradavelmente surpreendida de encontrar que não era uma dependência mas uma suíte preciosa de vários quartos no segundo andar, com uma sacada de pedra com uma porta-balcão que dava para o jardim. Depois que Gwen se foi apressadamente, estava inclusive mais do que agradavelmente surpresa ao descobrir uma jarra meio cheia de vinho na mesa de cabeceira.

Não estava tão feliz a respeito disso pela manhã, no entanto.

Nem a respeito do fato de que ela terminou por sair furtivamente do vestíbulo e roubado as jarras de outras duas "câmaras" antes de cair adormecida num estupor mergulhado em vinho.

Percorreu com o olhar a cama e franziu o cenho. Não era estranho que se sentisse tão horrível. Não parecia que alguém tivesse dormido ali; parecia mais como se tivesse tido uma batalha boa parte da noite e que a passou fora da cama. Os lençóis sedosos estavam enroscados, o edredom estava feito uma bola, e duas das luxuosas cortinas de veludo da cama foram derrubadas de seus varais. Tinha uma vaga recordação de estar tão bêbada que quando tratou de sair da cama e dirigir-se ao banheiro, se enroscou nelas e caiu.

Tinha outra vaga recordação que não lhe agradava muito. Acreditou ter chorado ontem à noite. Sobre todo tipo de coisas tontas: os noivos e os trabalhos arruinados e... fadas que não podia entender.

Se refreou de tomar o telefone, pensando em chamar a sua mãe no momento.

Bem, para dizer o que? *Oi, Mami, eu realmente precisava lhe falar a respeito deste fada que conheci? A avó morreu e não tenho a mais ninguém?* É isso aí!

Chegou a pensar nisso, mexeu-se, cautelosamente fazendo massagem em suas têmporas palpitantes, teve medo de que realmente pudesse ter conseguido discar os números de telefone antes de tê-lo pendurado. Realmente não podia recordar, mas passou por cima de um guia telefônico no piso. E estava aberto na página internacional, e isso não era um bom sinal.

Com um pequeno suspiro sombrio, moveu para trás seu cabelo prendendo-o muito suavemente, para que todos seus diminutos folículos capilares - Deus, a cabeça lhe doía - não gritassem muito em sinal de protesto, depois abriu a porta e entrou no corredor. Nunca pode usar álcool.

Aspirina, precisava uma aspirina.

Uma semana atrás, refletiu, dobrando à esquerda (decidindo, depois de um momento de reflexão, que qualquer direção era provavelmente tão boa como qualquer outra no emaranhado labirinto de corredores de pedra) que as coisas tinham sido muito claras. Soube exatamente quem era e qual era seu lugar no mundo.

Havia sido uma O'Callaghan, fazendo aquilo para o qual havia sido educada, ocultando-se do desagradável, de fadas desumanas, vivendo uma vida dupla, e fazendo disso um trabalho demolidor na maioria das vezes.

Logo havia sido uma O'Callaghan torturada por uma daquelas desagradáveis, desumanas fadas, se bem que, por uma impossivelmente sedutora, em forma humana.

Depois foi uma O'Callaghan protegida por uma dita impossivelmente sedutora fada em forma humana, de entre todas as fadas *verdadeiramente* desagradáveis, desumanas.

E agora era simplesmente Gabby, atualmente num castelo magnífico e de sonho na Escócia com um príncipe Fae que fazia toda tipo de coisas pouco desagradáveis, pouco desumanas como fazer em pedaços uma lista de nomes, e regressar girinos aos lagos, e salvar as vidas das pessoas.

Sem mencionar que beijava com o esplendor sobrenatural de um anjo.

Um príncipe Fae, que virtualmente, cada mulher no castelo desejava em sua cama; e, tendo em conta o aspecto geral das coisas ontem à noite, elas não iam esperar muito tempo para tentar conseguí-lo.

E a vida só fedia.

Adam apertou uma mão ao redor das calcinhas no bolso de seu casaco e fechou os olhos, respirando fundo, como se de semelhante distância pudesse, de certa forma, apanhar o perfume de Gabrielle.



Sem tal sorte; só um vento crepitante das Highlands passando depressa sobre ele, palpitando através do campo sobre o lombo de um garanhão negro. E ainda que a brisa fosse doce, estava muito longe de ser o perfume sensual do calor íntimo de Gabrielle.

Essas sedosas calcinhas rosadas eram uma das diversas coisas que ele não estava disposto a deixar para trás no quarto do hotel. Só as havia tirado de seu bolso e metido em sua bolsa porque planejou despir-se com sua *sidhe-seer*, e não queria ter que explicar porque tinha um par de suas calcinhas consigo, quando ela descobrisse sua ausência. Não estava seguro de que fosse uma coisa que uma mulher pudesse apreciar.

Ah, mas um homem o fazia. O perfume suave, doce, sensual de uma mulher impregnado num pedaço de tecido que se deslizava tão intimamente entre suas pernas, roçando-se contra esse montículo delicioso, levando essa fragrância única que uma mulher só tem *ali*. Um homem não poderia respirar tal perfume por trás da orelha de uma mulher ou no oco suave de sua garganta, em seu cabelo ou numa pequena parte de suas costas.

Só se fosse seu amante poderia um homem chegar a conhecer esse perfume.

Ele sabia desde a noite em que lhe roubou as calcinhas, e estava tão malditamente perto disso umas poucas noites atrás. Estava morrendo de impaciência, a ponto de explodir, se não conseguia enterrar sua cara nela logo.

Não nas calcinhas. Na coisa real. Entre suas coxas, sua cara, sua língua, não só inspirando, mas saboreando. Sentindo-a contorsionar-se sob ele devido ao êxtase, sentindo-a arremeter-se contra sua boca. Remexer com sua língua, levando-a ao cume uma e outra vez. Mostrando-lhe todo o prazer que lhe poderia brindar, amarrando-a a ele na forma mais antiga e segura que um homem podia.

Desafortunadamente, outras coisas demandavam sua atenção.

Não só estavam Gwen e Chloe martelando-o com todo tipo de perguntas (para muitas das quais ele, de qualquer maneira, não podia encontrar as palavras em seu idioma para responder, e algumas das quais ele tinha se recusado a responder porque tal conhecimento estava ainda muito longe no futuro do gênero humano) mas Dageus e Drustan esperaram pacientemente umas poucas horas para que suas esposas finalizassem e partissem, para depois começar com suas próprias perguntas. Ele os pôs a par de tudo o que tinha ocorrido, do Alto Conselho decretando que Dageus devia submeter-se a uma prova de sangue, de seus atuais apertos.

Depois, todos humanamente muito cansados para entender, fizeram que Gabrielle dormisse em alguma parte do extenso castelo sem ele – não estavam afastados mais do que uns poucos minutos ao dia – e ele, bem mais ironicamente, comunicou-lhes o que tinha vindo procurar, e os gêmeos estavam mais do que fora de si.

- Quer que nós derrubemos os muros entre o homem e o Mundo das Fadas? - Tinha rugido Drustan. - Está louco?

- Não é que nós não estejamos agradecidos por tudo o que fez por nós, - Dageus se apressou a dizer, - mas nos disse que sua rainha quase destruiu a nosso clã inteiro porque eu rompi um juramento, e agora está pedindo-nos que o façamos novamente?

Portanto, depois de dormir profundamente, sem sonhos, por umas poucas horas (não importava que fosse humano em corpo, já que sua mente Thuatha Dé ainda não sonhava), ainda não estava com sua *Sidhe-Seer* pois fora cavalgar com os gêmeos Keltar, Tateando o terreno toda a manhã, dizendo-lhes uma e outra vez que ele não lhes exigia que rompessem seus juramentos, que somente pedia para... ganhar tempo.

Até o último minuto possível.

Assegurando-lhes que nunca iria tão longe.

Ao dar-se conta que eles estavam recusando por qualquer razão, simplesmente avançaria no tempo e os incapacitaria (e a seu descendente Christopher, que também era um Druida) e, se tinha que o fazer, até que Lughnassadh tivesse passado. Porque, por Danu, ele *deteria* a Darroc e *conservaria* o reinado de Aoibheal e *recobriria* seu poder e se *ocuparia* da segurança de Gabrielle para sempre.

Em sua defesa - e todas as pessoas tinham direito a uma, sem importar quão repreensíveis fossem suas ações; essa era uma das primeiras coisas que uma pessoa aprendia na escola de leis - Gabby não tinha planejado fazê-lo. Não teve malícia premeditada. Atuou numa forma caprichosa e deliberada? Se poderia dizer isso dela. Mas não podiam acusá-la de premeditação.

Era uma boa pessoa. Realmente. Provavelmente noventa e quatro por cento do tempo.

Seguramente podia ser perdoada pelo outro seis por cento?

Não era como se tivesse deixado seu quarto procurando a oportunidade para brigar com qualquer um ou permitir-se o gosto de liberar um pouco de seu caráter assassino.

Mas a oportunidade se apresentou por si mesma (como fazem freqüentemente as oportunidades traiçoeiras, para fazer dano), e ela com a ressaca que tinha, pela primeira vez fazia mais dias dos que levava em conta, Adam não estava esperando-a com café no momento em que abriu os olhos. Não, Adam estava só-Deus-sabia-onde, com só-Deus-sabia-que-harém sorrindo tontamente, adorando suas atenções. E ela estava grunhindo, sem cafeína, e perdida nos corredores sinuosos do castelo.

Então quando seguiu a um grupo de criadas que sofregamente discutiam sobre o *Sr. Black*, que fingiam tirar o pó da parte baixa do corredor, algo como uma pequena e malvada criatura ergueu sua feia cabeça, deixando ao descoberto seus afiados e poucos dentes.

Não ajudou que as cinco criadas fossem jovens e atraentes: uma morena alta, uma morena curvilínea e pequena, uma voluptuosa ruiva, e duas esbeltas loiras. Nem que elas estivessem nesse momento debatendo se Adam era um homem que perdia seu tempo em jogos preliminares ou era dos que iam direto ao grão.

- Bem, a ele lhe agrada os jogos preliminares -, alarmou-se ao ouvir a si mesma dizer, demasiado docemente, - mas é tão terrível nisso que faz que deseje que oxalá fosse essa classe de tipos que vão diretamente ao grão.

Cinco mulheres se voltaram para olhá-la boquiabertas.

A morena a considerou com cepticismo. Que ela falasse com um doce sotaque escocês só irritou a Gabby ainda mais.

- O Sr. Black? Eu não acredito nisso. Esse homem esplêndido é o sonho de toda garota.

- Talvez verdadeiramente um pesadelo -, Gabby ouviu a mentira sair de seus lábios ao dizer. - O homem nem sequer sabe beijar.

- Que quer dizer? -, exigiu a morena.

- Baba -, disse Gabby sucintamente.

- Baba? -. Repetiu a morena, franzindo o cenho.

Gabby inclinou a cabeça, aceitando que já era muito tarde. Já tinha se metido nisso, e podia melhorá-lo e preparar um Grande Final. Podia parecer falta de caráter, ao inventar o seguinte comentário.

- Beijaram vocês alguma vez a alguém que... bom, é como quem abre muito a boca, e molham toda sua cara, e em lugar de desejar que a sigam beijando o que realmente quer é uma toalha?

A ruiva inclinou a cabeça enfaticamente.

- Sim, eu sei. O jovem Jamie uma vez, no pub Haverton -. Fez uma careta. - Ugh. É asqueroso. Babava.

- Assim é como beija o senhor Black? -. Exclamou uma esbelta loira.

- Pior -. Gabby mentiu desavergonhadamente. - Quase nunca escova seus dentes, e eu juraria que o homem não saberia o que é o fio dental ainda se atassem um pouco de fio ao redor de seu pequeníssimo... er... pois bem, isso é outra coisa. Mas, não, eu não deveria...

- Não, deveria, com toda segurança deveria fazer! - exclamou uma loira.

- Sim, não se detenha agora -, interveio a pequena morena na conversa.

- Não está querendo dizer que sua coisinha-suave? Não quer dizer que seu coisinha-suave, Ou sim? -. A ruiva disse debilmente. - Oh, diga-me que não é isso!

Gabby inclinou a cabeça tristemente.

- Temo que é assim.

- Quão pequenino? -, perguntou a morena de pernas longas.

- Bem -, disse Gabby, suspirando, - Vocês sabem quão grande e alto é ele?

Cinco cabeças oscilaram de acima abaixo.

Ela se acercou um pouco mais, baixando sua voz de maneira conspiratória.

- Deixe-me dizer-lhes que não está bem proporcionado.

- Não! -, exclamaram outra vez.

- Temo que é assim -. Poderia ter deixado as coisas assim, deveria ter deixado as coisas assim, mas o monstro de olhos verdes tomou um punhado de seu cabelo, sem mencionar que tomou o controle de seus lábios. Sentiu-se consternada ao ouvir-se dizer. - Dou-lhes minha palavra, a única coisa que o *Senhor Feliz* faz, é fazer feliz a si mesmo.

A morena de pernas longas a olhou suspeitamente.

- Não, não seguirei escutando. A última vez eu vi o vulto....

- Meias -. Gabby não a deixou terminar, mal conseguindo ocultar seu cenho. *Como se atrevia essa mulher a revisar o vulto de Adam? Dificilmente eu me permiti isso.* - Ele recheia suas calças com Meias. Ainda que prefira uma banana e melhor se uma verde estiver disponível. Diz que dá uma impressão de maior firmeza. Diz que se uma mulher pode usar Wonderbras. Por que não se deveriam realçar os homens também?

- Não! -. Escandalizadas, responderam as criadas, trocando olhares entre elas.

Gabby assentiu.

- É verdade. Eu considerei seriamente delatar ao homem pela má representação do fato material. Vestido, pode parecer um sonho, mas fora dessas roupas, é um pesadelo.

Todas as criadas fincavam os olhos nela com graus diversos de impressão e desilusão. Só a morena ainda parecia algo cética.

Gabby tomou nota mental para roubar algumas bananas e depositá-las em seu quarto. Poderia ter rido nervosamente com esse pensamento se não estivesse tão horrorizada consigo mesma. Nunca em sua vida havia chegado a tais profundidades. E aparentemente não estava realmente satisfeita ainda.

- Não advertiram que algumas bananas desapareceram da cozinha? Eu as vigiaria de perto se fosse vocês. Também deveriam observar os embutidos.

E com isso, deixou-as fora da concorrência. Bem, nada como uma mulher com ressaca vestida com calça jeans, em camiseta de praia e tênis (maldição, por que não tinha tomado um vestido provocante da Macy's quando teve a oportunidade?) que era capaz de deixar fora de concorrência a alguém.

- Pelo amor de Deus, Drustan -, disse Adam irritado, mudando de posição na sela de montar, tratando de encontrar uma posição mais cômoda, sabendo que não havia nenhuma, porque as selas de montar não haviam sido desenhadas para homens com ereções imortais, - Ainda não sabia que o propósito dos quatro rituais do dia festivo era sustentar os muros entre nossos reinos até que eu disse. Acreditava que eram só uma anunciação da mudança de estação e uma afirmação de seu compromisso com O Pacto.

- Já o sei, e isso nada mais é do que um detalhe -, explodiu Drustan. - E se, em nossa ignorância, não tivéssemos podido realizá-los no passado?

- Primeiro que tudo, vocês nunca falharam em manter o juramento -, resmungou Adam misteriosamente, - E eu duvido muito que isso se tenha convertido num problema. Ainda se todo seu clã fosse de alguma maneira eliminado, seu maldito fantasma provavelmente regressaria e dançaria malditamente ao redor das ensangüentadas pedras. Em segundo lugar, não é minha culpa que seu clã extraviasse O Pacto por tantos séculos e que esquecessem o significado por trás dos rituais. E em terceiro lugar, esta é realmente a única parte relevante e isso é o que eu estou dizendo-lhe -, disse Adam, enunciando cada palavra apertadamente. Deus meu, seu corpo doía de tanto desejar a sua *sidhe-seer*. Ela estava sobre terreno seguro. Era hora. Quanto tempo estiveram separados até agora? Quinze fatais horas? Sentia-o como um século. Sua pele estava fria no lugar onde, nos poucos dias passados, ela estava constantemente pressionada contra ele. - A rainha virá, Drustan. Nunca deixará que os muros caiam. Ela virá, exigindo saber por que não estão realizando o ritual. Então contarei a ela sobre Darroc e tudo estará bem. Realizará os ritos muito antes de que seu espaço de vinte e quatro horas de tempo tenha acabado. E ela estará agradecida, não estará furiosa contigo.

Deus meu, falaram sobre isto quase uma dúzia de vezes. Os Keltar Druidas tinham desde a meia-noite no começo dos dias festivos de Imbolc, Beltane, Lughnassadh, e Samhain até a meia-noite do fechamento do dia festivo, para realizar os rituais necessários. Durante esse tempo as paredes se debilitariam, mas não se derrubariam completamente até a meia-noite do fechamento. Por incontáveis milênios, os Keltar sempre haviam realizado seus rituais à meia-noite do primeiro dia.

Quando falhassem no próximo Lughnassadh, e os muros comessem a debilitar-se, Aoibheal apareceria, exigiria saber o que se passava. Adam estava disposto a apostar que ela apareceria para o meio dia ou pouco tempo depois. Não tinha forma de que permitisse que a Ilha de Morar se visse exposta, de jeito nenhum permitiria que os reinos Fae se levantassem no meio do dos humanos.

Essa era a única maneira segura de obrigar à rainha a aparecer. Baixar os muros entre os reinos.

- E além do mais -, acrescentou enigmaticamente, - se não fizer isto por mim, não terá nenhum pacto que manter. Se Darroc derruba à rainha, então derrubará sangue mortal num piscar de olhos. E então não terão que perder o tempo em juramentos; não terá nenhuma parede entre os reinos. Terão uma guerra Thuatha Dé entre suas mãos, com o Unseelie vagando livremente em seu mundo, e, creiam-me, o dano que eles podem fazer em alguns dias faria com que a Peste negra parecesse um pequeno resfriado. De fato -, grunhiu, - provavelmente será o sangue mortal de vocês que Darroc derramará primeiro, porque a ele não lhe agradará que vocês possuam tanto conhecimento a respeito de nós. Vocês dois são uma ameaça que ele querará eliminar imediatamente.

- Isso é verdade -, disse Dageus, mostrando acordo e olhando com mordacidade para Drustan.

- Ele é sempre assim? -, perguntou-lhe Adam a Dageus, lançando um olhar escuro a Drustan.

- Drustan está sempre voltando ao tema dos juramentos e os mitos -, disse Dageus secamente.

- E é uma das coisas boas de um de nós -, disse Drustan, lançando a Dageus um olhar feroz.

- Verdade, porque se *ambos* fôssemos assim, você estaria morto. Och, esqueci-me -, disse Dageus suavemente.

Os lábios de Drustan se moveram ligeiramente por um momento, depois bufou e soltou um riso. - Anotou um ponto irmão. Estúpido.

- Aprendendo mais palavras de sua pequena esposa, estou vendo -, notou Dageus, com um divertido levantamento de sobrancelhas.

- Fiz algo tão horrível que já não estou segura de saber nem quem sou -, soltou Gabby sem preâmbulo quando tropeçou acidentalmente com Gwen e Chloe MacKeltar; finalmente ela encontrou o centro do castelo.

Não teve a intenção de dizer-lhes isso – na verdade, mal as conhecia, fora sua breve conversa ontem à noite, a qual consistiu primordialmente num relato dos acontecimentos recentes, nenhuma coisa pessoal - mas sua boca parecia ter sua própria e peculiar agenda do dia esta manhã, e acreditou que se tentava fechá-la, podia explodir.

Ou pior, ir procurar mais vinho, e soube ser essa uma idéia realmente, realmente má.

As esposas MacKeltar estavam confortavelmente sentadas em cadeiras acolchoadas num quarto brilhantemente ensolarado que se abria no grande hall do segundo andar, ao este da parede havia um vidro blindado através do qual se viam exuberantes jardins. Receberam-na com cálidos sorrisos.

- Oh, entre! Falávamos justamente de você -, disse Chloe, radiante, e batendo em uma cadeira ao lado dela. - Por favor junte-se a nós. Já tomou café da manhã? Há café e bolo -, inclinou uma mão para a mesa lateral. - Gwen e eu sempre tomamos café da manhã no solar; pode nos encontrar aqui todas as manhãs. Quisemos acordá-la, mas Adam fez questão de que a deixássemos dormir. Disse que não tinha tido a oportunidade de passar a noite numa cama de verdade faz algum tempo.

O cenho franzido permanente que parecia ter-se apoderado da cara de Gabby se afrouxou um pouco. Ele não trouxe seu café, mas ao menos pensou nela.

- Onde ele está? -, perguntou ela malhumoradamente, tratando de alcançar um pouco de manteiga e um bolo de crosta dourada.

- Foi cavalgar com Drustan e Dageus, cedo esta manhã -, respondeu Gwen. - Estavam falando sem parar em gaélico enquanto saíam a cavalo e soava bastante intenso, assim creio que poderiam demorar-se um pouco. Que foi isso que fez de tão horrível? -, perguntou avidamente, tomando uma xícara limpa da mesa e oferecendo-a.

Afundando-se numa cadeira ao lado de Chloe, Gabby se serviu de uma xícara de café, com muito açúcar, e sorveu gulosamente. Agradável e forte, notou ela. *Graças, Deus Meu*. Esperaram pacientemente enquanto ela tomava forças, ainda que quando terminou seu segundo bolo, Gwen golpeava ligeiramente suas unhas contra sua xícara.

Inspirando profundamente. Gabby começou. Animada por suas respostas compassivas, terminou por confiar os mais sórdidos detalhes. Começando com o excesso de vinho, passando rapidamente ao pranto e o quase telefonema, e finalmente a seu confronto com o desfile das criadas.

Quando terminou, Gwen e Chloe riam tanto que tiveram que limpar as lágrimas dos olhos.

- Não posso acreditar que fiz isso -, disse Gabby pelo menos uma dúzia de vezes. A cafeína bendita ressoava através de suas veias, os bolos tinham apaziguado o mal-estar em seu estômago, e o martelo em sua cabeça se converteu num débil golpear. Estava começando a pensar que em algum momento do dia poderia tomar um chuveiro. O mero pensamento de um quando acordou, a mera idéia de pequenas gotas de água fazendo contato com seu couro cabeludo, havia sido mais do que teria podido agüentar. - Bananas -, disse, consternada. - Podem acreditar que disse isso? Nunca fiz algo assim. Não sei o que me aconteceu.

No momento em que ela disse “bananas” suas anfitriãs desataram a rir uma vez mais, segurando seus estômagos.

Um muito pequeno sorriso, apesar da vergonha no profundo de seus ossos, curvou os lábios de Gabby quando as viu rir. Havia sido muito engraçado, ou ao menos seria se fosse com alguém que se comportasse tão tontamente. Se sua amiga Elizabeth tivesse feito algo tão idiota, ela estaria rindo disso por meses.

Quando finalmente se acalmaram, Chloe disse suavemente.

- Oh, por favor. O que a aborreceu foi que ontem à noite cada mulher no castelo olhou a seu homem como se ele fosse seu tipo de sorvete favorito e não pudessem esperar para devorar-lhe. Acredite-me, posso entendê-la. Simplesmente caminhar por uma rua abarrotada com Dageus me pode deixar louca por alguns dias. Ele e Drustan são apenas como alguns dos homens comuns do século vinte e um; as mulheres se voltam loucas por eles. A última vez que estivemos em Inverness, uma louca autora de novelas durante a excursão nas Highlands, tentou que Dageus fosse o modelo para a capa de um de seus livros.

Gwen inclinou a cabeça com uma aparência sarcástica.

- Isto me faz envelhecer. Quase tive uma discussão com uma vendedora numa loja de roupa desportiva.

Mas Gabby só escutou uma coisa.

- Ele não é meu homem -, disse a Chloe entre dentes. E esse não era o principal problema? - De fato -, acrescentou - nem sequer é realmente um homem de todo.

- Que quer dizer com isso? -, exclamou Gwen.

- Ele é um *fada*, Gwen -. Ela não podia acreditar que tivesse que mostrar o óbvio. Não lhe disse alguém ontem à noite que Gwen era uma física genial?

- Um Homem Tuatha Dé -, corrigiu Gwen. - Assim é como nós pensamos neles. Chamar-lhe fada soa como diminutivo de pequenas coisas com asas. E não o são. São simplesmente uma civilização diferente, altamente adiantada, com uma tecnologia vastamente superior, mas Adam é ainda todo um homem. Céus, não vê como a olha? Se tem alguma dúvida a respeito do que ele é, então fixe-se nisso. Ele é um homem e já.

Gabby saiu de seu silêncio.

- Como ele me olha?

Gwen e Chloe trocaram olhares incrédulas.

- Oh, por Deus -, exclamou Chloe, - ela é tão má nisso como era eu, não é assim Gwen?

- Eu creio que realmente poderia ser pior -, disse Gwen secamente. - Que bom que estão em outro lugar, porque precisamos ter uma boa e longa conversa de garotas.

Cavalgaram por horas. Estava começando a tarde quando deixaram seus cavalos para deterem-se na cume da vasta e ampla cordilheira. O sol tinha passado seu ponto médio e começava sua descida, e Adam estava que explodia com silenciosa impaciência.

Tranquilo, não importando seu humor, era impossível não se sentir afetado pela beleza das Highlands. De sua elevada posição, o vale inteiro se estendia sob eles como uma tigela escavada entre as cumes das montanhas, no coração do qual se alçava o Castelo Keltar, de pequeno e longínquo aspecto. Milhas e milhas de um país indomável e exuberante se estendiam ante eles, salpicado das suaves cores pasteis do verão.

Adam respirou a fundo. Como amava esta terra. Sempre entendeu o por que dos escoceses brigarem tão ferozmente para conservá-la.

- Oh, é preciosa -, disse suavemente, - Escócia sempre o é.

- Sim -, concordou Dageus.

Drustan grunhiu, depois suspirou de forma entrecortada, como se as horas de falar e debater não tivessem ocorrido, mas o apreço de Adam por sua terra de certa forma resolvia as coisas para ele.

- Bem, o faremos, Velho -, disse. Resmungosamente. Claramente não estava de acordo com romper um juramento mas reconhecia a necessidade disso.

Uma tranquila satisfação se propagou através do corpo de Adam.

Isso era o que ele estava esperando ouvir; a única coisa que o manteve sobre um cavalo, muito longe de sua mulher. E com essa vitória, seus pensamentos mudaram de direção para centrar-se em Gabrielle.



Sabia exatamente que presentes lhe dar esta noite. Esta noite finalmente veria a sua *ka-lyrra* em algo além de calças jeans. Logo, sem nada.

Agora tinha sete gloriosos dias para relaxar-se, daqui até Lughnassadh, nos quais poderia divertir-se com ela, em terra segura, sem preocupações. Só com a preocupação de selar sua posse sobre ela. De ganhar seu corpo, mente e alma. Seu desejo por ela já não tinha como meta conseguir experimentar sexo em forma humana, tudo o que desejava era simplesmente entrar nela. Fazê-la sua. Ser o único que enchesse esses olhos verdes-dourados de sonhos eróticos, que a fizessem gemer, fazê-la estremecer-se de puro prazer. A quem lhe importava o que vestisse, desde que a tivesse em sua cama?

- O preferiria não fazê-lo -, disse Dageus, quando Adam voltou à realidade. - Nós sentaremos e deixaremos que as paredes se debilem. E falaremos com nosso descendente Christopher e veremos se ele está de acordo.

Adam inclinou a cabeça, enviou um olhar de agradecimento aos Highlanders.

- Mas escute, Adam Black -, acrescentou Drustan, - Se tudo isto sair errado, o procuraremos para que lute ao nosso lado. Esperaremos que cuide de nossas costas, como nós estaremos cuidando da sua.

Adam inspirou profundamente, sentindo como uma emoção pouco familiar se expandia em seu peito. Drustan o via como se fora simplesmente outro homem, um guerreiro para empreender a batalha com eles, disposto contra o que for que pudesse vir. E se deu conta que junto deles e ao lado de sua pequena *ka-lyrra* agüentaria. Ainda, se fosse necessário, contra a sua rainha.

- Tem minha palavra -, disse ele simplesmente.

E quando ambos murmuraram uma rápida aceitação de seu compromisso, essa sensação rara, essa pressão estranha por trás de seu peito, expandiu-se ainda mais.

Gwen tinha razão, refletiu Gabby mais tarde quando saiu do chuveiro, definitivamente precisava de uma conversa de garotas.

Falaram por horas, enquanto avançava a manhã e a maior parte da tarde. As três se sentindo como velhas amigas. Não havia percebido quão desesperadamente precisava discutir suas coisas com alguém mais. Estava tão só com seus pensamentos desde que Adam irrompeu em sua vida, e isso havia ocorrido tão rápido, e não pode assimilá-lo.

Gwen e Chloe a ajudaram imensamente. Eram da mesma idade, e muito parecidas a sua amiga Elizabeth: inteligentes (quase *demasiado* inteligentes), divertidas até para caçar de si mesmas, com grandes e generosos corações. E em decorrência do dia as três passaram folgadoamente sob o sol no solar, falando sem parar.

Gwen e Chloe se alternaram para contar suas histórias sobre como encontraram a seus maridos, e Gabby as escutou, super feliz.

Gwen encontrou a Drustan primeiro. Estava de férias na Escócia quando caiu num barranco e precipitou até o fundo através da fenda rochosa de uma caverna esquecida, só para aterrizarem sobre um enfeitiçado e adormecido Highlander do século dezesseis. A devolveu no tempo para que o salvasse. Mas nem tudo saiu bem, e Dageus teve que romper seu pacto para salvar a vida de Drustan de maneira que ele e Gwen pudessem reunir-se.

E depois Chloe se encontrou acidentalmente com Dageus, melhor dizendo, ele a encontrou, enquanto estava enclausurado num luxuoso penthouse em Manhattan, procurando textos antigos, tratando de encontrar uma forma para livrar-se das treze malvadas almas que o possuíam.

Gwen pensou que Drustan era um perturbado mental quando o encontrou, por sua conversa sobre viagens através do tempo e maldições.

Chloe pensou que Dageus era um ladrão demoníaco e um mulherengo desesperado. E descobriu que ele estava possuído pelo mal mais puro.

Ambas tomaram as oportunidades com seus corações, oportunidades imensas, na contramão de probabilidades imensas.

E ambas estavam delirantemente apaixonadas, felizmente casadas, e vivendo um sonho. Um sonho que revirou dolorosamente o coração de Gwen, quando a babá lhe trouxe suas formosas e pequenas gêmeas de cabelo escuro, e Chloe lhes confiou ruborizando-se que ela também estava grávida.

E não esqueceu o papel que pertencia a Adam na felicidade de Chloe. Chloe lhe contou tudo o que ocorreu nessas catacumbas poeirentas: a respeito do momento decisivo com a seita dos Draghar, como Dageus se feriu mortalmente no processo de derrotá-los e salvar a ela.

Como ela pensava que havia perdido o amor de seu Highlander para sempre, e poderia ter sido assim, se Adam não tivesse cedido sua força vital para trazê-lo de volta da orla de morte e devolvê-lo à vida para ela.

Tudo isso produziu um monte de fascinantes idéias na mente de Gabby. Quais foram os motivos pelo que ele o havia feito? Que pensamentos passaram por essa bela e escura cabeça, por trás desses olhos eternos, antigos? Que sentimentos profundos e tácitos? Por que se esforçaria para devolver um homem humano para sua amante humana? E a esse preço?

Chloe também lhe disse que Dageus lhe confiou (quando finalmente foi à cama umas poucas horas antes da manhã) que a razão pela qual Adam foi castigado por sua rainha havia sido sua intervenção para salvar aos MacKeltars.

Era algo mais do que ele não lhe disse, recusando-se a contestar as duas vezes que ela lhe perguntou, mas mal o podia culpar, porque não lhe teria acreditado se tivesse contado.

Agora acreditava. E esse conhecimento estava fazendo loucuras em seu coração.

Agora mais do que nunca ela queria saber: *Quem era Adam Black?* Quem era este fae enorme, misterioso, intensamente sexual e surpreendentemente terno, que parecia passar mais tempo com os humanos do que com os de sua própria raça? Este



Fae absolutamente capaz de uma força descomunal, mas que nunca forçava? Este Fae que se declarou a favor da humanidade contra os de sua raça?

Mais importante ainda, estava toda essa emoção feroz guardada nele ao alcance de uma mulher mortal?

Essa era a pergunta que a fazia sentir tremores até os dedos de seus pés. Cada centímetro dele era idêntico ao príncipe de sua fantasia.

E isso lhe produzia um medo mortal.

Antes de que a tarde tivesse terminado, Gabby contou sua história tão completamente como pôde. Tivesse sido impossível não o fazer. Gwen e Chloe eram mulheres que lutaram suas próprias batalhas com acontecimentos além do Mundo Humano; não foi necessário manter nada oculto. Ser uma *Sidhe-seer* era uma coisa moderadamente infrequente desde sua própria perspectiva; era apenas significativo.

Ela lhes contou como superou seu medo ao Fae, como sua mãe havia ido embora porque não podia lidar com suas visões, como a sua avó a criou, e lhe ensinou a ocultar seu “dom”. Contou-lhes o que *Os Livros O'Callaghan* diziam a respeito do Fae, e como se deu conta do quanto que eram errôneos esses livros, ao menos no que dizia respeito a Adam.

Também lhes contou como se delatou na noite em que o viu, como a rastreou, e as muitas coisas que ele fez desde então.

Finalmente reconheceu o medo que não tinha, até esse momento, admitido ainda para si mesma. O temor a como poderia sobreviver uma vez que acabasse tudo isto, perdendo a cabeça por ele, só que a diferença de suas fantasias de adolescente - poderia não ter um *E Foram Felizes Para Sempre*. Ele recobriria sua imortalidade, preocupando-se por sua segurança tal como prometeu, e depois regressaria ao reino Fae, e isso seria tudo. Depois de tudo, o universo outra vez seria sua ostra e, no esquema cósmico das coisas, Gabby sabia que ela não era a pérola de ninguém.

Seria o final do jogo. Tempo fora. Não mais jogo. Só o fascinante sabor de um breve conto de fadas em sua língua, estragando seu apetite pela realidade para sempre.

*Bom, antes de mais nada*, disse amavelmente Chloe, *creio que é muito tarde querida: você já caiu*.

Gwen estava de acordo. *Mas, o segundo e mais importante*, Gabby, disse ela suavemente, *a pergunta que deve fazer a você não é Terei meu E Foram Felizes Para Sempre? A pergunta que precisa se fazer é, poderá viver consigo mesma se não se permitir ser feliz agora, e terminar por ter não obtido absolutamente nada?*

## Capítulo 19

Essa tarde Gabby tomou seu tempo com seu cabelo e sua maquiagem, um luxo que não pode dar-se por dias. Enquanto estavam viajando, nessas raras ocasiões em que ela vislumbrou um espelho - usualmente durante uma rápida entrada a um banheiro público - não lhe agradou o que viu, assim não se demorou. Mas esta noite tinha a segurança de que estavam em terra segura, não teria bruscas mergulhos em lagos ou quedas de campanários, e estava decidida a aparecer bela, para variar.

A aspirina e um longo chuveiro quente levaram os restos de sua ressaca. Chloe a convidou para ir a suas habitações antes do jantar assim poderia encontrar algo que pôr, pois eram quase do mesmo tamanho. Esperava com ilusão vestir algo mais do que calças jeans. De acordo, esperava estar bonita ao redor de Adam; ali, tinha-o admitido. Realmente, uma mulher teria que estar morta para não querer ver-se bela ao redor dele.

Passou o lápis de lábios e deslizou seus dedos através de seu cabelo, deixando-o cair sobre suas costas, arrastando um poucas mechas longas para que caíssem suavemente ao redor de seus olhos. Um pouco de sombra esfumada em seus olhos, uma pincelada de rímel. Uma insinuação de brilho na boca, o suficiente para atrair a luz e fazer coisas interessantes com ela. O suficiente para que um homem o notasse.

E isso, decidiu, vendo-se no espelho, era tudo o que Gabby podia conseguir. As roupas teriam que fazer o resto; só esperava que Chloe tivesse algo ultra feminino e um pouquinho provocante para prestar-lhe.

Abrindo a porta do banheiro, deteve-se por um momento no dormitório contíguo.

E se congelou.

*Impossível*, pensou, ao fincar os olhos na cama com dosséis.

Não que as cortinas de veludo estivessem novamente penduradas ou que a cama estivesse perfeitamente feita, isso era perfeitamente possível. Uma criada obviamente havia entrado enquanto ela estava no chuveiro, depilando as pernas, aplicando loção, e preocupando-se por detalhes como os cosméticos.

O que não era possível era o colante vestido negro que ela gastou longos minutos suspirando sonhadoramente na Macy's e que agora estava pendurado entre essas cortinas.

Não, pensou, estupefata, movendo-se para mais perto da cama, os delicados saltos que ela olhou tão cobiçosamente.

Não, pensou, abrindo os olhos, o pecaminoso e pequeno soutien meia-taça e meias finas em seu tom favorito, rosa pálido.

*E, oh, Deus meu*, pensou agitado, *isso era uma caixa da Tiffany's?*

Agarrando firmemente as lapelas de seu roupão de banho, olhou ao redor do quarto.

Não havia sinais dele.

Mas no ar, débil mas ainda inconfundível, havia um indício do exótico perfume de jasmim, sândalo e especiarias, do homem sedutor, e ela percebeu que ele provavelmente estivera ali, fazia não mais de uns momentos enquanto ela estava concluindo sua maquiagem.

Alcançou a caixa com mãos trêmulas, abriu-a, e ficou sem fôlego, tão estupefata que quase a deixou cair.

Aninhados sobre um leito de veludo estavam um jogo de gargantilha de diamantes e brincos, e soube exatamente onde os havia visto. Havia sido de regresso para Cincinnati, a noite que ele trouxe seu jantar de Jean Robert em Pigalls. Deixou o escritório tarde, tomou seu caminho usual passando defronte da Tiffany's para pegar seu carro na esquina. Tinham colocado uma nova vitrine, e se viu brevemente cativada pela elegância das pedras ali colocadas. Fez uma pausa, contemplando na janela as peças do jogo. Perguntando-se, com feminina curiosidade, que tipo de homem presentearia a que tipo de mulher tais jóias. Perguntando-se se ela alguma vez teria um anel de diamantes sobre seu dedo, ou inclusive uma evidente proposta matrimonial.

Ele devia estar em algum lugar por trás dela, vigiando-a.

Tal como devia estar na Macy's.

*Eu cuido do que é meu*, tinha-lhe dito quando lhe deu as chaves do BMW.

Certamente.

Enquanto levantava a brilhante tira de diamantes da caixa, uma notinha de papel caiu para fora. Apanhou-a enquanto boiava no ar para o piso.

Duas palavras em letra antiga, uma letra arrogantemente inclinada.

*Aceite-os, aceite-me.*

Bem, pensou, piscando, isso era certamente ir direto e ao grão.

Sustentou as pedras brilhantes em suas mãos por muito tempo, olhando-as mas sem vê-las realmente. Não realmente pensando, mas abrindo seu coração, sentindo, perguntando-se. Escutando um eco das palavras de Gwen: *Será capaz de viver consigo mesma se não permitir a si mesma ser feliz agora, e terminar por não ter obtido absolutamente nada?*

Eventualmente colocou a caixa de regresso na cama e pôs rapidamente as calcinhas e o soutien.

Pôs o ajustado vestido negro, deslizando-o sobre seus quadris, e fechando o diminuto zíper lateral.

Sentada no beirada da cama, calçou os sexy e delicados sapatos.

Depois pegou a caixa, pôs os brincos, e sujeitou a tira de frias pedras ao redor de sua garganta.

Adam acabava de sair do chuveiro quando escutou um suave golpe na porta de seu dormitório.

Esperava que não fosse outra criada. Quando regressou de seu passeio, havia dúzias delas vagando no grande vestibulo. Estava acostumado a que as mulheres se lançassem sobre ele, mas não estava acostumado a que ficassem olhando-o com tão inquietante intensidade diretamente a sua virilha

Com força. Como se tratassem de ver através do couro o que estava embaixo, melhor dizendo, o que se levantava embaixo, porque a maldita coisa não ia baixar-se nunca até que tivesse tido a Gabrielle sob ele pelo menos cem vezes.

- Quem é? -, perguntou precavidamente.

Quando escutou a suave resposta, seus olhos flamejaram, depois se estreitaram. Com um preguiçoso sorriso e com lenta deliberação, deixou cair a toalha que acabava de atar folgadoamente ao redor de sua cintura.

- Sem barreiras entre nós esta noite, *ka-lyrra* -, murmurou, demasiado suave como para que ela escutasse. Não pensou vê-la até o jantar. Mas ela estava ali, do lado de fora de sua porta, do lado de fora de seu dormitório. Bem poderia ter passeado fora da guarida de um leão, agradavelmente perfumada com sangue fresco e quente.

Sua boca estava de repente ferozmente seca, sua respiração entrecortada e superficial.

Os traria postos? Estava pronta para aceitá-lo? O tomara? Esta mulher que foi criada com as piores histórias a respeito dele, algumas das quais eram completamente verdadeiras?

E ela sabia. Sabia que ele assolou as Highlands depois de Morganna; ele viu o olhar sobre seu rosto quando ela lhe perguntou a respeito da data de morte de Morganna. Ela sabia que, por cada coisa que era inexata em seus Livros, havia algumas que não o eram. Sabia que nos quase seis mil anos ele fez uma coisa ou duas para merecer uma parte da má propaganda que recebeu. Gabrielle não era tonta.

Tinha ela visto seu passado? O tinha visto a *ele*?

Teria colocado esses malditos diamantes? Quase temeu abrir a porta e vê-la, com tanta força a desejava, rendida completamente, sem reserva, esta noite, agora, neste momento. Ele precisava dela. Sentia como se estivesse esperando seis mil anos para isso. Cristo, que lhe ocorria? Alguma vez sentiu algo como isto antes?

Se deu conta que estava olhando para a porta e não tinha idéia de quanto tempo estava fazendo isso. Sacudiu a cabeça, resmungando uma maldição por sua idiotice. Por Cristo, ele era Adam Black. Não algum inepto rapaz mortal.

- Entre -, disse-lhe, e saiu um pouco mais gutural que o usual, então não se dignou notá-lo. Permaneceu de pé com toda sua altura de seis pés e quatro polegadas e meia, as pernas estendidas, as braços dobrados sobre seu peito, vestindo nada mais que os antigos enfeites de ouro de sua casa real.

A porta se abriu lentamente - ele sentiu como se se abrisse em câmara lenta - mas então ali estava ela, e ele sentiu como se alguém o tivesse golpeado no estômago.

Teve o prazer de ver que ela parecia sofrer a mesma sensação.

Ela se congelou, seus encantadores olhos verde-dourados se abriram muito.

- V-você n-não está... - gaguejou. Provou outra vez, - Oh, Céus. Deus. Meu -. Molhou seus lábios. Aspirou profundamente. - Santa merda, está nu? E oh- Oh! - Seu olhar voltou a seu rosto, e seus olhos se alargaram ainda mais.

Um sorriso de puro triunfo masculino curvou seus lábios.

- Ah, sim -, ronronou. - e você, minha doce Gabrielle, está usando meus diamantes.

Gabby permaneceu de pé na porta, seu coração martelando selvagememente.

Duzentas libras de um magnífico homem nu de pé ante ela, e era tão selvagem e intensamente belo que não podia tirar seu olhar dele. Teve que se recordar a si mesma que o oxigênio era bom para uma garota, *assim respire, O'Callaghan*. Ela o olhou de cima a baixo, de cima a baixo outra vez, pequenas respirações se juntaram inesperadamente em sua garganta.

Abruptamente, soube que depois desta noite não voltaria a ser a mesma. Nada seria o mesmo. Oh, sim, o homem se poderia definir a si mesmo como o amanhecer de uma nova época se quisesse. Era depois de tudo, bastante simples, antes de Adam e depois de Adam.

Ele deu um passo adiante, movendo-se com esbelta graça animal, um brilho de rapina em seu escuro olhar. Ele era o caçador e ela a presa. E pelo olhar em seus olhos ia devorá-la.

Lhe acercou furtivamente, elevando-se sobre ela, olhando fixamente para baixo, estendendo a mão para tocar a gargantilha e ligeiramente seu pescoço com as pontas dos dedos.

- você sabe o que isto significa -, disse ele suave, intensamente. - Minha. Aceite-o. É minha. Não, Shhhss -. Pressionou um dedo contra seus lábios. - Não diga uma só palavra. Somente deixe-me olhá-la. Estava esperando para vê-la com este vestido.

Dando a volta ao redor dela, fechou a porta suavemente, e ela escutou o som metálico da fechadura quando fechou com a chave. Caminhou suave e lentamente ao redor dela.

- Cristo, é formosa, Gabrielle. Sabe quanto a desejo? Sabe que fantasias tenho estado criando em minha mente contigo? Sabe quantas vezes tratei de liberar-me desta eterna dureza? Sabendo que a única que podia ajudar-me era você?

Ele fez, lentamente, outro círculo, totalmente nu ao redor dela.

- E agora está aqui. Em meu dormitório. Encerrada aqui dentro. E não sairá até que eu o diga. E nunca o direi.

Fez uma pausa por trás dela, intimamente perto, frente a suas costas, esfregou seu pênis contra seu traseiro nesse sexy vestido. O vestido estava tão bem nela como sabia que estaria, colando-se a cada exuberante curva. Sentia-se bem também. A respiração sibilou entre seus dentes ante o contato; foi tão insuportavelmente prazeroso que queimava. Ele inspirou bruscamente e se jogou para trás, sabendo que se a tocasse outra vez explodiria de prazer em seguida.

- E esses sapatos -, ronronou seu olhar caindo sobre seu traseiro, baixando pelas curvas bem proporcionadas da parte de trás de suas coxas, a seus delgados tornozelos com essas delicadas e pequenas correias atadas ao redor deles.

- Eu a vi olhando-os na Macy's. Tem as pernas e o traseiro mais doces, Gabrielle. Quando a vi na primeira vez em Cincinnati, usava uma capri e sandálias em seus pés. Inclusive os pequenos dedos dos seus pés pintados me incendiaram.

Se colocou em frente a ela. Seus olhos estavam grandes, delirantemente desfocados. Seus lábios estavam separados e ela estava ofegando suavemente, seu peito subindo e descendo suavemente.

Ele pressionou a ponta de seu dedo sobre seus lábios, empurrando-o para dentro. Ela fechou esses exuberantes lábios sobre ele, chupando, e o calor tão cru lhe atravessou que, por um momento, não pôde mover-se. Finalmente retirou o dedo, deslizando-o lentamente desse delicioso vinco, depois traçou um úmido caminho sobre a forma de sua boca, através de seu queixo, embaixo de seu pescoço, para o vale exuberante entre seus seios.

Ele devia seduzi-la, devia cortejá-la com beijos, devia seduzir lentamente, levá-la lentamente, talvez inexoravelmente, pelo caminho para sua última e custosa capitulação.

Mas era muito tarde; esperou muito tempo, e havia uma coisa que não podia já negar a si mesmo. Uma coisa que esteve pensando durante muito tempo enquanto montava hoje. Uma coisa que precisava. Agora mesmo. E isso o desagradou muito, o poder que tinha sobre ele, quão selvagememente a desejava. Conhecer o sabor dela, tê-lo em sua língua, capturada em sua imortal memória. Se de certa forma, por alguma razão, ela o detinha esta noite, então ao menos teria obtido isso.

- Que conste, irlandesa -, informou-lhe firmemente, só para o caso de que ela fizesse uma idéia equivocada, - Não me ajoelho ante ninguém -. Depois caiu sobre seus joelhos a seus pés, afastou de um empurrão seu vestido para acima, recolheu um punhado do sedoso material em cada mão, e a empurrou para trás contra a porta, imobilizando-a pelo tecido.

Gabby se apoiou debilmente contra a porta, ofegando. O exótico perfume dele estava enchendo seu nariz, mareando-a. Simplesmente olhá-lo nu a excitou tão intensamente que soube que ele estava a ponto de encontrá-la molhada; tão úmida que quase se envergonhava. Estava pronta agora mesmo, não precisava de um beijo, ou qualquer outra estimulação sexual prévia para isso. Certamente não sabia se poderia sobreviver ao que parecia que ele estava a ponto de fazer. Só o queria dentro dela. Quando ele a rodeou semelhante a alguma grande besta escura, falando-lhe, dizendo-lhe quanto a desejava, quase começou a suplicar.

E agora ele estava de joelhos entre suas pernas, seu vestido recolhido até sua cintura, expondo-a para ele, quase nua exceto por um bocado de renda de seda deslizando-se entre suas pernas.

Uy, nua, ela se corrigiu com um som meio riso, meio soluço, enquanto ele arrastava com seus dentes esse bocado de renda de seu corpo, puxando-o para baixo, abaixo, os dentes roçando-a ligeiramente, detendo-se para mordisca-la, espalhando pequenas mordidas amorosas sobre sua pele, enviando ondas de arrepios ao longo de sua coluna vertebral.

Se sentia drogada, bêbada, intoxicada pela paixão. Não tinha nem idéia como conseguiu adiá-lo por tanto tempo, ou por que, e estava repentinamente assombrada de quanto tempo tinha desperdiçado.

- Vou saborear cada centímetro seu antes de que esta noite chegue a seu final -, ronronou.

E depois começou a cumprir essa promessa, com golpes longos, quentes, aveludados de sua língua no interior de suas coxas. Doces e preguiçosos beliscões nas partes internas e cheias de suas pernas, beijos quentes com a boca aberta sobre a delicada pele de seus quadris. Não deixou centímetro de sua pele sem beijar, sem morder.

Depois uma mão avançou separando suas pernas e depois sua escura cabeça estava entre elas. Quando ele deu um golpezinho com sua língua no diminuto botão aninhado entre suas suaves pregas, ela agarrou grandes punhados de seu sedoso e escuro cabelo e estremeceu, apoiando-se debilmente contra a porta.

- Mantenha-se em pé, *ka-lyrra*. Se esses doces joelhos se debilitam e cai sobre o piso, então a tomarei aqui mesmo...

Ela deixou que seus joelhos se dobrassem instantaneamente, mal afogando um riso.

- Aw, *maldito* inferno, Gabrielle, eu queria que isto *durasse* -, amaldiçoou, rodando instantaneamente com ela, apanhando-a, colocando-se embaixo dela para amortecer o impacto de sua queda.

Mas ela estava além de delicadezas, estava esperando toda uma vida para isto. Não podia esperar um momento mais. Caindo em cima de seu corpo grande e nu, se contorceu contra ele até que segurou sua quente e dura ereção justo onde a queria, a inchada crista dele montando com deliciosa fricção contra ela. Deus meu, estava tão estreita, umas boas esfregadelas...

- Oh, não -, sibilou ele, instantaneamente entendendo. - você *não* chegará lá sem mim. Não sem eu estar dentro de você na primeira vez.

- Então eu lhe sugeriria -, ofegou ela, - que se apressasse e entrasse em mim.

Ele emitiu um som abafado, um rouco e erótico som como um riso rosnado.

- Ah, Gabrielle -, ronronou, tomando-a pelos quadris e fazendo-a rodar sob ele sobre o suave tapete. - Será que nunca vou conseguir o suficiente de você?

- Não se continuar tão *lento* -, soltou ela com irritação..

- Estende as suas pernas -, exigiu-lhe. Ele estendeu seu corpo todo ao longo do dela, apoiando seu peso em seus antebraços, abrindo com seus joelhos suas pernas para ele. - Levanta-as ao redor dos meus quadris.

Ela obedeceu instantaneamente.

- Enlaga os seus tornozelos. Isto não vai ser fácil.

Um pequeno e delirante tremor a estremeceu ante suas palavras. Ela sabia disso. Soube na primeira vez que lhe sentiu pressionado contra seu interior, ali em Cincinnati, na manhã que ele atravessou sua porta, e foi uma das coisas que fez estragos em seus sentidos desde então. Todos os seus noivos foram grandes, homens altos. A ela lhe agradava os homens grandes, sempre havia sido assim, agradava-lhe um pouquinho de dominação. E Adam Black era grande e mau até os ossos, em todas as partes. Ela disse a verdade às criadas, ou algo parecido. Ele não estava bem proporcionado, era maior ali do que uma mulher esperaria.

- De alguma maneira. Não creio que coisa alguma que tenha que ver contigo seja fácil -, ela ficou sem fôlego.

- Não, não é isso, mas creio que se aborreceria facilmente, *ka-lyrra*. Prometo-lhe que nunca a aborrecerei.

E logo sua mão estava entre suas pernas, um dedo escorregando-se em seu calor, pressionando para dentro, pressionando para cima, procurando sua barreira. Logo dois dedos, e ela só estava debilmente consciente quando ele abriu uma brecha na delgada membrana, a dor fugaz eclipsada pelo prazer de senti-lo movendo-se dentro de si. Seus quadris se arquearam desvalidamente para cima, querendo mais, precisando, doendo de necessidade por tudo dele.

E então sua mão se foi e a gorda cabeça de seu pênis roçou contra suas suaves pregas, e ele se empurrou para dentro dela. Ela soluçou, um queixume de dor, tentando ajustar-se, contorcendo-se, tratando de aceitar, mas ele era muito grande e ela estava muito apertada.

- Acalme-se, Gabrielle. Relaxe -, disse ele.

Ela fez uma tentativa, mas não podia; era instintivo resistir, e empreenderam uma batalha sexual silenciosa por uns poucos momentos, onde ele apenas ganhou outro centímetro. Seus músculos estavam pressionando sob ele, resistindo a forte intrusão.

Ele absorveu uma sibilante respiração através dos dentes apertados.

- Gabrielle, está me matando; tem que me deixar entrar.

- Estou *tentando* -, gemeu ela.

Com uma maldição amortecida, ele abruptamente a mudou de posição, movendo suas pernas para um lado e para cima, apoiando seus tornozelos sobre seus ombros, deixando sua pélvis cruelmente exposta para cima.

Metendo uma mão em seu cabelo perto de seu couro cabeludo, ele levou sua cabeça para trás e inclinou sua boca firme sobre a sua, tomando-a profundamente, reclamando sua alma num beijo, sua língua quente e aveludada explorando, retirando-se. Estava muito aturdida pelo beijo, pela ferocidade, a possessiva selvageria dele, para tensionar-se quando ele a penetrou, do qual ela se deu conta, precisamente porque já o havia feito.

Ele se impulsionou profundamente em seu interior com uma lenta, suave e implacável penetração, enchendo-a tão completamente que ela gritou em sua boca, mas ele manteve seus lábios selados com os seus, sufocando o grito. Ele ficou uns longos minutos, por completo dentro dela, invadindo cada suave fenda quente, mas sem mover-se, só beijando-a, sua língua quente enredando-se com a dela. Ele era tão grande que levou longos minutos para que ela se ajustasse, mais aliviada e cômoda. Passaram longos minutos enquanto ele se manteve quieto, ocupando seu território, sem explorar os arredores até que ela choramingou contra seus lábios, rogando-lhe que se movesse. Agora que a pressão lhe fazia bem, estava sentindo um tipo de pressão completamente diferente, que precisava quantidades de movimentos para saciar-se.

- Estou dentro de você -, ronronou. - Ah, Cristo, estou dentro de você -. Então "*finalmente*" ele começou a se mover, um erótico movimento circular de seus quadris - não um empuxo mas uma fricção lenta e profunda dentro dela. Empurrando-se para dentro, retrocedendo um pouco, empurrando outra vez, cada vez aproximando-se mais ao apertado botão do seu clitóris com uma fricção extraordinária.



Seus intensos e lentos movimentos excitando algum lugar dentro dela que ainda não sabia que tinha, e todos seus músculos se contraíram outra vez sobre ele, fechando-se, estremecendo-se, e quando ocorreu foi algo que nunca sentiu antes, uma explosão tão profunda dentro dela, tão incrivelmente intensa, que um grito visceral saiu de sua garganta.

- Sangrento inferno -, disse ele aos gritos enquanto seu corpo inteiro se tensionava. Sujeitou suas mãos sob seus quadris, tentando retroceder, sair-se, não querendo terminar ainda, mas era muito tarde, a forma em que seu corpo o rodeava era mais do que podia suportar e explodiu dentro dela.

Horas mais tarde, Adam se apoiou sobre um cotovelo e olhou para Gabrielle, refletindo sobre sua beleza.

Acreditava que começava a entender. Não era a simetria de seus traços; isso não era a perfeição. Era o todo. O que uma pessoa possuía e outra não. Isso era o único próprio. Talvez o nariz de Gabrielle era como milhares de outros, mas eles não estavam sobre sua cara, com seus olhos, com seus pômulos e seu cabelo. Nem tinham esses narizes agraciando suas muitas expressões, enrugando-se de maneira tão fascinante quando ria, alçando-se tão arrogantemente quando estava irritada.

Ele percorreu a gama completa de suas expressões esta noite. Ele a viu exigente, agressiva de luxúria, os olhos brilhando intensamente enquanto se arqueava e tombava sob ele. Tinha-a visto suave, docemente flexível quando a tomou de trás, sobre suas mãos e seus joelhos, diante do espelho de corpo inteiro no toucador. Ele manteve sua cabeça para trás agarrando um punhado de seu sedoso cabelo para poder observar sua cara no espelho. Ver esses olhos verde-dourados estreitar-se e brilhar como os de um gato em zelo enquanto ronronava de prazer. Ver seus seios cheios oscilando enquanto seus testículos pesados golpeavam ritmicamente contra seu traseiro e coxas. Vê-la olhando-o enquanto o fazia. Ele a viu sonolenta e perdida quando a lambeu e curvada ao atingir o clímax e depois estremecer-se ao máximo. E ainda a viu quase parecer assustada quando ele a esmagou em outro delicioso estremecimento dela.

Se ele tivesse todo seu poder Fae, então teria aliviado sua dolorosa virgindade; tal como ele era, teve que se deter porque ela não podia tomar mais. Assim é que amavelmente a limpou enquanto ela jazia saciada na cama, alimentou o fogo, depois foi até a cozinha por comida, dando-se conta de que tinham perdido o jantar. De fato, o jantar havia terminado fazia muitas, muitas horas.

Ele topou com Dageus nas escuras cozinhas, quando o Highlander estava furtando sorvete do congelador. O gêmeo menor Keltar lhe deu um olhar, riu-se, e disse:

- Suspeito que não o veremos por uns poucos dias. Não é, Velho?

- Me verá no Lughnassadh -, contestou Adam com um malicioso sorriso. - E deixa de chamar-me de Velho. Não o chamo de Jovem. Adam. É simplesmente Adam.

- Sim, será Adam então -, Dageus contestou facilmente.

Enquanto Adam voltou descalço pelos frios degraus de pedra do castelo, levando uma bandeja cheia de comida, seu corpo humano doía em lugares que não sabia que o corpo de um homem podia doer, suportou outra dessas dores agudas repentinas em seu peito e quase deixou cair a bandeja. Teve que se deter e apoiar-se contra a balaustrada, ficando sem fôlego até que passou. Tinha se percatado que era uma coisa boa que cedo sairia desse corpo mortal, porque algo estava claramente errado com o corpo que Aoibheal lhe havia dado.

Quando regressou ao dormitório, ela estava profundamente adormecida, jazia inconscientemente ao longo da cama, seu corpo nu brilhando suavemente à luz do fogo. Era uma visão de cabelo loiro emaranhado, pele com rubor sexual, e curvas exuberantes, uma vibrante mortal, dourada resplandecente contra os lençóis de prata acetinada.

*Cristo, ela é assombrosa*, Adam maravilhado, permaneceu à beira da cama, ficando com o olhar fixo em sua mulher adormecida. Arrastando a ponta de um dedo sobre o alto e firme bico de um seio. Ainda inconsciente, seu corpo reagiu, o rosado mamilo se tensionou. Com um juramento amortecido ele se forçou a deixar cair a mão e dar um passo atrás, ou teria sua boca nesse mamilo outra vez, arrastando a beirada de seus dentes através dele na forma que descobriu que a ela lhe agradava. E ele a magoou, e se recusava a magoá-la.

Ela lhe respondeu com toda a pura e generosa paixão que ele sentiu espreitar dentro dela. Todo esse fogo que ela liberou e que o acendeu, abertamente, sem restrição, voluptuoso até a medula, e ele o revelou, absorveu-o, maravilhou-se nele. Ela lhe fez sentir coisas que nunca havia sentido antes. Coisas que poderia passar séculos imortais pregando e talvez nunca compreender.

*E por esse presente você tomará sua alma?*

Ele retrocedeu, desentendeu-se do assunto. Que corpos humanos vinham pressionados com consciências humanas? *Em mudança lhe darei sua imortalidade.*

*Dará a ela a escolha? Lhe dirá?*

*Nem por uma oportunidade no inferno*, ele replicou silenciosamente.

Se Gabrielle ia ser seu Éden privado, não teria maçã de conhecimento a oferecer. Adam sabia bem o que sucedeu ao *outro* Adam. Um pouco de conhecimento sempre afastava a um homem do Jardim.

Ele não queria ver morrer a Gabrielle O'Callaghan. Vira muitos humanos morrerem. Ela era sua agora. Ela fizera sua escolha. Veio a ele, o aceitou.

Teria que ser um homem melhor para deixá-la ir a um lugar onde nunca poderia segui-la.

Dageus sorriu enquanto se escapulia pelo escurecido castelo, ligeiramente, com um pedacinho de sorvete fundindo-se em sua mão. Havia desenvolvido bastante gosto pelo atual obséquio, e um gosto por molestar a Chloe com o cremoso sorvete contra a pele abrasada por seus beijos. Lambendo-o de seus lábios, de seus mamilos, da esbelta curva de um quadril.



Estavam fazendo amor por horas. O desejo estava no ar, o castelo cheirava a romance. Arrastado pela brisa noturna e se alegrou disso.

Pois se alguma vez um homem precisava do toque cicatrizante de uma mulher, esse era Adam.

Ser possuído pelos Draghar havia mudado a Dageus em muitas formas, formas que ainda estava tentando entender. Estava ordenando sistematicamente as imensas quantidades de conhecimento que eles haviam deixado dentro de seu crânio, extraindo o que poderia ser usado para o bem.

Uma de suas habilidades mais recentemente desenvolvidas era isso de escutar em profundidade. Ainda não dissera a Drustan que podia fazer isso, ainda estava aprendendo a controlá-lo.

Nunca pode manejá-lo antes, esse druida meditativo que foi seu pai era excelente nisso, escutar podendo afastar as mentiras e ver a verdade de um assunto, o coração de um homem.

Mas nos meses passados da alegria matrimonial descobriu uma nova quietude, uma paz interior que, junto com o conhecimento dos treze, abriu seus sentidos druidas.

Hoje, escutou profundamente a Adam Black quando saíram para cavalgar, precisando saber se ele estava dizendo a verdade a respeito de suas razões para fazer baixar as paredes. Se os Keltar iam romper seus juramentos outra vez, Dageus tinha que saber que era por uma causa justificada. Ele explorou ligeiramente e nessa penetração pouco funda se inteirou de que Adam dizia a verdade.

Mas então ele sentiu algo mais, algo que não tinha planejado encontrar dentro de um onipotente imortal, nem em um por agora diminuído; algo que reconheceu, e que não pode resistir abrir seus sentidos amplamente e explorar mais profundamente.

O que ele ouviu nas antigas palavras - no que ele disse e nesses espaços entre o que disse e o que não disse - lhe acalmou até a medula.

Uma vez Dageus acreditou num homem só. Antes que tivesse encontrado a seu casamento, antes de que Chloe tivesse pressionado suas mãos pequeninas em seu coração e o comprometesse com votos de união.

Mas agora sabia que o que tinha pensado, como a solidão o poderia acompanhar por milhares de anos e multiplicar-se infinitamente e mesmo assim não conseguiria quantificar essa escuridão que jazia tão enganosamente dentro de Adam Black.

Dias estranhos, meditou, enquanto empurrava a porta aberta de seu dormitório, quando os Thuatha Dé caminhavam entre eles em forma humana.

Er... um deles.

Pois isso era outra coisa inesperada que tinha descoberto a respeito de seu convidado de outro mundo.

Adam era, tal como disse, já não exatamente um Thuatha Dé.

No entanto, também não era humano.

## Capítulo 20

Gabby não abandonou o dormitório de Adam durante três longos e ditos dias com suas respectivas noites. Três perfeitos e incríveis dias e noites. Ela se abandonou completamente a ele.

Oh, não fizeram amor o tempo todo, seu corpo tão delicado em contraste com o seu não teria resistido.

Mas há muitas formas para dar e receber prazer, e ele era um mestre em todas elas. Passaram horas no chuveiro, banhando-se preguiçosamente, explorando seus corpos, saboreando e caçoando. Horas nas quais ela se deleitou com sua pele dourada e aveludada, seus notáveis músculos, o negro e sedoso cabelo, caindo como cascata através de seu corpo nu. Mais horas onde nas quais esteve estendida sobre um tapete em frente ao fogo enquanto ele a esfregou com azeites de essências, fazendo a travessa comparação entre ela e uma égua que foi montada com muita força.

Deslizando-se ao longo dela, montando-a de novo. Esfregando-a outra vez. Mais banho, mais jogos na cama.

O único momento em que a deixava era para trazer comida. Foram dias e noites de comer, dormir e sexo. Nenhuma mulher, decidiu, havia perdido sua virgindade de forma tão fantástica. Teve longas horas onde ela esteve precisamente como ele disse que ela estaria: completamente saciada inclusive para mover-se. Convicta de que provavelmente nunca poderia excitá-la outra vez; e então, ele a excitava numa piscada de olhos, de seu olhar escuro, sob umas pestanas escuras e inclinadas sobranceiras.

Se sentia como se tivesse se deslizado em algum mundo de cristal e fogo, com essência de urze e emanções de erotismo. Ainda que não notou ao princípio, demasiado perdida na visão do enorme, escuro e nu homem, finalmente se deu conta de que seu quarto se chamava dormitório de cristal porque tinha esculturas de cristal de diversas bestas. Unicórnios e dragões, quimeras e fênix, águias agrifadas e centauros bordados nas toalhas de mesa, nos lados das mesas, e nos cofres. Delicados prismas pendiam das janelas, apanhando a luz do fogo e devolvendo-a em brilhantes reflexos de cor.

Os espelhos com marcos de prata enfeitados meticulosamente, suspendiam-se nas paredes no meio de tapeçarias preciosas, e o mobiliário escuro de mogno, belamente entalhado. Luxuosos tapetes se estendiam sobre o piso. A cama era uma obra de artesanato antigo, coberta com lençóis acetinados, travesseiros fofos, e uma luxuosa colcha de veludo negro. Tinha quatro postes do tamanho de pequenas árvores (postes aos quais ele atou suas mãos, beijando-a e saboreando-a, envolvendo-a louca de necessidade).

Não podia ter lugar mais apropriado para dormir com seu príncipe das fadas do que esta suíte, rodeada por improváveis criaturas de lenda, e sua improvável lenda de um amante iluminado pela luz do fogo, salpicado com matizes do arco-íris, alçando-se sobre ela, com sua escura, tensa e luxuriosa cara.

Durante esses três dias, sentiu como se existissem num lugar longe do tempo, fora do espaço, uma morada super feliz onde nada mais que o momento importava, e os momentos eram tão extraordinários que, durante um tempo, esqueceu-se de tudo.

Nenhuma pergunta surgiu de seus lábios enfeitiçados por seus beijos. Nenhuma preocupação turvou sua mente muito intoxicada por fazer amor. Nenhum pensamento dedicado ao futuro os interrompeu.

Estava no agora, era feliz, e isso era suficiente.

No quarto dia ele a acordou enquanto lá fora ainda estava escuro, envolvendo seu corpo nu mornamente num suave cobertor, e, separando o tempo/espaço, guiou-os até que inesperadamente se detiveram sobre o cume de uma montanha.

Colocando-a com graça irreverente na beirada de uma queda perpendicular de mil pés, ele a acalentou em seus braços e observaram ao sol sair sobre as Highlands, sua respiração congelando-se devido ao ar gelado.

O amanhecer começou com um simples beijo de ouro, no longínquo e brumoso horizonte, lentamente fundiu o nevoeiro, tornou-se uma bola de fogo laranja-rosada, que depois banhou as colinas e os vales em ouro.

E enquanto estavam sentados sobre a cume do mundo vendo o dia nascer, ele lhe contou seu plano: o por que dos rituais que os MacKeltars realizavam, os dias festivos e o que aconteceria se não os realizassem; e que estavam de acordo em esperar até o Lughnassadh dali a poucos dias, com o fim de trazer Aoibheal à terra dos MacKeltar; assim quando ela chegasse, Adam a informaria da traição de Darroc e conseguiria a segurança para Gabrielle tal como havia prometido.

Não disse nada a respeito do que poderia ocorrer entre eles. Nenhuma palavra sobre o futuro além dessa vez.

E ela não perguntou, porque era uma grande covarde. Apaixonar-se por um príncipe de fadas em sua forma humana era uma coisa.

Mas de um ser imortal? Com todo tipo de poderes? Adam era imperioso em sua forma humana. Não podia imaginá-lo em sua condição natural.

Não estava segura de querer vê-lo assim. Queria que as coisas seguissem como estavam para sempre. Não queria mudanças. As coisas eram perfeitas como estavam.

Adam com poder ilimitado podia ser aterrorizador.

Qualquer um com poder ilimitado podia aterrorizar. Ela se aterrorizava de pensá-lo.

Assim é que se negou a levar essa linha de pensamento mais longe. Não havia sentido especular, só a deixaria louca. Tantas coisas podiam ocorrer, tantas coisas podiam sair errado. Se ocuparia do que viesse quando chegasse. Contudo, ela sabia que Adam realmente não poderia protegê-la, e a rainha a mataria ou a entregaria aos caçadores, e isto podia converter-se num ponto de discussão de qualquer maneira.

Tinha um pensamento tranquilizador.

E todas as demais razões para saborear o agora.

E foi o que fez o resto do dia, rodando através da cama com ele, rindo-se e caçoando e unindo-se selvagememente.

Até o anoitecer.

Quando o anoitecer chegou, ele a enrolou de novo, guiou-os novamente a esse alto cume, e observaram enquanto o céu se voltava violeta, depois negro, e a lua se levantava e as estrelas começavam a aparecer.

- Vi milhares destes crepúsculos e amanheceres nas Highlands -, disse-lhe. - e nunca chego a sentir-me satisfeito.

Ela levantou sua cabeça, com o olhar fixo no céu de veludo negro salpicado de estrelas brilhantes.

E ficou pensando em milhares de crepúsculos e amanheceres, a respeito da imortalidade e de viver para sempre, e antes que pudesse deter-se perguntou.

- Por que Morganna não tomou o elixir da vida?

O corpo dele se tensionou instantaneamente. Ele deu a volta asperamente em seus braços e ficou com o olhar fixo em seus olhos por um longo momento.

Depois a beijou e a beijou até que esteve sem fôlego e já não pensou mais a respeito de Morganna e a imortalidade.

Pensamento que regressaria, já que isso, sem dúvida, intrigava-a.

- Vocês duas estão roubando! - Dageus olhou com o cenho franzido para Chloe e Gabby.

- Não estamos -, protestou Chloe indignada.

- Sim, fazem -, disse Adam. - Vi a Gabby inclinar sua mão para que pudesse ver. É a única razão pela qual seguem ganhando de nós.

Gabby arqueou brincalhona uma sobrancelha.

- A meu ver soa a alguém que costumava ser imortal e todo-poderoso e que não pode aceitar perder num jogo de cartas mortal.

Adam sacudiu a cabeça, sorrindo debilmente. Ela era incontrolável. E roubava. Tinha-o feito nas duas horas anteriores, mas ele estava deixando passar até que Dageus fez a observação. Achou bem mais divertido que o Highlander não as tivesse descoberto, demasiado distraído pelos cálidos olhares que Chloe lhe enviava continuamente, ou a maneira em que sua pequena esposa molhava seus lábios e lhe sorria para distrair sua concentração.

Ele não precisou desses olhares de Gabby. Sua mera existência distraía sua concentração. Acreditou que a semana passada teria acalmado seu nervoso e implacável desejo por ela, mas de nenhum modo tinha diminuído. Perversamente, quanto mais a possuía, parecia que mais precisava possuí-la de novo.

A teve toda para ele, até o mesmo amanhecer de Lughnassadh, se Gwen e Chloe não tivessem vindo à porta de seu dormitório de cristal uns dias atrás, informando-lhes que suficiente *era* suficiente e que eles realmente deveriam se socializar com seus anfitriões, ao menos durante uma parte do dia. Isso não era pedir muito, não é verdade?

Uma ruborizada Gabrielle fez questão de que deviam fazê-lo. Deu-lhe uma lição rápida a respeito dos modos humanos, uma lição que não lhe agradou em nada. Odiava a idéia de compartilhá-la com qualquer um, por qualquer quantidade de tempo.

Mas Gabrielle foi terminante, e assim foi que os seis passaram vários dias dando longas caminhadas pelos Highlands durante o dia, jantando à noite e bebendo e jogando cartas ou xadrez ou alguns jogos de humanos nas últimas horas. E Adam fez seu mais condenado esforço para conter seu desejo por ela durante esse tempo até que a lua começou a encher o esvaziamento do céu. Deus, tinha começado a odiar o amanhecer.

Desde seus dias com Morganna não tinha baseado sua vida em tanta intimidade diária com humanos e nunca os mortais lhe deram uma boas vindas tão completas como estes. (Com a exceção das criadas, essas que ele simplesmente não podia entender; nunca viu a um monte de mulheres tão obcecadas com sua virilha: por alguma estranha razão uma ruiva curvilínea continuamente lhe oferecia bananas, e na outra noite durante o jantar, uma criada loira apunhalou com uma faca um gordo embutido antes de deixá-lo cair em seu prato com um claro e maligno olhar).

Mas os MacKeltars lhe tratavam como se fosse um deles. Zombando e caçoando com ele como faziam entre eles. Colocando seus pequenos bebês em seus braços e fazendo com que os abraçasse. Ele não teve um bebê em suas mãos por mais de mil anos, nunca tinham vomitado. A regurgitada fórmula que vomitavam era um inferno sobre a seda e o couro, mas então fixou os olhos no olhar de Gabrielle e decidiu que a pequena Maddy MacKeltar podia vomitar sobre ele tudo o que quisesse.

Inclusive o questionaram quando sentiram que ele não estava sendo suficientemente sincero a respeito de si mesmo. Nos dias seguintes ele falou de coisas, compartilhando experiências que jamais havia compartilhado antes com ninguém. Sua própria raça se teria zombado, e os mortais nunca lhe viram realmente como um deles, nunca o aceitaram tão completamente simplesmente por ser, sem censura ou preconceitos. Nem sequer Morganna. Ele sempre foi um dos fadas para ela, e seu filho nunca lhe deu as boas vindas no Castelo Brodie, recusando-se a reconhecê-lo como seu pai.

Mas aqui, neste tempo encantado, ele era Adam. Um homem. Nada mais. Nada menos. E era uma situação absolutamente fascinante.

Percorreu a biblioteca com o olhar. Drustan e Gwen estavam jogando xadrez perto do fogo, rindo-se e falando.

Suas pequenas e belas filhas de cabelos escuros estavam cochilando perto, acordando ocasionalmente para serem alimentadas.

Gabby e Chloe se riam, insistindo a Dageus que nunca roubariam no jogo. Como podia pensar ele tal coisa delas?

O grande relógio sobre a lareira repicou a hora com onze badaladas.

Numa hora o Lughnassadh começaria. E as paredes entre os reinos começariam a debilitar-se.

E ele se sentaria ali no castelo e esperaria à rainha.

Acercando-se o dia de manhã, quase a última hora, Aoibheal seria advertida. Darroc seria revelado como o traidor que era, os reinos estariam seguros, e Adam muito bem poderia ser imortal, todo poderoso uma vez mais.

Sua pequena *ka-lyrra*, no entanto, continuaria envelhecendo dia a dia.

E ele tinha que deter isso.

Olhou para Gabrielle. Estava mordendo seu lábio inferior, lançando a Chloe um olhar travesso por sobre sua mão de naipes. Estava ao redor dela, como estava ao redor de cada humano na biblioteca, esse infernal resplendor dourado. Esse resplendor que alguma vez fez dele um imã sensitivo, atraindo-o, repelindo-o apesar de seus esforços para mantê-lo perto. Isso que o atraía, isso que ele nunca poderia tocar ou entender.

Respirou profundamente, exalando lentamente. Sacudido depois de um gole de whisky escocês, saboreando a maneira como queimava sua garganta humana como nunca antes o fez em sua forma Thuatha Dé.

Pela primeira vez em sua existência desejava uma habilidade que os Thuatha Dé não possuíam. Ainda que tinham aprendido a mover-se para trás certos graus, e para frente outra vez para seu presente (mas nunca além disso; a lenda dizia que só havia uma raça que poderia viajar para o que não era ainda e que chegaria a ser, mas Adam dava pouco crédito a tais lendas), nem mesmo a rainha podia ainda deter o tempo.

- Alto! -, sibilou Bastion.

Os Caçadores se detiveram instantaneamente.

- Mas temos sua essência. Ele está nestas colinas, muito perto daqui -, protestou um.

Bastion fez uma careta.

- Há guardas. A rainha protege esta terra. Não nos atrevemos a cruzá-las.

- Mas Adam Black e sua humana as cruzaram -, disse o Caçador impacientemente.

- Deveríamos chamar a Darroc? - perguntou outro.

Bastion sacudiu a cabeça.

- Não, não há nada que Darroc possa fazer enquanto Adam se esconda por trás dos guardas. Esperaremos. Esperaremos a primeira oportunidade. Depois invocaremos a Darroc. Não perderemos nossa oportunidade de novo. O Antigo não se levantará contra a rainha até que este inimigo seu se tenha ido.

E mais do que qualquer coisa, Bastion queria que Darroc se levantasse contra a rainha para despojá-la de seu trono. Este breve tempo vagando no reino humano acordou outra vez todos seus sentidos, lançando longe a chatice e o tédio de sua infernal invisibilidade. Recordando-lhe que tão vivo se sentia, que tão bom era ser um Caçador. Quantos deliciosos humanos havia ali para caçar.

Não arruinaria esta oportunidade. Nem daria uma oportunidade ao Antigo para jogar e perder as coisas de novo com seu desejo de vingança. Ele chamaria Darroc só no último minuto possível, e se Darroc não o matasse suficientemente rápido para seu gosto, Bastion por si mesmo se ocuparia da morte de Adam.

## Capítulo 21

Aoibheal passeava de um lado a outro pela areia de silício da ilha de Morar, olhando fixamente como o mar turquesa criava espuma na orla, seus olhos brilhavam iridescentes.

O tempo, em geral não tinha nenhuma importância para ela, uma coisa da qual na verdade, mal era consciente, e de repente se fez uma preocupação da mais urgente.

Desde uma escassa quantidade tempo, sentia uma sensação desconhecida, que ia crescendo ante o debilitamento do muro que separava os reinos de sua raça com a dos humanos. Devido ao fato de que nunca o sentiu antes, não compreendeu imediatamente de que se tratava.

As paredes que se encontravam entre as esferas dos Thuatha Dé e do homem estavam se afinando.

Levou ainda outra porção de tempo para perceber a origem dessa desestabilização na trama e o enlace dos mundos: Os Druidas Keltar ainda não haviam realizado o ritual de Lughnassadh, o antigo rito que devia ser completado no final do dia festivo, como ocorria durante milênios.

Sacudiu a cabeça, assombrada. Por Danu, provariam o alcance de sua piedade outra vez?

Entrecerrou seus olhos, sem olhar ao exterior mas para o interior, levando sua visão à lonjura, através do espaço e do tempo. Na procura do Keltar que falhava neste momento.

Desconcertada por encontrar aos mesmos. Outra vez. Levando-a ainda mais longe para conhecer o por que disso...

Rompeu o elo diretamente, com olhos amplos pela incredulidade.

*-Amadan -, sibilou. - Como ousa me desafiar?*

E chegou ao caso, como podia fazê-lo?

Ela o despojou de tudo, ficando ele sem poderes - ou ao menos ela pensou que o tinha feito - incapaz de ser visto, ouvido, sentido. Tinha-o destinado a uma existência vil, insubstancial como a de um fantasma, lançando-o ao reino humano. Desterrando-o, cortando toda comunicação, negando-lhe a possibilidade até de poder vislumbrar a alguém de sua própria raça.

Tinha escolhido os parâmetros de seu castigo com cuidado, obrigando-o a provar a amargura na condição humana com nenhum atributo que lhe ajudasse, curando-o da tonta fascinação que tinha pelos mortais de uma vez por todas.

Sua repetida indulgência por seu príncipe favorito - o único dentre sua gente que alguma vez havia conseguido surpreendê-la, e a surpresa era o néctar dos deuses para uma rainha de sessenta mil anos - lhe deixou com uma aura desfavorável frente aos seus cortesãos assim como frente de seus conselheiros. Por não mencionar a limpeza que devia fazer sempre por trás dele.

O Alto Conselho tinha feito questão de que ela tomasse medidas durante séculos, depois de seu desafio mais recente, não teve nenhuma outra opção, a não ser de estar de acordo. Adam se pôs contra ela adiante de sua corte e conselho, uma situação que não podia permitir, para que sua soberania não fosse avaliada, para não dar a opção de ser abertamente desafiada. Ainda que ela era a mais poderosa do Seelie, aquele poder era seu só enquanto tivesse o apoio da maioria de sua gente. Aquele poder poderia ser-lhe arrebatado.

Ela pensou que cinquenta e tantos anos de castigo seriam suficientes para fazê-lo mais agradecido de ser um Tuatha Dé, para aquietá-lo, para que deixasse de se intrometer com os humanos.

Não acreditou possível que ele encontrasse uma maneira de interferir no castigo que lhe deu.

Oh, que equivocada esteve! Como sempre, se existia uma escapatória, seu iconocrata<sup>\*</sup> príncipe *D'Jai* o encontrou. E no tempo transcorrido em poucos e míseros meses. Ele estava no território Keltar e não havia nenhuma dúvida que havia criado este problema. Nem sequer estar amaldiçoado e sem poderes evitou que encontrasse uma maneira de fazer algo para que os Keltar não levassem a cabo o ritual de alguma maneira.

Estendeu seus sentidos outra vez, tratando de tocar defeitos dimensionais. As ramificações eram mais finas nas paredes que sentia na Escócia, logo isto se estenderia rapidamente à Irlanda e à Inglaterra. Já havia começado, para dizer a verdade. Os efeitos irradiariam para fora, e antes do anoitecer, o oculto reino de Thuatha se elevaria acima de todo mundo, no meio dos humanos.

Antes do anoitecer, qualquer Thuatha Dé caminharia exposto entre os humanos com algo menos de encanto.

Antes do anoitecer, até a praia de sílice de Morar brilharia palidamente sob uma lua humana.

As dimensões sangrariam num lado e no outro, as entradas temporárias se abririam. Os Unseelie seriam libertados.

Em resumidas contas, todo o inferno se desataria.

<sup>\*</sup> Que se opõe aos valores convencionais da sociedade.

Adam estava sentado com Gabrielle no grande salão, a luz da tarde diminuía, quando intuiu que a rainha se acercava. *Tinha demorado seu tempo*, pensou. Inclusive ele começou a sentir esta espera um pouco nervosa, perguntando-se por que tomava tanto tempo.

Não tinha meios para sentir à rainha, era, de fato, algo surpreendente que, sendo humano e tudo, sentisse uma tensão em seu corpo, uma pressão dentro de seu crânio. Apertou seus braços de forma protetora ao redor de Gabrielle.

Horas atrás, fez questão de que os MacKeltars deixassem o salão, saíssem do castelo - com ruidosos protestos - persuadindo-os que era mais sábio estar em outro lugar, porque Aoibheal estaria furiosa quando chegasse.

Tinha retido Gabrielle com ele. A protegeria contra a ira da rainha, no entanto o que precisava era não ter a distração dos vulneráveis MacKeltars.

Uma feroz rajada de vento se elevou repentinamente, extinguindo o fogo, depois o ar se empapou com cheiro de jasmim e sândalos, e Aoibheal estava ali, brilhando ante eles.

- Oh, Deus -. Ele escutou o sussurro de Gabrielle, intimidada.

- Minha Rainha -, disse Adam, no mesmo instante, segurando Gabrielle contra ele, um braço ao redor de sua cintura.

Ah, sim, Aoibheal estava furiosa. Chegou com um encanto poderoso, tão espantosamente formosa que, até para ele, era-lhe quase impossível não a olhar, brilhava intensamente, reluzindo com o esplendor de mil sóis diminutos. Ainda que sua forma fora essencialmente humana, seu corpo glacialmente perfeito, nu sob seu vestido de luz, não havia nada humano nela. Puro poder pulsando no ar, a presença de uma entidade imensa, antiga.

- *Como ousa desafiar-me?* -. Suas palavras ressoaram pelo grande salão, como aço golpeando sobre a pedra.

- Minha Rainha -, disse Adam rapidamente, - Não tomaria estas medidas tão extremas se seu bem-estar não estivesse em perigo. Em grave perigo.

- Devo acreditar que tudo isto é por mim, Amadan? Que me faria ser a única beneficiária de seu último - e devo dizer que é o maior - ato de desafio, que é algo bem como um ato desinteressado por sua parte? - A zombaria se filtrava por sua voz.

Ela usava uma parte de seu verdadeiro nome, não Adam, mas Amadan. Ah, sim, estava zangada.

- É por você -, disse ele. Fez uma pausa. - Ainda que se estivesse inclinada a recompensar-me, não me oporia.

- Recompensar a você? Por que o recompensaria? Tem a mais ligeira idéia do que fez? Sabe que os seres humanos já começaram a transpassar o tecido do espaço e do tempo onde a antiga magia teceu a fronteira?

- Os dólmenes<sup>♥</sup> foram abertos? - Adam estava assustado.

- Sim.

- Bom. Por que sangrento inferno esperou tanto tempo?

Lhe dirigiu tal gélido e furioso olhar que não o surpreenderia que sua pele se congelasse.

- Como é que estou em perigo? Fala. Agora. Rápido. Cada momento conta. Estou mais inclinada a castiga-lo do que a escuta-lo até o final.

- Darroc fez tentativas contra minha vida. - *Toma isso. Enfrenta-o, Aoibheal, pensou ele, e restaure-me a imortalidade como deveria tê-lo feito faz meses.*

A rainha se pôs rígida.

- Darroc? Como sabe disso? Não pode ver aos de nossa classe.

- *Eu o vi* -. Disse Gabrielle.

Adam deu uma olhada para baixo, ajustando seu braço. Seus olhos se entrecerraram, sua cara era esquivada, ainda quando conseguia dar uma olhadela à rainha pelos canto de seus olhos. A rainha escolheu o encanto mais poderoso deliberadamente, sabendo que os humanos não poderiam enfocar o olhar. Mas ela não sabia que Gabrielle, pensou ele com um lampejo de orgulho; era forte, era sua *ka-lyrra*.

Aoibheal não se dignou nem a reconhecer sua presença.

- Como? -, exigiu a Adam.

- Ela é uma *Sidhe-seer*, minha Rainha.

Os olhos de Aoibheal se entrecerraram.

- De verdade -. Ela rastreou o lugar, dando um imperioso olhar para Gabrielle. - Acreditava que todos estivessem mortos. Realmente sabe que segundo os termos do Pacto isso a faz minha.

Adam se pôs rígido.

- Ela me ajudou a ter esta audiência contigo e assim poder advertir-la que Darroc conspira contra ti -, disse ele fortemente - Em troca por interceder para ser minha intermediária, assegurei-lhe sua segurança.

- você assegurou? Não tem nenhum direito a assegurar nada.

- Minha Rainha, Darroc trouxe a alguns Caçadores do reino de Unseelie. Há mais à seu serviço.

- Caçadores? *Meus* Caçadores? Caçoas! - A brisa que girava através do grande salão, era fria, e girava ao redor dele.

O sopro de Adam era ar gelado com diminutos cristais de gelo quando disse:

- Não é nenhuma brincadeira. É verdade. Na segunda vez que atacou, não se preocupou em ocultar-se ou a seus caçadores. Eu mesmo os vi.

- Diga-me, - ordenou ela.

Falando energicamente, contou-lhe tudo, como encontrou a Gabrielle, a Aine e a seu colega, ao primeiro ataque e o seguinte de Darroc.

<sup>♥</sup> **Estrutura** de pedra pré-histórica composta de duas ou mais pedras verticais encabeçadas por uma pedra superior que finaliza o monumento.



- Também viu tudo isso, *Sidhe-seer*? -, exigiu a rainha.

Gabrielle confirmou.

- Conte-me exatamente o que viu.

Observando a rainha com aquele fixo olhar quase meio-afastado, Gabrielle lhe contou detalhadamente o que viu, descrevendo o Fae implicado.

- E outra coisa que sabemos -, concluiu Adam quando Gabrielle ficou em silêncio - é que só há uma coisa que Darroc poderia ter prometido aos Caçadores para influenciar em sua lealdade para você.

Aoibheal se girou criando um cego redemoinho de luz. Ela esteve silenciosa o tempo todo.

Ao lado dele, Gabrielle estava tensa, respirando trabalhosamente. Ele poderia sentir a inquietude em seu pequeno corpo e compreendeu que ela via à classe de Fada que havia conhecido pelos contos. A rainha era realmente formidável - não tinha nenhuma outra palavra para descrevê-la. Imponente, antiga, ameaçadora, estranha, incrivelmente poderosa. Ele só esperava que sua *ka-lyrra* recordasse que ele não se parecia com sua rainha. Que os Thuatha Dé não eram tão semelhantes uns com os outros como também passava entre os humanos.

Finalmente a rainha saiu de seu estupor.

- Darroc é um Alto e Antigo Conselheiro. Um de meus partidários mais fortes, um de meus defensores mais leais.

- Pelo bem de Cristo, tudo palavreado, nada mais! *Nunca* verá o que há por trás de seu comportamento?

- *Ele* nunca abandonou meu reino para brincar com os humanos.

Adam soltou um comentário cáustico. *Não, somente com os Caçadores*, e permaneceu silencioso.

Ele serviu em meu Conselho durante milhares de anos.

Outra vez ele não disse nada. Já lhe havia dito tudo o que tinha para dizer; sabia que ela entenderia as ramificações que supunha tudo isto. Também sabia que seria difícil para ela aceitar que um de seus Antigos a tinha traído.

— Proibi que qualquer Seelie traga a um Unseelie por qualquer razão, sob a ameaça de uma morte sem alma.

- Céus —, não pôde resistir-se a dizer secamente, - Acredita que talvez Darroc o esqueceu?

- Não pense *que esqueci* o ressentimento que há entre vocês! - sibilou ela.

- Não sou eu que está com Caçadores! -, disse reclinado-se para trás.

Outro silêncio. Sua fúria para com ele estava diminuindo, girando para o outro lado quando ela compreendeu suas notícias. Devagar o ar começou a esquentar-se outra vez.

- E por isto tinha que fazer que os Keltar não realizassem o ritual de Lughnassadh que mantém os muros entre nossos reinos intactos? O fez, arriscando-se a que chocassem nossos mundos?

- Era o único modo que sabia para que me escutasse. Para adverti-la. Sem me importar que minha rainha tivesse decidido me castigar. Não podia permitir que um inimigo a atacasse sem fazer tudo o que estava em meu poder para protegê-la. Sempre protegerei a minha rainha. Inclusive -, acrescentou mordazmente, - quando ela me tirou o poder para fazer isso. Ademais, não é como se não tivesse tratado de encontrar a Circenn primeiro. Agora me ocorre que talvez era a razão de que não pudesse encontrá-lo.

- Talvez o foi -, esteve de acordo. - Talvez ele e sua família estejam desfrutando de umas amplas férias em Morar.

Adam mexeu sua cabeça, seus lábios se curvaram num leve sorriso sádico.

- Deveria tê-lo sabido.

Ela declarou depois de um longo momento.

- Devo ter uma prova de tudo isto. Devo vê-lo com meus próprios olhos. Devo vê-lo de primeira mão para comunicá-lo ao Conselho.

Adam encolheu os ombros.

- Use-me como isca.

- E o que obterá em troca?

- A honra de servi-la -, disse suavemente. - No entanto, também há um pequeno tema sobre a volta de minha imortalidade e meus poderes.

- Há algo que me deve. E estou esperando.

Um músculo saltou na mandíbula de Adam.

- Lhe disse nas catacumbas, momentos depois em que me amaldiçoou.

- O escutaria outra vez. Aqui. Agora.

As fossas nasais de Adam se dilataram. Com uma arrogante inclinação de cabeça, disse.

- Agora vejo que contradize-la ante o tribunal pôde ter sido pouco recomendável, minha Rainha. Reconheço que minha lealdade poderia tê-la servido de melhor maneira. É possível que pudesse ter-me esforçado por encontrar um lugar mais apropriado para divulgar minhas discrepâncias.

- E foi afortunado por me preocupar em escuta-lo.

Adam não disse nada.

- Não acredito que ouvi todos *poderia* nessa *desculpa*. Ainda não admitiu que se equivocou.

- Acreditei nesse momento que havia alguém entre o seu conselho que tinha motivos pessoais para apoiar uma prova de sangue. Então estava preocupado que conspirassem contra ti. Parece que tive razão.

Aoibheal sorriu debilmente.

- Ah, Amadan, você nunca mudou, não é verdade? -. Ela o olhou inspecionando-o. - Deixará a terra protegida. Fará o caminho de regresso para trás até onde ele o encontrou na primeira vez.

- Sim, minha Rainha.  
- Então, os dois partirão pela manhã.  
- Quer dizer, que eu irei -, corrigiu ele.  
- Não me diga o que quero dizer. Disse o que pensei. você e a *Sidhe-seer*.  
- Disse que eu o faria. Não Gabrielle...  
- Gabrielle? Que nome tão encantador. Parece que se apegou com seu humano. Não está a ponto de discutir comigo, não é? Não está tentando esgotar minha paciência uma vez mais, quando ainda tenho que arrumar a mais recente das suas embrulhadas?

Adam se deteve na metade de uma palavra; quando voltou falar outra vez sua voz foi cuidadosamente imparcial.

- Quando a *Sidhe-seer* -, expressou de outra maneira -, aceitou atuar como minha intermediária e me ajudar a encontrar uma maneira para contata-la, prometi sua segurança em troca. Arriscou-se para ajudar-nos, nós caçamos a sua gente durante muito tempo. Sua ajuda favoreceu a manter seu reinado e a segurança de todos os reinos. Sempre foi nosso costume conceder presentes aos mortais que nos ajudam. Prometi-lhe que regressaria a seu próprio mundo quando tudo estivesse bem e em ordem, livre de qualquer Thuatha Dé que a perseguisse, garantindo sua segurança e daqueles a quem quer.

- Magníficas promessas de um Fae sem nenhum poder.

- Fará de mim um mentiroso?

- Isso o faz você mesmo com muita com frequência.

Adam se encolerizou. Não havia necessidade de dizer isso na frente de Gabrielle.

O silêncio se alongou. Então a rainha exalou, um som suave, como sinos.

- Revela este traidor para mim e mantereí a sua promessa ao humano, mas lhe advirto, não o faça mais. *Amadan*.

- Então está de acordo que ela deverá permanecer aqui. Em terra Keltar.

- Disse que mantereí a sua promessa. Mas ela vai com você. Darroc poderia perguntar por sua ausência e não mostrar sua mão. Se ele me traiu, quero a prova e a quero agora. Antes que ele atue contra mim e que faça que os que compõem minha corte o creiam possível -. A rainha se moveu num radiante redemoinho de luz. - Estarei observando. Deixe-lhe que se descubra para mim e virei. Mostre-me aos Caçadores que estão a meu lado no Conselho e restaurarei plenamente o seu poder. E deixarei que decida o seu destino. Lhe agradaria isso, não é?

Adam sacudiu com força sua cabeça antes inclinada.

O som de uma maldição saiu por seus lábios na língua de Thuatha Dé. Ao lado dele, Gabrielle tremeu intensamente.

- Levará o *féth fiada* até que isto se resolva, *Amadan*.

- Infernos sangrentos -, murmurou Adam ferozmente. - *Odeio* ser invisível.

- E, Keltar, - disse Aoibheal com uma voz como um inesperado trovão, dando uma olhada por cima da balaustrada. - De agora em diante o advertiria não alterar minhas maldições. Agora leva a cabo o ritual de Lughnassadh ou se enfrentarão com a minha ira.

- Sempre, Rainha Aoibheal -, Dageus e Drustan contestaram ao mesmo tempo, saindo detrás das colunas de pedra que havia entre as escadas.

Adam sorriu debilmente. Devia ter sabido que nenhum Highlander escaparia, só se retirariam a uma posição mais alta - iriam para as colinas, por assim dizê-lo - à espera silenciosa se a luta fosse necessária.

Gabby se reclinou frouxamente contra ele deixando sair o *fôlego* suavemente.

A rainha havia ido embora.

## Capítulo 22

Logo cedo na manhã seguinte, Gabby e Adam fizeram as malas para deixar o Castelo Keltar e tomarem um vô de volta aos Estados Unidos.

Como Adam era invisível outra vez, viajariam encobertos, e Gabby estava surpreendida ao compreender que tinha muita vontade disso. Havia um certo sentido de intrigante impunidade, ao sentir-se oculta pelo *féth fiada*. Estava também o fato que isto significava que estariam tocando-se constantemente, e ela simplesmente não podia conseguir cansar-se de tocá-lo.

Imediatamente após a partida da rainha ontem, Dageus e Drustan realizaram o ritual de Lughnassadh. Uma vez que as paredes estiveram outra vez asseguradas, tinham se sentado e voltado a repetir os acontecimentos da tarde, com Gabby servindo de intermediária de Adam.

Ela estava surpresa por quão incrivelmente entusiasmadas estavam Chloe e Gwen ao terem visto, de certa maneira, com seus próprios olhos à rainha dos Thuatha Dé. Parecia que Chloe tinha se sentido bastante defraudada ao saber que Dageus já a havia encontrado uma vez antes e não a levou em conta.

Sua reação - não de medo, mas de interesse e curiosidade - serviu para solidificar seu novo enfoque sobre as coisas. Sim, os Thuatha Dé Danaan (como Gabby os chamava agora) eram sobrenaturais, diferentes, mas não as criaturas cruéis, impassíveis que havia sido levada a acreditar que eram.

Como Gwen havia dito, eram outra raça, uma raça sumamente avançada. E ainda que o inexplicável podia ser aterrorizador, aprender sobre isso era um longo caminho para o alívio dos próprios medos.

Mais para o final, os MacKeltars a levaram ontem à noite, com o uma-vez-mais-invisível Adam a reboque, a outro castelo Keltar, onde Christopher e Maggie MacKeltar viviam, e lhe mostraram a biblioteca na câmara subterrânea que armazenava toda a antiga tradição Druida, que se remontava à época em que havia sido negociado o primeiro Pacto.

Gabby pôde ver o tratado real entre as raças, gravadas sobre uma folha de ouro puro, manuscrito numa língua que nenhum erudito vivo podia identificar. Adam traduziu passagens dele, enfatizando a parte sobre *Sidhe-seers* - aqueles que vêm aos Fae pertencem aos Fae -, ainda mais, não deviam ser mortos ou escravizados, mas permitir-lhes viver em paz e comodidade em qualquer reino Fae que eles escolhessem, outorgando-lhes cada desejo, exceto, desde logo, sua liberdade. Disse-lhe que não os machucávamos, lhe havia dito.

Voltaram ao castelo de Dageus e Drustan, enquanto Chloe e Gwen estiveram falando da rainha outra vez, Adam fez questão de comunicar a Gabby sua irritação com eles por deixá-los na porta da frente e girar para dirigir-se diretamente à entrada dos fundos do castelo para voltar a entrar com dissimulação.

*Lhe disse que esperávamos que cuidassem de nossas costas se surgisse a necessidade*, lhe recordou Drustan através dela. *Também disse que nós cuidaríamos as suas.*

E quando Gabby lhe transmitiu essas palavras, vislumbrou uma piscada de emoção no escuro olhar de Adam, o que fez com que seu fôlego se engasga-se suavemente em sua garganta.

Como podia ter pensado em algum momento que Adam Black não sentia nenhuma emoção? Até a rainha havia mostrado emoção. Isso era uma mentira nos *Livros* das O'Callaghan que rapidamente consertaria. Junto com todos os demais incontáveis erros.

Apesar disso, podia entender como seus antepassados se tinham equivocado tanto. Se ela tivesse tido que narrar, o mero aspecto da Rainha Aoibheal, ou dos Caçadores, ou até de Adam, sem ter interagido alguma vez com eles, sem ter chegado a entender tanto sobre seu mundo, teria pensado o mesmo.

Mas os conhecia muito melhor agora.

Tinha passado outra ardente, deliciosa, decadente noite nos braços de Adam.

Ele era a espécie de amante que ela nunca havia imaginado que existisse, nem sequer em suas fantasias mais ardentes. E tinha tido algumas muito bonitas e ardentes.

Era inesgotável, alternativamente terno e selvagem, brincalhão, para depois olhá-la aos olhos com mortal intensidade. Ele fazia uma mulher sentir-se como se nada existisse senão ela, como se o mundo inteiro se tivesse derretido e não tivesse nada mais urgente que seu próximo suave ofegar, seu próximo sorriso, seu próximo beijo.

Ele ainda não dizia nada sobre sentimentos ou futuro. Nem sobre ela.

Ainda que a própria rainha havia garantido a segurança de Gabby quando isto tivesse terminado, ela estava passando duros momentos ao ver acercar-se a citação com Darroc. Sabia que não seria capaz de respirar profundamente até que isto estivesse acabado.

Então enfrentaria seu futuro.

Então tentaria decidir, assumindo que tivesse alguma decisão que tomar, se é que ele simplesmente não a abandonava uma vez que fosse todo-poderoso outra vez, como podiam ter alguma espécie de vida juntos uma mortal e um imortal.

- Prometa que voltará. Quero dizer, *logo* -, exigiu Gwen, abraçando-a forte. - E tem que nos chamar e nos deixar saber no minuto que Darroc se mostrar e isto está acabado. Vamos estar preocupados. Me promete?

Gabby assentiu.

- Prometo.

- E traz de volta Adam também -, disse Gwen.

Gabby deu uma olhada para seu alto e escuro príncipe. O dia havia amanhecido envolvido num espesso nevoeiro branco, e já eram dez da manhã, nada brilhava. E como poderia? Se tinha um sol em alguma parte do céu, certamente não podia vê-lo. Sobre ela, o mundo tinha um sólido teto branco. Além de Adam, que estava de pé a uns quatro metros de distância, perto do carro de aluguel no qual eles haviam chegado, tinha uma parede.

Adam. Seu olhar se demorou amorosamente sobre ele. Vestia calças negras de couro, um suéter pescador de cor creme irlandês, e essas sexy botas Gucci com correntes de prata e fivelas. Seu longo e sedoso, cabelo negro caía até sua cintura, e seu cinzelado rosto estava sem barbear, escurecido pela sombra de uma barba. Ouro real cintilava em sua garganta.

Era absolutamente formoso.

Deu uma olhada para Gwen e ficou horrorizada ao sentir que as lágrimas se formavam em seus olhos.

- Se ele estiver ainda em minha vida, o farei -, disse-lhe suavemente.

Gwen resmungou e ela e Chloe trocaram olhares.

- Oh, acreditamos que ele ainda estará em sua vida, Gabby.

Suas defesas, meticulosamente erguidas sobre esse mesmo tema, tremeram até os alicerces. Pôs-se mentalmente rígida, sabendo que se não era muito, muito cuidadosa, podia tornar-se um fracasso emocional. Se se permitisse sentir ainda o mais ligeiro dos muitos medos que estava reprimindo, se liberariam todos. E não havia forma de predizer que é o que ela podia fazer ou dizer: o incidente da banana, por exemplo. A emoção fazia coisas imprevisíveis a sua língua. Malvadas, coisas muito más.

Apesar de sua resolução de manter a risca seus medos, ouviu-se dizer queixosamente, - Mas como? Pelo amor de Deus, ele vai ser immor...

- Não -, cortou-a Chloe severamente. - Vou compartilhar algo contigo -, disse-lhe com uma olhada para Gwen - algo que uma mulher sábia me disse uma vez. As vezes tem que dar um salto de fé. Só faça-o. Não olhe para baixo.

- Genial -, resmungou Gabby. - É simplesmente genial. Sem dúvida parece que eu sou a única que tem que fazer todos os saltos.

- De algum modo -, disse Gwen lentamente, - creio que antes de que tudo seja dito e feito, Gabby, não será a única que o faça.

- Dobre à esquerda -, instruiu Adam.

- Esquerda? Como é que pode ver uma esquerda neste denso nevoeiro? -, disse Gabby irritada. Ela mal podia distinguir o caminho a três metros na frente do capô do automóvel. Mas não era somente o nevoeiro o que a estava irritando; quanto mais se afastavam do Castelo Keltar, mais vulnerável se sentia. Como se o capítulo mais impressionante no Livro da Vida de Gabrielle O'Callaghan estivesse chegando ao final e não fosse agradar-lhe o que ia encontrar quando virasse a página.

Entendia agora por que sua amiga Elizabeth, com sua quase genial e analítica mente evitava as histórias de assassinatos misteriosos, películas de suspense psicológico, e histórias de horror, e lia só novelas românticas. Por que, por Deus, quando uma mulher lia esses apaixonados livros, tinha a total garantia que teria um *E Viveram Felizes Para Sempre*. Ainda que o mundo fora dessas cobertas pudesse trazer tanta dor, decepção e solidão, mas entre essas cobertas, o mundo era um lugar esplêndido para se estar.

Ela deu uma olhada irritada à Adam. Ele a estava olhando. Severo.

- O que? -, disse-lhe beligerante, não querendo soar irritada mas estando profundamente.

Ele disse suavemente.

- Não estará se apaixonando por mim, não é, irlandesa?

Ela desviou seu olhar para o caminho. Gabby apertou sua mandíbula, incapaz de falar por vários minutos, uma verdadeira panela de pressão a ponto de estourar. Murmurou umas poucas palavras escolhidas, que sua avó teria se estremecido ao escutar.

- Por que segue perguntando-me isso? -, cuspiu por fim. - Estou realmente farta de que esteja me perguntando isso. Eu lhe pergunto isso? Alguma vez lhe perguntei isso? É algo tão condescendente, como se me advertisse ou algo assim, como se dissesse: *Não se apaixone por mim, irlandesa, pequena mulher desvalida e débil*, e o que é essa maldita palavrinha “irlandesa”? Não pode chamar-me por meu nome? É um desses toques de despersonalização? Que lhe tira um pouco da urgência do momento, de algum modo me faz menos que um ser humano com sentimentos? Para que saiba, você, arrogante, autoritário, cabeça-dura, desconsiderado, nunca-me-faça-uma-pergunta-porque-lhe-asseguro-como-o-diabo-que-não-vou-lhe-responder-Oh-simples-príncipe-mortal, que tomei minha quota de cursos de Psicologia na universidade, e entendo uma ou duas coisas sobre os homens que se aplicam até mesmo aos que não são humanos, e se estivesse me apaixonando por você, o que devo dizer-lhe que não, porque estar se apaixonando implica uma ação em curso, um acontecimento que ocorre em tempo real, aqui e agora...

Ela deixou de falar bruscamente, a ponto de revelar em excesso. Muito ferida, muito duvidosa dela mesma, dele, para continuar.

Inalou. Soprou a franja de sua cara com um resfolegar irritado.

Passaram longos minutos sem que ele dissesse nada.

Obrigando-se a dizer as palavras lentamente, ela disse:

- Por que Morganna não tomou o elixir da imortalidade? Preciso que me responda isto.

O silêncio se esticou. Ela se negou a olhá-lo.

- Porque a imortalidade -, disse ele finalmente, lentamente, como se cada palavra estivesse sendo arrancada forçosamente de sua boca e lhe doesse mais profundamente do que ela possivelmente pudesse saber, - e a alma imortal são incompatíveis. Não pode ter ambos.

Gabby se ergueu e o olhou, horrorizada.

Ele golpeou com seu punho no porta-luvas. O plástico explodiu enquanto sua mão o atravessava. A metade da pequena porta pendurou-se por um momento numa dobradiça, depois caiu no piso. Seus lábios se curvaram num riso amargo.

- Não era o que esperava ouvir, eh?

- Quer dizer que, se Morganna o tivesse tomado, teria perdido sua alma imortal? -, ofegou Gabby.

- E Darroc pensa que os humanos não são muito brilhantes -. O escuro sarcasmo gotejou de sua voz.

- Então, er... mas... não o entendo. Como? Uma pessoa, digamos, deve entregá-la ou algo assim?

- Os humanos têm uma aura rodeando-os que os de minha espécie podem ver - disse ele rotundamente. - As almas imortais iluminam-se de dentro, mais do que o brilho do ouro. Uma vez que um humano tomara o elixir da vida, essa alma começa a vagar, até que não fica nada dela.

Gabby piscou.

- Eu brilho como ouro? Quero dizer, agora mesmo, enquanto estou aqui sentada?

Ele lhe dirigiu um pequeno riso amargo.

- Mais intensamente do que nunca.

- Oh -. Teve uma pausa enquanto ela tentava reunir seus pensamentos. - Então, eles mudam, refiro-me aos humanos que o tomam?

- Ah, sim. Eles mudam.

- Estou sabendo... -. A falta absoluta de inflexão em sua resposta a fez sentir profundamente inquieta. Ela de repente não tinha nenhum desejo de saber como mudavam. Suspeitava que não lhe agradaria em absoluto. - Então, isto significa que nossos *Livros* tinham razão sobre que os Thuatha Dé não tinham almas, não é?

- Seus *Livros* têm razão sobre muitas coisas -, disse ele com frieza. - você sabe disso. Sabia-o quando me tomou como seu amante. Tomou-me de todos os modos.

- Realmente não tens alma? -. De tudo o que ele acabava de dizer-lhe, ela encontrava nisso o mais incompreendido. Como podia ser? Ela não podia deixar de pensar nisso, não agora que o sabia. As coisas que não tinham almas eram... bem, más, não era? Adam não era mau. Ele era um homem bom. Melhor do que muitos, se não todos, os que ela alguma vez tivesse conhecido.

- Não. Sem alma, Gabrielle. Isso sou eu, Adam Black, o fada de iridescente olhar, sem alma, mortífero.

Ouch, ela lhe havia dito isso a ele uma vez. Parecia que tivesse passado uma vida.

Concentrou-se no nevoeiro por um momento, conduzindo como o piloto automático.

Tentou não perguntar, mas acabava de começar a acreditar que talvez os Thuatha Dé não eram tão diferentes dos humanos, só para descobrir que o eram, e não pôde deter-se. Tinha que saber como eram diferentes. Saber com precisão com quem estava tratando.

- Coração? Os Thuatha Dé têm coração?

- Nada fisiologicamente equivalente -. Sua voz agora aborrecida.

- Oh -. A ponto de descobrir quão errônea era a sabedoria O'Callaghan, tinha que expulsar a maior parte disso de sua mente, eliminá-lo com seus muitos preconceitos. Mas montes deles foram corretos apesar de tudo. Grandes partes.

Mais manejo. Mais silêncio.

*Não está se apaixonando por mim, não é, irlandesa?* Tinha dito ele.

E ela tinha tido uma fusão menor porque esse era precisamente o problema. Não estava se apaixonando. Ela já estava apaixonada. Assim era, tempo presente. Modo presente. Estava desesperadamente apaixonada dele. Esteve construindo um sonho de futuro para eles dentro de sua cabeça, embelezando-o com o mais diminuto e o mais terno dos detalhes.

Gwen e Chloe estavam absolutamente certas, e Gabby mesma sabia, até então. Somente não quis admiti-lo. Bem como não quis admitir que a razão pela qual ela quis tão desesperadamente saber por que Morganna havia recusado o elixir era porque Gabby, secretamente esteve esperando que ele se apaixonasse por ela, também, ela poderia fazer-se imortal, e então poderiam amar-se um ao outro para sempre. Poderiam ter um eterno *E-Viveram-Felizes-Para-Sempre*.

Mas não era estúpida. Depois que ele lhe disse que Morganna havia recusado a possibilidade de viver para sempre, ela sabia que tinha que ter uma armadilha. Só que não sabia que enorme armadilha era.

*A imortalidade e o alma imortal são incompatíveis.*

Ainda que ela nunca tivesse se considerado uma pessoa particularmente religiosa, era profundamente espiritual, e o alma era, bem... a essência sagrada de uma pessoa, a marca de um mesmo, a fonte de nossa capacidade de bondade, para amar. Era o que nascia uma e outra vez na travessia de cada um para desenvolver-se. Um alma era o interior divino, o mesmo alento de Deus.

E seu elixir da vida estava cheio de alusões de Fausto: *Aqui, tome isto e poderá viver para sempre, pelo pequeno preço de sua alma imortal*. Quase podia cheirar o ácido sulfúrico do fogo do inferno. Ouvir o rangido de profanos contratos escritos sobre gordos, amarelados pergaminhos, assinados com sangue. Sentir a brisa do bater de asas de curtidos Caçadores alados chegando para arrecadar.

Se estremeceu. Não se acreditava uma pessoa supersticiosa, mesmo assim isto a pôs num nível visceral. Fez com que o sangue lhe gelasse.

Um suave riso amargo se introduziu em seus pensamentos.

- Não lhe interessa viver para sempre, Gabrielle? Não lhe agrada as condições?

Oh, esse tom não se parecia a nenhum que ela o tivesse ouvido usar alguma vez. Malvado, cínico, retorcido. Uma voz realmente conveniente para o Fae mais negro.

Ela lhe deu uma olhada.

E reteve bruscamente o fôlego.

Ele luzia completamente diabólico, seus negros olhos roxos sem fundo, antigos, frios. As narinas flamejavam, lábios curvados em algo que só um idiota podia chamar sorriso. Ele era, nesse momento, cada centímetro, um desumano príncipe Fae, afastado deste mundo, perigoso. Este, compreendeu, era o rosto do *Sin Siriche Du*, o rosto que seus antepassados tinham vislumbrado sobre antigos campos de batalha, enquanto ele havia olhado a brutal matança, sorrindo.

- Creio que não -. Sarcasmo sedoso gotejava dessa profunda, estranhamente acentuada voz.

Uma dúzia de pensamentos trombaram em sua mente e ela lutou inutilmente, tentando descobrir o acontecera para que esta conversa que havia começado tão inofensivamente, só para tornar-se semelhante pantanal.

Ele parecia tão remoto, tão longínquo, como se nada pudesse tocá-lo, como se nada que ela pudesse dizer importasse de qualquer modos. E uma pequena dúvida a incomodava. Era assim, então, que era quando ele era totalmente Thuatha Dé?

Ela não podia acreditar nisso. Não acreditaria nisso. Ela o conhecia. Ele era um homem bom.

*Salta, Gabby*, sussurrou uma voz interior. *Diga-lhe como se sente. Diga-lhe tudo de uma vez.*

Ela engoliu. Com força. Se Gwen e Chloe estivessem ali, sabia que repetiriam esse conselho. Elas haviam dado esses saltos, e olha onde as tinha levado. Quem era para dizer que isso não funcionaria para ela?

Havia somente um modo de averiguá-lo. Se não se arrisca, não ganha.



Ela tomou um profundo, fortificante alento. *Amo-o*. Ela sussurrou as palavras em sua mente. Não tinha tido muita prática com essas palavras, só alguma vez as disse à avó, e fazia muito, a seus pais, e ambos tinham ido embora.

Ela umedeceu os lábios.

- Adam, eu...

- Maldito inferno, poupe-me de qualquer choramingante desculpa que esteja a ponto de oferecer -, rosnou ele. - Eu não lhe pedi que tomasse o maldito elixir, não é, irlandesa?

As lágrimas encheram seus olhos e seus dentes bateram ao fechar-se. Oh, ela não precisava que recordasse! Estava muito consciente do fato. E de que ele nem sequer disse alguma palavra sobre nenhuma espécie de futuro juntos. Nem uma só palavra que parecesse insinuar qualquer grau de compromisso ou emoção. Oh, teve doces palavras na cama, inclusive fora dela, mas nenhuma dessas coisas às que uma mulher estava tão atenta, essas aparentemente casuais frases que insinuavam um amanhã e uma dúzia de amanhã depois desse. Nenhuma menção de férias vindouras, ou um lugar ou coisas que a ela lhe agradaria ver. Nenhuma sutil palavra que fosse realmente uma sutil promessa, como procurando uma resposta.

Nem uma.

Sua declaração se engasgou em sua garganta. E de repente não podia respirar, não podia sentar-se no carro com ele por um momento mais.

Apertou bruscamente o freio, estacionou o automóvel, e pulou para o caminho, andando às cegas, internando-se com ira no nevoeiro. Os arredores externos refletiam com muita exatidão seu panorama interno: Nada era claro, não podia ver dez passos adiante, não podia conseguir encontrar um lugar onde tivesse estado.

Por trás dela, ouviu-o fechar a porta do carro.

- Pare, Gabrielle! Volte aqui -, ordenou ele rudemente.

- Só me dê alguns minutos a sós, sim?

- Gabrielle, não estamos em terra Keltar -, gritou ele. - Volte aqui.

- Oh! -. Ela parou e deu a volta bruscamente. Não se deu conta disso. Quando tinham deixado a terra Keltar?

- Não -, disse uma fria voz enquanto Darroc saía do nevoeiro entre eles, - você não, não é?

Então Darroc se virou para Adam, e ela ouviu a repentina, aguda e próxima explosão de uma arma de fogo automática.

E Adam estava estremecendo-se, sacudindo-se, grandes salpicaduras vermelhas estendendo-se através do suéter pescador de cor creme, sua escura cabeça caindo para trás, seus braços empurrando. Caindo para trás, baixando.

E os Caçadores acercando-se ao redor dela.

Sentiu suas garras em sua pele, sentiu um soluço rompendo, arranhando sua garganta.

E depois desmaiou e não sentiu mais nada.

*Ah, ka-lyrra, olho-a e me faz desejar viver a vida de um homem contigo. Acordar contigo e dormir contigo, discutir contigo e fazer amor contigo, conseguir um tonto trabalho humano e caminhar pelo parque e viver tão diminuto sob um céu tão enorme.*

*Mas nunca ficarei com outra mulher humana e a verei morrer. Nunca.*

DA (SUMAMENTE REVISADA) EDIÇÃO NEGRA DO LIVRO DE O'CALLAGHAN: *Livro do Sin Siriche Du*

## Capítulo 23

Gabby levantou a persiana plástica da janela do avião e vislumbrou o escuro céu noturno.

Sozinha, portanto visível, não teve outra opção que reservar um vôo, carregando-o em seu cartão de crédito. O único vôo disponível era o Red-Eye<sup>♥</sup>, e tinha três lentas paragens que suportar em Edimburgo, Londres e Chicago.

Quando recobrou o conhecimento, estava atirada na estrada.

Sozinha. Com um enfermo e horrível sentimento na boca do estômago.

Havia sido um puro inferno ver ao homem que amava ser brutalmente baleado.

Ouviu as balas que rasgavam seu corpo com um som embotado, úmido, viu seu sangue escorrendo, - e se havia sido só uma ilusão, cortesia da Rainha, como rogava que fosse - a cara de dor e assombro de Adam havia sido sensacional e horivelmente real.

Se forçou a levantar-se sobre suas débeis pernas, tremendo, procurando desesperadamente ao redor a alguém que lhe dissesse que realmente isso não tinha acontecido. Que a Rainha não o havia deixado morrer.

Mas não havia ninguém que a reconforta-se. Só um denso, espesso nevoeiro e o doloroso silêncio.

Aparentemente, o Mundo das Fadas tinha terminado com ela.

Nem sequer tinha sangue, nenhum vestígio de que alguém tivesse estado com ela nessa estrada.

Então, gemeu, sacudindo seu punho para a densa cortina de nuvens sobre ela. *Nunca vou saber o que aconteceu? Isso é uma merda. Se pensa que simplesmente me irei sem explicações, está equivocada. Onde está Adam? Que aconteceu? Mostre-me. Diga-me que está bem!*

Mas se foi, ou melhor dizendo, arrastou seu miserável corpo para longe dali, isso havia sido exatamente o que tinha terminado por fazer.

<sup>♥</sup> Vôo que se realiza a meia-noite e que por isso recebe a denominação (*Red-Eye* se pode traduzir como Olhos Vermelhos).

Esteve fora de si por algum tempo. Protestou e gritou até que sua garganta ficou áspera, até que só foi capaz de fazer sons roucos, caminhou com passo majestoso, marcando o ritmo e pisando forte até que suas pernas se deram por vencidas, até que desabou contra o carro, deslizando-se para o chão, exausta.

Se encolheu, tremendo no frio nevoeiro, enquanto o dia se convertia em noite, esperando.

Completamente segura de que a qualquer momento Adam a visitaria brevemente, exibindo seu sensual sorriso, dizendo-lhe que estava bem, e depois terminariam a estúpida e horrível conversa que tiveram.

Ela lhe diria que o amava. E de alguma maneira, tudo estaria bem. E bem, ele não tinha uma alma ou um coração. Ele era psicologicamente diferente dela, saído de uma raça extraterrena. Ela nunca poderia ser imortal.

E daí?

Ela queria ter o que Morganna lhe havia tirado: uma vida com ele. Qualquer coisa que pudesse ter com ele. Podiam fazer que as coisas funcionassem, sabia que podiam. Podia não ser sua fantasia adolescente, mas seria suficiente. Seria bem mais justo que não ter nada dele.

Quatorze horas mais tarde se deu conta que não podia sentar-se no meio da estrada para sempre. Que estava tensa, fria e faminta, e que precisava, desesperadamente, ir ao banheiro.

Se deu conta que estava ficando louca sentada, sozinha, na escuridão, torturando-se com imagens.

Seguramente a Rainha não o havia deixado morrer. Seguramente Aoibheal não era tão cruel, não sacrificaria a um dos seus. Seguramente o tinha levado e curado. Seguramente cumpriu sua palavra e o curou.

Mas todos esses “seguramente” não eram muito reconfortantes, porque se ele estava bem e curado, então, onde estava?

Se estava bem, como podia deixá-la sentada no meio da estrada, sem respostas, sem importar quão complicado fora a desculpa que tivesse?

A não ser que, a não ser que, a não ser que...

Oh, O “a não ser que” cheirava mau!

A não ser que não se preocupasse realmente com ela.

A não ser que tudo tivesse sido um breve jogo para ele.

A não ser que ela não tivesse significado nada mais que um meio para um fim.

Não. Negava-se a acreditar nisso. Bem como se negava a acreditar que estivesse morto.

- Ele está bem -, sussurrou. - E vai regressar. A qualquer minuto.

Qualquer minuto se converteu em qualquer dia, e qualquer dia se converteu em qualquer semana.

Gabby se movia como se fosse de madeira. Separando-se profundamente dos movimentos, desprovidos de paixão, um autômato.

No entanto, uma vez em casa, uma parte dela quis resguardar-se e esconder-se, encolhendo-se na cama com os acolhedores cobertores sobre sua cabeça. Mas, havia uma parte maior dela que abrigava um especial e muito pessoal ódio aos desertores, à pessoas que só se rendiam e partiam.

Era algo que ela nunca se permitiria fazer.

Portanto, na manhã seguinte depois de regressar aos Estados Unidos, foi trabalhar na Little & Staller, atuando como se nunca se tivesse ido.

E como imaginou, ninguém se preocupou em limpar sua escrivaninha. Os casos seguiam empilhados, cada um deles, tão alto e tão desordenado como sempre haviam estado. Limpá-la lhes teria levado tempo, e todos os internos da Little & Staller tinham muito trabalho. Além do que, aquele que fosse o suficientemente tonto para limpar a escrivaninha de outro, ficaria responsável pelos casos.

Não, sua escrivaninha teria permanecido sem ser tocada, até que um reclamante ou outro chamasse, solicitando saber porquê não sabia nada de seu caso. Até que se tivessem precisado apagar algum fogo.

Sem dizer uma palavra a ninguém, entrou, deixando cair seu café expresso duplo sobre a escrivaninha, sentou-se e começou a trabalhar nos litígios. Com enérgica eficiência. Negando-se a pensar em nada que não fosse o caso que tivesse entre mãos. Perdendo-se no trabalho, na pessoa inocente que precisava dela para ajudá-los, necessitando de sua perícia.

E quando Jeff Staller apareceu, com a cara vermelha e amaldiçoando, exigindo furiosamente saber onde demônios esteve – e se era alguma espécie de estúpida para pensar que ainda tinha trabalho depois de desaparecer assim - ela simplesmente olhou para cima e disse, *Viu minha proporção de vitórias? Quer despedir-me? Muito bem. Despeça-me. Diga as palavras.*

Tinha passado quase um mês desde sua pequena confrontação e ele ainda não tinha dito “as palavras”.

E sabia que nunca as diria.

Engraçado, estava morta por dentro, mas justamente no outro dia, Jay havia comentado que inteira parecia. O bem que se a via e que ele não sabia de onde vinha sua nova confiança, mas, *É um estúpido, Gabby. Realmente está dançando na corda frouxa.*

Tinha sorrido debilmente, amargamente divertida pela ironia de tudo isto: como não se preocupar com merda alguma, era tomado como confiança em si mesmo. Lhe ocorreu que, talvez, deveria entrevistar-se novamente com TT & T.

Mas não o fez, porque uma mudança era mais do que ela era capaz de lidar neste momento.

Ademais, em Little & Staller, havia desenvolvido uma rotina que a mantinha agradavelmente adormecida.

E se, em ocasiões, uma pequena e maliciosa recordação de um incrivelmente magnífico príncipe Fae se depositava na parede de seu cubículo, atravessando suas defesas fortemente erguidas, afastava-o imediatamente.

Arquivava outro caso. Pedia mais trabalho. Converteu-se numa verdadeira máquina de litígios.

Se deslizava pelos dias, pretendendo que não estivessem feitos de concreto molhado e ela não calçava botas de chumbo. Fingindo que cada passo não lhe requeria um esforço sobre-humano. Fingindo que não levava toda sua vontade simplesmente o ato de obrigar-se a comer, a banhar-se, a vestir-se a cada dia.

Perdeu peso, e num esforço por matar o tempo, que de outra maneira estava tentada a usá-lo para pensar (não teria pensamentos, não, de jeito nenhum!), usou um pouco de sua repentina e supérflua conta de fundo das fadas para renovar seu armário. Comprou roupa nova. Cortou seu cabelo, começando a levar um novo e sexy estilo.

Uma parte dela sabia que só adiava o inevitável. Sabia que, eventualmente, ia atingi-la.

Sabia que, em algum ponto, teria que enfrentar um de dois fatos inevitáveis:

A) A rainha tinha deixado Adam morrer.

B) Adam a tinha usado.

O ponto fundamental era que tinha evitado enfrentar qualquer dessas duas tristes opções por tanto tempo conseguisse.

## Capítulo 24

Adam estava com um temperamento infernal.

A rainha não só havia deixado que lhe dessem um tiro, e permitido que ele sofresse cada pedaço da ardente agonia envolvida nisso, a mordida de todas e cada uma das balas, mas que além disso o tirou rapidamente do reino humano, trazendo-o de volta ao Reino das Fadas no meio das Câmaras do Alto Conselho dos Thuatha Dé Danaan, curando-o, mas não o restaurando, depois confinando-o àquelas câmaras até que ela tivesse voltado.

E quando voltou, o que pareceu ser um maldito espaço de tempo mais tarde, o obrigou a sentar-se durante toda a maldita, infernal e formal audiência, declarar tudo que viu e tudo o que Darroc fez, responder pelas mais insignificantes e ridículas questões, o tempo todo fervendo de impaciência por recuperar Gabrielle e fazer o que agora entendia que devia ser feito.

- Maldito inferno -, sibilou - já terminamos aqui?

As cabeças dos oito membros do Alto Conselho se voltaram para olhá-lo com olhares imperiosos e ofendidos.

Estava proibido de falar sem autorização no conselho. Era um insulto indescritível. Uma brecha imperdoável de modos nos rituais da corte.

Ao demônio o conselho. Ao demônio com os modos da corte. Tinha coisas que atender. Assuntos urgentes. Não insignificantes cortesias de merda.

Adam dirigiu um irritado e fulminante olhar a Aoibheal.

- você disse que podia decidir seu castigo e que me restauraria. Arruma-o já. Restaure-me.

- Fala com a impaciência de um mortal -, disse Aoibheal com serenidade.

- Talvez -, resmungou ele - seja porque estou preso numa forma mortal. Arrume-me já.

Ela arqueou uma delicada sobancelha, encolhendo seus ombros. Falou suavemente, numa rápida sucessão de palavras Thuatha Dé.

E Adam suspirou com prazer enquanto sentia a mudança. Voltando a ser ele mesmo outra vez.

Imortalidade.

Invencível.

Um verdadeiro semideus.

O poder puro vibrando por seus... bem, já não tinha veias. Mas quem precisava de veias quando tinha esse esplêndido, glorioso e embriagante poder em seu interior? Energia, calor, valor, força. Todas as possibilidades do universo nas pontas dos dedos.

E, maldito inferno, sentia-se bem. Ele se sentia bem.

Não tinha mais dores, nenhum sofrimento na forma de Thuatha Dé. Não tinha debilidade, fome, cansaço, nenhuma necessidade de comer ou beber ou de urinar.

Poder absoluto. Controle absoluto.

O mundo outra vez a sua disposição, outra vez seu brinquedo favorito.

- Agora pode dizer em voz alta a sentença, Adam -, disse Aoibheal.

Adam considerou a Darroc em silêncio.

Aoibheal sussurrou uma suave ordem e de repente a Espada de Luz, o arma santa capaz de matar a um imortal, a folha com a qual ele fazia muito tempo havia marcado a Darroc, apareceu em sua mão.

E sabia que ela esperava que ele exigisse a imediata morte sem alma de Darroc. Era o que ele, também, acreditou que reclamaria.

Mas de repente isso pareceu demasiado misericordioso. O bastardo havia tentado assassinar a seu pequeno *ka-lyrra*, extinguir a vida de sua apaixonada, atraente e vibrante Gabrielle.

- Faça-o -, rosnou Darroc, olhando-o fixamente. - Terminemos com isto.

- Uma morte sem alma pela espada é muito bom para você, Darroc.

Darroc resfolegou.

você vive como uma besta numa jaula, e nem sequer vê as barras. Eu só tentava liberta-lo, libertar a todos nós.

- E escravizar a raça humana.

- Eles nasceram para ser escravizados. Por sua mesma natureza. Coisas débeis e sem marca.

E aí estava, compreendeu Adam com um riso débil, precisamente a sentença que o arrogante Antigo suportaria.

- Faça-o humano, minha Rainha. Condena-o a morrer no reino humano.

A rainha se riu suavemente.

- Bem dito, Adam; estamos contentes. Tanto apropriado como justo.

- Não pode me fazer isto -, enfureceu-se Darroc. - Não viverei como um de eles! Maldição, matem-me agora!

O sorriso de Adam se fez mais profundo.

Aoibheal avançou, falando na antiga língua, dando voltas ao redor do Antigo, mais rápido e mais rápido, até que um redemoinho de radiante luz girou sobre o solo da câmara.

Enquanto Adam olhava, a luz se voltou cegamente intensa, então de repente Darroc e a rainha reapareceram.

Adam olhou a seu antigo inimigo curiosamente. Tinha algo... diferente nele. Sua aparência humana era de algum modo diferente da aparência humana que Adam tinha tido. Mas o que? Esfregando sua mandíbula pensativamente, ele investigou ao ex-Antigo.

Alto e poderoso, formoso como todas as Fadas. Longo cabelo acobreado com toques de ouro derramando-se até sua cintura. Cinzelado e aristocrático rosto gravado com desdém. Olhos de cobre brilhando com raiva... ah, seus olhos! Eram olhos humanos, sem a iridescência pouco natural ou o pestanejar de chispas ardentes e douradas dentro deles.

E, ainda que Darroc apresentasse uma exótica e incrível beleza masculina, só raras vezes vislumbrada no reino humano (e geralmente imortalizada no palco ou na tela), não tinha mais esse brilho como de outro mundo que Adam nunca havia perdido. Apesar do inefável sentido de antiguidade, Darroc passaria por humano quase em qualquer lado.

- Não entendo -, murmurou Adam. - Ele parece diferente de mim quando eu era humano.

- Lógico que parece diferente -, disse Aoibheal - Agora é humano.

- Sim, mas eu também o fui.

A rainha se riu, um som cristalino.

- Não, você não era.

Adam piscou.

- Sim, o fui; fez-me humano você mesma.

- você nunca foi humano, Adam. Sempre foste Thuatha Dé. Simplesmente joguei com sua forma um pouco, fazendo-o tão parecido aos humano como pude conseguí-lo, sem transforma-lo, na verdade, num deles. Aumentei os seus sentidos, fazendo-o acreditar que era mortal. você mesmo diminuiu sua essência curando ao Highlander. Mas nunca foi humano. É a única forma que não posso mudar em nossa gente. Uma vez que dou a um Thuatha Dé forma humana, é irreversível. O que acabo de fazer a Darroc nunca poderá ser desfeito. Ninguém e nada em todos os reinos pode evitar-lhe agora morrer, humano e sem alma. Um ano, cinquenta anos, quem sabe? Ele morrerá.

- Mas tive sentimentos humanos -, protestou Adam.

- Impossível -, disse Aoibheal rotundamente.

Adam franziu o cenho, confuso. Mas os tinha sentido. Tinha sentido a dor em seu peito onde acreditou que estava seu coração. Teve um sentimento horrível na boca do estômago sempre que Gabriela esteve em perigo. Tinha padecido sentimentos humanos. Como era possível se nunca tinha tido forma humana?

Sacudiu a cabeça bruscamente, afastando as perguntas de sua cabeça, para revisá-las mais tarde. Tinha assuntos bem mais importantes que precisava atender. E rapidamente, antes que Aoibheal decidisse distraí-lo de alguma nova maneira ou por alguma ridícula razão.

Enquanto a rainha estava ocupada convocando a seu guarda para escoltar a Darroc ao reino humano e trazer de volta a seu consorte Mael, a quem Darroc delatou como seu cúmplice, Adam silenciosamente se esticou até desvanecer-se.

De repente a cabeça da rainha girou em sua direção e exclamou furiosa.

- Pare neste instante, Amadan!

Mas tinha falado muito tarde para detê-lo, já se tinha ido.

Adam foi primeiro ao Invernadouro Real da Rainha.

Uma vez já havia roubado o elixir da vida de suas câmaras privadas.

Agora o fazia outra vez.

Um diminuto frasco de cristal que continha uma pequena quantidade de brilhante líquido prateado.

E enquanto se desvanecia, mudando de lugar seu resíduo antes de dirigir-se a Cincinnati, refletiu nos últimos momentos que havia passado com Gabrielle.

*Não está apaixonada por mim, não é, irlandesa?* Tinha perguntado. E ela havia explodido contra ele.

Lançando-lhe um furioso e confuso discurso que não teve muito sentido para ele, possivelmente porque ficou atônito ao compreender, pouco depois das primeiras frases que não tinha tido um “sim” por nenhuma parte e que ela não havia soado nem remotamente, como se se estivesse preparando para dizê-lo.

E depois ela exigiu saber por que Morganna tinha recusado o elixir da vida, e algo dentro dele se rompeu.

Cristo, sempre eram as almas. Almas, almas, almas. E sua grande, grande falta disso. Merda!

Poderia ter lhe oferecido uma bonita mentira, havia inventado diversas que eram bastante preciosas para a ocasião, mas a cólera, o desafio, e uma antiga ofensa o encheram de uma insensatez, uma necessidade que havia sido incapaz de negar.

*Queria faze-la engolir sua realidade. Dizer, Isto é o que sou, por Cristo, é tão malditamente horrível?*

*Olhe-me. Olhe-me!*

E ela o viu.

Ah, sim, ele a tinha obrigado a vê-lo.

E ela o olhou fixamente com horror naqueles encantadores olhos verde ouro. Aqueles olhos que só a noite anterior estiveram sonhadores de paixão, suaves, cálidos e convidativos. Aqueles olhos que o fizeram sentir-se um homem, mais vivo e em paz e em casa do que alguma vez tinha se sentido em toda sua existência.

E nesse momento foi quando finalmente o entendeu.

Havia sido um idiota com Morganna. Tinha cometido um grande erro.

Não tinha nenhuma intenção de fazer o mesmo com Gabrielle.

Agora que era todo-poderoso outra vez, apagaria a memória de Gabrielle a respeito de sua admissão. Eliminaría todos os fatos que ela tinha encontrado tão desagradáveis, os apagaria completamente de sua mente.

Então lhe faria engolir o elixir da vida. E a levaria rapidamente e a manteria maravilhosamente ocupada, a manteria encantada pelo meio que fosse necessário, e por todos os anos que lhe tomasse a sua alma imortal extinguir-se.

E quando sua alma finalmente se fosse, ela não sentiria mais essas partes suas que a faziam tentar aferrar-se. Nem sequer sentiria falta delas.

E seria sua para sempre.

Mais cedo do que ela acreditasse possível, resultou que já havia passado exatamente um mês, sete dias, e quatorze horas.

Gabby o sentiu ainda mais longo, mas uma vez mais, estava desesperada por tomar outra diabólica xícara de café gelado.

Para seu crédito, realmente, por um breve momento, compreendeu que deixando seu vício poderia simplificar enormemente sua vida. De qualquer modo, quando chegou a essa conclusão, era muito tarde.

Sexta-feira a noite. Noite de encontros. Ficou no escritório até tarde, sabendo que os casais andariam pelas ruas de sua comunidade nessa tarde, de mãos dadas, falando e rindo, desfrutando do ligeiro beijo do outono no ar de começo de setembro.

As aulas tinham começado outra vez, e ainda que sua carga fosse pesada, manteve seu trabalho na Little & Staller, reorganizando suas horas ao redor de seu programa de aulas, numa desesperada tentativa de manter-se bastante ocupada para não poder pensar.

Era tarde já quando voltou para casa, entrou na Starbucks e obteve o maldito e covarde café gelado antes de ir recolher seu brilhante BMW do estacionamento que agora pagava para estacioná-lo, um lugar bem mais apropriado depois de sua fuga do mais profundo do Mundo das Fadas.

Se deteve por trás da roda, fingindo que o débil cheiro de jasmim e sândalo já não estavam no interior de couro felpudo.

Parte dela quis vender o carro, apagar aquela constante recordação de Adam de sua vida, do mesmo modo em que embalou o cristal e a porcelana que ele deixou sobre sua mesa de jantar, sua camiseta, e todos os presentes que ele lhe deu. E os meteu num baú no sótão.

Desafortunadamente, precisou de condução e o pensamento de vender o carro e tentar comprar um novo era mais do que fazer, de acordo com seus níveis de energia.

Tal como devolver as dezessete mensagens telefônicas que Gwen e Chloe tinham deixado na semana passada, isso também lhe teria tomado demasiada energia.

Parecia que a nota que lhes havia enviado uns dias depois de ter voltado a sua casa não havia sido suficiente. Está bem, havia sido realmente breve: *Gwen, Chloe, as coisas não se resolveram como esperava. Mas estou bem, só um tanto ocupada no trabalho. As chamarei algum dia. G.*

Sabia o que elas queriam. Queriam respostas. Queriam saber o que havia acontecido com Darroc, com Adam. Não tinha nenhuma resposta para dar-lhes.

Não tinha o desejado “E Foram Felizes Para Sempre que” elas tinham conseguido para si, e simplesmente não podia enfrentar-se a sua miséria frente a essas pessoas brilhantes e felizes. Pessoas que tinham todas aquelas coisas que ela tinha esperado: maridos fiéis, bebês formosos, vidas ricas de amor e riso.

Queriam respostas sobre ela. Queriam saber como se sentia realmente, e uma vez que a tivessem no telefone não permitiriam nenhuma espécie de fuga. Sua empatia e bondade a desenrolariam. Sabia que o dia que as chamasse seria o dia em que cairia destroçada.

Por causa disso, não as chamava. Por um tempo. *Não cairei destroçada. Não com a agenda meticulosamente controlada que levo de agora em diante.*

E se chegassem sem avisar a sua casa, tal como tinham ameaçado que fariam em sua mensagem de ontem à noite, bem... teria que tratar com isso então.

Dez minutos mais tarde, Gabby estacionava no beco dos fundos de sua casa. Exalando com gosto, lançou sua bolsa sobre seu ombro, agarrando a valise, a bolsa de ginástica, um monte cambaleante de arquivos que não cabiam na valise, já que precisava de muito trabalho para conseguir manter-se sã durante o fim de semana, e equilibrando o café sobre a parte superior de tudo isso, afirmando a tampa plástica firmemente com seu queixo para sustentá-lo estável.

As arrumou de qualquer forma para chegar a sala de estar antes de perder o controle da selvagem carga.

Os arquivos escorregaram primeiro, a valise depois, então o café o fez, caindo debaixo de seu queixo, chocando sobre uma mesinha baixa, atropelando um monte de livros e revistas, e molhando tudo com o líquido escuro e gelado.

Amaldiçoando baixo, começou a recolher arquivos manchados de café do piso.

E estava fazendo isso quando o viu.



Desde o dia em que partira de casa para a Escócia, esteve evitando a pequena biblioteca, recusando-se a entrar, incapacitada de sentir-se num estado de ânimo capaz de sequer vislumbrar os *Livros dos Fae* das O'Callaghan.

Não tinha notado que todo esse tempo o *Livro do Sin Siriche Du* esteve sobre a mesinha próxima ao sofá.

E agora, atirado de bruços sobre um charco do café.

Ia ficar arruinado!

Se lançou sobre ele, arrebatou-o do espesso e gelado líquido, e desesperadamente o deixou sobre o sofá, esquecendo a bagunça que se estava armando sobre a tapeçaria florida.

Abriu-o avaliando o dano.

E como se o Destino - o qual, Gabby seriamente começava a acreditar, costumava estar mascarado em xícaras de café aparentemente inofensivas - o tivesse aberto, o volume negro e delgado se abriu numa página que não havia estado ali antes.

Sua cursiva elegante, arrogante e ligeiramente inclinada. Leu-o uma vez, duas vezes, uma terceira vez, estremecendo-se enquanto as palavras a golpeavam.

*Nunca ficarei com outra mulher humana e a verei morrer. Nunca.*

E ali estava.

Sua resposta esteve ali todo esse tempo.

Não, ele não tinha morrido. Tinha decidido não voltar.

Um grito agoniado escapou de sua garganta e tratou desesperadamente de contê-lo, mas esteve contendo seus sentimentos por muito tempo. Dia após dia esteve negando a dor em seu coração, conseguindo manter-se num estado de limbo, argumentando a si mesma que enquanto não tivesse nenhum resultado que aceitar, não tinha nada pelo que sofrer.

Lágrimas machucaram seus olhos, cegando-a. Apertando o livro contra seu peito, Gabby se afundou no solo, entre soluços.

Porque ela era uma *Sidhe-seer*, porque ele sabia que o *féth fiada* não funcionava nela, e porque ele tinha um impulso irrefreável de espioná-la ao menos durante uns poucos momentos antes de completar a tarefa para a qual tinha vindo, Adam apareceu na cozinha de Gabrielle como uma farpa dimensional além de sua percepção, com a diminuta garrafa de elixir apertado frouxamente em sua mão.

Ele inalou. Ah, sentiu saudades disso, seu cheiro! Um aroma débil, completamente feminino, de baunilha e urze e luz do sol.

A casa estava debilmente iluminada, e ele a percorreu, procurando-a. Ela estava ali, podia senti-la.

Diante dele, na sala de estar, havia uma luz acesa.

Deu um passo para a entrada e ali estava ela. Sentada com as pernas cruzadas no solo, dando-lhe as costas. Formosa como era. Vestida com um conjunto formal, uma saia curta bordada de negro (por Danu, sentiu falta dessas doces pernas! - especialmente quando se apertavam ao redor de sua cintura), com pequenos e atraentes saltos nos pés. Jaqueta entalhada na cintura, acentuando seus quadris e seios cheios.

Mas estava diferente. Franzindo o cenho, deu um passo no cômodo, caminhando até seu lado. Mais magra - não lhe agradava isso, absolutamente. Agradava-lhe que sua mulher se visse como uma mulher. Agradava-lhe da forma em que estava antes, suave e agradavelmente arredondada. Cristo, quanto tempo havia passado? perguntou-se. Sempre perdia a noção, nesse assunto, quando era imortal; o tempo passava mais lentamente no reino Fae do que no humano. Seu cabelo estava cortado de maneira diferente, também, mas isso, decidiu, olhando-a, tornava-a tão sexy como o inferno, ainda que não pudesse dar-lhe uma boa olhada já que sua cabeça esta assim inclinada e todo seu cabelo se derramava ao redor de seu rosto.

Um som suave, úmido como se estivesse sorvendo-se o ar aos poucos e soluçadamente veio de baixo da sedosa cortina que era seu cabelo.

Ele levantou a cabeça, caminhando para ficar de pé ante ela, olhando-a para baixo.

Estava chorando?

Nesse mesmo instante, ela levantou sua cabeça, e Adam perdeu o fôlego à primeira olhada de seu rosto. Seus olhos estavam vermelhos e inchados, suas faces manchadas de lágrimas, e parecia tão frágil e aflita que o perfurou até seu próprio centro.

Quem havia machucado a sua mulher? Que bastardo a fizera chorar? Mataria o MALDITO!

Então se deu conta de que ela sustentava um livro em seu regaço.

Seu livro.

Ele a tinha feito chorar?

Enquanto a olhava, mais lágrimas se derramaram por suas faces, caindo sobre o suave couro negro do tomo. Acariciou com seus dedos ligeiramente a coberta.

- Maldito sejas, Adam Black -, sussurrou.

Ele resfolegou. Sim, bom, ele tinha ouvido isso o suficiente para toda a eternidade.

Franzindo o cenho, começou a inclinar-se, para colocar suas mãos sobre a cabeça dela, vasculhar sua mente e apagar dela aquilo que nunca deveria ter-lhe dito para começar.

Alçou a mão. Vacilou. Retrocedeu. Amaldiçoou-se a si mesmo suavemente. Alçou a mão outra vez.

Ela falou então, sua voz áspera devido às lágrimas.

- Amo-o, maldito -, disse com voz rompida. - Amo-o tanto e isso está me matando. Deus, fui tão estúpida. Nunca se preocupou por mim na realidade, não é? Como! Como supõe, que tenho que seguir em frente?

Adam saltou para trás, cambaleando-se, suas mãos apertadas aos lados do corpo. Mal sentia o diminuto frasco de cristal em sua mão tilintando suavemente.

Durante um longo instante, não pôde mover-se. Ficou de pé ali, aturdido.

Ela sabia que ele era Fae.

Ela sabia que ele não tinha coração ou alma.

Ela sabia que ele tinha feito coisas atroz, e, apesar disso, acabava de dizer que o amava.

Ela o amava.

Sangrentos infernos, *ela o amava*.

Que nunca se preocupou dela? Estava louca? Tudo isto era por ela! Cada minúsculo pedaço disto! Cada ação que havia realizado, cada pensamento que teve desde aquela noite em que pela primeira vez a viu havia sido por ela! Nem por um só momento ela esteve fora de seus pensamentos. Ela estava dentro dele. Era parte dele agora.

Como podia ela não saber isto? Com cada presente que ele tinha escolhido para ela esteve dizendo-o. Cada vez que se enterrou dentro de seu corpo esteve tentando dizê-lo! Com cada beijo, cada toque silencioso, porque não queria que as palavras lhe fossem devolvidas na cara. Mas inclusive assim essas palavras tinham estado ali.

Ou algo assim.

Da peculiar forma em que os machos humanos falavam dessas coisas. Ou ao menos a forma em que os milênios durante os quais os espionou o haviam ensinado.

Como podia ela não ter sabido que cada vez que ele lhe dizia, *Não está se apaixonando por mim, ou está, irlandesa?* Tinha sido sua declaração de que *ele sim estava*. Inferno sangrento, inclusive quando iam no trem ele já o sabia.

Sabia que tinha feito a coisa mais estúpida possível. Apaixonar-se por um humano. Mas não poderia ter evitado apaixonar-se dela mais do que poderia ter detido aquele trem de chegar a seu destino.

*Não está se apaixonando por mim, ou está, irlandesa?*

Esse havia sido seu sinal para que ela dissesse, *Urn, bem talvez sim, eu estou um pouco*, e depois ele poderia ter contestado, *Bem, hum, imagine isto; talvez eu também esteja*.

Simples, concisa e direta a comunicação masculina. De acordo? Não era bem como os homens se comportavam? Toda sua espionagem tinha se baseado em amostras enviesadas da população? Havia interpretado mal o que tinha observado?

*Ela me ama*.

Estava intimidado por isso, num impactado silêncio.

Deu uma olhada para baixo, ao brilhante líquido prateado que gotejava por sua mão.

E num momento de cristalina clareza oscilou a seu redor, transformando todo seu ser.

Abriu a mão e lentamente deixou que caísse o que ainda permanecia no frasco. Com um reflexo de poder Thuatha Dé, enviou o elixir derramado e o frasco rompido a uma dimensão longínqua e esquecida, com a esperança de que não fizesse nenhum dano.

Finalmente entendera que Morganna tinha tido razão o tempo todo: *ele não a tinha amado*.

O amor não poria em perigo ao outro, nunca tentaria desvanecer a alma do outro.

A intensa pressão por trás de seu pulmão foi de repente até suas costas, depois atingiu seu peito, e depois, o tenso sentimento se transladou a seu estômago. As sensações se alçavam e estendiam, e quase se dobrou por sua intensidade. E de repente compreendeu a soma de sua existência como nada mais que a culminação de uma série de acontecimentos destinados a conduzi-lo a um específico banco, numa específica noite, num instante preciso.

*A esta mulher*.

Dirigiu seu olhar para Gabrielle.

Soluçava, a cabeça inclinada, o rosto enterrado entre as mãos.

Em sua pena, ela brilhava mais intensamente do que o ouro; a paixão assentada em sua alma. Era tão formosa com aquele resplendor divino iluminando-a desde dentro, a própria essência de quem e o que era. Sentiu-se doente de pensar que quase o havia arrebatado dela. Nunca poderia tomar a alma de Gabrielle.

Também não podia, por outro lado ficar calmo e vê-la morrer.

Nem também estava disposto a viver sem ela.

O que lhe deixava, compreendeu, só uma opção.

## Capítulo 25

A rainha Aoibheal observou o lugar onde só uns momentos antes esteve o último príncipe dos *D'Jai* em seu pavilhão Real.

Adam já se tinha ido. Tinha regressado ao reino dos humanos. Suspirou, sentindo-se cansada até o fundo de seu ser. Tinha discutido com ele, tinha-o tentado, tinha-o ameaçado. Mas nada do que lhe disse tinha tido sucesso para influenciá-lo.

*Essa é a sentença que você escolheu como castigo para Darroc pelos delitos que cometeu, Adam... e mesmo assim a solicita para você mesmo?*

*Sim*.

*Sabes que a transformação não pode desfazer-se! Não posso salva-lo se mudar de opinião. A diferença de suas outras aventuras, não pode ter nenhum indulto de última hora.*

*Compreendo.*

*Morrerá, Adam! Uma vida mortal – e ninguém pode saber quanto tempo - depois morrerá!*

*Eu sei.*

*Não tem alma. Não lhe será possível seguir a sua Sidhe-seer quando ela morrer.*

*Eu sei.*

*Por Danu! Então, por que?*

Permaneceu tão calmo ante ela, tão sereno. Tão majestoso e formoso e tão - ela tentou entendê-lo - mas estava muito longe de seu alcance.

*Não quero viver sem ela, Aoibheal. Eu a amo.* Fez um elegante encolhimento de ombros e continuou dizendo. *Mais do que minha própria vida.*

Isso era tão completamente inconcebível para Aoibheal que por um momento havia sido incapaz de compreender o que lhe dizia para poder responder-lhe.

*Converta-me em humano, Aoibheal.*

Enquanto fazia uma pausa, tratando de decidir se devia seguir discutindo, ou simplesmente encerrá-lo em algum lugar - no interior de uma montanha, ou talvez nas profundidades do oceano até que a *Sidhe-seer* já estivesse há muito tempo morta -, ele se ajoelhou ante ela, sem rastro de sua inata arrogância e orgulho.

Seu glorioso, impetuoso e selvagem príncipe inclinou a cabeça. Humildemente. E disse uma palavra que ela nunca tinha ouvido sair daqueles formosos e sensuais lábios, nunca em seis mil anos:

*Por favor.*

Nesse momento, soube que o havia perdido.

Isso, se ela fizesse alguma outra coisa além de conceder-lhe sua petição, o converteria, - a seu príncipe favorito - em seu maior inimigo. Não que ele pudesse causar-lhe algum dano, considerando que ela era mais poderosa (ainda que, considerando o imprevisível que ele era, não estava completamente segura disso), mas se tinha que perdê-lo, não seria odiando-a. Antes o cederia a outra mulher, apesar do arrependimento que lhe causava.

Aoibheal fechou seus olhos, suas delicadas mãos apertando-se em punhos. Imaginou, por um momento, que quando ela escolheu o castigo dele, tivesse sabido que as coisas poderiam ter este final, nunca o teria castigado. Se teria resistido ao Conselho e teria traçado seu próprio curso.

Como faria de agora adiante - em vista da recente traição de parte daqueles que estavam a seu lado -, o Conselho e seu consorte, nem mais nem menos. Já não teria a Adam para guardar-lhe as costas.

- Ah, Amadan -, sussurrou - Sentirei sua falta, meu príncipe.

Gabby sacudiu a cabeça enquanto se dirigia para o desportivo conversível que estava estacionado no beco nos fundos de sua casa.

Um homem num Lexus a seguiu metade do caminho desde sua casa à loja de comestíveis, através da janela de seu veículo quando o semáforo se pôs em vermelho, e tentou dar-lhe seu número de telefone.

Os homens a perseguiram como loucos ultimamente.

*É porque obviamente não está interessada*, Chloe lhe disse na outra noite pelo telefone. *Para muitos homens, esse é um desafio que não podem resistir - uma mulher bonita que não lhes dá importância.*

*Oh, por favor, só é pelo carro*, contestou Gabby, revirando os olhos. Realmente ia ter que se desfazer dele. Estava atraindo à espécie errada de homens. Não é que os tivesse de uma espécie adequada - mas ela havia saboreado um conto de fadas, e depois disso, nenhum simples homem podia se comparar.

Devolveu finalmente as numerosas mensagens telefônicas de Gwen e Chloe fazia uma semana - nessa horrível noite na qual encontrou *O Livro do Sin Siriche Du*.

Esteve chorando com tanta força que Chloe contestou que não havia sido capaz de articular nem sequer um “oi”.

Mas Chloe soube imediatamente o que lhe passava, e Gwen pegou outro telefone, e as mulheres MacKeltar choraram com ela, atravessando todo um oceano. Trataram de convencê-la para que regressasse e ficasse com eles por enquanto, mas Gabby não estava preparada para ver o Castelo Keltar outra vez.

Nunca estaria preparada para vê-lo outra vez. Havia passado os dias e as noites mais gloriosas de sua vida naquele castelo, perdera tanto sua virgindade como seu coração na Recâmara de Cristal. Havia usado seus diamantes ali, converteu-se em sua mulher ali; sentou-se no cume de um precipício acalentada nos braços de seu príncipe Fae e viram como despontava o amanhecer.

Com esse simples pensamento um nevoeiro de lágrimas inundava seus olhos. *Não!, definitivamente não estava preparada para voltar para a Escócia.*

Recolhendo seus suprimentos, conectou o alarme ao carro e apressou seus passos até a porta detrás. Deslizava a chave na fechadura quando a porta se abriu de um puxão para dentro tão repentinamente que a arrastou com ela.

Chocando contra um corpo duro como uma rocha.

Ela se afastou de um puxão, caindo para trás. Os suprimentos se deslizaram de seus flácidos braços de repente, e seus olhos se abriram de par em par.

- Oi, Gabrielle -, disse Adam.

Seus joelhos se debilitaram.

- Deixe de me maltratar!

- Não a maltratei -, disse Adam suavemente, tomando plena vantagem da delicada posição de Gabrielle para deslizar sua mãos sobre seu extraordinário e bem proporcionado traseiro. No momento em que ela começou a cair, ele a levantou e a lançou sobre seu ombro. - Desmaiou e simplesmente a sustentei.

- Eu não desmaio. Nunca desmaiei em toda minha vida -, gritou Gabrielle, golpeando-o nas costas com as palmas de suas mãos.

- E essa é a *minha* bunda, não a sua, assim que deixa de tocá-la!

Adam riu. Ah, como havia sentido falta de sua apaixonada *ka-lyrra*!

- A posse são as nove décimas partes por lei, Gabrielle. O fato de que seu traseiro esteja atualmente em minhas mãos, não nas suas, creio que o faz meu -. Com um travesso sorriso, ele massageou seu atraente e tremulo traseiro, introduzindo-se intimamente na abertura de suas nádegas.

- Oooh! Esse é o raciocínio mais ridículo que já ouvi! O que é isso, a lógica das fadas? Nove décimos de arrogância, e um décimo de força bruta? Desça-me. O que fez? Em que problema se meteu desta vez? Precisa ajuda de uma pequena *Sidhe-seer*? Bom, pois está com má sorte. Vá embora.

Ele acariciou seu traseiro e seguiu carregando-a através da casa com passo rápido, chegando até as escadas.

- Não irei embora nunca, *ka-lyrra* -, murmurou, desfrutando a suavidade e flexibilidade de seu corpo contra o dele. Sentia que tinha passado um século desde a última vez que ele a tinha abraçado.

- Certo. Sim, de acordo. Continua, segue fazendo vãs promessas de Fada. Não acreditarei nelas desta vez. Não jogarei a nenhum jogo estúpido que tenha em mente. Não pode abandonar-me, e reaparecer quando a lhe apeteça. Aqui não há política de portas abertas. Escute! Volte a descer as escadas! O que é que acredita que vai fazer? Aonde me leva? -, disse bruscamente.

Ele voltou sua cara para ela e beliscou sua coxa, brincando carinhosamente com ela.

- Para a cama, Gabrielle.

- Eu não creio que isso ocorra -, sibilou, lançando-se a um discurso a respeito de que ele não ia deitar nunca mais com ela. Havia sido crédula uma vez, mas não ia sê-lo outra mais. Que ele a tinha curado de todas suas ilusões. Lutando como um pequeno batalhão sobre seu ombro, glacialmente lhe informou que não tinha nenhum interesse em ter a um bastardo tão cruel em sua vida, que o odiava, e que só lamentava que ele não fosse mortal para que pudesse morrer e queimar-se no inferno por toda a eternidade.

Quando a lançou sobre a cama, ficou sem fôlego, pelo qual ele teve tempo de dizer:

- Me odeia, Gabrielle? Pois é uma maldita pena. Porque quis dizer isso exatamente quando lhe disse que nunca iria embora? Nunca a deixarei. Estou apaixonado por você.

Seu *ka-lyrra* ficou paralisada, sua boca aberta e sem fôlego. Sua garganta engolia com dificuldade. Então, com um enorme grito, ela se lançou para ele, praticamente voando, chorando e lançando-lhe murros.

Enquanto se despedaçava contra o chão, sob ela, pensou que nunca entenderia às mulheres.

Gabby estava tombada no chão entre os braços de Adam, agitando a cabeça.

Ele lhe permitiu golpeá-lo até que se esgotasse. Permitiu que desafogasse sua raiva, suportando pacientemente e em silêncio até que - chorando tão forte que não podia respirar - ela havia começado a soluçar descontroladamente. Então se acomodou a seu lado, apertando-a contra seu poderoso corpo, rodeando-a com seus braços, e sustentando-a até que se acalmasse, sussurrando-lhe suavemente palavras para apaziguá-la.

- Shh, carinho. Tranqüilize-se, amor. Está bem. Todo está bem.

*Amor? Adam pronunciava a palavra Amor?* Em que impossível conto de fadas havia se metido agora?

- Estou desperta? Isto é um sonho? -, sussurrou.

- Se for -, sussurrou ele de volta, - pergunto-me se durará para sempre. Sem a parte das lágrimas -, aclarou, - fico com a parte na que a sustento entre meus braços -. Ele a girou suavemente então, enfrentando-a a ele.

Ela sepultou seu rosto em seu peito, enxugando o nariz, tratando de entender o que estava acontecendo. Temerosa de acreditar que estava desperta. Temendo o momento em que deixasse de acreditá-lo, em que poderia acordar-se. Encontrando-se só na cama, em sua silenciosa e enorme casa.

- Olhe-me, *ka-lyrra* -, disse ele secamente.

Com um pequeno gemido, Gabby jogou a cabeça para trás e encontrou seu escuro olhar. Franziu o cenho estupefata. Havia ficado tão perplexa quando o viu em sua casa que não o tinha olhado detidamente. Havia algo diferente nele. Mas o que? Seus olhos?

- Te amo, Gabrielle O'Callaghan.

As palavras se engasgaram inesperadamente; ela o contemplou em silêncio.

Ele a beijou então, sua boca se inclinou com força contra a sua, sua aveludada língua se introduziu profundamente. E ela lhe correspondia. Sonho ou não, era bastante real para ela. Estava em seus braços e ele lhe dizia que a amava e se estava dormindo, só desejava poder dormir eternamente.

Inclusive a beijava de forma diferente, percebeu vagamente, enquanto seu corpo ardia freneticamente e crepitava em seus braços. Sentia uma urgência que não havia percebido antes. Não estava formada por essa ociosidade imortal e se percebia como um desespero quase humano, uma fome mortal e apaixonada.

E isto a sacudiu tão intensamente que começou a devolver-lhe os beijos apaixonadamente, empurrando-o para trás no chão, subindo-se em cima dele, sepultando suas mãos entre seu cabelo. Beijava-o uma e outra vez, compensando as semanas que havia sentido sua falta e o tinha precisado.

Como se desprende de sua roupa, não o soube, só sabia que uns momentos mais tarde estavam nus no piso do dormitório e ela se encontrava embaixo dele e ele estava se introduzindo dentro dela.

E estava viva outra vez. Tinha sangue nas veias, não gelo. Tinha um coração em seu peito, não...

- Adam -, ofegou ela, aturdida. - Posso sentir as batidas do seu coração. Nunca os senti antes. Até quando havia sido convertido em humano, nem uma vez senti o ruído surdo e poderoso de seu coração sobre minha palma, nem o pulso em seu pescoço.

E nunca havia notado sua ausência até esse momento, quando o estava sentindo.

Ele retrocedeu, seu escuro e formoso rosto olhando-a com luxúria.

- Eu sei -. Ele lhe dirigiu um deslumbrante sorriso. Então começou a mover-se dentro dela e ela esqueceu as batidas do coração que não tinha ouvido antes. Concentrou-se nas sensações que lhe produzia. E o dormitório se encheu dos sons selvagens e apaixonados de uma mulher e seu príncipe Fae fazendo amor.

Mais tarde, Adam lhe contou tudo.

Bom, quase tudo. Omitiu que quase havia tomado sua alma. E que já que ela não sabia que ele a havia enganado desde o começo, não se preocupou em contar-lhe que ele havia contado a Circenn e a Lisa a verdade sobre o elixir da vida, e que ambos haviam ido frente à Rainha para que ela os devolvesse a seu estado mortal.

Ele havia compensado seus erros como melhor podia. Não queria ser condenado por eles ou pelas coisas que quase havia feito. Não era o homem que havia sido uma vez. Lhe contou o que havia acontecido com Darroc. Lhe contou que o tempo transcorria de maneira diferente nos dois reinos e que nunca havia pensado em deixá-la sozinha durante tanto tempo.

Falando simplesmente, aconchegando-a mais a ele, contou-lhe como se dera conta de que não podia viver com ela e depois vê-la morrer, como havia feito com Morganna.

No momento que essas palavras saíram de seus lábios, Gabrielle se pôs rígida entre seus braços, se livrou deles e se dirigiu diretamente à cama.

- Oh, sussurrou ela, seus olhos brilhavam com a fúria que sentia. - Então, por que voltou? Está me dizendo que vai me abandonar outra vez?

Ele negou com a cabeça rapidamente e lhe explicou que - apesar de que ele acreditara ser humano, nunca o havia sido. Que a rainha só o fizera acreditar que era mortal para castigá-lo. Contou-lhe que a rainha havia dito que a transformação não podia ser reversível para um Thuatha Dé.

E lhe disse que, ao dar-se conta de que não podia viver sem ela e que também não suportaria vê-la morrer, só lhe restava uma opção.

- A razão pela qual pode sentir as batidas do meu coração, *ka-lyrra*, é porque, agora sou realmente humano. E desta vez é de verdade.

Os olhos de Gabby se abriram de par em par para contemplá-lo, seu lábio inferior começou a tremer.

- Mas acaba de dizer que é irreversível.

Ele concordou com a cabeça.

- Quer dizer que vai morrer? - sussurrou ela.

Aconchegando sua cabeça entre suas mãos, Adam acercou-a a ele para dar-lhe um profundo e possessivo beijo.

- Não, *ka-lyrra*, quero dizer que afinal vou viver. Aqui. Agora. Com você. - Tomou fôlego. - Case-se comigo, Gabrielle. Lhe darei o tipo de vida que sempre quis. Agora posso. Sou humano, igual a você. Deixe-me ser seu marido e dar-lhe bebês. Deixe-me passar o resto de minha vida com você.

- Oh, Deus -, Gabby suspirou, as lágrimas brotando de seus olhos, - Deixou sua imortalidade por mim?

Ele limpou suas lágrimas com a língua enquanto desciam por seu rosto, beijando-as para afastá-las.

- Não quero mais lágrimas, Gabrielle. Não tenho arrependimentos. Nenhum.

- Como pode dizer isso? Você abandonou tudo! A imortalidade. Ser invencível. Tudo o que é um Thuatha Dé!

Ele negou com a cabeça.

- Ganhei tudo. Ou acredito nisso - grunhiu, impacientando-se rapidamente, e ansiosamente perguntou, - quando responderá a minha maldita pergunta. Quantas vezes vai fazer com que eu pergunte? Você se casará comigo, Gabrielle O'Callaghan? Sim ou não? E se ainda não captou a idéia, a resposta correta é sim. E a propósito poderia dizer que me ama, porque eu não me importaria em ouvi-lo.

Ela se lançou repentinamente sobre ele, sentando-se ajoelhada em cima dele, deslizando seus dedos por seu cabelo e beijou-o. Ele estava extasiado pela exuberância de seu doce corpo, e a estreitou entre seus braços, sua língua se introduzindo profundamente, enroscando-se na dele.

- Vou entender isto como um sim -, murmurou ele, mordendo seu lábio inferior, esticando-o completamente.

- Te amo, Adam Black- suspirou Gabby. - E sim. Oh, *absoluta e malditamente sim!*



## CINCO ANOS DEPOIS

Gabby terminou de tirar a louça da lavadora e virou a cabeça escutando. A casa estava tranqüila, Connor, seu filho de dois anos estava pronto para dormir. Logo subiria as escadas, beijaria sua filha Tessa e tiraria seu esposo da cama.

*O Professor Black.*

Sorrindo, sacudiu a cabeça. Adam não podia parecer menos a um professor, com sua cara esculpida e aqueles sexy e escuros olhos e esse comprido cabelo negro, para não mencionar esse corpo torneado e poderoso. Se parecia mais a... bom a um príncipe Fae disfarçado de professor, e fazendo um trabalho muito ruim nisso.

A primeira vez que lhe disse que tentaria ensinar história na Universidade, ela riu.

*Muito comum, muito plebeu, pensou. Ele nunca conseguirá.*

Ele a surpreendeu. Mas sempre o fazia.

Adam havia planejado tudo cuidadosamente. Antes de pedir à rainha que o convertesse em humano, conseguiu uma identidade humana como um homem extremamente rico com várias contas correntes e uns mil acres da melhor terra das Highlands. Uma identidade humana por inteiro, com todos os papéis e credenciais para permitir-lhe viver uma vida normal no reino humano.

E quando ela zombou de sua escolha de uma carreira, ele lhe mostrou suas credenciais – recomendações das melhores universidades da nação (claro, ele se dizia um sujeito brilhante) – e foi e conseguiu um trabalho.

Havia desenvolvido a reputação de um renegado no campo, com toda classe de teorias controversas sobre quem construiu Newgrange e Stonehenge e a origem verdadeira da língua Proto-Indo-Européia.

Os estudantes tinham que inscrever-se um ano antes para assistir a suas aulas.

E ela, bom, ela tinha o trabalho de seus sonhos. Ela, Jay e Elizabeth haviam aberto o seu próprio escritório de advogados e este ano haviam começado a litigar naqueles casos em que sempre quis trabalhar. Casos que importavam, que faziam a diferença.

Haviam começado uma família imediatamente. O tempo era muito precioso para eles.

E, oh, ele havia lhe dado bebês formosos. Tessa, com o cabelo negro e olhos verde-dourados; Connor de cabelo loiro e olhos escuros, e havia outro a caminho.

Colocou uma mão sobre seu ventre, sorrindo. Amava ser mãe. Adorava estar casada com ele. Duvidava que alguma mulher fosse tão completa e tão incondicionalmente amada.

Sabia que seu marido nunca se desviaria do rumo, tanto havia valorizado aquilo pelo que havia esperado seis mil anos para conhecer, aquilo que era tão precioso para ele: o amor. Sabia que estaria junto a ela até o fim, apreciando cada ruga, cada linha em seu rosto, porque na análise final não seriam uma negação da vida e sim uma afirmação de uma vida bem vivida. A prova positiva de risos e lágrimas, de alegrias e penas, de paixões, de viver. Cada faceta de ser um humano era assombrosa para ele, cada mudança de estação, um triunfo; uma prova de insuportável doçura. Nunca viveu um homem que saboreasse mais a vida.

Sua vida era rica e completa.

Não podia pedir mais.

Bom... na realidade... se corrigiu com uma pequena incerteza interna, sim podia.

Ainda que na maioria das vezes que olhava a Adam se sentisse aterrorizada e humilhada pelo fato desse maravilhoso homem ter deixado tanto para amá-la, algumas vezes odiava que ele não tivesse alma e outras queria odiar a Deus.

E tinha um sonho, um sonho louco talvez, mas um sonho ao qual se aferrava.

Viveriam até ter cem anos, até muito depois de que seus filhos e netos tivessem crecido, e um dia iriam à cama e se deitariam um em frente ao outro; e morreriam assim, no mesmo momento, nos braços um do outro.

E seu sonho era este: talvez, só talvez, se ela o amasse com a força suficiente, se seu amor fosse suficientemente verdadeiro e suficientemente profundo, e se se aferrara a ele com a força suficiente quando morressem, poderia ir com ele aonde fosse que fossem as almas. E ali, faria o que levava em seu sangue, o que agora sabia que havia nascido para fazer, pararia diante de Deus, uma *brehon* e lutaria o maior e mais importante caso de sua vida.

E ganharia.

- Não entendo, Papi -, disse Tessa. – Por que o coelho teve que perder sua pele para ser real?

Adam fechou o livro, *O Coelho de Pano*, e olhou de lado sua filha.

Estava na cama, as mantas até o queixo, olhando-o fixamente. Sua linda Tessa, com esse monte de cachos negros ao redor de sua carinha redonda e angelical, sua mente rápida e sua curiosidade sem fim, e o coração de Papi se envolveu – oh, tão comodamente, ao redor de seu pequeno dedo gordinho.

- Porque isso é parte de tornar-se real.

- Buh. Não quero tornar-me real. Quero ser formosa como a rainha das fadas. Ups! -, golpeou sua boca com sua mãozinha – Não deveria dizer isso.

Na porta, Gabby suspirou suavemente, Adam a olhou imediatamente, arqueando as sobrancelhas com uma silenciosa pergunta em seus olhos.

*Nunca lhe contei nada sobre fadas, articulou Gabby. E você?*

Ele negou com a cabeça. Haviam assumido que Tessa não era uma *Sidhe-seer*. Gabrielle não havia visto nenhum Thuatha Dé desde aquele dia em que Darroc lhes fizera, cinco anos atrás, uma emboscada na Escócia, e haviam acreditado que Aoibheal havia tirado a visão dos Fae da dinastia O'Callaghan.

- Qual rainha das fadas, Tessa? – disse suavemente Adam. – Está tudo bem, pode me contar.

Tessa o olhou duvidando.

- Ela disse que você se irritaria se sabia que tinha vindo.

- Não me irritarei -. Assegurou ele, alisando seus desgrehados cachos.

- Promete, Papi?

- Prometido. Cruz sobre o coração. Qual rainha das fadas, querida?

- Ah-veel.

Adam inspirou profundamente, percorrendo com o olhar a Gabrielle

- Aoibheal vem ver você, Tessa? – disse suavemente Gabby, andando pelo quarto e unindo-se a Adam na beira da cama de Tessa

Tessa negou com a cabeça.

- Não a mim. Ela vem ver a Papi. Pensa que ele é formoso.

Adam conteve o riso ao ver o olhar que sua esposa lhe dirigiu, seus olhos se estreitaram, as narinas se dilataram flamejantes. Ela quase grunhiu. Amava que ficasse um pouco ciumenta de vez em quando, adorava sua possessividade. Ele sofria sua parte quando se tratava de sua pequena *ka-lyrra*.

- Formoso, hein? – Gabby disse secamente.

- Mmm-hmm -, disse Tessa esfregando seus olhos sonolentos. – Mas não posso vê-lo, não importa quanto tente.

De acordo, agora se havia posto de mal-humor, pensou Adam descontente. Antes de que Tessa nascesse havia estudado cuidadosamente milhares de livros sobre paternidade, determinado a ser um bom pai. Acreditava que estava fazendo um bom trabalho, mas não supunha que sua filha tivesse estrelas nos olhos cada vez que o olhasse? Ou até que entrasse na adolescência? (e logo, que Deus ajudasse ao que tentasse ter um encontro com sua filha!). Bom, tinha umas finas linhas ao redor dos olhos que não estavam ali antes, mas ainda era um homem bonito!

- Não acredita que seja formoso, eh, Tessa? – Fez cosquinhas no pescoço de sua filha, atrás da orelha, onde nunca falhava para fazê-la tremer de riso.

- Claro que sim, Papi-. Rio nervosamente. E logo lhe lançou um olhar profundo de quatro anos de idade de exasperação. – Mas não posso ver o que ela vê. Ela diz que só as fadas podem.

O coração de Adam pulou uma pulsação. Não podia ser.

Podia ser?

- Oh, Deus – disse Gabby debilmente, seu olhar fixo voando até ele. Pressionou sua boca com mão trêmula. Se olharam um ao outro por um grande momento.

Adam assentiu, animando-a em silêncio a fazer a pergunta que ambos pensavam. Ele a faria, mas parecia que não podia encontrar sua língua.

Só havia uma coisa que os humanos não podiam ver, mas quando ele era um fada havia sido capaz de ver ao redor deles. Apenas podia respirar por desejar-lo tão desesperadamente. Com a dor de poder adquirir a capacidade de seguir sua esposa nesta vida, em direção a incontáveis outras. Cinco anos atrás, quando se casou com Gabrielle em uma romântica cerimônia Highland, os MacKeltar ofereceram que usasse os votos druidas, aqueles votos sagrados que uniam os amantes para toda a eternidade. Ele havia recusado dizer-los, não porque não houvesse desejado com cada fibra de seu ser, mas porque não teria nenhum proveito, pois não tinha uma alma com a qual atar-se.

Arquejando, Gabby disse:

- Ver o quê, Tessa? O que podem ver as fadas que você não pode?

Tessa bocejou, encolhendo-se mais entre as mantas.

- Que Papi é dourado e brilhante.

A boca de Adam se moveu, mas nada saiu dela.

- Adam é brilhante e dourado? – disse Gabby debilmente.

Tessa assentiu com a cabeça.

- Mmm-hmm. Ah-veel diz que agora ele é como você e eu, mami.

Gabby fez um suave som com a garganta.

Adam não pode mover-se por um momento. Só se sentou na beira da cama de Tessa e contemplou a sua esposa. Ela parou atrás dele, assombrada, seus olhos embaçados de lágrimas de alegria.

Então a enormidade daquilo o eletrificou, incitando-o à ação – não havia um momento a perder! Sim, por algum milagre, havia sido dotado de uma alma, queria até-la a de Gabrielle agora.

Depositando precipitadamente um beijo na fronte de Tessa, Adam apagou a luz, encerrou a Gabrielle entre seus braços e a carregou através do quarto e rapidamente desceu o corredor até seu quarto.

- *Ka-lyrra* - disse-lhe com urgência, - há algo que quero que faça comigo. Quero intercambiar os votos, mas deve saber que unirão nossas almas para toda a eternidade. Deseja isso? Quer me ter para sempre?

Rindo e chorando ao mesmo tempo, ela concordou.

Um exultante Adam a depositou sobre seus pés, e apoiou a palma de sua mão direita sobre o coração dela e colocou sua mão esquerda sobre o seu.

- Coloque suas mãos sobre as minhas, Gabrielle -, pediu.

Quando ela o fez, ele falou com convicção e reverência:

- Se algo deve perder-se, que seja minha honra pela sua. Se algo deve ser abandonado, que seja minha alma pela sua. Se a morte chega logo, então que seja minha vida pela sua. Sou dado.

Sorrindo, seus olhos brilhando de alegria, ela repetiu os votos, e no momento em que terminou, a emoção o golpeou tão intensamente que quase caiu sobre seus joelhos. Sentiu as cadeias fechando-se em seu interior, aquecendo seu sangue com uma paixão feroz, a medida que suas almas eram unidas por todos os tempos.

Aprisionando-a contra a parede, enterrou as mãos em seu cabelo, inclinou sua boca sobre a dela e a beijou com fome.

Ele tinha uma alma. Conhecia o amor. Se havia unido a sua alma gêmea para sempre.

E Adam Black era, finalmente, um verdadeiro imortal.

**FIM**